

**Universidade Federal da Bahia**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

**Tom Valença**

**Consumir e ser consumido, eis a questão! (parte II)**

*outras configurações entre usuários de drogas*

*numa cultura de consumo*

**Salvador - Ba**

**Março – 2010**

Tom Valença

Consumir e ser consumido, eis a questão! (parte II)

*outras configurações entre usuários de drogas*

*numa cultura de consumo*

Tese de doutorado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Ciências Sociais com concentração  
em Antropologia, sob orientação do  
Prof. Edward MacRae.

Banca examinadora:

Antonio Nery Filho

Eduardo Paes-Machado

Edward MacRae

Júlio Assis Simões

Paulo César Alves

Salvador - Ba

Março - 2010

Dois fins ou três  
legitimam a falta  
de princípios?

## Agradecimentos

Manifestar agradecimentos publicamente nunca foi do meu feitio, mas há situações que merecem abertura de precedente. Neste caso, talvez mais de uma.

Inicialmente, eu agradeço as minhas famílias, tanto a que chamo de família de raiz – meu pai, o Valença *Mor*; minha mãe, a Dona Clô; meus irmãos e sobrinhos –, quanto aquela que percebo como família de antena – minha esposa Rosa, minha filha Yedra e meus amigos. Essa galera toda foi paciente e muito tolerante com minha falta de paciência e tolerância em relação ao que eu considerava como podendo obnubilar a realização deste projeto; conversas de sala de visitas, encontros não programados, confraternizações programadas, viagens para qualquer lugar e tudo o que roubasse meu precioso tempo para divagar e refletir sobre os problemas que em grande parte eu mesmo havia construído.

Também é fundamental salientar a assistência que recebi de pessoas que são especialistas em problemas criados por outros para que elas ajudem a resolvê-los. Primeiramente, Gey Espinheira, com sua paciência zen para ouvir meus delírios e depois devolvê-los em duas ou três bem humoradas sentenças filosóficas. Outra pessoa referencial é Edward MacRae, *highlander* de alta estirpe que com seu humor pra lá de britânico vem mostrando que fazer ciência não é ser burocrático com receio de não ser compreendido. Não por acaso, estes dois *outsiders* estabelecidos ajudaram a orientar nesta obra corrente, o que muitos acreditavam não ser possível orientar.

Aos interlocutores que desde sempre me recusei a chamar de informantes, pois o que se estabeleceu entre nós não foi um mero repasse de informações, mas sim um diálogo profícuo e na maioria das vezes agradável, mando um forte abraço.

Por fim, resgatando o que já havia dito sobre a dissertação de mestrado: “não tenho dúvidas de que este projeto pôde ser realizado porque em decorrência de configurações muito específicas, minha faceta dionisíaca cedeu o trono para minha faceta apolínea”. E desse lugar no qual me encontro envio saudações aos gregos e aos baianos.

## Resumo

Nos debates acadêmicos e nas representações midiáticas sobre a problemática das drogas, se tende a centralizar a abordagem na relação entre tráfico, violência e exclusão, muitas vezes naturalizando o consumo de substâncias psicoativas como um fator de desequilíbrio nas configurações socioculturais contemporâneas. Tal perspectiva enfatiza menos o discurso emitido do *lugar* do usuário que o seu *papel* como elo mais vulnerável da rede de consumo – principalmente sendo o comércio das drogas ilícitas um dos mais rentáveis do mercado. Se, ao naturalizar a relação entre drogas e ilicitude, se estigmatiza a identidade e as marcas distintivas do usuário, esta pesquisa investiga o discurso identitário que perpassa representações de estudantes universitários usuários – em um momento histórico no qual estes são colocados em evidência pela ampla exibição do filme *Tropa de elite*, e das proibições da apresentação do filme *Maconha/Grass* (a verdadeira história da proibição da maconha) em uma universidade federal e da *Marcha da Maconha* em várias capitais do país.

Palavras-chave: Drogas, universitários, processo civilizador, reflexividade e controles sociais.

## Abstract

In academic debate and media representations of the drug related problems, focus tends to be placed on the relation between trafficking, violence and social exclusion, and the use of psychoactive substances as a destabilizing factor in contemporary sociocultural configurations is taken as natural. Such a perspective gives less emphasis to the *place* of the user than of his *role* as the most vulnerable link in the chain of drug consumption - especially since commerce in drugs is one of the most profitable of markets. Since the naturalization of the relation between drugs and lawlessness leads to the stigmatization of the user's identity and his distinctive characteristics, the present research seeks to investigate the discourse of identity that runs through the representations of drug using university students at the particular moment in history when they are put in evidence by the wide exhibition given to the film *Tropa de Elite*, the banning of a presentation of the film *Maconha /Grass* (the true story of the prohibition of marijuana) in a public university, and of the *Marihuana March* in several Brazilian capitals.

Key Words: Drugs, University students, civilizing process, reflexivity, social controls.

## SUMÁRIO

### I - A trama

1.1 Configurando o objetivo.....	8
1.2 Quem? O que? Como?.....	10
1.3 Perspectivas teóricometodológicas.....	15
1.4 Recorte e desenho do estudo.....	17
1.5 Sumário de capítulos.....	19
1.6 Uma visão panorâmica da perspectiva bibliográfica.....	21
1.7 Sobre a estigmatização das drogas .....	32
1.8 O <i>homo academicus</i> em algumas configurações contemporâneas.....	45
1.9 Juventude como profissão de fé.....	62

### II – O cenário

2.1 Luzes, representações, ação!.....	76
2.2 O campo representado.....	90
2.3 Da apresentação do campo à proibição no campus.....	104
2.4 Consumir para viver, viver para consumir.....	108
2.5 Meu nome não é <i>Junkie</i> .....	116
2.6 Mas o que é que o intérprete interpreta?.....	134

### III – A ação

3.1 Cortes etnográficos: aproximações e apreciações.....	138
3.2 As vicissitudes do campo.....	142
3.3 O reencantamento da vida cotidiana.....	155
3.3.1 Em busca do que?.....	155
3.3.2 Automedicação reflexiva.....	169

3.3.3 Nas raias da medicalização.....	171
3.3.4 Drogas como capital e gastos com consumo.....	174
3.3.5 Drogas em família.....	179
3.3.6 Cultura de especialistas.....	189
3.3.7 “Desetnizando” o consumo.....	194
3.3.8 Sexo + drogas ainda combina com rock and roll?.....	196
3.3.9 A cena eletrônica em cena.....	202
3.3.10 Estilo de vida, consumo e produção.....	207

#### **IV – Os bastidores como palco**

4.1 Cultura universitária e estrutura de vida.....	215
4.2 Mas afinal, reduzindo quais riscos?.....	229
4.3 Os metaespecialistas entram em ação.....	253

#### **V – Entre aplausos e apupos: as consequências reflexivas**

5.1 O consumo de maconha e seus efeitos socioculturais e mercadológicos.....	261
5.2 O consumo em meio a configurações de violência.....	267
5.3 A distinção como mecanismo redutor de riscos.....	273
5.4 Professores, estudantes e controles informais.....	279
5.5 Recursos miméticos para reencantar a realidade cotidiana.....	288
5.6 Reflexões finais.....	290
Perfil dos interlocutores.....	300
Referências bibliográficas.....	302
Referências videográficas.....	319
Websites.....	320

## I – A trama

### 1.1 Configurando o objetivo

A pesquisa *Consumir e ser consumido, eis a questão!* objetivou estender uma reflexão de longa duração sobre o acadêmico usuário de drogas, desdobrando-se em duas partes. Se numa primeira etapa da pós-graduação com a dissertação: *Consumir e ser consumido, eis a questão! – configurações entre usuários de drogas numa cultura de consumo*, foi lançado um olhar sobre o professor universitário, suas representações e controles sociais enquanto usuário, nessa atual etapa da pesquisa: *Consumir e ser consumido, eis a questão! parte II - outras configurações entre usuários de drogas numa cultura de consumo*, o escopo foi direcionado sobre o estudante universitário, seus hábitos sociais e suas configurações identitárias na condição de usuário.

Digo reflexão de longa duração no sentido de forjar uma categoria que sintetize, mesmo que de modo rasteiro, as categorias; reflexividade (Giddens:2000) e processo de longa duração (Elias:1993). Em função do tempo disponível para a execução do projeto, seria inviável realizar uma análise diacrônica ao longo da carreira de alguns sujeitos acadêmicos, de modo que, busquei concretizar uma análise sincrônica entre professores e estudantes universitários. Tendo como referência que todo professor um dia foi estudante e que dos atuais estudantes, é de onde poderão surgir futuros professores, então as duas etapas da pesquisa configuram um processo reflexivo de longa duração.

O cenário geral desta pesquisa é a cultura de consumo (Featherstone:1995) pois o que define esta é que as pessoas ao consumirem mercadorias criam vínculos e estabelecem distinções sociais. Em relação ao consumo de substâncias psicoativas não é diferente, já que estas são culturalmente revestidas de camadas de valores que as potencializam como drogas. Assim, ao cruzar relações entre consumidores que pelos papéis sociais que exercem, não sejam necessariamente marginalizados/estigmatizados, busquei ir além das representações dominantes no senso comum, nas quais geralmente se pré-conceitua que um consumidor de drogas não tem condições de ser socialmente incluído e integrado em outras redes comunitárias que não sejam formadas por consumidores como eles. Esta pesquisa, tentando perceber outras representações que não sejam anacrônicas, esvaziadas de significação configuracional para os próprios representados, se propõe penetrar nesse terreno velado e analisar os modos como estes



se relacionam - e se representam<sup>1</sup> - com a “demonização da droga” (Zaluar: 1994) e a estigmatização do consumidor, ou seja: de forma específica o objetivo é:

- investigar como o estudante universitário consumidor de drogas interage com as representações sociais dominantes e os controles sociais civilizatórios, e se esse consumidor em suas práticas, sinaliza outro(s) modo(s) de representação e de controles sociais que contemple(m) o consumo de drogas<sup>2</sup>. Em outras palavras, conhecer os significados atribuídos por universitários ao seu consumo de drogas, bem como alguns dos valores psicossocioculturais relacionados a esse consumo.

---

<sup>1</sup> - pois nem sempre os consumos de drogas como maconha, ópio e cocaína ostentaram as representações estigmatizadas que ostentam atualmente, como bem demonstra Escotado em *Las Drogas: De los orígenes a la prohibición* (1994).

<sup>2</sup> - nesse projeto, drogas lícitas devem ser referenciadas, pois é inviável abordar drogas ilícitas sem estabelecer uma interface entre o consumo destas e o consumo de drogas lícitas, enquanto dois lados configurados de uma mesma moeda.

## 1.2 Quem? O que? Como?

Já que meu interesse é perceber como os interlocutores elencados enquanto universitários usuários de drogas procuram superar estigmas - e mesmo quando não conseguem, intento perceber as tentativas que já são significativas -, cerco-me de alguns cuidados para não reforçá-los. Na elaboração desse projeto evito trabalhar com a categoria dependente, assim como com a categoria viciado. Tais categorias poderiam desconstruir os sentidos das autorepresentações que são problematizações centrais nesta investigação, na medida em que distorceriam a autoimagem de usuário que a grande maioria dos interlocutores sustenta. De minha parte, há uma expectativa de que este projeto sirva para a minimização de danos sociais configurados em torno de alguns estigmas ligados a representações – posso estar equivocado e até ajudar a incrementá-los – ou pelo menos pô-los em xeque: ante os próprios interlocutores e ante a sociedade de forma geral.

Colocando a questão desse modo é inegável a dimensão política que essa pesquisa socioantropológica adquire, mas essa dimensão não é articulada como política ativista e militante, e sim como ciência política, visto que, a relação entre consumidores de drogas e representações estigmatizantes não é tratada normativamente - não valorando o sentido normalizador ou desviante do consumo -, mas sim processualmente - investigando a dinâmica das relações de poder que tende a gerar sentido na normalização ou na desviança desse consumo e de suas reflexividades.

*Quem?* Na dimensão epistemológica, o que quero significar quando indico que meu interesse está mais voltado para os estilos de vida dos interlocutores do que propriamente para seus usos de drogas? Quero significar suas estratégias de controles sociais para contornar os estigmas e conduzir suas vidas em meio aos valores das configurações socioculturais dominantes, configurações que de modo geral estabelecem que a cultura das drogas tenha uma conotação negativa. Concentro grande atenção nos *habitus* sociais dos interlocutores, nos dispositivos empregados por estes para processar suas demandas civilizadamente.

Apesar das diferenças nas opções comunitárias em torno do consumo de variadas drogas – já que os interlocutores aqui analisados não são percebidos como indivíduos isolados, mas configurados em meio a seus pares - há uma interface que liga as opções elencadas pelos sujeitos. Este ponto de intercessão está na representação dominante desse consumo enquanto estigmatizante pois, mesmo no consumo de substâncias lícitas

como o álcool e tabaco, há cada vez mais delimitações de sanções e controles sociais. Estas configurações comunitárias ainda podem diferir entre elas no que diz respeito à faixa etária, gênero, classe, etnia e formação acadêmica. Nesse sentido, o ponto de interseção costurado entre variadas drogas e contextos de consumo é que os consumidores aqui interlocutores são universitários<sup>3</sup>, o que minimamente já garante que estes buscam alguma superação do estigma, ao sustentarem uma outra carreira além da carreira de usuário.

*O que?* Se fosse investigá-los apenas enquanto usuários de drogas, talvez fosse interessante trabalhar com a categoria rede (Romani:1999), mas como os investigo como universitários usuários, a categoria comunidade (Bauman:2003) parece mais adequada, na medida em que mesmo não havendo um contato direto e voluntário entre todos os interlocutores, há uma referência identitária comum que passa pelo título de estudante universitário, o que lhes confere um estatuto muito mais sólido por caracterizar um pertencimento estabelecido. Se os represento como comunidades<sup>4</sup>, quero salientar com isso, os valores e objetivos comuns à carreira universitária; por exemplo, a demanda pela produção de conhecimento – inclusive sobre drogas -, e principalmente sua representação ante a sociedade. Por outro lado, não seria muito preciso defini-los como grupo, pois muitos deles nem se conhecem. Se podem ser representados como um grupo, o devem ser apenas como o grupo de sujeitos dessa pesquisa, mas nunca como um grupo entre eles mesmos.

Quais os *habitus* sociais que de modo dominante configuram estas comunidades? O tipo de droga preferencial? O curso que fazem? O poder aquisitivo? Qualquer que seja o leque de respostas, descarto duas categorias de análise para abordá-los: subcultura e contracultura. Adotar as representações de subcultura e de contracultura para analisar consumidores de drogas é correr o risco de ser conivente com a estigmatização, pois subcultura e contracultura acabam indicando uma relação de dependência (sub) e negação (contra) em referência a alguma “Cultura” dominante. Os interlocutores aqui não percebem suas culturas como dependentes, mas sim como interdependentes em relação a outras culturas e buscam a superação das diferenças, não sua negação. Também a teoria do desvio que tem grande valor principalmente quando se estuda grupos de excluídos, não é priorizada neste estudo, o que não quer dizer que seja

---

<sup>3</sup> - e dentro desta categoria, novamente encontro particularidades ligadas a faixa etária, gênero, classe, etnia e formação acadêmica, que só ganham sentido analítico quando configuradas.

<sup>4</sup> - de modo mais preciso prefiro dizer comunidades, no plural. Posteriormente retomarei a questão.

descartada. A teoria do desvio consagrada como uma perspectiva que investiga a questão das drogas salientando os controles sociais que são constituídos entre os grupos que imputam o desvio e os grupos representados como desviantes (Becker:1997, 8/9), é uma referência incontornável.

Neste trabalho corrente, busco dialogar com as interpretações consagradas por Becker referentes ao desvio, tendo como baliza a categoria “estabelecidos e *outsiders*” (Elias & Scotson: 2000). Esta categoria também originalmente utilizada para analisar as relações de poder entre grupos distintos pode acrescentar às contribuições da teoria do desvio que é, em grande medida, empregada para analisar grupos que dificilmente superam as consequências da estigmatização. Digo acrescentar no sentido de que, os *outsiders* na interpretação de Elias, não são irrevogavelmente sentenciados pelo status negativo da estigmatização – o que muitas vezes acontece com os desviantes - e querem provar seu valor, acreditando que podem vir a ser estabelecidos: “os membros de um grupo outsider, na verdade desprezado, reivindicam não apenas uma igualdade social, mas também uma igualdade humana” (Elias:2001,136). Esta última reflexão se aproxima das reflexões dos interlocutores aqui observados. Se estes, por exemplo, fossem moradores de rua usuários de crack, a teoria do desvio seria precisa para estudá-los, mas como são universitários usuários que dispõem de melhores condições para alterar o equilíbrio nas relações de poder configuradas, a categoria eliasiana soa mais condizente<sup>5</sup>.

A categoria cultura de consumo pode enriquecer a análise aqui em curso. Esse consumo coloca em perspectiva de observação uma cultura em processo, com dinâmica para inclusive, ressignificar padrões comportamentais desviantes e transgressores. Assim, os universitários usuários de drogas aqui em foco estabelecem os limites de uma *outra* perspectiva cultural, não necessariamente desviante, mas alternativa, alternativa esta que possui vários pontos de contato e tensão com a perspectiva de produção representada como dominante. No recorte contemporâneo da cultura de consumo, os atores não negam a cultura de produção<sup>6</sup>, o que buscam é superá-la, é não representá-la como suas referências limítrofes de controle social.

---

<sup>5</sup> - no trabalho de campo, considerar *a priori* que tais interlocutores operavam comportamentos desviantes os fez sentirem-se desconfortáveis, encerrados numa perspectiva cultural na qual só os valores dos grupos estabelecidos que condenam o desvio por eles mesmo imputados, devessem ser levados em conta.

<sup>6</sup> - isto é, não negam a cultura característica da Modernidade baseada nas distinções propiciadas pelo paradigma da produção - onde o status pessoal e coletivo era majoritariamente referenciado pela qualidade da produção de trabalho e não necessariamente pela qualidade do consumo de bens – na qual a teoria do desvio fez pleno sentido.

Não se trata de enquadrar os sujeitos desta pesquisa na perspectiva multicultural, pois aceitar que há diferenças de valores em curso não contemporiza os conflitos entre os consumidores de drogas e os contrários a esse consumo, não resolvendo os danos que podem ser causados pelas estigmatizações consequentes destes conflitos. O que aqui se configura se aproxima da perspectiva intercultural, no sentido de que os pontos de vista trazidos ao foco, além de ressaltarem as diferenças entre alguns valores culturalmente estabelecidos e outros estigmatizados, gera reflexividade e questionamentos em torno de algumas normatizações representacionais correspondentes. Essa postura metodológica, muito mais do que uma demanda relacionada ao manancial teórico do pesquisador, é consequência do desdobramento dinâmico da pesquisa, ou seja, do que o pesquisador pensa que os interlocutores pensam.

Seguindo este raciocínio, a ferramenta hermenêutica adotada permite enfatizar que se os interlocutores afirmam não classificar estigmatizadamente outras pessoas que são contrárias ao consumo de drogas – ao contrário de muitos que os estigmatizam exatamente por serem consumidores -, é com esse dado que se deve trabalhar. Muito mais do que averiguar se os interlocutores dizem a verdade ou não, me interessa em interpretar como essa representação sustentada reflete seus estilos de vida, estilos nos quais pode ser emblemático - ou não! - classificar seus pares pelos seus consumos.

*Como?* Nesse processo, disponho de alguns recursos teóricometodológicos que a certos modos de olhar, podem refletir como emanções de uma perspectiva eclética<sup>7</sup>. No entanto, insisto nesse modo de construção, ressaltando que se deve considerá-lo muito menos como uma perspectiva eclética e muito mais como uma perspectiva de síntese. Qual a diferença? A diferença é que com o recorte eclético se busca aglomerar as diferenças – antes tidas como excludentes - numa sobreposição das partes, como se o todo das pessoas envolvidas pudesse falar através de uma única voz, a voz do pesquisador. Já o recorte com perspectiva de síntese busca a construção dialógica entre as diferentes vozes dos pesquisados e do pesquisador, estando mais próximo de um *rap* polifônico do que de um coral monofônico. Inevitavelmente ainda será através da voz do pesquisador que os pesquisados irão falar, mas nesse caso ficará muito mais explícito quando for o pesquisador que estiver falando através dos pesquisados. Daí que neste texto os interlocutores têm espaço para dizer muito mais do que sim ou não e oportunidade para serem mais do que números que confirmam ou negam estatísticas.

---

<sup>7</sup> - me refiro a uma interpretação que foi feita por um colega em relação à construção teórico-metodológica da primeira parte deste projeto.

Dito isto, a perspectiva de síntese é adotada no intuito de interpretar não a tolerância das diferenças, mas os riscos sociais resultantes da tensão no diálogo entre os diferentes, encarando os conflitos emergentes como fenômenos passíveis de observação. Desse modo, que não se estranhe quando as categorias; comunidade, hedonismo, hermenêutica, representação e aporia mudem de sujeitos e se repitam ao longo do texto se juntando às categorias; liberdade, segurança, configuração, estabelecidos, *outsiders*, *habitus* social, estigma, *set* e *setting*, já bem repetidas, na primeira parte deste projeto<sup>8</sup>.

Também é importante destacar que se utilizo alternadamente ao longo do texto as expressões *drogas* e *substâncias psicoativas* por um lado, *usuários* e *consumidores de drogas* por outro, não é por imprecisão conceitual, mas exatamente porque a precisão dos conceitos restringe seu agenciamento. Uso de substâncias psicoativas diz respeito ao contato direto da pessoa com a fonte da substância química: a maconha, a cocaína, o álcool, etc. Já o consumo de drogas envolve não só o uso propriamente dito, como também às condições que o propiciam; o contato com a rede de tráfico para aquisição da substância, a situação sociocultural e psicológica em que o uso se dá, seus riscos e mecanismos de defesa, assim como as suas representações - que por sua vez fazem parte dos efeitos. Quando utilizo o vocábulo *drogas* em detrimento da expressão *substâncias psicoativas*, estou querendo enfatizar as representações enquanto efeitos estigmatizantes que são acopladas às substâncias. E se mesmo assimilando consumidor como uma categoria mais completa do que usuário, ainda me refiro algumas vezes ao usuário, é porque estou respeitando a interpretação que os próprios interlocutores fazem de si, assim como o sentido original imputado pelos autores de referência.

Esta perspectiva metodológica permitiu trazer as tensões do diálogo entre teoria e prática “à flor da pele”, na medida em que tais tensões seriam dificilmente contornáveis sem descaracterizar os estilos de vida desses estudantes universitários que também são consumidores de drogas. Por exemplo, como não trazer ao texto a tensão configurada quando me percebi no palco do combate entre as representações que sustentei destes interlocutores quando comecei a pesquisa e as suas autorrepresentações que vim a encontrar no campo? Sem trazer estas tensões ao texto, este projeto estaria incompleto e mesmo deficiente em relação à ambição de sua proposta e da riqueza dos dados configurados.

---

<sup>8</sup> - *Consumir e ser consumido, eis a questão!* configurações entre usuários de drogas numa cultura de consumo. (Dissertação de mestrado. UFBa, 2005).

### 1.3 Perspectivas teóricometodológicas

Muito além da classificação e hierarquização de critérios quantitativos de frequência de uso, o consumo de drogas na perspectiva desse projeto, é abordado através da configuração dos valores identitários a ele relacionados. Assim, o cunho socioantropológico dessa investigação faz-se necessário – além do lugar de onde fala o interlocutor, interessa saber em que condições fala o interlocutor -, a fim de contextualizar informações sobre os *habitus* sociais do interlocutor não só em relação às drogas, mas em relação com outros sujeitos consumidores e não consumidores. Essa perspectiva permite que a abordagem dos efeitos do consumo seja direcionada muito menos às propriedades farmacológicas, do que às motivações, expectativas e estrutura de vida do usuário - em resumo, seu estilo de vida -, como também às configurações do meio sociocultural onde este se encontra inserido – sua estrutura de vida.

Estes aspectos acima citados serão trazidos à análise num processo dialógico com as categorias privilegiadas abaixo. Nesse processo, tais categorias serão relativizadas de acordo com as distintas propostas teóricas dos autores referenciais, como também com as percepções reflexivas do pesquisador.

I – Para trabalhar o conceito de relação, priorizo a teoria do processo civilizador (Elias:1990/1993), por intermédio das categorias: configuração, estabelecidos e *outsiders*, *habitus* social e esferas miméticas. Também disponibilizo da teoria da reflexividade institucional (Giddens:1991/2000), ressaltando a categoria confiança. Por fim, há a categoria comunidade (Bauman:2003) que fecha este primeiro tópico.

II - Visando analisar o estudante usuário utilizo as categorias: sistemas especialistas (Giddens:1991), e *homo academicus* (Bourdieu:1998) - com sua subcategoria heréticos consagrados. Como referências para esta análise são observadas as ressignificações que as categorias liberdade e segurança adquirem desde a cultura de produção – quando eram interpretadas como *princípio de prazer X princípio de realidade* (Freud:1974 B).

III – Para abordar drogas na cultura de consumo, utilizo como referências fundamentais: cultura de consumo (Featherstone:1995), capital cultural (Bourdieu:1992/1984/2007), liberdade (Bauman:1989), estilo de vida (Giddens:2002),

*Phármakon* (Derrida:1997), hedonismo (Lipovetsky:2006) e reencantamento (Maffesoli:2006).

IV – Com o intento de investigar o uso de psicoativos enquanto consumo de drogas, emprego num plano conceitual as categorias: controles sociais, desvio e carreira de usuário (Becker:2008), estigma (Goffman:1998), *set, setting*, rituais, sanções sociais e uso compulsivo (Zinberg:1984), estrutura de vida e disponibilidade de aquisição da substância (Grund:1993).

V - Para analisar a cultura da droga enquanto estilo de vida, cuja referência prioriza a investigação sobre o consumidor não marginalizado, não excluído, tenho como base a pesquisa de Gilberto Velho; *Nobres e Anjos, um estudo de tóxicos e hierarquia* (1998). A escolha da pesquisa de Velho como referência se deu por um fator muito simples. Este estudo pioneiro na investigação do consumo de drogas no Brasil na década de 1970, e que privilegiou consumidores não ligados à marginalidade e à violência do tráfico, acabou obtendo uma repercussão e representação restrita entre pesquisadores da área. De forma geral, em meio aos não especialistas na problemática, há uma maior informação sobre pesquisas, como as de Alba Zaluar, que privilegiam as relações entre drogas, tráfico, violência e exclusão. Ora, os interlocutores da presente pesquisa abraçam um estilo de vida muito mais próximo dos interlocutores de Velho – mas só por efeito aproximativo, já que todos valorizam muito a carreira estudantil – do que dos interlocutores de Zaluar, e nesse sentido foi realizada a opção pelo modelo.

Diante do objetivo proposto esta esquematização permite explorar as seguintes questões:

1. História pessoal do consumo de drogas lícitas e ilícitas, estrutura e estilo de vida;
2. Significados atribuídos ao consumo e sua dimensão cultural;
3. Configurações acadêmicas: trajetória na instituição, nível de satisfação com a academia, ambiente e processo de produção intelectual;
4. Inserção social: participação em comunidades, níveis de vinculação e de discriminação em função do consumo;
5. Recursos culturais e/ou miméticos: religião/espiritualidade, arte, lazer, esporte e política.



#### 1.4 - Recorte e desenho do estudo

Tenho então, como interlocutores, universitários consumidores de drogas, e entre estes, foi possível perceber a configuração de algumas comunidades de consumo – em interface com suas carreiras de universitários. Defino-as como comunidades na medida em que nelas, tais interlocutores constroem controles informais específicos em torno de seus consumos de substâncias psicoativas, caracterizando uma identidade comunitária cujos códigos de acesso não são explícitos para os de fora. Os participantes destas comunidades configuram um universo amostral de 22 interlocutores entre 21 e 36 anos, de ambos os gêneros, distribuídos por universidades públicas (50%) e faculdades particulares (50%).

As interpretações que esses usuários de drogas enquanto universitários fazem de seus estilos de vida e que gostariam que fossem levadas em conta quando fossem publicamente representados não seriam bem exploradas se fossem observadas por intermédio da aplicação de questionários ou de entrevistas fechadas. Para registrar estas interpretações sem se limitar a recortes metodológicos que fossem pouco adequados à natureza do objeto de estudo, o trabalho de campo abrangeu não só visitas aos campi de atuação e aos domicílios dos interlocutores, mas também os acompanhou em festas, shows, bares, praias, rituais religiosos e até a um casamento. Se as entrevistas foram de grande valia quando foi preciso entrar em contato com os discursos dos interlocutores, os cortes etnográficos foram inestimáveis para que eu realizasse uma imersão cultural em suas práticas cotidianas. Digo cortes etnográficos, pois falar em etnografia pode passar a falsa noção de um distanciamento formal entre o pesquisador e o pesquisado, a ponto do primeiro delinear o segundo como um objeto distante a ser aproximado. No presente caso, quando pesquisador e pesquisados estão configurados em cortes de tempo e espaço onde os controles sociais não são tão diferenciados<sup>9</sup>, o que aconteceu no campo foi menos uma observação do outro enquanto objeto distante e mais uma reinterpretção do próximo enquanto sujeito – e eis um risco tão inevitável quanto enriquecedor.

*Passo a passo* - Se na primeira parte da pesquisa houve um predomínio de interlocutores de humanidades, principalmente professores concentrados na Faculdade

---

<sup>9</sup> - se não éramos todos nativos, éramos todos universitários...

de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, nessa segunda parte, a mesma área de concentração e o mesmo campus foram mais uma vez trazidos para o centro das atenções por um número significativo de interlocutores estudantes, tanto em função das polêmicas referentes ao consumo conspícuo de maconha na referida unidade quanto por serem alguns interlocutores atuais (36%), estudantes da mesma - unidade da qual também faz parte o pesquisador, o que lhe permite uma observação mais participante. Assim, no primeiro estágio dessa segunda parte da investigação, parti desse *locus* social como referência.

Inicialmente para checar a eficácia de um roteiro de entrevistas, foram realizadas duas pré-entrevistas - construídas a partir do roteiro utilizado com os professores. As várias observações de locais tão distintos como sala de aula e show de rock forneceram indicações sobre as diversas configurações miméticas que os interlocutores frequentavam, sendo possível registrar mais pormenorizadamente seus estilos de vida. Estas variadas participações observantes foram realizadas no intuito de, além da palavra dos interlocutores, acessar suas manifestações de emoções em configurações “menos autocontroladas”, o que pôde traduzir-se em uma chance de registrar comportamentos menos racionalizados que os registrados nas entrevistas. Nesses ambientes com suas peculiaridades, os controles informais dos interlocutores muitas vezes não são manifestos com palavras, mas com ações.

Como recurso macroestrutural que extrapola a análise de dados primários, já que, como Bourdieu (2000), não acredito no “monoteísmo metodológico<sup>10</sup>”, lanço mão da análise de discursos midiáticos sobre o consumo de drogas e suas representações: jornais impressos e virtuais, e também telejornais. Isto em função das representações emitidas por estes veículos de comunicação municiarem valores não só para a reflexividade do senso comum, mas também para as próprias ciências sociais, e para a própria comunidade de universitários como um todo.

---

<sup>10</sup> -“é preciso desconfiar das recusas sectárias que se escondem por trás das profissões de fé demasiado exclusivas, e tentar, em cada caso, mobilizar todas as técnicas que, dada a definição do objeto, possam parecer pertinentes e que, dadas as condições práticas de recolha dos dados, são praticamente utilizáveis”,(BOURDIEU: 2000,26).

## 1.5 - Sumário de capítulos

O primeiro capítulo após introduzir o manancial teórico referencial opera uma leitura sobre a estigmatização dos consumidores de drogas, averiguando a configuração sociocultural que ganhou corpo na primeira metade do século passado quando as drogas foram lançadas na ilegalidade. Em seguida é desenhado um recorte da condição de ser universitário, o que é fazer parte de um corpo discente tendo como referência as representações dominantes do *homo academicus*. Para tanto o foco é direcionado ao campo universitário enquanto *ethos* e cultura estudantil. Este capítulo é encerrado com um panorama sobre o que vem significando ser jovem no Brasil das últimas décadas tendo como *setting* a cultura estudantil já que o jovem acaba sendo o principal público alvo da cultura universitária. Nos limites deste recorte busco explicitar os conceitos e a intencionalidade da tese. A pergunta que se desdobra e faz eco é: qual projeto estes universitários jovens e consumidores de drogas estigmatizadas sustentam com seus estilos de vida<sup>11</sup>?

O segundo capítulo é uma introdução às representações que tendem a favorecer a estabilização de estigmas que geram conflitos para o universitário usuário. Essa estigmatização é observada inicialmente em função das polêmicas alicerçadas em torno do filme *Tropa de elite* a partir do qual é cristalizada a representação – já existente - do universitário usuário/traficante, representação que através de veículos midiáticos entrou em voga no período subsequente. Num segundo momento é traçado um panorama das representações que configuram o *setting* de consumo de drogas na cultura universitária, e como este por sua vez, reflete um novo olhar das ciências em relação à problemática do consumo de psicoativos. Concluindo este capítulo, as culturas dos usuários e dos universitários são interpretadas através das vozes e das configurações comunitárias de alguns interlocutores, sendo observados alguns controles sociais que estes disponibilizam como mecanismos de adequação relacionados às comunidades de pertença fundamentais – família e escola – referências básicas do processo civilizador.

---

<sup>11</sup> - e se ao senso comum é motivo de estranhamento associar universitários e drogas quase que com naturalidade, o estranho para pesquisadores da problemática é que não haja a possibilidade dessa associação, como transparece na seguinte fala do antropólogo Gilberto Velho: “Têm muitos jovens que não usam cocaína, mesmo, e conheci vários que nunca fumaram um cigarro de maconha, juventude universitária, o que poderia parecer quase espantoso. Mas existem essas pessoas...”, in: (LABATE et Al: 2008,134).

Através de cortes etnográficos e análise interpretativa de configurações dialógicas, o terceiro capítulo investiga, universitários participantes de algumas comunidades que por seus *habitus* sociais configuracionais possuem representações muitas vezes antitéticas, e aqui representando a “rivalidade” entre Ciências Humanas e Ciências da Saúde, há alguns interlocutores que são estudantes concentrados em Humanidades enquanto outros são alunos da área médica. Há também representantes do emparelhamento entre hedonismo e reflexividade. No caso, alguns estudantes que são frequentadores da cena eletrônica ou da noite soteropolitana e outras baladas, assim como interlocutores que produzem pesquisa, trabalho e ativismo político em torno do consumo de drogas. A observação está centrada nos seus estilos de vida, nas relações não só com família e escola, e outros setores da sociedade, mas também com os cuidados de si e o lazer.

O quarto capítulo analisa o ambiente universitário como *setting* de mudança de estilo de vida em relação às comunidades de pertença originais. A reflexividade consumida na cultura acadêmica que não se limita aos conteúdos programáticos dos cursos abre possibilidades de interpenetrações com valores culturais distintos, favorecendo a inserção dos interlocutores em redes sociais amplas com mecanismos de controles sociais negociáveis. Como estes interlocutores incorporam as práticas de redução de riscos e danos aos seus estilos de vida?

O quinto capítulo opera uma interpretação sobre como a crise econômica ensaiada em 2008 propiciou uma configuração que favorece outros sentidos para o consumo de drogas e seus efeitos. Em seguida é realizada uma leitura sincrônica sobre configurações de estudantes e professores universitários usuários, registrando aproximações e distanciamentos quanto às suas perspectivas profissionais e quanto a recursos miméticos emblemáticos da cultura de consumo.

Ao fim e ao cabo serão expostas as reflexões finais.

## 1.6 - Uma visão panorâmica da perspectiva bibliográfica

A referência básica deste estudo é a categoria de Elias “o processo civilizador” (1990,1993), categoria que indica que as culturas das sociedades modernas se diferenciam em relação às culturas tradicionais por um maior controle individual das emoções no sentido de facilitar a organização das suas configurações coletivas. Para que as sociedades modernas estabeleçam configurações consistentes, de longa duração, é necessário que se controle frequentemente as emoções individuais para que elas não gerem tensões entre as pessoas e os grupos. Nas sociedades tradicionais essas emoções eram controladas em função de ritos e sanções mágico-religiosas. Com o descrédito das instâncias mágico-religiosas, esse controle sobre a administração das emoções foi se estabilizando como responsabilidade pessoal, responsabilidade que garantiria o futuro das sociedades civilizadas. Como funciona essa responsabilidade? Assumir individualmente a responsabilidade de controlar as emoções, implica em que os indivíduos conhecem e temem os riscos que acompanham o descontrole de tais emoções. Ora, nos dias de hoje o consumo de drogas sustenta uma representação dominante que remete diretamente ao descontrole. Uma interpretação possível para essa representação dominante é que o consumo de drogas seria um processo anticivilizatório, um desvio estabilizado como padrão na curva dos projetos de desenvolvimento social.

Assim, em tese, se a proposta é viver em sociedades que se configuram em torno dos “órgãos centrais de controle de emoções” como família e escola, as emoções descontroladas, que podem resultar em conflitos para a estabilidade destes órgãos, devem ser submetidas a controles regulares. O processo civilizador vem “educando” os indivíduos para que gradativamente o controle precise ser cada vez menos exercido por intermédio dos órgãos que mantêm o monopólio da força – como a polícia – para ser operado pelos próprios indivíduos, como autocontrole. Assim se esboçou a perspectiva de uma sociedade civilizada onde a segurança coletiva não estivesse sendo ameaçada pelo descontrole de emoções individuais.

A configuração é outra categoria relevante para este projeto, definida por Elias (2001) como um padrão relacional flexível, mutável, delimitado pela dinâmica do conjunto de indivíduos em suas relações uns com os outros, num modelo de interdependência social processual. Nesse modelo o “poder” não é representado como uma substância, mas como uma relação configurável:

“É muito fácil, por exemplo, não perceber que o conceito de figuração foi criado expressamente para superar a confusa polarização das teorias sociológicas em teorias que colocavam o ‘indivíduo’ acima da sociedade e outras que colocavam a ‘sociedade’ acima do indivíduo [...] na realidade, faz muito tempo que esse eixo de lutas foi ofuscado por outros” (ELIAS: 2001, 148).

“As diferenças dessa dependência e dessa interdependência humanas são o núcleo daquilo a que se refere quando se fala das relações de poder entre os indivíduos de uma dada sociedade.” (ELIAS: 2001,154).

Analisar as configurações é antes de qualquer coisa apreender as naturezas dinâmicas da interdependência e da interpenetração dos indivíduos nas sociedades. Numa relação de poder entre indivíduos ou grupos com valores distintos, mas com interesses próximos – como no caso dos que são contra e dos que são a favor do consumo de drogas – há uma interpenetração de objetivos a serem atingidos, assim como uma interdependência dos que buscam atingi-los:

“A sequência de movimentos em ambos os lados só pode ser compreendida e explicada em termos da dinâmica imanente na sua interdependência. Se a sequência das ações em ambos os lados fosse estudada isoladamente, perderia todo o sentido.” (ELIAS:1999,87).

A interdependência desenha o modo como os estabelecidos e os *outsiders* (Elias & Scotson, 2000) se configuram numa relação de poder. Os estabelecidos são os que estão numa posição privilegiada enquanto os *outsiders* são os que se encontram em posição contrária. Em acordo com esta percepção reflexiva, o que configura o usuário de drogas como um estigmatizado *outsider*<sup>12</sup>, muito mais do que o efeito das drogas, são as relações de poder ao redor do consumo com os não usuários estabelecidos. Mas um universitário usuário de drogas seria ao mesmo tempo estabelecido como universitário, enquanto por outro lado, no exercício do papel social de usuário, seria *outsider*. Esse duplo papel como estabelecido e como *outsider* engloba características muito próprias, pois ao flexibilizar as posições individuais nas relações de poder, abre-se espaço para

---

<sup>12</sup> - chamo a atenção para o recorrente emprego do vocábulo inglês *outsider* nesse texto, pois traduzi-lo como desviante, marginal ou excluído poderia induzir uma interpretação que aproxime seu sentido do desvio e da exclusão econômica, o que não combina com o recorte da pesquisa. Assim, inicialmente mantive o *outsider* como forma de pontuar muito mais a diversidade de valores culturais em jogo, do que um desvio ou exclusão de ordem econômica. A respeito do termo *outsider* ser empregado tanto por Becker quanto por Elias, há diferenças em seus usos. Se na teoria do desvio, Becker constata que o *outsider* é representado como um indivíduo à margem da estrutura e que dificilmente buscaria/encontraria status nesta, na teoria do processo civilizador, a estabilidade das configurações sociais depende de que o *outsider* seja incluído, mas incluído como um estigmatizado. Vale ressaltar que nessas configurações, o *outsider* não cessa sua busca por status que algumas vezes pode ser efetivado.

flexibilizar o grau de dominação a que esse indivíduo está exposto. Quando essa manobra ocorre ao redor de pessoas em condição social estabelecida e que sustentam valores *outsiders*, pode haver a ressignificação do estigma como status positivo – em tese, o estigma é um status negativo (Goffman:1988) - o que caracterizaria uma relação de poder invertida quanto à disposição de valores.

Como já foi pontuado na última nota de rodapé, há diferenças significativas entre a teoria do processo civilizador e a teoria do desvio. Enquanto o desviante parece se alimentar da representação do seu desvio, o *outsider* se configura na busca por ressignificação do estigma:

“A curiosa fixação dos desejos dos *outsiders* pelo reconhecimento e aceitação do *establishment* faz com que tal objetivo se transforme no foco de todos os seus atos e desejos, sua fonte de significado. Para eles nenhuma outra estima, nenhum outro sucesso, têm tanto peso quanto a estima do círculo em que são vistos como *outsiders* inferiores, quanto ao sucesso em seu *establishment* local”. (ELIAS:1995, 39).

Dito de outra forma, estabelecidos e *outsiders* não são opostos irreconciliáveis, mas sim polaridades complementares, interdependentes e interpenetradas quanto a seus objetivos. Esta dinâmica caracteriza muitas das relações de poder configuradas na contemporaneidade e não apenas no caso do consumo de drogas.

E já que tratamos de polaridades, nessa altura do texto faz-se necessário introduzir as esferas miméticas. Segundo Elias & Dunning (1992), definir como meta coletiva um maior controle de emoções não significou que estas foram simplesmente recalcadas. O processo civilizador deslocou-as para um eixo cultural onde podem ser configuradas enquanto *habitus* sociais que sustentam representações estabelecidas, de modo a serem projetadas coletivamente com riscos reduzidos<sup>13</sup>, pelo menos em tese.

Nessa perspectiva, ganham sentido civilizador o jogo de futebol, o carnaval, o cinema, a telenovela, os *reality shows*, os videogames e o consumo de drogas. Se no futebol e no carnaval ainda podem se configurar episódios onde imperam emoções violentas, anticivilizatórias, é no consumo de drogas que essa violência acaba ganhando um poder de representação que deixa de ser episódico para ser padrão. Práticas que como estas dão vazão às emoções são interpretadas pelos dois autores como representações miméticas. Estas representações acontecem numa esfera cultural onde é possível trazer à dimensão do consumo, emoções que podem ser violentas, porém até

---

<sup>13</sup> - O título original do livro em inglês onde Elias & Dunning versam sobre a questão é esclarecedor: *The quest for excitement* – A busca por excitação.

certo ponto são também controláveis, de forma que seja viável aos indivíduos civilizados se excitarem com o fluir de emoções fortes:

“a estrutura das organizações e instituições miméticas representa a antítese e o complemento das instituições formalmente impessoais encaminhas a um fim, que deixam pouco espaço para emoções apaixonadas ou flutuações no estado de animo [...] a esfera mimética constitui uma parte específica e integral da realidade social”.( ELIAS & DUNNING: 1992, 95/6)...

...quer dizer, as atividades e representações praticadas nas esferas miméticas – configuradas em jogos, shows, atividades de lazer espetaculares ou não, esportes radicais ou não, novas práticas religiosas, as antigas e as novas drogas que a cultura de consumo põe incessantemente a disposição - são um contraponto ao excesso de racionalidade produtiva, contraponto que cada vez mais naturalmente vai sendo incorporado como *habitus* sociais. Por sua vez, os *habitus* sociais (Elias:1994) enquanto categoria analítica são padrões referenciais relativos a formação da estrutura social da personalidade dos indivíduos em meio aos outros membros que compõem a sociedade<sup>14</sup>.

“cada pessoa singular, por mais diferente que seja de todas as demais, tem uma composição específica que compartilha com outros membros de sua sociedade. Esse *habitus*, a composição social dos indivíduos, como que constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade”. (ELIAS:1994,150).

Assim, tanto o *habitus* do *outsider* como o *habitus* do estabelecido não devem ser percebidos como *habitus* do indivíduo ou *habitus* da sociedade, mas como *habitus* configurados pela interface entre o indivíduo e sua sociedade. Importante salientar que é através das emoções vividas nas esferas miméticas que esses *habitus* são mais fortemente incorporados.

Um último ponto referencial da teoria civilizatória vai facilitar seguir em frente. Se até meados do século XVIII as representações sociais centradas nas grandes cidades

---

<sup>14</sup> - o que não quer dizer determinismo - uma interpretação também possível para a teoria de Elias -, pois se certos hábitos são estabelecidos como a norma vigente num certo período, em pouco tempo podem deixar de sê-lo, como tem acontecido como o hábito de consumir álcool e tabaco a partir dos controles formais exercidos em função da lei seca e da lei antitabagismo. Se os controles formais para a mudança de hábitos ainda podem sugerir algum nível de determinismo em torno desses hábitos, resta observar até que ponto os consumidores ainda resistem em se submeter a tais mudanças.



utilizavam majoritariamente o pronome *Nós* para delimitar vínculos relacionais, nesses últimos dois séculos e meio tem havido mudanças em favor do pronome *Eu*. Esse dado indica o estabelecimento de configurações culturais mais voltadas ao individualismo e muito menos voltadas para os tradicionais vínculos relacionais que submetiam as demandas dos indivíduos aos seus grupos. Porém, Elias acredita que as mudanças processuais não são tão simples. Nesse sentido ele elabora a categoria polarizada *Nós-Eu* (1994), para resolver a impossibilidade configuracional em separar o nós do eu, a sociedade do indivíduo, já que o Eu nunca é um Eu sozinho, é sempre um Eu em meio a outros Eus, que configuram alguns Nós, diante de alguns Eles. Assim, podemos refletir que o usuário com seus pares usuários, configura um *Nós*, assim como com outros não usuários, ele configurará outros *Nós* - o *Nós* da mesma família, o *Nós* colegas de faculdade, etc, o que de certa forma equivale as várias comunidades com seus ritos e controles próprios. Tais possibilidades relacionais em algum momento poderão configurar um conflito com potencial para por o usuário em xeque, na medida em que ele se propuser a fazer parte de certo grupo onde seu *Eu* usuário destoe do *Nós* grupal, se este for um grupo não usuário. Nesse grupo, seu *Eu* usuário tenderá a ser visto como o *outsider* estigmatizável<sup>15</sup> que será rechaçado pelo *Nós* não usuários, enquanto este último *Nós* será visto como estabelecido, grupo dominante na configuração.

Nas configurações sociais entre os *Eus* e os *Nós*, de forma geral “O grau de integração depende da assimilação dos *outsiders* e da capacidade dos grupos estabelecidos de assimilá-los” (Elias & Scotson:2001,141) - o que no caso de universitários usuários pode significar uma configuração onde a sua assimilação pode ter curso na medida em que o *Eu* usuário for compatível como o *Nós* universitários. Para que isso aconteça se deve salientar os aspectos configuracionais relacionando às distinções no grau e no posicionamento da organização dos indivíduos. O indivíduo no processo de configuração, pode ser *outsider* e estabelecido e essa dupla relacionalidade configuracional ao flexibilizar a posição de poder, flexibiliza o grau de estigmatização

---

<sup>15</sup> - se tal reflexão causa estranhamento, não se deve desconsiderar que o livro de Becker, *Outsiders*, e o livro de Goffman, *Estigma*, tenham sido lançados em 1963, enquanto a obra de Elias e Scotson, *Os estabelecidos e os outsiders*, foi publicada em 1965. Os três livros enfocam estudos sobre comportamentos tidos como desviantes ou não estabelecidos enquanto conduta padrão diante dos códigos de civilidade, num modelo de abordagem socioantropológica que na época era bastante inovador. Com exceção da Escola de Chicago – da qual Becker é membro da segunda geração - até então a sociologia tratava do comportamento estabelecido enquanto civilizado, ao passo que a antropologia estudava o desvio, mas o desvio de culturas não urbanas, ou mesmo não “civilizadas”. Além disso, a obra de Elias, principalmente *O Processo civilizador*, ganhou visibilidade no fim dessa mesma década, a partir de 1968, quando o pós-estruturalismo e o estudo de temas *outsiders* começavam a tornar-se uma realidade.

a que esse indivíduo está exposto. Aqui abro um parêntese para pontuar que, desdobrando as categorias eliasianas anteriormente trabalhadas, o universitário usuário pode fazer parte do que chamo de *outsiders* estabelecidos (Valença:2005,25), indivíduos que em posição social estabelecida, conseguem administrar suas facetas *outsiders*, sem que por isso tenham seu status estabelecido reduzido à condição de estigma.

Entretanto, não é por acaso que estes *outsiders* estabelecidos são minoria, pois o que de forma geral se pode perceber é que a otimização do estigma dá-se quando o grupo estigmatizador resiste fortemente às possibilidades de que o grupo estigmatizado alcance posições de poder<sup>16</sup>. Interfaceando a teoria do processo civilizador de Elias com a teoria do estigma de Goffman<sup>17</sup>, é possível observar que no caso de usuários que vivam centrados no que Becker chama de subcultura das drogas, e que não consigam otimizar relacionamentos com outras subculturas, o uso de drogas será o estigma que os denunciará como “inferiores”, inferioridade esta que lhes impede de se relacionarem melhor com outras culturas. Nessa perspectiva, um dos aspectos merecedores de maior observação é que quaisquer dificuldades sociais dos *outsiders* usuários tenderão a serem vistos como problemas destes enquanto usuários, e não como problemas de relacionamento. O estigma é uma arma usada pelos estabelecidos nas relações de poder para manter os *outsiders* sob controle.

Como já foi sinalizado, não é adequado para analisar a configuração dos estudantes universitários usuários, e mesmo dos usuários/traficantes, utilizar a categoria desvio, mas, em relação à representação estabelecida do tráfico de drogas ligada à violência e exclusão, a teoria do desvio pode ser aplicada adequadamente. Trazendo à discussão o cientista social Howard Becker, não é difícil entender porque numa configuração econômica em grande parte adversa, como a vivida por boa fatia da população brasileira que não tem acesso ao consumo generalizado, a *motivação de atos desviantes* ganha representatividade. Em relações de poder onde o equilíbrio quase sempre pende para o mesmo lado, alguns consumidores potencialmente falhos<sup>18</sup> são tentados a buscar, ludicamente, controles sociais paralelos que lhes favoreçam, ou que no mínimo não

---

<sup>16</sup> - no governo do presidente norte-americano Ronald Reagan passou a ser norma que funcionários públicos realizassem exames de urina regularmente visando detectar uso de drogas, com fins de barrar-lhes o acesso à carreira profissional. Essa é uma manobra eficiente para estabelecer o estigma de que um usuário de drogas não apresenta condições de ascensão na carreira profissional.

<sup>17</sup> - de acordo com Goffman (1988,13) o estigma acaba sendo usado “em referência a um atributo profundamente depreciativo”, que não supre a necessidade de buscar “uma linguagem de relações e não de atributos”.

<sup>18</sup> - os consumidores falhos são “aqueles cujos meios não estão à altura dos desejos.” (BAUMAN: 1998, 57).

favoreçam a quem geralmente leva vantagem. Seria de um reducionismo acrítico creditar esse desvio especificamente aos que estão excluídos do consumo material, porém, na medida em que a exclusão aumenta a impossibilidade de construir uma representação socialmente consumível, esta exclusão acaba sendo uma facilitadora para a consumação do desvio.

O que se habituou chamar de ato desviante geralmente não é um ato individual, é um procedimento construído socialmente<sup>19</sup>, conscientemente ou não fazendo parte de um repertório de *habitus* sociais. O desvio é parte de uma construção socialmente desenhada a partir de regras e com o objetivo de efetuar controles:

“...os grupos sociais criam o desvio ao estabelecer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicá-las a pessoas particulares, marcando-as como *outsiders*. Sob tal ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa faz, mas sim a consequência da aplicação por outrem de regras e sanções ao transgressor”, (BECKER: 1997, 8/9).

O que interessa prioritariamente, é que, na teia de relações sociais contemporaneamente configuradas, o estigma do tráfico enquanto desvio não se restringe aos traficantes, pois os consumidores de drogas são cada vez mais estigmatizados como corresponsáveis por este. Nessa posição vulnerável, o consumidor acaba sendo vítima de dupla violência; a produzida diretamente em função do tráfico - por parte de alguns traficantes e da polícia - e a violência simbólica produzida pelo restante da sociedade, representada por setores como família, escola e instituições religiosas. Estas instituições interpenetram seus objetivos quando projetam a “representação do mal” no consumo de drogas.

Enfatizando o poder moral persuasivo destas instituições de controle, Becker analisa a maneira como os usuários de maconha a partir das experiências em grupo, construíram suas identitárias carreiras de maconheiros. O autor dá atenção à quantidade e à qualidade das informações sobre o uso de maconha que circulam nesses grupos, buscando saber como tais informações influenciam e determinam as auto-representações dos usuários. Na reflexão do autor, para se tornar um usuário de maconha é necessário fazer parte da cultura da droga, assim adquirindo a prática dos procedimentos adequados de uso: identificando dentre seus efeitos aqueles que são esperados, bem como aprender a percebê-los como prazerosos. Dessa forma torna-se

---

<sup>19</sup> - e esse é um dos motivos pelo qual eu não chamo meus interlocutores de desviantes.

viável reconstruir os próprios valores sobre a “substância psicoativa”, distanciando-se daqueles valores reproduzidos no senso comum, que tendem a categorizar a cultura da droga como indistintamente negativa. Becker projeta a mesma percepção reflexiva em relação ao consumo de outras drogas.

Nesse sentido, o consumo de drogas, além de ser regulado pela repressão policial e pela violência do tráfico, é fundamentalmente regulado pelos controles informais possibilitados pelas informações trocadas pelos usuários. Tal aprendizado depende não só das informações sobre a droga, depende dos procedimentos práticos que protejam a privacidade do usuário – daí a importância da relação dos usuários com os não usuários, com outras culturas com as quais mantêm relação direta e mesmo indireta, mas ainda assim interpenetrada. Interfaceando Norbert Elias a Becker, é possível cogitar que as informações interpenetradas que circulam entre os usuários seriam os *habitus* sociais, a partir dos quais as “configurações de carreiristas” são processadas.

Este último item é de capital importância, pois, as interpenetrações de objetivos nas configurações cotidianas dispõem usuário e não usuário, indivíduo e sociedade<sup>20</sup> como sujeitos que mesmo podendo soar antagônicos em interesses, são faces da mesma moeda. Não considerar as interpenetrações pode levar a uma redução processual – por exemplo, localizando “o problema” na droga ou no usuário sem levar em conta as configurações sociais. Dessa forma, o usuário estaria sempre reduzido à condição incontornável de usuário – dito assim, na primeira pessoa do singular - que só se reconhece nesses termos. Numa reflexão contrária a esta redução processual, os *habitus* sociais não diretamente relacionados ao uso – ou seja, os *habitus* comuns aos não usuários - também fazem parte do repertório dos usuários, pois no processo configuracional, um usuário inevitavelmente tem outras relações e papéis além dos que mantém com usuários.

Nesse ponto, usando a categoria configuração como âncora, já é possível fazer uma aproximação com o que médico e pesquisador do uso de drogas, Norman Zinberg, chama *setting*. No livro *Drug, set, setting* (1984) Zinberg sustenta que no *setting* de consumo de drogas – na configuração do espaço físico e social onde são vividos os *habitus* de consumo - o usuário encontra um cenário para que sua estrutura de personalidade dê vazão às emoções até então controladas. Às motivações psicológicas e expectativas que o usuário põe em curso neste *setting*, Zinberg chama de *set*. A

---

<sup>20</sup> - afinal vivemos numa “sociedade de indivíduos”, como indica o título da obra derradeira de Elias (1994). No caso, não se configura uma contradição e sim uma aporia.

articulação realizada pelo usuário entre seu *setting* e seu *set* é tão constitutiva do modo de consumo que se faz das drogas, quanto as próprias propriedades farmacológicas destas. Inclusive, Zinberg reconhece, assim como Becker, a importância do saber do usuário, o que na visão deste último, é a base para a construção da sua carreira de usuário. Além disso, o que na sua formulação teórica estrutural Zinberg chama de *setting*, é muito próximo do que Becker chama de cenário<sup>21</sup>. A partir desse ponto de confluência com a visão de Becker, Zinberg segue acrescentando que a carreira dos que ele chama de “usuários controlados”, não se sustentaria sem que se estabeleça como hábitos, específicos controles sociais, controles que por sua vez, são operacionalizáveis através de sanções e rituais específicos.

Os rituais sociais são esculpidos como padrões de comportamento particularizados para o uso de drogas específicas, que devem ser operados junto aos procedimentos de aquisição e administração, tanto quanto à seleção do espaço físico e social. Em última instância, também são contextualizadas neste recorte as atividades que possam ser desejáveis após o uso, como também os mecanismos de defesa para manter afastados os efeitos indesejáveis. De acordo com o raciocínio de Zinberg sanções sociais são as normatizações que estipulam se, e como, determinada droga deve ser consumida de modo a não causar conflitos. O usuário mesmo que discorde deve levá-las em consideração para que não ameace a segurança da sua própria comunidade, pois os valores e regras comportamentais dos usuários devem ser construídos levando em conta as leis e as políticas externas ao grupo, que limitam e regulam o uso. Cabe aos usuários respeitar as sanções que favorecem a segurança da comunidade. Pensando Zinberg através da ótica de Elias, os controles sociais, tanto para drogas lícitas<sup>22</sup> quanto para as ilícitas, teriam como *setting* distintas configurações, o que se aplica a grupos estabelecidos tanto quanto a grupos *outsiders*, sendo que os *sets* dos usuários estão de acordo com os *habitus* sociais do *Nós* grupal em questão.

O que os estudos de Zinberg sobre consumo de drogas ilícitas - opiáceos, alucinógenos e maconha - em fins dos anos 1970 revelam, é que, principalmente os grupos de usuários de maconha, já não precisam se formar *apenas* para uso, como faziam, por exemplo, quando o estigma contra o usuário era maior, à época do estudo pioneiro de Becker nos anos 50, ou aqui no Brasil, no auge do regime militar. Isto pode

---

<sup>21</sup> - e as representações não param de ganhar sentido por aí. Na perspectiva de Goffman (2003) os sujeitos são atores que atuam no palco da vida cotidiana.

<sup>22</sup> - por exemplo, não beber quando se dirige ou não fumar em recintos fechados.

ser constatado inclusive pela diminuição da inclinação para a configuração de *rodas de fumo* como padrão característico de ritual de consumo (MacRae & Simões:2000), que de forma geral marcou o começo das carreiras de muitos usuários com mais de 40 anos, e que hoje já não é um *habitus* social tão característico entre os usuários. O que Zinberg constata é que o vínculo comunitário dos usuários de maconha quando se estrutura em rodas de fumo, é feito muito mais pela sociabilidade da qual a droga é *um dos* ingredientes do *setting*, do que por questões de segurança propriamente, podendo nesta condição favorecer a caracterização de comunidades diferentes das comunidades de usuários mais antigas. MacRae (2006) interpreta esta reflexão de Zinberg da seguinte forma:

“Tal flexibilidade do ritual seria parcialmente explicada pela leveza e transitoriedade dos efeitos e pela maneira mais tranqüila de amplos setores sociais conceberem o seu uso. Este, embora ainda ilícito, era visto como envolvendo uma “droga leve” de amplo uso na população. Havendo perdido muito de sua aura “desviante”, o uso de Cannabis agora prescindiria dos antigos rituais determinados principalmente pela necessidade do ocultamento dessa prática. Ao mesmo tempo ‘sanções sociais’ para o uso controlado haviam se consolidado e eram encontradas entre a maior parte das subculturas usuárias” (MACRAE: 2006,7).

Da maconha a outras drogas ilícitas, este raciocínio é pertinente<sup>23</sup>, e nesse sentido, o que está sendo investigado é: que carreiras - segundo Becker - que ambientes e motivações - segundo Zinberg - configuram o cenário/*setting* dos presentes interlocutores.

Se Zinberg enquanto médico atualizou o trabalho do sociólogo Becker, Grund enquanto psicólogo atualizou o trabalho de Zinberg. Pesquisando usuários de cocaína e heroína na Holanda, Grund ampliou o modelo proposto por Zinberg. O psicólogo considerou o modelo do médico significativo, porém estático, um modelo submetido à redução processual por não configurar especificamente como os integrantes dos distintos grupos de usuários moldavam os controles sociais às suas demandas variadas. Desta forma, sendo o *setting* um campo muito vasto, Grund buscou explicitar quais eram efetivamente as interfaces sociais cruciais para tais usuários. O modelo de Zinberg, segundo Grund, também não coloca em evidência um aspecto fundamental quanto aos controles: a mercadificação das drogas, na medida em que o tráfico

---

<sup>23</sup> - guardando as devidas proporções, pois, por exemplo, não se deve considerar cocaína e crack drogas leves.

potencializa imensamente todos os riscos que os usuários podem ter em relação a segurança. A disponibilidade de aquisição é outro item capital, já que a violência e a marginalidade que circundam o tráfico além de riscos físicos, possibilitam perigosas estigmatizações que muito preocupam os usuários. As sanções e os rituais dificilmente poderão ser bem ajustados, se não for levado em conta que a dificuldade de aquisição pode tornar o processo um ponto tensamente centralizado para o usuário, pondo-o em conflito com uma estrutura de vida que possa ser considerada segura. Assim, Grund acrescenta ao modelo de Zinberg outro item que o atualiza: a estrutura de vida.

A estrutura de vida possibilita uma leitura dinâmica do *setting*, onde o usuário é percebido num recorte muito mais atuante que no modelo de Zinberg, atuante no sentido reflexivo, pois são então consideradas as atividades que extrapolam a relação direta com as drogas – os outros *Nós-Eu*, de que fala Elias – nos vários níveis de interações sociais. Grund encerra sua atualização do modelo de Zinberg constatando que a disponibilidade das drogas – e no caso de seu estudo, drogas consideradas pesadas pelo discurso médico – mesmo quando regular, não é necessariamente sinônimo de uso descontrolado, pois este uso está sempre sujeito às tendências culturais e movimentos mercadológicos, ou seja, sujeito a padrões sociais que efetuam seus controles.

A partir destes referenciais teóricos que estabelecem uma ponte dialógica entre a sociologia (Elias, Becker, Goffman) medicina (Zinberg) e a psicologia (Grund) é possível operar uma reflexão configuracional sobre a cultura universitária e o consumo de drogas.

## 1.7 - Sobre a estigmatização das drogas

Antes de entrar em considerações diretas sobre universitários e o consumo de drogas, é pertinente focar atenção nos significados que este consumo adquiriu ao longo do tempo, principalmente dos últimos cento e cinquenta anos de processo civilizador. Se para boa parte da sociedade hoje o conceito de maconha medicinal cada vez mais presente nos noticiários internacionais soa contraditório – afinal a representação dominante indaga: como uma droga ilícita pode ser medicinal? -, uma referência concreta é que essa modalidade de consumo não é nada nova, tanto que pode ser encontrada na farmacopéia norte-americana (Escohotado: 2008) e brasileira (Adiala: 1986) que vigorou entre o século XIX e meados do século XX. Estranho? Não naquela época em que a *Cannabis* era uma planta importante na cultura popular do Nordeste do Brasil (Dória: 1986) e nos agronegócios estadunidenses - os presidentes Franklin e Jefferson foram dois de seus maiores plantadores. Por exemplo, na ausência das plantações de cânhamo<sup>24</sup> não haveria iluminação pública em muitas cidades de grande porte dos EUA onde até o invento da luz elétrica, foi utilizado o óleo de cânhamo como matéria prima para “se fazer a luz”. Se estes dados parecem ter sido apagados da memória pública, isso se deve ao estabelecimento de determinados estigmas como ferramentas de controle social. Mas como isso aconteceu?

Na Europa da segunda metade do século XIX quando Nietzsche professou a morte de Deus (2004) e o Homem Moderno começou a se libertar da culpa judaico-cristã que aprisionava suas emoções individuais às necessidades de segurança do “rebanho”<sup>25</sup>, os “milagres farmacológicos” estavam sendo sintetizados e tornados estabelecidos pelas mãos da ciência, ciência que longe dos olhos de Deus em certa medida se configurava como seu substituto, como uma religião secularizada. Os opiáceos e a cocaína foram eleitos como substâncias essenciais pela ciência médica que vigorou na Europa e na América do Norte durante boa parte daquele século. O láudano – um composto de ópio

---

<sup>24</sup> - o cânhamo é uma variedade do gênero *Cannabis* mas sem o potencial psicoativo da *Cannabis sativa* – que é conhecida popularmente como maconha.

<sup>25</sup> - Nietzsche não se posicionava como um filósofo, mas como um “psicólogo da cultura”, e por este ponto de vista sua afirmação sobre a morte de Deus soa como um diagnóstico do *zeitgeist* (o espírito da época) no qual as buscas de sentido social pelas vias transcendentais sustentadas pelas sociedades tradicionais e pré-modernas estavam caindo em descrédito em função da crescente influência das ciências. Os homens estavam sendo chamados a assumir a responsabilidade de serem eles mesmos deuses de suas vidas. Importante ressaltar que este diagnóstico cultural do autor foi referência silenciosa para as teorizações de Weber sobre desencantamento e racionalidades (Cohn:2005) e de Freud (1976 B) sobre o inconsciente e o sentimento de culpa.



e álcool originário do século XVI – e a morfina sintetizada em 1804 foram prescritos para uma infinidade de males; enquanto nos EUA, principalmente em função da guerra civil (1861/6), essas substâncias foram usadas como potentes anestésicos para reduzir as dores dos feridos, na Europa além de utilizadas nas guerras austroprussiana (1866) e francoprussiana (1870/71) eram muito utilizadas para diminuir as dores das almas dos cidadãos mais abastados, que não frequentavam campos de batalha.

Todavia, o uso dessas substâncias não estava isento de riscos e não foi preciso muito tempo para que se percebesse que essa panacéia poderia levar a quadros de dependência até então desconhecidos, o que fez com que tais medicamentos começassem a ser prescritos como mais cuidados. A heroína sintetizada em 1874 passou a ser indicada como droga substituta do ópio e da morfina – na verdade sendo um subproduto mais refinado da morfina que por sua vez é um refinamento do ópio - mas em pouco tempo seu uso se mostrou tão ou mais arriscado que os anteriores, pois a dependência se concretizava num espaço de tempo muito menor. Merece destaque que a cocaína que havia sido sintetizada em 1860 em alguns anos passou a ser considerada por muitos médicos como um substituto que causava menos dependência do que a heroína, que por sua vez parecia ser mais eficiente no organismo do que a morfina, que pareceu ser menos danosa do que o ópio usado em estado bruto. A cocaína até a virada do século foi bem aceita no circuito médico sendo prescrita como anestésico, como antídoto para prostração nervosa, para neurastenia e debilidade geral. Nesse quadro de uso generalizado os efeitos negativos começaram a se repetir em escala maior – Freud por exemplo, ele próprio até então um neurologista usuário e entusiasta da substância teve problemas quando um paciente faleceu em função de overdose prescrita por ele. Em 1891 cerca de 200 relatórios sobre intoxicação sistêmica por cocaína foram divulgados, e entre estes treze óbitos foram registrados, (Chasin & Lima:2008).

Nesse momento histórico em que tais drogas passaram a ser observadas com outros olhos pelo setor médico<sup>26</sup>, algumas representações contrárias ao seus usos começam a ganhar consistência. Na América do Norte, a cruzada puritana impetrada pelos órfãos do Deus de que fala Nietzsche, estabelece a representação do uso de drogas como o sinal da falta de temperança<sup>27</sup>, da falta de firmeza moral que a ausência desse Deus

---

<sup>26</sup> - isso indica que como o *phármakon* dos antigos gregos, tais drogas podiam ser substâncias usadas para curar ou para envenenar, à depender dos controles configurados em torno dos seus usos.

<sup>27</sup> - temperança num sentido contrário ao imputado pelos gregos que era o sentido encontrado no equilíbrio entre os excessos e a abstinência, enquanto aqui, a imputação dada é de abstinência pura e total. As referências aos gregos nessas duas últimas notas serão destrinchadas na parte final do texto.

anunciava. A profecia anunciada por estes puritanos – a quem Becker posteriormente poderia chamar de “empresários morais” - é de que, se a ausência de Deus abre uma fenda na moral humana, as drogas, ao invés de preenchê-la, apenas indicam essa impossibilidade, levando ao caminho do “Mal” sem possibilidade de retorno...

Por parte dos trabalhadores braçais, as drogas foram absorvidas como um *habitus* social adequado as suas necessidades de mitigar o cansaço e a dor física, então mais implacáveis sem a incondicionalidade de um Deus para consolá-los. Estes trabalhadores enfrentavam longas jornadas de trabalho que não raro ultrapassavam 70 horas de atividade. Não foi por acaso que entre 1890 e 1900 a produção de cocaína quintuplicou, pois o potencial de consumo dessa droga deixou de ser limitado às elites e passou a ser voltado para o indivíduo comum imerso na cultura de produção. Lembrando do que já disse Grund (1993), a disponibilidade de aquisição é fundamental para o estabelecimento de alguma regularidade no consumo. Independentemente da regularidade de consumo, estes trabalhadores, de modo diferente do que aconteceu com a nobreza decadente e a burguesia ascendente da Europa, não foram chamados de habituados, mas de *dope fiends* - drogados.

Nesse *setting*, de olho nas demandas das populações urbanas cada vez mais numerosas e suscetíveis aos “novos bens de consumo” da vida moderna, as drogas se tornaram cada vez mais bem vistas tanto pela indústria mercantil - no primeiro caso, a referência emblemática foram as Guerras do ópio deflagradas pelo governo e por empresários ingleses contra os chineses com o intuito de lucrar com a venda do ópio produzido na Índia -, quanto pela a indústria farmacêutica – nesse segundo caso, na Alemanha, opiáceos e cocaína foram fabricados em larga escala pela *Merck* e pela *Bayer* e foram a grande aposta do segmento industrial do período. O argumento desses sujeitos com visão de mercado é de que as substâncias sintetizadas poderiam ajudar o desenvolvimento da produção laboral do homem moderno e civilizado. No lugar dos preceitos de um Deus como ferramentas de motivação para a vida cotidiana, o homem passou a utilizar algumas substâncias, produtos feitos pela ciência, produtos que aplacavam a dor da existência física e espiritual e ofereciam novas portas de acesso a felicidade.

Tendo em vista esta perspectiva, é necessário registrar que os primeiros abusos de consumo de drogas<sup>28</sup> não devem ser analisados sem serem relacionados à panacéia farmacológica que a ciência médica colocou a disposição dos homens sem a contrapartida do esclarecimento das consequências do uso mal controlado. Quando este modelo médico de controle pouco rigoroso começou a apresentar desgaste a representação das drogas como “o milagre farmacológico da ciência” continuou sendo sustentada por intermédio de outros sujeitos com interesses interpenetrados aos interesses dos médicos; os empresários da indústria farmacêutica. Em menos de meio século os interesses dessas duas configurações de sujeitos ajudaram a desenvolver um público consumidor regular. Nesse *setting* a aquisição desses produtos em farmácias e boticários era facilitada, mas o público consumidor continuou sem saber como reduzir os possíveis riscos de seu uso, principalmente por ignorarem-nos. Diante desse quadro é válido estender mais longamente a reflexão sobre a configuração sociocultural norte-americana, já que é nesse território que a cultura proibicionista se estabelece com legitimidade.

No final daquele século quando alguns controles sociais começaram a ser configurados para conter os abusos, o consumo já havia se tornado um *habitus* social arraigado que frequentemente colocava à prova a eficácia desses controles. Em Nova Orleans, após passarem boa parte dos anos 1880/1890 tendo por hábito consumir cocaína regularmente<sup>29</sup>, muitos trabalhadores braçais negros<sup>30</sup> se queixaram que sua retirada de circulação os deixaria sem combustível para realizar o trabalho pesado. No Texas, muitas prostitutas alegaram que só resistiam a dura e longa jornada de trabalho com o aditivo da cocaína. De modo geral já não eram mais os ricos clientes de médicos que consumiam cocaína e heroína<sup>31</sup>, eram algumas comunidades de negros e chineses que trabalhavam respectivamente como mão-de-obra nas plantações de algodão do sul dos EUA e na construção das ferrovias que possibilitaram a conquista do Oeste. Em

---

<sup>28</sup> - drogas são consumidas desde tempos remotos e nem mesmo entre os romanos cujos controles quanto aos excessos eram muito flexíveis, o abuso foi uma problemática maior. O abuso de drogas passa a ser configurado como descontrolo social apenas nas culturas Modernas (ESCOHOTADO, 2008).

<sup>29</sup> - nesse período passou a ser hábito consumir como estimulante, uma bebida feita com grãos de kola (que contem cafeína) e folhas de coca (sendo que de 1884 a 1886 essa bebida, *French Wine Cola*, também tinha o vinho como um de seus ingredientes). Hoje, já sem as folhas de coca e com o nome de Coca-Cola este estimulante é o produto mais vendido no mundo.

<sup>30</sup> - e isso não quer dizer pouca gente, pois naquela época Nova Orleans era uma das cidades norte-americanas com maior contingente de negros.

<sup>31</sup> - nessa época, ambas as substâncias eram vendidas por valores acessíveis aos trabalhadores. O que fez seus preços inflarem até o patamar atual – no qual um trabalhador braçal geralmente só tem acesso a cocaína na forma de crack – foi justamente a proibição que se seguiu.

função desse consumo as comunidades étnicas referidas foram estigmatizadas como pouco civilizadas.

Com um maior controle sobre as prescrições médicas, do final do século XIX até o fim da lei-seca em 1931, as autoprescrições dos novos usuários aumentaram e nesse recorte a representação do antigo habituado cedeu lugar a representação do adicto. Nessa mudança de representação passa-se da pessoa que convive com o hábito para a pessoa que não pode viver sem o hábito, e este modo de estigmatização do usuário como mecanismo de controle social direcionado contra grupos que poderiam ser identificadas etnicamente, desde então voltou a ser norma corrente. Digo voltou, pois de acordo com Escohotado (2008), esse mecanismo reedita os processos de perseguição política que caracterizaram a Inquisição como forma de eliminar as resistências aos valores dominantes. Nessa política disciplinar, estabelecer a representação da temperança como hábito civilizado padrão já exclui, *a priori*, tais comunidades étnicas do padrão esperado, pois estas comunidades têm por características culturais consagrar alguns momentos ritualísticos aos excessos, aos descontroles controlados.

Se os puritanos, que antes poderiam até aceitar o uso de drogas por parte da elite como terapêutico, agora observavam esse consumo por parte dos pobres como degenerescência, como algo imoral, a imprensa logo encontrou uma nova fonte de manchetes onde drogas, sexo e racismo passaram a ser os ingredientes centrais: Não apenas os negros usuários de cocaína, mas também os chineses usuários de ópio, irlandeses usuários de álcool e mexicanos usuários de maconha foram estigmatizados como adictos problemáticos que promoviam o descontrole da ordem pública, geralmente induzindo ao consumo e seduzindo, quando não estuprando, as mulheres brancas. O consumo de drogas passou a ser associado a desordens sociais e baixa produtividade, numa representação que ameaçava enormemente os controles centrais de uma cultura de produção. Em pouco tempo as drogas não eram mal vistas apenas entre os puritanos como também pelo cidadão médio que passava a perspectivá-las como anticivilizatórias. A própria indústria farmacêutica, depois de uma virada de século de grandes lucros, teve que retrair-se, pelo menos momentaneamente. Um dos problemas centrais gerados nessa configuração foi que os usuários passaram a representar uma nova categoria social; os desviantes por adicção.

Os controles sociais continuaram se fortalecendo e o congresso norte-americano aprovou o *Harrison Act*, (1914) estabelecendo regras para produzir, distribuir e prescrever opiáceos e cocaína, mas que na prática foi uma medida que inicialmente

propiciou uma maior concentração de poderes nas mãos dos médicos e da indústria farmacêutica para administrar substâncias “adictivantes”<sup>32</sup>. Como reação a esta concentração de poderes, a pressão dos empresários morais se fez forte e cinco anos depois a suprema corte reviu a questão. Os médicos que ainda tentaram prescrever em grande escala passaram a correr o risco de serem processados, sendo levados a abraçar o discurso dos puritanos sob risco de não poder exercer a profissão. Acima de tudo, traçava-se um perfil da relação “ética” entre médico e paciente para analisar o enquadramento a ser operado:

“Si el sujeto había obtenido la droga tras una consulta rápida y barata, con un médico de clientela pobre, la posesión complacía impulsos inconfesables de *dope fiends*. Si el medico dispensaba a pocos adictos una pequeña cantidad cada vez, con una minuta adecuada a clientelas distinguidas, su conducta podía aceptarse como “tratamiento”. (ESCOHOTADO:2008,641)

Até a chegada dos anos 1940, o comprometimento da classe médica com a indústria farmacêutica foi passando por ressignificações e assim, cada vez menos houve opiáceos e cocaína à disposição, enquanto cada vez mais barbitúricos e anfetaminas foram disponibilizadas de forma lícita e regular. O antigo habituado que tinha dinheiro no bolso não abandonou sua relação com o sistema especialista médico, ele migrou para os novos fármacos que possibilitavam efeitos similares aos das substâncias ilícitas e se tornavam cada vez mais populares sem acarretar o risco da estigmatização.

A lei-seca – em inglês o vocábulo *prohibition* parece oferecer uma medida mais exata da perspectiva de controle do que a tradução brasileira – deixou como herança duas consequências: 1º - serviu para camuflar que a grande quantidade de “desviantes” surgidos na época<sup>33</sup> eram frutos da crise financeira, quando a representação que se estabeleceu historicamente foi a de que estes foram vítimas do abuso no consumo de álcool<sup>34</sup>. 2º - se configurou pela primeira vez a interdependência e a interpenetração de objetivos de várias comunidades criminosas mafiosas que passaram a controlar a produção e o contrabando etílico. Esse mercado alternativo se tornou tão explícito que o Estado acabou percebendo que o dinheiro que as destilarias clandestinas faturavam

---

<sup>32</sup> - como consequência, essa concentração de poderes contribui na configuração de um mercado negro, pois os antigos e novos comerciantes excluídos da competição legal começaram a distribuir drogas clandestinamente. E não apenas facilitaram a disponibilidade, mas para incrementar os lucros passaram a adulterar tais drogas, o que vem acontecendo até hoje.

<sup>33</sup> - e nesse contexto começa a se cristalizar uma mudança no perfil, pois surgem os consumidores jovens.

<sup>34</sup> - se 25% de desemprego e contração da economia em torno de 40% podem ser explicados em termos do consumo de álcool, então esses consumo talvez tenha ocorrido entre políticos e economistas...

poderia entrar no seu bolso sob a forma de impostos que ajudariam na recuperação da economia americana, e com esta perspectiva a lei foi revogada.

Como saldo sociológico, esse período favoreceu a banalização de desvios e rótulos sociais, boa parte ligados a álcool e outras drogas. Como saldo mercadológico os medicamentos prescritos cada vez mais passaram a ser vendidos e usados para estimular e relaxar os usuários – principalmente os trabalhadores – com efeitos potenciais próximos aos das drogas ilícitas com uma diferença; enquanto as drogas são estigmatizadas como mecanismos desviantes os medicamentos possuem status de favorecer a civilidade:

“De 1940 a 1948, o consumo de analgésicos dobrou nos Estados Unidos, na Austrália e na Dinamarca. Na Suíça, por volta de 1950, os analgésicos eram tão populares quanto o cigarro é hoje. Havia embalagens para presente e as pessoas tomavam comprimido nas festas. Em algumas cidades onde esse hábito foi mais difundido, as mortes devido a insuficiência renal eram três vezes maiores que na vizinhança”. (Vergara, 2003, 52)

O abuso de substâncias farmacêuticas prescritas dessa vez não foi tornado motivo de manchetes de jornais, pois a partir da descriminalização do álcool as atenções midiáticas estavam voltadas para os abusos no consumo das drogas proibidas e particularmente, uma droga que ganhou centralidade foi a maconha. Aproveitando do *setting* moral já estabelecido pelos puritanos, a indústria têxtil e a indústria automobilística que tinham a planta canábica como potencial matéria-prima concorrente que ameaçava sua hegemonia no mercado deram curso a alguns controles sociais com o objetivo de tirá-la da concorrência direta.

Como nas articulações de política econômica interesses particulares podem andar juntos com interesses coletivos, é válido ressaltar que o diretor da Agência Federal de Narcóticos norte-americana (FBN) era parente de um dos principais investidores da petrolífera *Du Pont*, petrolífera que arquitetava uma série de produtos no mercado que abrangia do nylon ao combustível para automóveis. Os produtos da *Du Pont* encontraram uma séria concorrência nas fibras e no óleo de cânhamo. Além disso, o FBN interpenetrou objetivos com um poderoso aliado que tinha interesses particulares em relação à cultura da *cannabis*: o magnata Randolph Hearst, líder de uma poderosa rede de jornais, percebeu que a hegemonia de suas plantações de eucalipto, com fins a produção de papel, estava sendo ameaçada pelas plantações de cânhamo, um

concorrente que demonstrava maior durabilidade<sup>35</sup> e rentabilidade. Como Hearst já havia tido problemas com revolucionários mexicanos, que no começo do século invadiram algumas propriedades suas e que de modo geral fumavam maconha, ele utilizou seus jornais para estabelecer uma campanha na qual mexicanos e uso de *cannabis* estavam ligados a *settings* de violência, estupros e promiscuidade, campanha que visava a erradicação da planta e a marginalização dos mexicanos. Neste contexto, em 1937, os EUA através de articulações de uma política econômica então em progresso convenceram outros países a incluir a maconha na lista das substâncias proibidas ao lado dos opiáceos e da cocaína, lista que obteve alcance mundial.

Essa articulação entre política econômica e interesses mercadológicos utilizou do suporte midiático dos jornais de Hearst para fazer com que os controles em torno dos usuários de drogas ganhassem uma dimensão até então inovadora para a Modernidade; as campanhas publicitárias através de filmes de curta-metragem – algumas mostradas no documentário *Grass/Maconha* – e de filmes de longa-metragem nos quais a maconha é representada como uma força demoníaca capaz de levar seus usuários à assassinatos, loucura, orgias e até ao comunismo. Esses filmes foram exibidos nos cinemas até os anos 1950, atingindo grandes platéias até então muito pouco informadas ou quase que totalmente desinformadas sobre uso de drogas e seus efeitos. Para estas audiências, as representações cinematográficas que ligavam uso de drogas ao Mal – ao imoral - e ao crime - ao ilegal - em boa medida funcionaram como ferramenta não de controle de saúde, mas de controle de comportamento.

No meio da década de 1950, essa busca por controle comportamental através da restrição ao consumo de drogas encontrou focos de resistência com o surgimento do que se convencionou chamar de *Beat generation*, jovens insatisfeitos com o estilo de vida estabelecido no qual os jovens eram apenas projetos de adultos. Os sujeitos da *Beat generation* - principalmente seus expoentes centrais; Kerouac, Ginsberg e Burroughs - forjaram seu próprio caminho para a felicidade. Não encontrando identificação no modelo comportamental da cultura de produção, eles rejeitaram a carreira universitária – Ginsberg chegou a ser ‘convidado a se retirar’ de uma faculdade -, questionaram a limitação de objetivos de vida a um emprego regular e, em alta velocidade, viajaram física e psicologicamente através de carros, trens, jazz, sexo, anfetaminas, barbitúricos, álcool, tabaco, maconha, morfina, heroína e o que mais estivesse à disposição. Esses

---

<sup>35</sup> - - não esquecendo que a primeira Bíblia impressa por Gutenberg foi impressa em folhas de cânhamo.

jovens relataram suas experiências em livros que se tornaram antimodelos comportamentais para a juventude<sup>36</sup> diante dos controles sugeridos pelos empresários morais, e não apenas nos EUA. A partir de então o perfil do usuário que já estava sendo flexibilizado desde a Lei seca acelerou o processo de mudança; já não sendo mais necessariamente o perfil do homem branco de 40 anos, nem de classe média.

No Brasil o proibicionismo também veio se cristalizando desde o século XIX quando as peculiaridades da cultura seguiram configurações nas quais estabelecidos e *outsiders* pareciam manter alguma trégua exatamente em função do uso de substâncias psicoativas. Freyre relatou a tensão em torno desse uso nos engenhos de açúcar, e a consequente adesão da fumaça da maconha à pele negra, tendo a ver com a formação do povo brasileiro:

“a monocultura, em parte nenhuma da América, facilitou pequenas culturas úteis, pequenas culturas e indústrias ancilares ao lado da imperial, de cana-de-açúcar. Só as que se podem chamar de entorpecentes, de gozo, quase de evasão, favoráveis àquela volutuosidade: o tabaco para os senhores; a maconha – plantada nem sempre clandestinamente perto dos canaviais – para os trabalhadores, para os negros, a gente de cor; a cachaça, a aguardente, a branquinha. [...] Não parece simples coincidência que se surpreendam tantas manchas escuras de tabaco ou maconha entre o verdeclaro dos canaviais. Houve evidente tolerância – para a cultura dessas plantas voltuosas, tão próprias para encher de langor os meses de ócio deixados ao homem pela monocultura da cana. Largos meses que sem um bom derivativo podiam resultar perigosos para a estabilidade dos grandes senhores de terra de açúcar. Estes por sua vez tornaram-se maiores fumadores de charutos finos (FREYRE: 2004, 40/41).

“Muitos dos barcaceiros, como os jangadeiros, acreditavam em Iemanjá, guiam-se pelas estrelas conhecem os ventos de longe, fumam maconha para sonhar com mulher nua ou moça bonita” (FREYRE: 2004, 68).

Tabaco para uns, maconha para outros.... assim se configuraram estabelecidos e *outsiders*, casas-grandes e senzalas. Porém, independentemente da estabilidade dessa configuração social rural, com a chegada da Modernidade ao Brasil a estigmatização das drogas e particularmente da maconha acabaram seguindo o modelo racializado empregado nos Estados Unidos durante o século XIX. Em 1830 a primeira lei que estabeleceu restrições a venda e ao uso de maconha foi decretada no Rio de Janeiro trazendo embutida o viés racial. Num decreto de Saúde Pública foi estabelecido que:

É proibida a venda e o uso do “pito do pango”, bem como a conservação dele em casas públicas; os contraventores serão multados em 20\$000 e os

---

<sup>36</sup> - alguns deles como Allen Ginsberg e Gregory Corso foram internados em instituições psiquiátricas por comportamento delinquente.



escravos e as pessoas que dele usarem, em 3 dias de cadeia. (HENMAN & PESSOA:1986,131).

Nesse texto que à época não proporcionou maiores impactos, os escravos – que eram negros – são posicionados como os usuários, de modo até inverso ao que se constata hoje em dia quando um grande número de descendentes de escravos e/ou excluídos da rede de educação e consumo como foram os escravos, são posicionados como os traficantes. O que não se inverte desde que esse texto foi escrito é que se esses escravos não eram os traficantes ainda assim eram eles que recebiam a pena disciplinar mais rígida e exemplar: *3 dias de cadeia* contra *20000 réis* de pena imposta ao vendedor. O dilema moral representado nesse raciocínio é que não seria correto que os vendedores – e se os vendedores no texto chamados de “contraventores” não eram escravos, o que seriam eles? - continuassem a por em tentação seres moralmente fracos como os negros. Assim, os três dias de cadeia serviam como “quarentena” contra o Mal que os rondava.

A maconha foi tão estigmatizada que não era de bom tom falar sobre seu uso, tanto que só em 1933 houve registros policiais de prisões relacionadas com o seu comércio – apesar desse comércio nunca ter cessado. O auge dessa representação se dá no texto de Bizarria Mamede *maconha: ópio do pobre* de 1945, onde o autor afirma categoricamente que todos os esforços saneadores devem ser voltados ao combate da maconha e não das outras drogas que já estão sendo eficientemente fiscalizadas. Se essa representação da maconha como droga favorecedora da “sociedade deselegante” dos excluídos foi se solidificando no país ao longo do século XIX, no século XX, o uso de outras drogas por grupos incluídos em setores da sociedade economicamente mais estabelecidos, recebeu representações mais elegantes por parte dos agentes de controle. Os chamados vícios elegantes perpetrados pelos jovens das camadas mais elevadas eram tão discretamente observados pelos agentes de fiscalização que a partir da década de 1940 a representação pública dos hábitos desse segmento quase inexistiu.

Esses vícios elegantes diziam respeito ao consumo de opiáceos, cocaína e éter que de modo geral os jovens que iam estudar em Paris traziam de volta na bagagem como sinônimo de distinção, de civilidade moderna. De modo civilizado, para aqueles usuários que perdiam o controle sobre seus usos, em 1924 na cidade do Rio de Janeiro, o Sanatório de Botafogo já oferecia caríssimas vagas para terapia. Contudo, não eram apenas os filhos da elite que utilizavam tais substâncias. O escritor Benjamim Costallat no seu texto *No bairro da cocaína* (Resende:2006,109) aponta que na boêmica realidade carioca: “Entre dez meretrizes, nove são cocainômanas”.

Abrindo um rápido parêntese, ao se realizar um paralelo entre o modo como os vícios elegantes entraram na sociedade brasileira no seu período de adesão ao projeto de Modernidade e cultura de produção e o modo como o uso das drogas sintéticas entram na cena contemporânea da cultura de consumo há alguma semelhança na construção da carreira de usuário – uma viagem à Europa financiada pela família que sonha que o filho adquira hábitos culturais e status de primeiro mundo foi algumas vezes como o processo se desencadeou, como um dos interlocutores relatará mais adiante. Em relação sociose deselegante, também é possível fazer uma comparação entre o usuário de maconha daquele período e o usuário de crack de hoje, aquele que geralmente só aparece nas páginas policiais depois de morto. Parêntese fechado.

Numa macroperspectiva configuracional, a polarização *Vícios elegantes X Sociose deselegante* representou uma relação social de poder entre estabelecidos e *outsiders*: os usuários economicamente incluídos eram representados como elegantes, pois mesmo quando o seu consumo saía de controle eles tinham recursos para “remediar” o problema frequentando sanatórios particulares ou simplesmente realizando uma longa viagem de férias. Por outro lado, os usuários economicamente excluídos não eram apenas deselegantes. A representação corrente de sua “fraqueza moral” indicava que sem recursos simbólicos e materiais para remediar sua condição – ou mesmo mantê-la estabilizada - haveria uma possibilidade do uso de maconha levar ao desvio em direção ao crime, pois a ação dessa substância inibiria a razão fraca e liberaria as emoções primitivas. Na lógica da cultura de produção que a Modernidade trouxe ao Brasil o processo civilizador e seus controles sociais corriam o risco de serem cancelados pelo uso da maconha, pois esta sustentava potencial para libertar a faceta incivilizada do homem:

“o homem no seu natural é agressivo. A relativa tolerância do indivíduo moderno é consequência de imposição de penalidades, da polícia; dos códigos e dos regimentos. A sua tendência é a de viver primitivamente, depredando, reclamando agredindo, e só não o faz porque a vida em comum o impede e tem meios para punir. Veja-se o indígena. E a maconha tem a capacidade de retirar, transitoriamente embora, esta censura das camadas superiores do cérebro, mostra o homem tal qual é.” (PARREIRAS: 1958, 261)

No contexto histórico dessa reflexão de Parreiras<sup>37</sup>, quando negros e índios eram integrantes de etnias representadas majoritariamente como vulneráveis as tentações

---

<sup>37</sup> - médico que foi nomeado Chefe da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes.

anticivilizatórias que embotavam “as camadas superiores do cérebro”, a CNFE (Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, criada em 1936) funcionou com o objetivo de estabelecer normas de controle fiscalizador em relação ao cultivo, extração, produção, posse, oferta, venda, compra e uso ilícito de entorpecentes, normas que protegessem a sociedade do “homem tal qual é”. A maconha assim foi tornada um problema de âmbito nacional, sustentado nos argumentos de Rodrigues Dória – que não apenas foi um político bem articulado como também foi professor de Medicina Pública da Faculdade de Direito da Bahia e presidente da Sociedade de Medicina Legal.

Na tese de cunho eugênico sustentada por Dória o escravo foi protagonista do plantar e do cultivar a maconha no Brasil. Dória partiu do ponto de vista de que o uso desta planta é “muito disseminado entre pessoas de baixa condição, na maioria analfabetos”, (Adiala:1986,13) sendo que seus “pesares, as dores e a busca de prazeres são apresentados como motivadores do vício e as taras degenerativas como condição facilitadora” (Adiala:1986,13). Essa leitura aparentemente classista do quadro social não encobre que os pobres e analfabetos referidos eram os negros escravos e descendentes. Dória credita à planta da maconha um status étnico, inferindo suas qualidades a partir das supostas qualidades da raça negra; se o negro era intemperante o uso da maconha o levava ao vício, se o negro era agressivo o uso da maconha o levava a violência, se o negro era ignorante o uso da maconha o levava a degradação. Eis a “vingança dos vencidos”, a herança maldita que os escravos legaram para o processo civilizador...

A configuração da balança de poder entre os que se propunham a enfrentar institucionalmente a questão das drogas ganha contornos mais definidos. Em 1921 o decreto-lei 4.294 foi promulgado intensificando a repressão ao “comercio ilícito de entorpecentes, à embriaguez, à cartomancia e ao falso espiritismo”<sup>38</sup> (Resende: 2006, 21). Os farmacêuticos e droguistas locais, assim como seus pares estadunidenses, resistiram ao excesso de controle imposto<sup>39</sup> e em 1928 uma comissão elaborou um documento endereçado ao Departamento Nacional de Saúde Pública no qual defendia um maior envolvimento do governo no tratamento dos usuários. Estava nacionalmente

---

<sup>38</sup> - a repressão à cartomancia e ao falso espiritismo demonstra que se buscava controlar todas as possíveis manifestações de irracionalidade contrárias ao que se interpretava como processo civilizador, e não apenas ao uso de drogas.

<sup>39</sup> - a partir da primeira conferência internacional de Genebra em 1925, as drogas que antes eram consideradas imorais passam ser ilegais, configurando um estatuto que antes moral passava a ser jurídico, disciplinador e normatizador.

polarizado o *setting* entre a perspectiva médica e a policial no enfrentamento da questão das drogas.

A década de 1930 e o processo revolucionário/ditatorial instaurado no período trouxeram como consequências valores moralizadores que impuseram controles comportamentais ao estilo de vida boêmio principalmente em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Não foi por acaso que os textos reunidos no livro *Cocaína* (Resende: 2006) escritos por autores respeitáveis das três primeiras décadas daquele século e que refletiam o estilo de vida da juventude da elite brasileira do período sofreram uma censura invisível e silenciosa permanecendo mais de seis décadas longe dos olhos do grande público. A imagem do jovem brasileiro que se tem registrada como representativa é a imagem que vigorou a partir nos anos 1960 quando, em meio aos movimentos estudantis, o uso de drogas foi mais uma vez ressignificado.

## 1.8 - O *homo academicus* em algumas configurações contemporâneas

E por falar em movimentos universitários, afinal quem são os estudantes universitários? No âmbito local se sabe que 79,6% dos jovens baianos não são universitários (A Tarde: 05/09/08), mas quem são esses outros 20,4%? Para chegar perto de uma resposta que não seja meramente estatística é preciso deixar momentaneamente de lado as fronteiras geográficas da Bahia e observar que a categoria estudante universitário ganhou maior visibilidade no mundo a partir da década de 1960 do século XX. É a partir desse *setting* específico que são aqui trazidas algumas perspectivas das ciências sociais que possam ser consideradas significativas para os propósitos de construir um diálogo com a condição de ser universitário na contemporaneidade. Assim, num primeiro momento estabelecendo uma ponte dialógica com os sociólogos Bourdieu & Passeron (*o tempo e o espaço no mundo estudantil*, 1968) é interessante ressaltar como estes autores interpretaram o campo universitário de Paris, inicialmente como campo de ruptura com as tradições estabelecidas na administração do tempo de trabalho e do tempo de lazer:

“A condição de estudante permite quebrar os padrões temporais da vida social ou mudar-lhe a ordem. Sentir-se estudante é, de início, e talvez antes de tudo, sentir-se livre para ir ao cinema a qualquer hora e, por conseqüência, nunca aos domingos como os demais; é empenhar-se em enfraquecer ou submeter as grandes oposições que estruturam imperiosamente tanto o lazer como as atividades dos adultos; é  *fingir* desconhecer a oposição entre os dias feriados e a semana, o dia e a noite, o tempo consagrado ao trabalho e o tempo livre” (BOURDIEU & PASSERON:1968, 62).

De acordo com essa leitura, é possível interpretar que o estudante é antes de tudo, um “fingidor”, no sentido de ser um ator que vem a ter possibilidades de inverter papéis sociais sem com isso se descaracterizar. Ele é alguém que pode estabelecer como uma de suas prioridades, buscar a inversão entre feriado e dia de semana, sendo assim, alguém que possivelmente não necessita viver separadamente um tempo de produção e um tempo de lazer. E o que o autorizaria a se portar com essa autonomia? A obtenção da carteira de estudante, um título que mesmo temporário lhe credencia alguma distinção social. Na perspectiva apontada pelos autores, ser estudante é ser alguém que ao atingir o status universitário, pode fingir ser adulto até para escolher consumir o tempo de forma como só um não adulto pode fazê-lo. Sua autoridade para tanto é legitimada na medida

em que aos adultos não universitários, ela não é concedida, não sendo estes autorizados a usufruí-la. Mas não é apenas isto que está em jogo:

“Mais próximo do agregado sem consistência que do grupo profissional, o meio estudantil apresentaria todos os sintomas da anomia se os estudantes não fossem senão estudantes e se não estivessem integrados em outros grupos, isto é, na maior parte, à sua família ou secundariamente a grupos eletivos como as associações religiosas ou os partidos [...] os estudantes mais ligados ao meio familiar ou a associações secundárias estão ao mesmo tempo na origem da maior parte das tentativas para dar vida ao grupo dos discípulos” (BOURDIEU & PASSERON:1968, 68).

Neste segmento, Bordieu & Passeron fazem uma elaboração em torno de como as integrações do meio estudantil são dispostas de modo a processar *habitus*<sup>40</sup> não anômicos<sup>41</sup>. Se processam integrações como disposições de *habitus* eletíveis e estes grupos, por mais heterodoxos que sejam, buscam uma imersão num sentimento fraternal quase religioso e uma convicção ludicamente política para se estabelecerem enquanto unidade estudantil. Indo adiante, é possível perceber que a leitura realizada pelos autores sobre a cultura de Cafés dos anos 60, permite aqui um paralelo interpretativo em relação a cultura de barzinho dos dias atuais, isto é, trocando o consumo de café dos campi franceses pelo consumo de cerveja dos barzinhos soteropolitanos, há um cenário em comum onde se pode perceber como a cultura universitária representa as possibilidades de configuração comunitária:

“a unidade elementar do cafés estudantis é ainda a mesa, isso se dá porque inúmeros estudantes vêm consumir, antes de mais nada, as significações simbólicas de que são investidos o café, e o trabalho solitário no café... faz parte do espaço mítico em que os estudantes vêm encontrar o estudante arquetípico, mais do que se reunir uns com os outros. Incluindo o próprio ‘quarto de estudante’, não há espaço imposto por pressões econômicas que não possa se prestar ao jogo das transfigurações simbólicas” (BOURDIEU & PASSERON:1968,72).

Levando em conta as “transfigurações simbólicas” possíveis, Bordieu & Passeron cogitam que o Café como espaço de consumo é onde o estudante poderia fomentar uma percepção das relações sociais mais pautadas numa lúdica troca fraternal – mais horizontalizada, de igual para igual – com o outro, do que em trocas que seguissem um austero modelo paternal – mais verticalizada - e que talvez correspondesse ao modelo

---

<sup>40</sup> - e os *habitus* para Bourdieu, assim como Elias, são as chaves das dinâmicas relacionais.

<sup>41</sup> - principalmente quando a representação então corrente de anomia implicava em disfunção e não em uma condição funcional específica, como usada originariamente por Durkheim (ELIAS & SCOTTSON:2000,9).

comunitário de igreja ou de partido que restaria como modelo aos jovens que não tivessem por objetivo “um encontro” com um estudante arquetípico. Em relação aos laços dessa fraternidade, e mesmo enquanto esta se configura e se estabelece como comunidade de estudantes arquetípica, um ou outro professor talvez possa eventualmente representar uma figura paterna menos ameaçadora aos propósitos desse engajamento: “O professor pode mesmo aparecer como garantia e fiança de legitimidade dos engajamentos mais distantes do universo escolar” (Bourdieu & Passeron: 1968,73)<sup>42</sup>. A busca por um vínculo fraternal aqui apontado por Bourdieu & Passeron não deve ser interpretada como um desvio nos enfrentamentos das relações de poder, porém como uma perspectiva alternativa para realizar tal enfrentamento - nisso mantendo uma interface com o que foi percebido na presente pesquisa. Por exemplo, a respeito do status acadêmico é dito que:

“como o acesso a *intelligentsia* não é um projeto racional e razoável, senão para uma fração restrita de estudantes, qual pode ser a função dessa experiência fictícia e lúdica da condição intelectual, tal como é dado a todos os estudantes realizar durante vários anos, inclusive aqueles que não serão intelectuais?” [...] O exercício simbólico da profissão intelectual [...] das tarefas de intelectual acabado são, sob certo ponto de vista e para certas categorias de estudantes, uma das condições da adesão aos valores que dominam o mundo intelectual [...] Longe de ser um simples meio, a aprendizagem é, em si, seu fim” (BOURDIEU & PASSERON:1968,76).

Numa interpretação pragmática, as palavras acima indicam que o status acadêmico pode ser tão ou mais valorizado que o saber que supostamente lhe é correspondente. Nesse específico sentido simbólico, a pesquisa sobre os estudantes de Paris pode estabelecer uma aproximação maior do “estudo” – ou melhor, da carreira de estudante - com o jogo do que com o trabalho. Os autores apontam que: “Pela natureza da sanção mais séria que ele encerra, o exame, o sistema universitário está, indubitavelmente, mais próximo do jogo que do trabalho” (Bourdieu & Passeron:1968,77). O que isso indica? Muito mais do que apontar que o estudo não é coisa séria, indica que a carreira de quem estuda se configura num desdobramento simbólico das relações dinâmicas suscitadas pelas situações de jogo - e o exame mede exatamente a capacidade do estudante controlar suas emoções em prol de uma meta a ser atingida - onde o campo

---

<sup>42</sup> - inclusive, na pesquisa em curso, alguns interlocutores ativistas antiproibicionistas tipicamente atuantes, são ex-alunos de um professor com tais características.

universitário pode ser interpretado como um jogo de *habitus academicus*, jogo que consagra disposições:

“Se o universo escolar evoca por mais de um traço o universo do jogo, campo de aplicação de regras, que só valem enquanto se aceita jogar com elas, espaço e tempo limitados, delimitados, extraídos do mundo real, onde pesam os determinismos, é que, mais do que todo outro jogo, ele propõe ou impõe aos que o jogam a tentação de se apegar ao jogo, dando-lhes a crer que ele tem o próprio ser como perda ou ganho” (BOURDIEU & PASSERON:1968,77).

Aqui, os autores buscam afastar o viés pelo qual se interpreta o *setting* universitário emblematizado nos anos 60 como disfuncional, pois reconhecem que o estudante enquanto *outsider* “ao mundo real” não deixou de ser e saber-se estabelecido em relação a este mundo real, nem deixou de estar sendo muito mais nômico do que anômico no jogo do referido “campo de aplicação de regras”.

“Como não ver, efetivamente, que a revolta contra o sistema escolar e a evasão pelos entusiasmos heterodoxos realizem por vias tortas os fins últimos que a universidade persegue?... As condutas, na aparência mais boêmicas, não são frequentemente senão a obediência a modelos tradicionais fora do campo tradicional de aplicação desses modelos e os franco-atiradores da cultura de bons alunos que fazem gazeta... a revolta contra a pressão exterior à regra é uma das vias por onde se realiza a interiorização dos valores impostos pela regra; como no mito freudiano, é com o assassinato do pai que começa o reino do pai introjetado” (BOURDIEU & PASSERON:1968,78).

Bourdieu & Passeron aqui estabelecem um curioso diálogo com a perspectiva sustentada por Freud em *Totem e Tabu*, (1974c)<sup>43</sup> para explicitar que o compromisso dos estudantes com a liberdade de serem estudantes não os eximia da responsabilidade em arcar com a segurança que deveriam oferecer à sociedade como futuros trabalhadores, responsabilidade inclusive em relação aos não universitários. Ao cortarem o cordão umbilical que os unia “aos modelos tradicionais” os estudantes se tornaram parte de um novo modelo de tradição. Nesse processo de naturalização de “entusiasmos heterodoxos” que não se resumem a mesas de bar, os estudantes acabam sendo:

---

<sup>43</sup> - nesse texto Freud faz uma “viagem” aos tempos das culturas pré-históricas e argumenta sobre as relações de poder arcaicas nas quais aqueles que se rebelaram contra o pai dominador e lhe tomaram o poder – assassinando-o – depois, ao perceberem a ausência do líder no grupo, temeram por sua desagregação e se sentiram culpados por terem deixado suas emoções correrem sem controle. A culpa aqui sinaliza a introjeção do controle representado na figura paterna.



“levados a confundir as rupturas simbólicas da adolescência com uma realização intelectual. Assim, inúmeras moças estudantes, das quais tantas escolhas permanecem regidas pelos mais tradicionais modelos, realizam a imagem que elas se fazem, da intelectual livre, libertando-se das normas sexuais [...] E o encanto de certos engajamentos políticos está frequentemente, de certa forma, em que eles permitem a consumação simbólica do rompimento com o meio familiar, sob a forma simultaneamente menos dolorosa e mais escandalosa.<sup>44</sup> O jogo tipicamente intelectual da tomada de distância de todas as limitações, quer se trate de origem social ou do futuro profissional e dos estudos que o preparam, chama e suporta o jogo da diferenciação pela diferenciação” (BOURDIEU & PASSERON:1968,79).

Ao invés de um rompimento com padrões anteriores, as inquietações estudantis podem estar indicando um compromisso velado com a continuidade<sup>45</sup>. Eis uma construção identitária dos jovens universitários, onde a sexualidade e a militância política, muito mais do que ferramentas de corte e rompimento, funcionaram como atualizações das disposições comunitárias, nas quais os estudantes estavam inclusos.

Sendo que o compromisso com a continuidade não é necessariamente sinônimo de acomodação, Bourdieu e Passeron percebem e apontam claramente a obsolescência da tentativa de operar uma “redução” da cultura universitária às racionalidades de uma cultura de produção: “as ideologias e as imagens suscitadas pelo relacionamento tradicional à cultura condenam a prática universitária, professoral ou estudantil, a apreender o real apenas indireta e simbolicamente, isto é, através do véu da ilusão retórica” (Bourdieu & Passeron:1968,83). De fato, no momento histórico em que tal pesquisa foi realizada na França, a retórica universitária insurgente estava sendo usada para desconstruir a retórica estabelecida.

Segundo esses autores há duas perspectivas – pelo menos! - quando se enfatiza as bases da condição estudantil, levando em conta que, se a maioria dos universitários possui aspirações “burguesas” de consumir, nem todos possuem condições econômicas de levar esse consumo à cabo:

“uma é característica, sobretudo dos estudantes de origem burguesa, que fazem dos seus estudos uma experiência em que não entram problemas mais sérios do que eles aí introduzem. O outro exprime a inquietude do futuro, própria dos estudantes vindos das camadas sociais mais afastadas da cultura escolar e condenados a vivê-la irrealmente” (BOURDIEU & PASSERON: 1968,86).

---

<sup>44</sup> - reflexão compatível com a relação do interlocutor Rimbaud com sua mãe, apresentada mais adiante.

<sup>45</sup> - hoje em dia configuradas em seus respectivos *settings*, estas inquietações estudantis soariam muito menos intelectuais e muito mais reflexivas, pragmáticas.

Desse modo, o estudante universitário por mais autônomo que pareça ser, não escapa da sujeição a ter uma representação estabelecida que lhe antecede; ou como apto a alcançar suas aspirações ou como estando operacionalmente à margem de poder realizar tais aspirações. Mas como a universidade não se resume a estudantes, Bourdieu, alguns anos depois, já sem a colaboração de Passeron, também traçou algumas considerações sobre os professores, que, com as devidas mediações, acabam sendo referências pertinentes para interpretar as comunidades de estudantes. Em seu estudo específico sobre as relações de poder na academia francesa (*Homo academicus*:2008), o autor constata que a relação hierarquizada de poder entre membros da academia tende a perpetuar-se independentemente da dominação pender para um lado ou para o outro, pois em última instância, é a tensão gerada por esta pendência que “naturaliza” as posições sociais e a ordem do mundo universitário.

De acordo com essa pesquisa, os *habitus* dos intelectuais acadêmicos incorporam crenças e comportamentos que delimitam objetivamente o que deve ser o campo acadêmico. E se todo campo deve ter capitais culturais correspondentes, o campo acadêmico, tem seus capitais formatados em relação a três recortes: os capitais equacionados entre o prestígio disciplinar e as origens de classe, os capitais referentes à tensão da renovação do quadro docente em meio aos docentes veteranos, e por fim, os capitais associados à polarização de valores entre cursos ortodoxos e heterodoxos. Por hora esse último ponto é o que interessa.

Bourdieu constatou uma polarização entre os cursos com valores e representações ortodoxas - cursos que ostentam uma tradição de longa data, legitimados especificamente em função dessa temporalidade - e cursos heterodoxos, sendo estes últimos considerados cursos que podem vir a sustentar representações heréticas, no sentido de formularem perspectivas contrárias aos ortodoxos. O autor francês indica que em alguns casos, os heréticos desses cursos conquistam seguidores suficientes para torná-los “heréticos consagrados”, cujas percepções e comportamentos tornam-se aceitos também em certos círculos com status ortodoxo. Esta categoria de heréticos quando consagrada – consagrada precisamente enquanto herética - ganha autonomia e respeito em relação às pressões conservadoras da academia.

Abraçando esse raciocínio bourdiesiano, observemos o caso da presente pesquisa. Em sua primeira parte, seguindo indicações de que havia um grande consumo de drogas lícitas de forma ilícita entre os biomédicos, especificamente nos cursos de medicina e enfermagem onde o acesso aos fármacos é facilitado, fui em busca de contatos na área

que pudessem propiciar uma interlocução, mas, de cinco contatos realizados - contatos efetuados por intermédio da rede de relações de outros interlocutores - nenhum se dispôs a participar da pesquisa, com receio de que a exposição de sua privacidade maculasse-lhe a representação, mesmo sendo assegurado o anonimato<sup>46</sup>.

De forma geral há nessa postura defensiva uma indicação de que o discurso desses médicos pode estar muito mais próximo de delimitar a relação *liberdade X segurança* como uma oposição – *ou* uma categoria *ou* outra. Por sua vez, o discurso dos interlocutores oriundos das humanidades, que na quase totalidade achou fundamental trazer esta discussão à baila sem temer que a exposição de suas idéias lhes maculasse a representação, está mais próximo da busca por uma relação de complementaridade entre as categorias *liberdade e segurança* – uma categoria *e* a outra. Assim, há indicações de que diferenças entre uma área de conhecimento e outra não residem apenas nas metodologias de pesquisa e nos seus objetos de estudo, mas principalmente em função das perspectivas e das representações dos sujeitos envolvidos e de seus respectivos status.

Ao perspectivar a realidade acadêmica local é bom lembrar que se a realidade da França pesquisada por Bourdieu e a realidade do Brasil são muito diferentes, o modelo universitário brasileiro tem uma interface com o modelo francês,<sup>47</sup> daí ser não apenas possível como viável dialogar com essa interpretação de Bourdieu. Mas de qualquer maneira, não é só a realidade universitária francesa que oferece material comparativo para a pesquisa aqui em curso, como deixa claro, o estudo efetuado por Habermas, Friedeburg, Oehler e Weitz entre os estudantes alemães no mesmo momento histórico da pesquisa francesa, intitulada: *O comportamento político dos estudantes comparado ao da população geral*. Nessa pesquisa, há indícios de uma possível universalização do perfil dos universitários, perfil traçado anteriormente.

“A situação do estudante é, antes de mais nada, peculiar. Por um lado, é considerado adulto e, por outro, não tem licença para sê-lo... Os interesses ‘ligados à formação’ dos estudantes são transitórios. Não são fixos, como os interesses profissionais, mas ligados à situação temporária da formação. Contudo os estudantes não são mais alunos. São considerados adultos, cuja responsabilidade é alvo dos apelos de todos os grupos imagináveis, inclusive do Estado” (HABERMAS, FRIEDEBURG, OEHLER & WEITZ: 1968,116).

---

<sup>46</sup> - dessa forma o universo da pesquisa de mestrado se concentrou nas humanidades onde a receptividade ao projeto foi ampla.

<sup>47</sup> – basta analisar a formação da USP, referência nacional como centro universitário *Prime*.

Esta interpretação está muito próxima da que foi operada anteriormente por Bourdieu e Passeron, e, nessa perspectiva, é possível localizar no texto a referência a um *setting* universitário, um *ethos* favorável a uma específica universalização da representação peculiar apontada. Por outro lado, essa universalização não implica necessariamente numa uniformidade de disposições: “Subjetivamente muitos estudantes não se sentem distanciados. Mas objetivamente o estão”, (Habermas, Friedeburg, Oehler & Weitz: 1968,130). E esse distanciamento talvez até seja legitimável se ele se dá em função de modelos de responsabilidade então dominantes que se mostram defasados diante das expectativas das comunidades de jovens, principalmente estudantes. Esse distanciamento traz à tona a impossibilidade de uma agenda universitária legitimamente autônoma, mas talvez deva se levar em conta que essa impossibilidade é que dá sentido a busca por uma agenda. Então, poder alienar-se do tempo dominante no qual domingo é dia de cinema e segunda-feira é dia de trabalho, e não o contrário, fará parte da nova e diversificada “programação curricular”.

“Pode-se, de fato, verificar que os jovens (mas não só eles) julgam os fatos políticos a partir do âmbito de sua experiência pessoal e casual, e não baseados em argumentos e contra-argumentos objetivos. Inclusive nesse ponto, os estudantes ocupam posição especial. Eles entendem o aspecto ‘abstrato’ da democracia, o que geralmente não ocorre com outras pessoas” (HABERMAS, FRIEDEBURG, OEHLER & WEITZ:1968, 120).

O que os pesquisadores alemães pontuam é que ser universitário é representado em certa medida, como a superação de ser jovem. Estando estes jovens ingressos no campo universitário, potencializam-se para perceber que as dimensões práticas da democracia são muito menos democráticas do que sugere a teoria. Em outras palavras, parece restar como opção que a representação dos universitários em construção indique um específico capital cultural que lhes credencie muito mais status em seu próprio círculo do que realmente indique que estejam operando mudanças efetivas nas relações de poder entre eles e o restante da sociedade. A aceitação dos limites desse status é onde se configura ou não a condição universitária, pois o *habitus* político é deslocado para uma dimensão mais psicologizada:

“A colocação adequada do problema da participação política consiste em retroceder do plano das manifestações isoladas de comportamento (nas quais a participação é objetivada) para o da atitude, na qual se expressa uma participação política, que não se traduz mais em ações. A essa atitude damos a

designação de hábito político. O hábito expressa não tanto as ações como os impulsos, não tanto as imagens como os traços característicos de uma mentalidade” (HABERMAS, FRIEDEBURG, OEHLER & WEITZ:1968, 127).

Os autores alemães chamam a atenção para a participação política como um *habitus*. Mas este é um *habitus* ressignificado em relação ao que até então se pensava como participação política. O que na interpretação de alguns observadores ortodoxos pode ser considerado como distanciamento não político por parte dos estudantes, como alienação ideológica, para os próprios estudantes em foco, significou uma atitude política heterodoxa. A busca por uma cultura universitária enquanto *ethos* propício a atitudes é uma perspectiva política com uma linha de participação extremamente diferenciada das até então dominantes. Essas interpretações de Habermas & cia não têm vigência só na Europa, pois outras pesquisas realizadas no mesmo recorte temporal do lado de cá do Atlântico, indicam que a cultura universitária como campo para o estabelecimento da cultura política estudantil também foi uma atitude presente. Em relação às manifestações contestatórias de alguns universitários norte-americanos, as reflexões dos pesquisadores Goodman & Glaser (*uma controvérsia sobre a revolta dos estudantes de Bekerley*, 1968) seguem uma linha argumentativa que denuncia os limites da perspectiva política da condição universitária que então se configurava:

“os estudantes chamaram a atenção para o fato de que a Universidade da Califórnia tornou-se uma ‘fábrica’, desrespeitando o corpo docente e os alunos, uma fábrica em que se processam licenças profissionais e treinamento dirigido a corporações tecnológicas, e um local para se realizar pesquisas contratadas por entidades externas”, (GOODMAN & GLAZER:1968, 126).

Nesse caso, as manifestações estudantis são interpretadas como motivadas pela instabilidade proporcionada em seu lócus por forças exteriores ao campo acadêmico – por forças que na época, ainda não eram chamadas de “Mercado”. A redução de uma Universidade renomada como Bekerley à categoria de “fábrica”, feriu não só o respeito pela autonomia da Instituição Universitária, mas também a respeitabilidade da identidade dos estudantes. Então, o que pôde ser percebido concretamente pelos pesquisadores não foi apenas o movimento dos estudantes, foi o movimento dos estudantes interagindo com a sociedade. Nesse ponto, a luta por proibidade acadêmica não foi travada exclusivamente no nível simbólico:

“Até agora dois novos fatores na revolta de Bekerley apareceram: 1- Os estudantes desejam estender o conceito de Liberdade Universitária desde o *Lehrfreiheit* (liberdade para os professores para ensinar de acordo com sua capacidade) e incluir o *Lernfreiheit* (liberdade dos estudantes para pedir o que precisam ser ensinados, e, se necessário, convidar professores, inclusive para defensores de suas causas). 2- O corpo docente, estimulado pelos estudantes, deseja reassumir as prerrogativas que tinha transferido para a administração, como por exemplo, a disciplina”, (GOODMAN & GLAZER:1968,126).

“A tentativa de estender a Liberdade Universitária à Liberdade de Aprender implica uma transformação revolucionária no *status* dos indivíduos que frequentam uma universidade. Até agora, os universitários americanos têm sido considerados, e consideram a si próprios, como adolescentes extemporâneos; mas a reivindicação do direito ao *Lernfreiheit* significa que eles são jovens adultos capazes de saber por que devem lutar [...] Na Europa, ‘ser estudante’ é, em si mesmo, uma espécie de profissão dos adultos jovens, especialmente os de classe alta”, (GOODMAN & GLAZER:1968,128).

Profissão dos adultos de classe alta, será essa definição de universitário um problema ou uma solução? Se apenas os adolescentes extemporâneos de classe alta puderem configurar forças para forjar uma cultura universitária; então ser estudante é uma profissão que equivale a um título de nobreza, tendo pouco a ver com cidadania. Não sendo este o caso, o direito ao *Lernfreiheit* demandado pelos universitários é em última instância, o direito de exercer a plena cidadania. Contudo, ser cidadão talvez não seja uma missão ao alcance de todos, principalmente para os que passaram direto da adolescência para uma carreira de trabalhador adulto, sem o privilégio de ter sido estudante universitário. Ou de pelo menos, ter estado na rede de relações diretas e reflexivas destes:

“a principal ação *política* dos estudantes seria, no momento, a de humanização interna e a de tornar culturais as atividades da comunidade universitária – pois os *coleges* e as universidades têm se tornado tão entrelaçados ao sistema emaranhado da sociedade que quaisquer inovações de progresso interno causarão um estremecimento sério no sistema”, (GOODMAN & GLAZER:1968:130).

De acordo com a perspectiva de Goodman e Glaser, a cultura política de origem universitária é um modelo que emana reflexividade incontornável para o restante da sociedade, pois o estilo de vida universitário também passa a influenciar o estilo de vida dos não universitários. Já Seymour Lipset em uma pesquisa intitulada *O comportamento político da juventude universitária* alarga o horizonte comparativo ao investigar focos da juventude universitária nas Américas, Europa e Ásia, registrando as oscilações que

norteariam as dificuldades para administrar as dimensões públicas e privadas dessa tentativa de mudança de paradigma.

“existe uma tendência inerente aos estudantes para tomar uma posição definida em relação ao *status quo*, extensiva à vida intelectual e a seu *status* de futura elite, na qual tentam valer-se de seus conhecimentos e valores como padrões de julgamento do comportamento manifestado pelas elites atuais [...] Muitos movimentos de protesto que visam mudanças na universidade não são necessariamente vinculados a uma reivindicação por mudanças radicais na estrutura social. [...] Apesar de receber um tipo de educação conforme a uma moderna orientação dentro da universidade, muitos dos estudantes dessa sociedade, se não a maioria, foram socializados num ambiente tradicional, e deles só se pode esperar que resistam às mudanças que ameaçam transformar radicalmente os valores e conhecimentos com os quais cresceram”, (LIPSET:1968, 134).

Assim também como os pesquisadores alemães, Lipset constata que a busca por mudanças realizada pelos estudantes se refere a interesses específicos, não sendo necessariamente interesses estruturais. De modo geral, os aspectos que parecem comuns a esses quatro estudos realizados nos anos 1960 e que devem ser registrados, são que; ao universitário é permitido um modelo de inversão – na polarização segurança/liberdade –, para tornar-se adulto com permissão para não sê-lo quando assim fosse adequado. Sua cultura política - num modelo cultural que se representa como menos retórico do que mimético -, por mais que busque ser autônoma não o é, estando interpenetrada com a cultura política ortodoxa, e refletindo esta tensão para o restante da sociedade.

Já especificamente no caso de um país como o Brasil que, diferentemente de França, Alemanha e EUA, apresenta grandes desigualdades econômicas e educacionais, o significado de, voltar quarenta anos até os anos 1960 para interpretar, em perspectiva, certas possibilidades de representação estudantil, é realizar inevitavelmente uma análise crítica do papel do estudante como agente de mudança naquela configuração, muito mais do que uma análise de sua luta acadêmica por status. Pensemos em como os estudantes universitários daquele período tentaram equilibrar a balança entre liberdade e segurança nas relações de poder. No livro do jornalista Zuenir Ventura, *1968: O ano que não terminou* (2008), se percebe o quanto os estudantes, quando imbuídos de uma proposta comunitária, podem “ser fortemente políticos” não só em meio à comunidade

acadêmica, mas em meio ao contexto mais amplo da sociedade, explicitando o que foi viver num momento histórico de refluxo da noção de civilidade<sup>48</sup>.

Em 1968, no dia primeiro de abril – não é brincadeira, verdade! –, o Brasil esteve muito adiante do famoso mês de maio francês no que diz respeito ao papel do estudante universitário enquanto agente produtor de conhecimento e de mudança social. Este pioneirismo se configurou pelo momento histórico brasileiro, no qual a democracia era muito menos uma referência concreta do que simbólica. No correr daquele ano, o Estado brasileiro deixou a perspectiva dialógica de lado e passou a usar frequentemente a força física contra os universitários:

“As agitações estudantis se alastraram por quase todo o país. Em Fortaleza, o Serviço de Informações dos Estados Unidos, o USIS, era destruído por manifestantes; em Recife, 2 mil universitários realizaram uma passeata proibida; em Belém, estudantes eram retirados à força da universidade, fechada pelo reitor; em Natal, uma greve paralisa todas as faculdades; em Maceió, protestos; na Bahia, um estudante ferido por um policial revolta a população; em Brasília, a universidade permanecia ocupada pelos estudantes e cercada pela polícia; Em Minas, três estudantes eram baleados, um policial gravemente ferido por um paralelepípedo e um carro oficial incendiado; Em São Luís, os muros amanheceram pichados: ‘O Brasil é um novo Vietnã’. Em Goiânia, um policial civil invadiu a catedral Metropolitana, onde se reuniam estudantes, e feriu a bala dois deles” (VENTURA: 2008 A,104).

Hoje em dia os estudantes ocupam universidades protestando contra gestões duvidosas ou para assistir filmes arbitrariamente proibidos<sup>49</sup> chegando a receber apoio da comunidade não acadêmica, mas quatro décadas atrás, as lutas eram bem mais sangrentas e menos populares. Apesar dos objetivos em questão abrangerem questões politicamente ligadas à liberdade do cidadão e não necessariamente do cidadão universitário, os protestos estudantis acabaram obtendo muito pouco apoio da população não universitária. O certo é que com quarenta e dois anos de distância de 1968, as lutas culturais passaram a ser incorporadas às problemáticas que as comunidades universitárias enfrentam, concomitantemente à busca por um patamar de valores mais democráticos. Pode-se cogitar que desses mais de quarenta anos, os vinte primeiros foram gastos para garantir a configuração de um *setting* minimamente democrático, e que assim, as lutas culturais levantadas pelos universitários - mas não só por estes -

---

<sup>48</sup> – Num processo totalitário quando as individualidades são submetidas a controles sociais rígidos as emoções individuais mais violentas já não podem ser sumariamente submetidas ao autocontrole psicológico, com o risco de eclodir episodicamente, o que leva o próprio processo civilizador ao risco de se desconfigurar. (ELIAS:1990).

<sup>49</sup> – como será analisado na página 104.



puderam ganhar a estabilidade de *habitus* sociais. Contudo, em 1968 a realidade local era outra:

“Distingo uma diferença bem significativa entre o 68 nos países em desenvolvimento e o 68 norte-americano e europeu. Aqui houve um choque direto contra a repressão, contra a falta de democracia. Lá, o movimento se deu no contexto democrático. Enquanto nós estávamos mais voltados para a obtenção da democracia, eles já transcendiam esse campo, suas lutas já eram culturais” – *Fernando Gabeira* (VENTURA:2008 B,162).

“Ao contrário de outros países onde a motivação tinha a ver com exigências de liberdade sexual, o movimento no Brasil foi desde o começo essencialmente político. Na França, alunos da Universidade de Nanterre deram início a insurreição com uma reivindicação de dormitórios mistos... Nos Estados Unidos, uma aluna da Universidade Columbia, revelou ao *New York Times* em *off*, com medo de aparecer, que dormia com o namorado nas dependências masculinas do colégio. Descoberta sua identidade, a jovem foi ameaçada de expulsão, e uma onda de protestos se transformou num grande debate sobre direitos individuais e sobre a moral da nova geração. Já no Brasil, as manifestações começaram com a morte pela polícia carioca do estudante Edson Luis, num protesto contra o FMI (Fundo Monetário Internacional) no restaurante estudantil do Calabouço. As moças brasileiras não carregavam o cartaz “Virgindade dá câncer”, como no México, mas “Abaixo a ditadura” (VENTURA: 2008 B, 96/97).

Conquistada uma maior segurança num processo democrático, passa-se a ter mais espaço para lidar com as liberdades individuais e coletivas, e não apenas entre os universitários<sup>50</sup>. Esta etapa de transição, nos dias de hoje passa por fato já concretizado, tornada em *habitus* sociais que até parecem que sempre estiveram aí. Mas não é exatamente assim. Em *Nobres e anjos* (1998), Gilberto Velho retrata o desencantamento com o discurso estudantil – mas não apenas este - que se abateu sobre os órfãos desta geração revolucionária dos anos 60, na primeira metade da década de 70. Os sujeitos que ele chama de “nobres”, foram membros diretos desta geração; passaram pela utopia estudantil, pelo desencantamento com a situação política do país e pela busca de autoconhecimento intermediado em grande medida pelo consumo de drogas. Mesmo sendo esta uma época na qual a imagem universitária ganhou representação por suas

---

<sup>50</sup> - e já que toda regra não deixa de ter sua exceção, como interpretar a situação acontecida na *Uniban* em 22/10/09 quando uma aluna que trajava um vestido considerado muito curto foi hostilizada, ameaçada de estupro e perseguida por uma multidão de 700 colegas, a ponto de precisar de escolta policial para se proteger? Como interpretar a sua posterior expulsão da Instituição por desrespeitar “os princípios éticos” e a “dignidade acadêmica”? Como interpretar a revogação desta medida após a Instituição perceber que a sociedade se indignou com o mecanismo de controle empregado? Essa situação representa um patamar antidemocrático, onde os próprios estudantes representam o papel repressor e anticivilizatório que antes em 1968, muitos discentes condenaram. Por sua vez, a instituição em questão representa o que uma Instituição de ensino deveria combater: a intolerância aos *habitus* sociais estabelecidos como desviantes.

manifestações políticas, o que ficou registrado e incorporado na cultura das camadas sociais médias e altas, não foram explícita e exclusivamente as sequelas dos controles sociais extremos fomentados num processo ditatorial, mas sim a ressignificação de hábitos, com mudanças ligadas à esfera privada, aos cuidados de si, questões pouco ligadas diretamente às guerrilhas revolucionárias.

Já os interlocutores que Velho chama de “anjos” são os herdeiros diretos desta geração de nobres, adolescentes e jovens sem valores de produção que pudessem abraçar, frutos de uma visão de mundo anômica – e esta anomia fazia de seu consumo de drogas não um comportamento de exclusão, mas uma modalidade elitista de inclusão. Os nobres negaram os valores de produção em busca de valores alternativos, muitos largando os diplomas acadêmicos para viver como *outsiders* à cultura de produção – mas geralmente sustentados financeiramente por suas famílias tradicionais, numa aporia que ao mesmo tempo rejeita e abraça os valores do passado. Os anjos nem se preocuparam em negar o passado, negaram o futuro de onde a carreira de estudante era o “estigma” a ser evitado, vivendo apenas para consumir o presente<sup>51</sup>.

As gerações que se seguiram aos anos 1970 não deixam de refletir esta realidade. No livro *1968: o que fizemos de nós* (2008), a análise que Ventura faz da nova geração dos anos 2000 partindo de uma comparação com os jovens de 1968 e valendo-se de uma interpretação da anomia enquanto processo desviante parece ser feita para os *Anjos*, para a juventude das camadas médias cariocas pesquisadas por Velho nos anos 70:

“Filhos de um tempo que decretou o fim da história, das ideologias e das utopias, esses adolescentes adotaram como conduta a anomia, isto é, a ausência de regras, e decretaram por conta própria o fim dos limites e das interdições, instituindo o reino da permissividade”. (VENTURA:2008 B, 22).

Ventura pondera que nos anos 90, os caras-pintadas quando apareceram nas tvs caminhando e cantando pelas ruas, por algum momento pareceram que iriam ressuscitar o espírito estudantil de 68, mas sua atuação se restringiu a um fenômeno específico que foi o *impeachment* do presidente Fernando Collor. O objetivo dos estudantes caras-pintadas esteve em torno da configuração da segurança coletiva no sentido democrático e não das liberdades individuais dos próprios democratas. Já aqui nesta pesquisa ligada

---

<sup>51</sup> – com exceção desse desencantamento com a carreira estudantil, os anjos, quanto ao estilo de vida, possuem muitos pontos em comum com os interlocutores universitários da pesquisa corrente, principalmente, a busca por liberdade para consumir drogas.

especificamente ao consumo de drogas, foi observado que se as atitudes dos estudantes em relação a esse consumo, num primeiro momento parecem pontuais<sup>52</sup>, sem um pano de fundo notoriamente “democrático”, talvez devam ser consideradas como atitudes atomizadas que estão ganhando corporificação, principalmente pelo nível de organização que pode ser percebido atualmente – já não se trata simplesmente de palavras de ordem berradas, entre pedradas e correrias, há *blogs*, *twitters*, grupos de estudo, seminários e conferências acontecendo de norte a sul do país. Graças às conquistas culturais em curso no presente período histórico incontestavelmente mais democrático do que nos anos 1960, os universitários já não lutam mais com paus e pedras, mas sim com bytes e chips.

Nos dias informatizados de hoje quando muitos educadores parecem reconhecer que o objetivo central da Universidade já não se reduz a favorecer a mera assimilação de conteúdos programáticos por parte dos estudantes, mas sim possibilitar a plena formação destes enquanto seres sociais e culturais, é pertinente trazer o filósofo Jacques Derrida à cena, um autor enquadrado como pós-estruturalista – o que para uns é status para outros é estigma - com uma perspectiva teórica diferenciada dos autores até agora enfocados<sup>53</sup>. No começo do século XXI, Derrida pôs em perspectiva um projeto para a Universidade (*Universidade sem condição*, 2003) que vai além dos projetos dos e para os universitários, mas de forma nenhuma na contramão destes. Sua proposta coloca a Universidade como referência incondicional para a democratização da sociedade, e o universitário, principalmente o locado em Humanidades, como sendo o ponto de partida desse projeto, não o ponto de chegada:

“A Universidade deveria ser o lugar em que nada está livre do questionamento, nem mesmo a figura atual e determinada da democracia; [...] Eis, portanto, o que poderíamos, valendo-nos dela, chamar de Universidade sem condição: o direito de princípio de dizer tudo, ainda que a título de ficção e de experimentação do saber, e o direito de dizê-lo publicamente, de publicá-lo”. (DERRIDA:2003,18).

“eu não afirmaria que essa força de resistência, essa liberdade assumida de dizer tudo no espaço público, tenha seu lugar único ou privilegiado no que se chamam Humanidades... Mas esse princípio de incondicionalidade *se apresenta*, originalmente e por excelência, nas Humanidades”. (DERRIDA:2003,23).

---

<sup>52</sup> - como aconteceu em 2008 com a proibição da Marcha da Maconha. Não se podia imaginar que no ano seguinte a questão tomasse às proporções que tomou.

<sup>53</sup> - Derrida teve a oportunidade de assimilar as reflexões decorrentes das pesquisas sobre universitários realizadas por Bourdieu, Habermas & cia, pesquisadores que o antecederam no estudo em questão, em pelo menos trinta anos.

Como é possível perceber nesse fragmento discursivo de Derrida publicado nos primórdios dos anos 2000, há pontos em comum com os registros efetuados pelas pesquisas referenciadas nos anos 1960. A começar pela interpretação da Universidade que não é mais referenciada como objetivo final, mas como um ponto de partida na luta por direitos. E mais uma vez, as Humanidades têm um lugar de destaque no processo de ressignificação de objetivos estudantis, na desconstrução de significações que até pouco pareciam perenemente estabelecidas:

“...(o) princípio de incondicionalidade *se apresenta*, originalmente e por excelência nas Humanidades. Ele tem um lugar *de apresentação*, de manifestação [...] quando se trata de nada menos que repensar o conceito de homem, a figura da humanidade em geral, e singularmente aquela que pressupõem as assim chamadas, na Universidade, há séculos, Humanidades<sup>54</sup>. Pelo menos desse ponto de vista, a desconstrução tem seu lugar privilegiado na Universidade e nas Humanidades como lugar de resistência irredentista, até mesmo, analogicamente como uma espécie de princípio de *desobediência civil*, ou ainda, de dissidência em nome de uma lei superior e de uma justiça do pensamento.

Chamemos aqui *pensamento* o que às vezes comanda, de acordo com uma lei acima das leis, a *justiça* dessa resistência ou dessa dissidência. É também o que se faz operar ou inspira a desconstrução *como* justiça” (DERRIDA:2003, 23/24).

Vale ressaltar que para Derrida, a justiça é um valor muito mais pertinente com a contemporaneidade do que a verdade<sup>55</sup>, mesmo que justiça em relação à “uma lei acima das leis” possa até soar como uma verdade, mas verdade com letra minúscula, pois esta verdade não é *A Verdade* transcendente que conferiria identidade aos universitários com a simples entrada numa Universidade. Pelo contrário, essa “verdade” só será conquistada quando o estudante deixar a Universidade e consagrar-se como trabalhador. Nesse sentido essa não é uma verdade absoluta, muito mais próxima está da justiça em relação à sociedade como um todo, onde às pessoas que não cursaram uma universidade esperam dos que cursaram, respostas para os problemas sociais em curso. Eis a justa desconstrução da Verdade sobre a condição da Universidade.

---

<sup>54</sup> - e esse lugar da incondicionalidade não é apenas de apresentação, mas também de *representação*, como indica Foucault, um contemporâneo de Derrida: “a representação não é simplesmente um objeto para as ciências humanas; ela é [...] o próprio campo das ciências humanas, e em toda a sua extensão; é o suporte geral dessa forma de saber, aquilo a partir do qual ele é possível.” (FOUCAULT:2000, 503). Esta é a representação da cultura universitária na qual esta pesquisa ganha sentido.

<sup>55</sup> - pois de acordo com este: “Se pararmos de pensar na verdade como o nome da coisa que dá significado à vida humana, e pararmos de concordar com Platão em que a busca da verdade é a atividade humana central, então poderemos substituir a busca da verdade pela esperança messiânica de justiça” (SOUZA, 2005).

“na Universidade, dentre todos os que de uma maneira ou de outra, são considerados como nela trabalhando (docentes, pessoal de gestão ou de administração, pesquisadores, estudantes), alguns, especialmente os estudantes enquanto tais, apenas serão chamados corretamente “trabalhadores” quando um salário vier retribuir de forma regular, como uma mercadoria num mercado, a atividade de um ofício ou de uma profissão. Para isso não basta uma bolsa de estudos”. (DERRIDA:2003, 42).

“devemos declarar, e professar continuamente a idéia de que esse espaço de tipo acadêmico deve ser simbolicamente protegido por uma espécie de imunidade absoluta, *como se* seu dentro fosse inviolável – embora a proteção dessa imunidade acadêmica nunca seja pura, podendo sempre desenvolver processos perigosos de auto-imunidade, e sobretudo, embora ela não deva impedir de nos dirigir ao fora da Universidade -, sem abstenção utópica”. (DERRIDA:2003, 49).

A condição que Derrida propõe para fazer da justiça a verdade corrente entre os que estão dentro da Universidade, se concretiza quando se estabelece um canal onde possa haver um diálogo direto entre os últimos e os que estão fora da Universidade. Isto indica que numa reflexão sobre a Universidade a díade professor/aluno deve sofrer uma descentralização, assim se fazendo justiça a quem não teve acesso a este universo.

“A Universidade sem condição não se situa necessariamente, nem exclusivamente, no recinto do que se chama hoje a Universidade. Ela não é necessariamente, nem exclusivamente, exemplarmente representada na figura do professor. Ela tem lugar, procura seu lugar em toda parte onde essa incondicionalidade pode ser anunciada” (DERRIDA:2003, 82).

E se assim for, onde mais a incondicionalidade da Universidade pode ser anunciada enquanto perspectiva a não ser em meio a incondicionalidade da juventude, afinal não é o jovem que por excelência, se espera que se torne universitário?

## 1.9 - Juventude como profissão de fé

Nesse ponto do texto é necessário fazer uma mudança de foco da categoria *Universitário* para a categoria *Jovem*, uma construção tipificada nas sociedades modernas. Até os anos 1950, em face da idéia funcional contida no projeto de civilização ocidental, “ser jovem” era vivenciar uma transição entre o mundo da criança, desconectado das responsabilidades que configuram a segurança social, e o mundo adulto, este predominantemente, ou quase que exclusivamente, voltado às responsabilidades do trabalho, à segurança da família e das comunidades próximas. Nesse recorte, a escola enquanto instituição, e principalmente a universidade, foi configurada como o cenário específico para a passagem do jovem para a vida adulta, sendo a comunidade de preparo para o mundo do trabalho (Abramo: 2005, 41).

Antes de tudo, falar em ser jovem só tem sentido quando também se pode falar em ser criança, ser adulto, ser velho, como categorias mais ou menos bem definidas, perspectivando etapas que se sucedem cronologicamente:

“Os anos nos têm e nos fazem; fazem com que sejamos crianças, jovens, adultos ou velhos. E isto, apesar da relativa flutuação das fronteiras culturais, legislativas ou administrativas, nos situa uns e outros em grupos socialmente definidos”, (LLORET:1998,14).

Esta reflexão implica em ter como referência uma idade arquetípica “que determina as expectativas de relação e comportamento” (Lloret:1998, 21), e que muitas vezes adere à idade cronológica das pessoas, deixando-lhes pouca margem de variação em relação ao padrão estabelecido como dominante, ou seja: “pertencer a um grupo de idade significa ter que adequar-se a uma normativa bastante precisa”, (Lloret:1998,15).

Acrescentando conteúdos socioculturais localizados historicamente a este modelo, Morin (1986) indica que as culturas juvenis do pós-guerra configuraram conteúdos novos e positivos à condição juvenil, conteúdos relacionados ao lazer e às mais variadas experimentações com o corpo. O próprio sentido representacional de juventude se tornou mais complexo, pois os jovens das classes trabalhadoras passaram a ter mais visibilidade. Essa definição tendo como referência o pós-guerra não é gratuita, pois, com o ruir do projeto de modernidade civilizada, “Depois da Segunda Guerra Mundial, o hedonismo colocou o prazer, e o lazer à frente das preocupações humanas”,

(Zaluar:1994,106). O hedonismo em questão, foi especificamente assimilado por jovens desencantados com o estilo de vida estabelecido como modelo para a juventude.

Em meio a conteúdos hedonistas ou não, no entendimento de Bourdieu (1983: 112), reduzir as relações de poder em torno do campo da juventude a uma condição, a uma preparação para o mundo do trabalho, perpetuando hierarquias em que “cada um deve se manter em seu lugar”, é improdutivo. Para ele, essa caracterização reduz a juventude à condição de ser “apenas uma palavra”<sup>56</sup>, e essa minimização representacional da cultura juvenil abriria espaço para que aqueles que a esta não se adaptassem estivessem em desvios de comportamentos, de atitudes, de estilos, e de uma forma ou de outra, serem contrapostos as padronizações estabelecidas e esperadas.

Nos anos 1960 a categoria juventude que não é tão nova<sup>57</sup> inovou as possibilidades para se vivenciar a categoria. O modelo de representação estabelecido por essa juventude retratou uma configuração onde foi possível a inversão dos valores da cultura de produção. Nessa reconfiguração, a socialização passou a ser mediada não apenas por intermédio dos núcleos tradicionais, como a família e a escola; mas, com importância gradualmente mais institucionalizada e perceptível, através da cultura e do lazer, *settings* onde: “A Vivência da experiência juvenil passa a adquirir sentido em si mesma e não mais somente como preparação para a vida adulta”. (Abramo:2008, 43). Nesse recorte histórico quando a cultura adquiriu a dimensão de lazer é preciso abrir um pequeno parêntese para situar as gangues brasileiras da virada dos anos 1950/60, gangues oriundas da classe média e da elite:

“trata-se de início, de jovens da classe média e de elite, que podem contar com recursos financeiros para consumir, ter o lazer e a diversão como eixos de vida [...] Uma parte desses jovens, sobretudo quando estava em grupo, ostentava um comportamento agressivo, e até violento; então vários deles passaram a ser considerados, pelas autoridades e pela imprensa do período como donos de um comportamento e de uma atitude de gangue” (COSTA: 2006, 17).

Fora essa exceção, que mostra a influência reflexiva de filmes estrelados por jovens *outsiders* como Marlon Brando (*O Selvagem*, 1953), James Dean (*Juventude*

---

<sup>56</sup> - e se para muitos educadores essa contradefinição bourdiesiana se tornou um lugar comum já esvaziado de sentido, alguns outros sustentam suas argumentações tendo como premissa exatamente a referência de que a juventude *não* é apenas uma palavra.

<sup>57</sup> - os *habitus sociais* dominantes nessa representação foram originariamente forjados em torno da juventude eminentemente burguesa do fim do século XIX, e nesse recorte foi inventada a tradição do que é ser jovem.

*Transviada*, 1955) e Elvis Presley (*O prisioneiro do Rock*, 1957), interpretando papéis de jovens *outsiders*, a juventude da década de 60 foi representada majoritariamente atrelada à pele do estudante de classe média, sendo que esse estudante de classe média em muitos aspectos remetia ao que se convencionou chamar de burguês. O estilo de vida da juventude oriunda da burguesia do século XIX configurou um modelo para a cultura de produção moderna que emanou desdobramentos que entraram em colapso na década de 1960. Desde então o estilo de vida atrelado à cultura de produção vem sendo posto em xeque por grupos culturalmente bem distantes da juventude burguesa novecentista<sup>58</sup> no que se refere aos valores, comportamentos e às representações do que é norma e do que é desvio.

Mais de quarenta anos depois desta flexibilização do paradigma juvenil os valores culturais em torno dos jovens já representam um momento social em que a busca por maior liberdade de escolhas ganha conotações que a categoria burguês originalmente não poderia indicar. Hoje, as juventudes brasileiras vivem em um cenário socioeconômico que não é inequivocamente democrático em função de suas disparidades na distribuição de renda, mas que indica outras perspectivas de estilo de vida diversas daquelas do período ditatorial. Este cambio de estilo de vida pôde ser constatado pelos “olhos” da pesquisa *Perfil da juventude brasileira*, um projeto realizado pelo Instituto Cidadania onde há um amplo painel de dados quantitativos recentes que aqui podem ser reinterpretados<sup>59</sup>.

“Os jovens de hoje nasceram em tempo de crise social. Não por acaso, quase dois quintos são desempregados” (SINGER: 2008, 28).

“Os jovens de hoje são os filhos da coorte de jovens que passou pelo trauma da desilusão com a via política para a revolução, nos anos 1970 e 1980. Para os filhos, possivelmente, esse trauma é desconhecido ou não passa de uma vaga referência ao passado” (SINGER: 2008, 32).

Nesse recorte de desemprego o “trauma da desilusão” com o modelo de ativismo político tradicional permite operar uma interpretação que põe em diálogo as leituras que Velho e Ventura fizeram da juventude: o ativismo dos jovens acaba sendo menos

---

<sup>58</sup> - e aqui vale ressaltar que, com exceção de certos *dandies* e de alguns poetas românticos, os jovens tipicamente burgueses do final do século XIX sustentavam como valor eticamente civilizado e cientificamente moderno, que o uso de drogas apontava uma falha moral. (ESCOHOTADO:2008).

<sup>59</sup> - o projeto cujo recorte representou a população entre 15 e 24 anos de ambos os gêneros foi levado a campo em 2003 aplicando 3501 entrevistas em 584 setores censitários em áreas rurais e urbanas do país. O universo representado foi de 34,1 milhões de jovens residentes no território brasileiro, 20,1% da população total.



ideológico e mais pragmático, pragmático em relação tanto aos seus próprios objetivos quanto em relação aos objetivos da sociedade como um todo:

“Os jovens que se engajam na concepção de um mundo melhor a ser construído por eles o pensam em geral em termos de sustentabilidade ambiental e justiça social. Este é o sonho que emerge com força dos Fóruns Sociais Mundiais, em que a presença juvenil é marcante.” (SINGER: 2008, 30).

Os valores dessa juventude não são eminentemente nacionalistas ou puramente hedonistas, encontram-se conectados a questões de configurações socioculturais especificamente glocais<sup>60</sup>. Questionados sobre os *valores* mais importantes para uma sociedade ideal, os jovens da amostra responderam: *solidariedade* (55%), *respeito às diferenças* (50%), *igualdade de oportunidades* (46%), *temor a Deus* (44)% e *justiça social* (41%). Quatro desses itens valorizados pertencem a uma agenda de pauta democrática, o que pode indicar que esses jovens não configuram uma condição de anomia nem se reconhecem estando isolados em suas individualidades. Pensar em termos de direitos democráticos, é assumir a responsabilidade de viver configurado numa “sociedade de indivíduos” com suas vantagens e mazelas, pois a pergunta e a resposta aqui postas parecem ser: mas afinal, “o que os jovens entendem por uma sociedade solidária? Possivelmente uma sociedade que não discrimine os diferentes por raça, religião, orientação sexual, etc.” (Singer:2008,33), uma sociedade na qual se possa acreditar ser possível assegurar o direito às liberdades. Entretanto, se concretamente em uma das respostas fornecida ainda é perceptível o temor a Deus – Deus que não apenas está vivo, mas que é temido - as questões que os jovens colocam majoritariamente como questões presentes são de outra ordem que não a ordem transcendental.

A pesquisa *Perfil da juventude brasileira* investigou aspectos da condição juvenil – o pior de ser jovem - e da situação juvenil - quais são os problemas que mais preocupam atualmente. Para a condição de ser jovem, 23% responderam, conviver com riscos (17% drogas e 9% violência) e 20% se referiram a escassez de trabalho e ausência de renda. Em relação a situação do jovem contemporâneo: 55% indicaram que os problemas mais preocupantes dizem respeito a segurança/violência, 52% emprego, 24% drogas e 16% fome/miséria. Se foi pautado o temor a Deus como um dos valores mais importantes

---

<sup>60</sup> - o vocábulo glocal é um neologismo que indica o acesso a constantes fluxos culturais globais nas realidades locais, pontuando uma interface entre aspectos da cultura global e da cultura local. (BECK:1999).

para uma sociedade ideal, na prática, esses jovens se mostram muito preocupados com questões imanentes, os riscos ligados a questões de segurança. Contudo, as respostas ainda deixam no ar uma dúvida significativa: a preocupação com os riscos pelo uso de drogas se dá em relação aos efeitos psicoativos das drogas ou pela violência do tráfico?

Para superar os riscos por trás desta dúvida, a confiança é um recurso recorrente, mesmo que em níveis de aproximação diferenciados: como um tópico que deve ser discutido com os pais, a questão das drogas foi eleita em 2º, com 52%, atrás de educação com 61% de indicações. Já como tópico para discutir entre os amigos, o consumo de drogas está em 1º lugar com 46%, depois sexualidade 45% e esportes, 43%. Para discutir com a sociedade como um todo a educação foi um tema eleito com 50%, desigualdade social e pobreza 45%, e drogas 42%. Estes números talvez indiquem que entre estes jovens investigados conversas sérias sobre drogas é algo de fórum íntimo que requer além da confiança, uma dose de identificação, pois acaba sendo uma temática que eles reservam para desenvolver com amigos que vivenciam as mesmas questões, e não com os pais que geralmente vivem culturas diferentes. (2008,64). Se esses jovens acreditassem no risco das drogas enquanto psicoativos é possível que a confiança nos pais para dialogar sobre a questão fosse maior, pois estes últimos são caracterizados como provedores de saúde. Dessa forma, é possível que riscos ligados a drogas sejam percebidos pelos pesquisados como aspectos estruturais da rede de consumo.

Refletindo diretamente sobre as comunidades de pertença básicas da juventude – família e escola, onde acima de tudo se trabalha as relações de confiança – é possível identificar mudanças que estão ocorrendo nas últimas quatro décadas, a começar pela própria operacionalização das representações do papel central da família em sua formatação convencional: “enquanto apenas 10% dos jovens com ensino superior são casados<sup>61</sup>, 43% dos que têm até a 4º série do ensino fundamental já compõem uma nova unidade familiar”. Por outro lado, “cada vez mais, jovens vivenciam certos elementos de ‘transição para a vida adulta’ sem realizar a independência da família de origem” (2008, 47), ou seja, os menos escolarizados estão casando mais, talvez indicando que o casamento não seja uma opção para quem está em condições de realizar reflexões sobre o momento socioeconômico, mas sim uma tradição estabelecida para os que dispõem de menores condições de reflexividade que assim a abraçam como um valor dado.

---

<sup>61</sup> - o que pode ser aferido na pesquisa que realizo com universitários na qual apenas um dos vinte e dois interlocutores é casado.

A situação socioeconômica da maioria da população jovem não permite que a escola tenha a devida centralidade e muito menos exclusividade como espaço formador: “Poder estudar ou só se dedicar ao estudo é citado por 26% dos jovens, um pouco mais pelos adolescentes e pelas mulheres, e cresce com a escolaridade, chegando a 38% entre os jovens com formação universitária” (2008, 57), Dito de outra forma, a carreira de estudante encontra centralidade exatamente entre os jovens que já possuem uma carreira, o que de certa forma implica em que “alguém” banque essa carreira, e na maioria dos casos esse “alguém” é a família. Desse modo, o chamado jovem de origem burguesa busca independência sociocultural, mas não necessariamente independência econômica. Nesse caso, o trabalho muito mais do que um meio para atingir o auto-sustento, é um dispositivo com potencial para elevar o capital cultural<sup>62</sup> e o status. Esta questão merece atenção e se configura na tensão entre a necessidade de produção para obter segurança e a busca por liberdade e distinção: “na faixa de renda mais alta (mais de cinco salários mínimos), o trabalho como fator de independência (29%) supera a citação de trabalho como necessidade (24%)”, (Abramo: 2008, 54). Assim sendo, o trabalho pode vir a favorecer a independência de quem anteriormente já investiu na independência cultural.

Mas o capital cultural do qual pode dispor a juventude contemporânea não se limita a ressignificações do trabalho e do estudo, pois, no tempo tradicionalmente reservado para atividades de descanso - os fins de semana - é quando mais os jovens se predispõem a dinamizar a sociabilidade, o que na maioria dos casos quer dizer diversão: 78% indicam atividades processadas fora de casa, sendo a maioria delas (45%) de lazer e entretenimento, (Abramo: 2008, 54). O foco aqui não reside mais na inversão “sessentista” *fins de semana durante a semana*, mas sim na formatação estabelecida como tradicional, o que indica que transgressão não é a moeda mais forte desse recorte de juventude, mas sim a interpenetração possível entre padrões e valores antes antagônicos. E nessa perspectiva, é possível perceber que “O interesse por *cultura e lazer* [...] cresce um pouco com a escolaridade: é citado por 24% entre os que têm menor escolaridade e por 33% entre os que têm nível superior” (Abramo: 2008, 63).

---

<sup>62</sup> - o capital cultural é dimensionado por um conjunto de estratégias, valores e disposições relacionados ao consumo de bens - consumo de uma música, de um filme, roupa, comida ou droga - que indicam um grau de distinção e poder em grupos nos quais tais consumos são desejados de modo correntes, (Bourdieu,1992). Por exemplo, pessoas financeiramente pobres consumidoras de telenovelas podem adquirir disposição para sustentar capitais culturais oriundos das classes média e alta - o carro ideal é uma Ferrari, o corpo ideal é siliconado e lipoaspirado - mesmo sem dinheiro para materializar tais consumos.

Essa juventude - principalmente a com maior nível de escolaridade - interessada em cultura e lazer não vê muito sentido em buscar modelos de liberdade que não levem em conta aspectos de segurança:

“ter *liberdade* (citado por 22%) é mais valorizado pelos mais velhos, sobretudo os homens: 33% dos rapazes com mais de 20 anos formula desse modo o que é melhor de ser jovem, ante 14% das moças adolescentes [...] A citação desse elemento também é maior entre quem está na PEA<sup>63</sup> (24%) do que entre quem não está (15%), o que tem relação com a maior idade de quem está na PEA, mas também com a mobilidade que é conquistada pelos jovens que começam a trabalhar, em razão tanto do maior ‘respeito’ conferido pela família quanto do dinheiro sobre o qual podem decidir gastar.” (ABRAMO: 2008, 57).

Para estes jovens, o respeito da família e a possibilidade de terem dinheiro para estarem inseridos numa cultura de consumo propiciam maior segurança para conferir às suas buscas por liberdade uma representação com valoração socialmente positiva. Mas o que essa juventude quer dizer com liberdade? É possível dizer que liberdade significa liberdade de opção para consumir, mas também é possível dizer que essa perspectiva de liberdade é construída em meio à possibilidade de escolher com responsabilidade, entre os valores que se consideram piores e melhores na inserção do jovem no mundo adulto: “entre as *piores coisas* de ser jovem estão, *conviver com riscos* (23% da amostra), *falta de liberdade* (22%) e *falta de trabalho ou renda* (20%)”. (Abramo: 2008, 58). Se até pouco tempo atrás, juventude era antônimo de responsabilidade, a ressignificação da juventude implica em que para usufruir da liberdade é preciso desfrutar também de segurança. Na atual configuração da cultura de consumo, assumir a responsabilidade de conviver com riscos ainda assusta 23% da amostra, enquanto outros 22% temem exatamente a falta de liberdade – para encarar os riscos. Estes números tão próximos indicam que para estes jovens liberdade e segurança são configuradas como categorias estanques, não submetidas a experiências de vida que possibilitem reflexões profundas, o que por sua vez não favorece uma percepção destas mesmas como categorias aporísticas e em certa medida até complementares.

Se questões de violência e segurança ganham mais peso entre os assuntos que preocupam em maior proporção os que sustentam mais alto nível de escolaridade – assim afirmam 64% dos que atingiram o ensino superior contra 32% dos que só atingiram o ensino fundamental - , é curioso notar que entre os mais escolarizados, as

---

<sup>63</sup> - PEA: população economicamente ativa.

drogas estão em terceiro lugar como motivo de preocupação (24%). Esse não relacionamento direto das drogas com violência e segurança<sup>64</sup>, talvez se dê em função de que os jovens mais escolarizados possuem informações que permitem reflexões mais críticas que perspectivem o consumo de drogas como uma questão muito mais de saúde pública do que como caso de polícia. Entretanto, essa porção da juventude mais reflexiva por ainda não tem garantida a autonomia em relação aos vínculos familiares:

“a juventude acaba quando chega a maturidade e se assumem responsabilidades (citado por 32%), quando se constitui família, se casa e tem filhos (citado por mais 31%)”. (ABRAMO: 2008, 59). “o fim da juventude não implica independência financeira dos pais: este fator aparece somente para 15% dos entrevistados.” (ABRAMO: 2008, 60).

Assim, pode até parecer que a responsabilidade dos jovens não combina com autonomia financeira, mas esse é um ponto de vista problemático, pois na cultura de consumo a liberdade para gastar, mesmo que seja dinheiro herdado, não é sinônimo de hedonismo puro, ela carece de responsabilidade. O que a pesquisa *Perfil da juventude brasileira* não esclarece é a qual tipo de responsabilidade esse item específico se refere. A responsabilidade para consigo mesmo ou responsabilidade para com o outro? Se um jovem se casa e continua sustentado pelos pais, sua responsabilidade se dirige ao seu cônjuge e filhos ou a seus pais? É preciso levar em conta que a “moratória da juventude”<sup>65</sup> talvez não seja mais um adiamento da entrada dos jovens na realidade adulta, mas um rito de iniciação em relação a esta. Num momento histórico onde não há trabalho para todos, uma eventual entrada nesse mercado não anularia tal moratória:

“A entrada no mercado de trabalho não aparece, para a grande maioria dos jovens, como corrosiva desta ‘moratória’; o trabalho não aparece como elemento negador desta experiência, mas ao contrário, para muitos deles, como constitutivo deste conjunto” (ABRAMO: 2008, 68).

Dito isto fica mais fácil interpretar que o tráfico como mercado de trabalho “aberto” tem grande potencial para atrair uma porção significativa de jovens que estão longe da maturidade, e que às vezes morrem sem ter tido muitas chances de atingi-la. Como a dinâmica cultural que envolve juventude e responsabilidade é um fenômeno recente,

---

<sup>64</sup> - o que não contradiz o dado anterior no qual, as drogas são colocadas como uma temática que precisa ser discutida.

<sup>65</sup> - a moratória da juventude é uma categoria recorrente no circuito pedagógico e significa a suspensão das responsabilidades do jovem até que ele se torne adulto.

não se deve esperar que os jovens sustentem reflexões muito profundas sobre o processo, até porque ainda o estão vivenciando. É passível de percepção que uma tendência em configuração entre os jovens é de que a responsabilidade não deve ser perspectivada como uma categoria com valor necessariamente conflitante com os valores que caracterizam a juventude, principalmente no caso do Nordeste do Brasil, onde a responsabilidade pelo sustento econômico chega mais cedo. Nesta região do país circulam os mais baixos valores de remuneração dos jovens brasileiros, com 94% faturando até meio salário mínimo (Lassance: 2008,76). Nesse recorte:

“tendo em vista a crise da sociedade assalariada e as transformações do mundo do trabalho, tornando o desemprego uma categoria de natureza estrutural e permanente para grandes contingentes populacionais, a autonomia do adulto via independência financeira pode não se realizar.” (SPOSITO: 2008, 89).

Em meio a esse cenário de poucas opções de trabalho a configuração da identidade juvenil que já não pode ser centrada nem na família nem na escola carece de uma outra instância num certo sentido menos institucionalizada para servir como referência:

“o espaço deixado por essas formas tradicionais - escola e família - passa a ser ocupado por um maior desdobramento da subjetividade juvenil’ e é ‘nessa desinstitucionalização da condição juvenil que têm surgido as possibilidades de viver a etapa da juventude de uma forma distinta da que foi experimentada por gerações anteriores’.” (SPOSITO: 2008, 91).

É possível interpretar que a subjetivação sugere outra forma de institucionalização que não as tradicionais, mas que nem por isso deixa de ser intitucionalizável. Para estruturar a subjetividade, a confiança que os jovens depositaram em seus familiares é projetada em outros especialistas, os professores, não no sentido de que sejam os detentores do conhecimento, mas como agentes que possam ajudar a juventude a interpretar tal conhecimento em maior acordo com as demandas glocais: dos jovens que só cursaram até o ensino fundamental, 88% depositam confiança nos professores; dos que chegaram até o ensino médio, 92% confiam; e dos que chegaram ao ensino superior, 95% dizem confiar (Sposito:2008,114). Se Derrida já indicava a descentralização da relação professor/aluno nas configurações universitárias, isto não quer dizer que não haja uma ressignificação positiva dessa relação. Pelo contrário, esta relação deve passar de uma perspectiva meramente intelectual para se configurar como uma perspectiva relacional afetiva. De acordo com Sposito: “especialistas acreditam que

os alunos são movidos por afetos ao estabelecerem índices tão positivos de apreciação de seus professores”, (2008,115) <sup>66</sup>.

Como o espectro afetivo da juventude não se dirige exclusivamente para trocas com professores e colegas, há outros campos passíveis de exploração, principalmente levando em conta que as atuais políticas de vida abarcam campos que até a década de 1960 eram considerados inferiores por não estarem conectadas diretamente com atividades de produção, mas sim com atividades de fins de semana, como pensam Brenner, Dayrell & Carrano:

“As denominadas atividades de *pura sociabilidade* podem ser definidas como geradoras de tensões emocionais agradáveis e de formas descomprometidas de integração social (Elias e Dunning, 1992). Essas formas *descomprometidas* possuem, entretanto, uma grande efetividade social para o estabelecimento de valores, conhecimentos e identidades.” - (BRENNER, DAYRELL & CARRANO:2008,177)

As “atividades de *pura sociabilidade*” acima apontadas favorecem um reencantamento mimético das atividades de produção, assim caracterizando um descompromisso compromissado e abrindo portas para o descontrole controlado. Em outras palavras, o *happy hour* e o fim de semana passam a fazer parte das configurações produtivas, como alguns de seus momentos mais significativos, e não como sua negação.

“A autonomia dos sujeitos sociais nos tempos e espaços de lazer encontra sua relatividade no modo como esses se inserem na atmosfera produtiva, estabelecem suas relações culturais e também na maneira como experimentam a liberdade de ação política em determinado contexto social comunitário” (BRENNER, DAYRELL & CARRANO: 2008,177).

A relatividade em questão remete a responsabilidade não necessariamente com a produção de trabalho, mas com a produção de ações políticas sintonizadas com as comunidades as quais os jovens integram. Essa “liberdade de ação política” é um *setting* que não exclui o lazer e o consumo de drogas: se no Brasil, o consumo *per capita* de bebidas alcoólicas entre 1961 e 2000 aumentou 154,8% (Carlini-Marlatt: 2008, 306), é bom não esquecer que boa parte desses consumidores é jovem. E se no âmbito nacional o consumo de álcool é o fator predominante quanto a riscos de acidentes de trânsito e

---

<sup>66</sup> - a matéria de jornal *Docentes usuários de drogas são mais flexíveis com aluno* (citada na pg.89) é uma exemplar distorção reflexiva da questão.

violência – facilitando a ocorrência de deficiências físicas, doenças e mortes - é equivocado estigmatizar os usuários compulsivos de álcool por tal situação:

“esses problemas não são devidos principalmente aos dependentes do álcool, pequena proporção do total de pessoas que consomem álcool, mas pela grande fatia de jovens e adultos que, sob efeito do álcool, expõem-se a uma variada gama de situações arriscadas.” (CARLINI-MARLATT:2008,306).

Os jovens usuários recreativos de álcool - por exemplo, aqueles que bebem em excesso nos fins de semana - se não estabelecerem controles informais sobre seus consumos correm o risco de não saberem distinguir entre o hedonismo e uma moratória sem limites de contenção, podendo passar à categoria de usuários problemáticos, diferentemente dos usuários considerados “dependentes”, que por conviverem cotidianamente com os riscos acabam aprendendo a administrá-los. Uma reflexão analógica simplista poderia resultar na seguinte projeção: se os usuários recreativos de álcool podem ser problemáticos, os usuários vistos como “dependentes” de drogas ilícitas também o podem e assim deve ser. Com essa reflexão por aproximação, os usuários recreativos de drogas ilícitas saem mais uma vez prejudicados, pois entre estes, os usuários problemáticos - aqueles que estão diretamente envolvidos com descontroles e danos em torno do consumo – são minoria absoluta, estando em torno de 10%<sup>67</sup>. O problema é que na prática representacional, esta minoria empresta sua fama para os outros 90% de usuários recreativos não necessariamente problemáticos, favorecendo-lhes algum grau de estigmatização. Resumindo; os usuários recreativos de álcool podem ser um problema representacional para os usuários considerados “dependentes” por terem menos contato com a necessidade frequente de exercer mecanismos de controle. Já no caso dos usuários de drogas ilícitas, os usuários taxados como “dependentes” é que são um problema de ordem representacional para os usuários recreativos.

Responsável pela análise da relação entre drogas e jovens no projeto de pesquisa do Instituto Cidadania, Carlini-Marlatt (2008, 310) não só afirma que o consumo de álcool e tabaco de 1970 pra cá aumentou como indica que o consumo de drogas ilícitas no país também cresceu. Ela corrobora essa observação por intermédio da pesquisa efetuada pelo CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas) - o 1º

---

<sup>67</sup> - e usuário descontrolado não deve ser confundido com usuário de drogas pesadas, pois como aponta Grund (1993) a maioria destes últimos tende a desenvolver estruturas de vida nas quais o controle é uma constante. O usuário descontrolado pode fazer um uso sem controle de qualquer droga, leve ou pesada.



*levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país 2001* – que aponta que entre os anos de 1987 e 1997, houve um aumento de uso na vida de maconha - de 2,8% para 7,6% - e o de cocaína - de 0,5% para 2%. Em sentido absoluto estes números impressionam, mas num sentido relativo, especificamente no que diz respeito a uma comparação com o aumento do consumo de drogas lícitas como o álcool<sup>68</sup>, a problemática epidemiológica das drogas ilícitas e os danos relacionados proporcionam um impacto minoritário sobre a juventude brasileira.

Entretanto, a pesquisadora em saúde pública conclui que, ao observarmos a reflexividade cotidianamente veiculada pela maior parte dos órgãos midiáticos de grande porte, é passível de percepção que “Elas (as drogas) ocupam, um lugar de destaque no imaginário de nossa população, provocando ondas de pânico” (Carlini-Marlatt:2008,310), talvez até um pânico moral<sup>69</sup> (Cohen:1972) proporcional às estigmatizações recorrentes.

Um questionamento pertinente levantado por Carlini-Marlatt é no sentido de traçar um perfil legítimo dos usuários de drogas ilícitas que não se restrinja à idade, gênero e etnia. Dados a respeito são construídos secundariamente, aparecendo em pesquisas da área educacional que giram em torno de alunos com baixo rendimento e com problemas de família. Por esses alunos geralmente serem apontados como os mais propensos ao consumo de drogas, tende-se a interpretar esse consumo como sendo fruto da escolha e não da falta de escolha. “Nesses casos, o uso de drogas ilícitas parece ser menos resultado da oportunidade de usá-las do que da falta de oportunidade em outros domínios da vida social e afetiva” (Carlini-Marlatt:2008, 314).

Ao fim e ao cabo, a pesquisadora indica que, se questões de segurança pautam o discurso cultural da juventude dos dias de hoje, não é na cultura do ensino do nível

---

<sup>68</sup> - “52% das vítimas de homicídio, 64% das de afogamento fatais e 51% dos vitimizados fatalmente em acidentes de trânsito apresentaram álcool na corrente sanguínea em níveis mais elevados do permitido para dirigir veículos” (DUARTE e CARLINI-COTRIM, 2000)”... “Estudos feitos em prontos-socorros de Brasília, Curitiba, Recife, Salvador (NERY FILHO *et alii*, 1997), São Paulo (GAZAL-CARVALHO *et alii*, 2002), e Campinas (MANTOVAN *et alii*, 1993), por diferentes autores e instituições, também encontram presença de álcool no sangue de vítimas em porcentagens que variam de 29% a 61%).” (CARLINI-MARLATT:2008, 306/307).

<sup>69</sup> - sobre o pânico moral: “Sociedades parecem ser sujeitas, agora e sempre, a períodos de pânico moral. A condição, episódio, pessoa ou grupo emerge para se tornar definido como uma ameaça aos valores e interesses sociais; sua natureza é apresentada de uma forma estilizada e estereotipada pela mídia de massa [...] Especialistas credenciados pela sociedade anunciam seus diagnósticos e soluções; formas de confronto são envolvidas ou (mais comum) são utilizadas para, a condição então desaparecer, submergir ou deteriorar e então se tornar mais visível”. (COHEN:1972). O pânico moral é assim uma arma eficiente para efetuar controles sociais.

médio, mas na cultura universitária onde vai ser encontrado o maior número de jovens que pensam a descriminalização da maconha como uma questão de segurança e não apenas questão de liberdade.

“Em relação à descriminalização da maconha, [...] os jovens se revelam ainda mais conservadores do que nos outros temas, com somente 17% de concordância (o máximo de apoio a essa bandeira foi encontrado entre os jovens com instrução universitária, 28%)”. (CARLINI-MARLATT:2008, 315)

E não apenas Carlini-Marat, pois a pesquisa realizada por Venturi e Bokany também indica que estudantes do nível médio seguem esta direção: “quatro em cada cinco são favoráveis a exames *antidoping* nas escolas para detectar o uso de drogas [...] a maioria é contra [...] o consumo da maconha (81%) - droga que teria sido experimentada por apenas 10%”, (2008, 352).

Se a maior parte desses jovens se mostra contrária quanto à descriminalização da maconha, talvez não se deva cogitar que estes jovens sejam efetivamente mais conservadores - com a maior disponibilidade de informações que há hoje sobre o assunto - que seus pais e irmãos mais velhos, pois nem toda geração 1970 foi tão libertária quanto a representação dominante pode fazer crer:

“foi a existência efetiva dessas vanguardas (minoritárias por definição) que fez com que sua atitude, no plano da leitura dos fatos, fosse generalizada como a de toda uma geração e – mais importante, porque no plano propriamente dos fatos – fez com que os valores que propagavam fossem gradual e parcialmente, modificando o horizonte moral dominante, a ponto de permitir o arrefecimento do conflito intergeracional, tal como hoje se observa.” (VENTURI & BOKANY:2008,353/4)

A representação hoje dominante dessa juventude “setentista” é a representação configurada em torno de uma elite específica que deve ter correspondido a uma porcentagem inferior aos 17% de jovens atualmente a favor da descriminalização da maconha e, nesse sentido, tais 17% são exemplares de uma outra elite, na medida em que não são rotulados de revolucionários ou guerrilheiros, são apenas jovens que se organizam em tribos<sup>70</sup> para levar adiante o processo de construção de suas identidades.

Além disso, Venturi e Bokany percebem que ser parte de uma minoria a favor da descriminalização da maconha não quer dizer que a maioria os veja da forma como

---

<sup>70</sup> - de acordo com Maffesoli: “O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social”. (2006,11).

eram vistos os antiproibicionistas de gerações anteriores: “77% acham que o usuário de drogas deve receber tratamento médico, ante apenas 13% favoráveis à manutenção da política vigente (8% são favoráveis a ambas medidas, tratamento médico e prisão)” (Venturi e Bokany:2008,365). Para estes jovens, aos poucos, o risco do consumo de maconha vai deixando de ser refletido como um caso de prisão para ser representado como um caso de saúde.

Assim, a pesquisa *perfil da juventude brasileira* que teve os seus dados analisados por diversos pesquisadores que focaram diferentes dimensões e campos da questão, apresenta aspectos diversos das disposições configuracionais de uma mostra representativa dos jovens brasileiros. Ao interpretar a análise destes dados um primeiro ponto que pode ser constatado é que a juventude nacional está em sintonia com as juventudes de outros países no sentido de que esta juventude é mais do que uma palavra, é uma enciclopédia viva condutora de sentimentos, inquietações e expectativas que não devem ser processualmente reduzidos a padrões de comportamento normatizado e normalizado, muito menos colocada na condição de ser apenas um projeto de adulto. Além disso, os jovens que participaram da pesquisa configuram uma realidade histórica com características próprias e intransferíveis, muito mais do que formando um mero mercado consumidor, embora num sentido pragmático formem o mercado consumidor etário com maior potencial de demanda. Estes são sujeitos de uma cultura quente e processual ao tempo em que também são sujeitados por ela, sendo membros de uma cultura onde é possível consumir e ser consumido, sem desculpa e sem culpa.

Agora que os objetivos do projeto e o quadro teórico geral já foram delineados<sup>71</sup>, que as representações do proibicionismo, do desvio social e da estigmatização quanto ao uso de drogas foram explicitadas como mecanismos de controle social característicos da cultura de produção, e que as categorias universitário e juventude foram postas em foco observacional, se faz preciso configurar o consumo de drogas na contemporaneidade, suas representações em meio às comunidades midiáticas e acadêmicas.

---

<sup>71</sup> - algumas definições teóricas ainda serão feitas no correr do texto, mas antes de entrar no próximo capítulo é viável esclarecer que reflexividade (Giddens:2002) não é igual a reflexo da realidade, apenas indica que a circulação de informações gera reflexões.

## II – O cenário

### 2.1 - Luzes, representações, ação!

Entre as várias polêmicas suscitadas pelo filme *Tropa de elite*<sup>72</sup>, uma ganha magnitude em função do objetivo desta pesquisa; aquela que se estabelece em torno da representação dos estudantes universitários consumidores de drogas como co-responsáveis pelo tráfico. As tensas controvérsias entre ser esta uma representação estereotipada ou realista não se restringiram às discussões em corredores de cinema e mesas de bar. Este debate inicialmente informal, reflexivamente ganhou contornos acadêmicos que foram propagados por intermédio de uma matéria em jornal de grande circulação: *Universidade reage a seu papel em filme* (Folha de São Paulo, 28/10/07), na qual, pesquisadores, professores e estudantes entrevistados durante o 31º encontro da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) defenderam seus pontos de vista. Nas palavras da antropóloga e professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Alba Zaluar:

"O filme apresenta preconceitos que os policiais têm e veiculam constantemente acerca das ONGs, dos estudantes e, por extensão, dos intelectuais" [...] "É óbvio que não são os estudantes usuários de drogas que são responsáveis pela violência. Ela é extremamente complexa, tem várias fontes, inclusive a facilidade com que as armas chegam aos traficantes, que é uma coisa que tem que ser esclarecida." (FOLHA DE SÃO PAULO, 28/10/07).

Apesar deste “esclarecimento” em veículo midiático<sup>73</sup> proferido por uma especialista que estuda o assunto há mais de duas décadas, a problemática referencial é de que o consumo de drogas tem sua representação social geralmente configurada em meio à violência e à exclusão. Assim sendo, as conseqüências da polêmica acima citada atingem dois alvos interpenetrados: os estudantes e os jovens socialmente incluídos. Num primeiro momento, os estudantes universitários projetados à berlinda pelo filme, passaram a ganhar cada vez mais as páginas policiais dos noticiários:

---

<sup>72</sup> - até o término de 2007, cerca 2,5 milhões assistiram o filme no cinema, enquanto 11,5 milhões de espectadores assistiram em DVD a cópia pirata, sendo a película cinematográfica nacional de maior audiência do ano (Jornal *A Tarde*, 11/01/08). O filme narra uma operação de “limpeza” realizada pelo Bope (Batalhão de Operações Policiais Especiais) às vésperas de uma visita do Papa João Paulo II ao RJ. Durante esta operação, um dos capitães da corporação entra em crise, dividido entre o nascimento de seu filho e ter que continuar executando traficantes para manter o controle social.

<sup>73</sup> - lembrando que um jornal impresso, mesmo sendo o mais respeitado, tem potencial para atingir uma parcela reduzida dos milhões de espectadores do filme em questão.

*Universitário suspeito de traficar ecstasy é preso (FSP,05/09/07)*

Polícia disse acreditar se tratar de um dos maiores traficantes da droga em SP

Rapaz de 21 anos liderava um grupo que vendia 20 mil comprimidos por mês no Estado, de acordo com informações da polícia. [...] Em festas *rave* e casas noturnas no Estado, locais onde o consumo da droga costuma ser maior, policiais disfarçados se aproximaram de membros da suposta quadrilha e obtiveram informações sobre os métodos dos seus integrantes. O preço da droga variava entre R\$ 15 e R\$ 50 por comprimido. O delegado responsável pela investigação, disse que o grupo comercializava a maior parte da droga com outros traficantes. Mas, segundo a investigação, também eram feitas vendas no varejo em *raves* e boates e pela internet. A maior parte do tráfico se concentrava no interior de São Paulo. Um irmão do universitário atua na Bahia trazendo a droga da Holanda e a distribuindo para Salvador, São Paulo e Distrito Federal.

*Droga Apreendida com universitário valerá R\$ 18 milhões (Redação Terra, 20/12/07)*

Rio de Janeiro - A Secretaria de Segurança pública do RJ informou na tarde desta quinta-feira que os 100 Kg de pasta de cocaína apreendidos com um universitário em Itaboraí (RJ), na noite de ontem, foram avaliados em R\$ 18 milhões. Segundo peritos do Instituto de Criminalística Carlos Éboli, trata-se de droga pura que, misturada com outras substâncias, produziria até 600 Kg.

Em segundo lugar, e por extensão, os jovens usuários e/ou traficantes de drogas das classes média e alta - entre os quais se encontram vários universitários - também passaram a receber mais atenção tanto policial quanto midiática, principalmente após a ocorrência de uma morte por overdose<sup>74</sup> em uma festa *rave*.

*Jovens de classe média são presos suspeitos de tráfico (G1 RJ, 08/01/08)*

Acusados foram presos em Búzios, Jacarepaguá e no centro do Rio. Segundo a polícia, eles vendiam drogas pela internet, por meio de um site de relacionamentos e um programa de mensagens instantâneas [...] os policiais investigavam a troca de *ecstasy* no Morro Menino de Deus, em S. Gonçalo, por equipamentos eletrônicos roubados, como computadores, câmeras digitais e celulares.

Com esses objetos de atenção pública na pauta do dia, foi quebrado um dos últimos redutos onde o consumo de drogas parecia ser “mais seguro” por estar supostamente

---

<sup>74</sup> - *Jovem morre intoxicado após festa rave em Itaboraí (O Globo online, 28/10/07)*

“Um jovem morreu e 18 foram internados depois de uma festa *rave* em Itaboraí. O rapaz que seria menor de idade morreu vítima de intoxicação logo após dar entrada no hospital. Com ele, a Secretaria Municipal de Saúde só encontrou um documento, uma *carteira de estudante falsificada*. Dos 18 jovens atendidos no hospital, 16 tinham sintomas do abuso de álcool e drogas”.

afastado da violência do tráfico: as comunidades de jovens incluídos em configurações socioeconomicamente estabelecidas. A badalada *Festa em quadrinhos*, evento que há 14 anos vinha sendo um “*point*<sup>75</sup>” no verão baiano para centenas de curtidores da cena eletrônica e afins – boa parte deles sendo estudantes universitários -, na edição 2008 (12/01/08, Praia do Forte) recebeu apenas 230 participantes, quando o esperado estava em torno de 1000 pessoas. O motivo alegado por um dos organizadores foi exatamente a insegurança que “as tribos festeiras” passaram a vivenciar após o incidente de Itaboraí e da atenção policial e midiática redobrada para eventos desse porte. O risco se tornou iminente:

*PM-MG acha droga em ônibus e prende 43 passageiros* (UOL – 28/12/07)

Cerca de 330 comprimidos de ecstasy e 330 cartelas de micropontos de LSD, além de 150 gramas de cocaína e 600 gramas de haxixe, foram apreendidos hoje à noite pela Polícia Militar mineira dentro de um ônibus de turismo fretado para transportar *estudantes e professores universitários* de Belo Horizonte a uma festa *rave* que será realizada em cidade localizada no Estado da Bahia. Os quarenta e três passageiros foram presos e, conforme a Polícia Militar, a maioria pertencente à classe média alta da capital mineira.

No meio acadêmico vem sendo notório e crescente o interesse em observar mais atentamente a questão<sup>76</sup>, não apenas por ter alguns de seus membros envolvidos na polêmica, mas principalmente por ser esta uma questão que demanda muito mais do que a perspectiva policial pode oferecer na busca por soluções. O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), realizou em 2007 a pesquisa; *O estado da juventude: drogas, prisões e acidentes*, pesquisa que indica que 85% dos consumidores de drogas no Brasil que assumem a condição<sup>77</sup>, são brancos, dos quais 62% estão na classe A; 60% deles têm de oito a onze anos de estudo - quando a média de estudo no Brasil é de cinco anos. 35,82% desses jovens têm entre 10 e 19 anos – configurando 16,53% da população brasileira nessa faixa. O percentual sobe para 50,74% entre 20 e 29 anos, o

<sup>75</sup> - *point* é um lugar que está na moda.

<sup>76</sup> - e esta questão não gera reflexividade apenas no meio universitário, pois o filme *Meu nome não é Johnny* - que conta a história de um jovem da classe média carioca que se tornou um grande usuário-trafficante de cocaína - em dez semanas de exibição levou um público de 2 milhões de pessoas às salas de cinema. (FSP: 12/03/08).

<sup>77</sup> - é possível questionar a metodologia empregada na pesquisa, pois uma pessoa das camadas sociais mais populares pode ter mais receio de se colocar como usuário diante de um pesquisador sobre o qual não possua maiores referências e assim correr o risco de sofrer represálias, do que uma pessoa das camadas sociais mais altas. Ao trazer tal pesquisa à discussão, o ponto central sobre o qual se faz significativo chamar a atenção é especificamente a existência da representação propiciada pela pesquisa e não sua excelência enquanto projeto.

que corresponde a 23,11% da população nacional. 49% desses jovens têm cartão de crédito, num universo de apenas 17% da população que conta com essa opção de moeda. A análise destes dados indica que a representação social estabelecida ligando drogas à exclusão e violência talvez não seja tão precisa<sup>78</sup>.

Reforçando esta última perspectiva, uma pesquisa<sup>79</sup> realizada pela FMUSP (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo) indica que alunos com renda familiar mais alta - acima de 40 salários mínimos - e que não sustentam credos religiosos, são os mais propensos ao consumo de substâncias psicoativas. Se por um lado, entre os estudantes oriundos de famílias mais abastadas o consumo de álcool foi de 92,2% e de drogas ilícitas foi de 39,2%, por outro lado, entre os oriundos de famílias com renda mensal inferior a 10 salários mínimos o consumo de álcool foi de 75,2% e de ilícitos de 16,7. É preciso ter cuidados para que uma leitura referenciada no poder aquisitivo para analisar exclusão e consumo de drogas, não indique apenas que um grupo possui mais poder aquisitivo que o outro para o consumo - consumo não só de drogas, mas inclusive de educação -, afinal, a polarização exclusão/inclusão não se reduz apenas ao aspecto econômico, na medida em que o capital cultural na contemporaneidade é uma moeda corrente fortíssima. Nesse sentido, a presente pesquisa buscou mais indicações passíveis de interpretações em configurações culturais ligadas ao consumo de drogas que não se reduzissem ao recorte econômico – o que não quer dizer que este não tenha sido considerado.<sup>80</sup>

Diversificados eventos acadêmicos - no que tange às perspectivas teóricas e metodológicas - com foco no consumo de drogas se sucederam no país em 2007: nos dias 4 e 5 de maio houve o Seminário “Maconha na Roda” na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Na ocasião, profissionais de direito, história, psicologia, sociologia e antropologia além de um representante da comunidade Rastafari, abordaram várias perspectivas da problemática em meio às perguntas de uma audiência bastante heterogênea. Também seguindo um modelo transdisciplinar com a participação de advogados, um delegado de polícia e um estudante representante de um grupo de Estudos sobre Plantas Cannabaceaea, foi realizado um debate sobre drogas e legislação na Faculdade de Direito da mesma UFBA em 29/08. No 50º Congresso da UNE, de 04 a

---

<sup>78</sup> - mais adiante quando for analisada a pesquisa *Tráfico de Drogas e Constituição no Brasil* será apresentado o outro lado desta questão.

<sup>79</sup> - pesquisa na qual foram aplicados 926 questionários aos estudantes de Ciências Biológicas no período 2000/01, (FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 27/04/06).

<sup>80</sup> - até porque o capital cultural não é independente do capital econômico, apenas não se resume a este.

08 de julho em Brasília, aconteceu pela primeira vez na história desta instituição um debate em torno da descriminalização. Ampliando o espectro de pesquisas sobre a problemática, nos dias 4 e 5 de outubro a SENAD (Secretaria Nacional Antidrogas)<sup>81</sup> juntamente com o IDT (Instituto de Drogas e Toxicodependência de Portugal) promoveu em Brasília o I Seminário Internacional da Rede de Pesquisa sobre Drogas, premiando e incentivando pesquisas acadêmicas tanto na área de Saúde quanto nas Ciências Sociais. A partir de 2007 eventos desta natureza ganharam regularidade.

Um aspecto a se ressaltar em torno dessa superexposição pública de um até então estigmatizado objeto de investigação, está no fio que une esses variados eventos. As reflexões debatidas não partiram da premissa de que o consumo de drogas seja uma questão de análise por um prisma intervencionista exclusivamente médico-policial, mediado por um parecer jurídico inquestionável: de que o fenômeno drogas, muito mais do que ser configurado e interpretado culturalmente deve ser uma cultura a se banir. Esta perspectiva que é um resquício inequívoco da política pública norte-americana de “Guerra às drogas”, vem se mostrando visivelmente ineficiente no enfrentamento da questão<sup>82</sup>. Tentando superar este impasse, duas proposições hermenêuticas estão ganhando voz: 1º - as percepções reflexivas feitas em torno de usuários de substâncias psicoativas não indicam necessariamente o envolvimento direto destes com a violência do tráfico, mas sim com outros valores culturais correspondentes às suas glocalidades comunitárias, divergentes de valores dominantes em outras comunidades. 2º - tráfico e uso de drogas não são privilégios da pobreza econômica e dos excluídos da educação formal.

---

<sup>81</sup> - secretaria que em 2008 mudou o nome para Secretaria Nacional *Sobre* Drogas, apesar de manter a mesma sigla (SENAD). Não obstante essa mudança de nome em meio a manutenção da sigla ser algo meio confuso, a secretaria já ostenta um nome que sugere uma menor estigmatização do objeto de estudo.

<sup>82</sup> - nos EUA, tal guerra fecundada pelo presidente Nixon no começo da década de 1970 e que teve a sua emblemática no governo do presidente Ronald Reagan entre 1981 e 1989, é um desdobramento do discurso proibicionista e configurou um período em que um quarto de todos os jovens negros, do gênero masculino, estiveram ou na prisão ou em liberdade condicional, a maioria acusada de envolvimento não violento com drogas, enquanto o consumo de drogas nacional continuou sendo o maior do planeta (Shaffer, 1997). No Brasil, 14% da massa carcerária (170 mil pessoas), estão relacionados ao tráfico. E destes 14%, estima-se que 90% sejam pequenos entregadores, usuários que traficam para ter o que consumir, não para lucrar. (FSP, 04/08/08). Na Colômbia, o reforço econômico e militar norte-americano para erradicação das plantações de coca - chamado inicialmente de *Plano Colômbia*, posteriormente de *Iniciativa Regional Andina* e finalmente de *Plano Patriota* - rendeu controvérsias: Além das fumaças nos campos que devastaram as mais variadas agriculturas, pauperizando agricultores, as comunidades rurais foram forçadas a construir redes de informantes - gerando alcaguetes - para estabelecer os controles sociais que favorecessem as corporações militares, sendo assim lançadas num estado paranóico de falta de confiança e insegurança coletiva (Brasil de Fato, 2006 n° 158).



Isto posto, um exemplo inusitado explicita a guinada paradigmática em curso. De acordo com a agência de notícias *Reuters* (G1, 31/05/07), uma pesquisa pioneira realizada na Itália pelo Conselho Nacional de Pesquisa constatou a concentração de partículas de substâncias psicoativas – principalmente cocaína, maconha, haxixe e nicotina - na atmosfera da cidade de Roma. A área com maior concentração de partículas de maconha e cocaína não foi ao redor de casas noturnas ou zonas de prostituição, mas sim nas cercanias da *Università di Roma “La Sapienza”*. Em torno da repercussão da divulgação da pesquisa, não houve maiores contestações por parte dos frequentadores da Universidade *La Sapienza* no sentido de que tal concentração fosse, por exemplo, de maconha e cocaína utilizada legalmente em alguma pesquisa, logo, é possível considerar hipoteticamente, que fossem drogas consumidas com finalidades lúdicas, recreativas. O procedimento metodológico para detectar partículas - a concentração de cocaína no inverno de 2007 foi de até 0,1 nanograma (1 bilionésimo de grama) por metro cúbico - que novas tecnologias possibilitam<sup>83</sup>, poderia simplesmente estar indicando uma situação casual, mas se tais dados forem postos em interface com percepções configuradas em pesquisas com metodologia “convencional”<sup>84</sup>, podem indicar uma tendência inequívoca; a de que o consumo de drogas também se dá entre as culturas urbanas universitárias contemporâneas, não necessariamente ligadas à exclusão ou violência<sup>85</sup>.

Por último, mas não menos importante para traçar um quadro significativo do consumo de drogas na contemporaneidade, é relevante analisar uma pesquisa realizada *entre acadêmicos* de renome internacional:

---

<sup>83</sup> - procedimento similar ao utilizado para medir a poluição.

<sup>84</sup> - como a pesquisa realizada com estudantes de quatro universidades pela Universidade Federal Fluminense e financiada pelo CNPq (ver pgs. 83/84) em 2005, na qual o questionário foi a principal ferramenta de investigação.

<sup>85</sup> - a pesquisa do CNP também foi realizada nas cidades de Taranto no sul da Itália onde a concentração de cocaína foi bem menor que em Roma e em Argel, capital da Argélia, onde a concentração não foi constatada. Historicamente, Roma, onde a concentração foi maior, não é considerada como uma cidade mais pobre e mais violenta do que Argel, o que não reforça a representação estabelecida que une intrinsecamente drogas a violência e a exclusão. Pesquisa semelhante na Espanha obteve resultado positivo registrando grande concentração de heroína, cocaína, maconha e ecstasy na zona universitária da avenida Diagonal em Barcelona e no campus da Universidade Complutense em Madri. (El País, 14/05/09).

Uma enquete com 1.400 cientistas realizada na internet pela revista britânica "*Nature*" revela que já está disseminado na comunidade acadêmica o uso de drogas para melhorar o desempenho intelectual. Um em cada cinco entrevistados disse já ter feito uso "instrumental" de remédios que normalmente são usados para tratar problemas psiquiátricos. A droga mais popular entre os cientistas, ao que parece, é a Ritalina, usada para tratar crianças com TDAH (transtorno do déficit de atenção por hiperatividade). Segundo entrevistados, ela melhora a capacidade de concentração para estudos e pode valer a pena mesmo tendo efeitos colaterais. A enquete da "*Nature*" sobre o assunto foi iniciada no começo do ano, motivada por um artigo de pesquisadores da Universidade de Cambridge sobre aspectos sociais e éticos desse novo fenômeno. A idéia do trabalho veio de um editorial da própria "*Nature*", que defende a pesquisa de drogas com propósito específico de melhorar desempenho acadêmico. A revista - influente em praticamente todas as áreas da ciência - recebeu tantos comentários sobre o trabalho que decidiu fazer uma sondagem própria. A enquete divulgada ontem não tem valor de censo - o questionário era voluntário -, mas revela o que parece ser um fenômeno emergente na maior comunidade científica do mundo, a dos EUA (de onde vieram 70% das respostas).

Se respeitáveis cientistas estão consumindo drogas para melhorar o desempenho acadêmico, será que chegarão a receber o estigma de usuários de drogas? Esse "consumo científico" tem representabilidade e respeitabilidade para fazer com que se venha a refletir sobre a questão das drogas por um outro ponto de vista que não o da estigmatização? Enquanto as respostas vão sendo construídas em meio a esse amplo cenário de consumo entre grupos socioeconomicamente incluídos tanto na Europa quanto no Brasil, chega a ser um paradoxo que algumas interpretações de estratégias públicas de redução de riscos sociais para o consumo de drogas estejam sujeitas a configurações de valores incontornavelmente pouco científicas — interpretações de difícil sustentação ante uma observação mais apurada. Um exemplo emblemático desta situação é o caso da campanha: "*Se você pretende consumir ecstasy, evite fazê-lo sozinho, tome líquidos não-alcoólicos sem exagero, use roupas leves e descanse a cada meia hora, quando dança*", elaborada em um projeto de pós-graduação da USP (Universidade de São Paulo) e custeada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) que objetivava atingir os consumidores de ecstasy<sup>86</sup>. A interpretação por parte de alguns setores da imprensa para esta campanha foi de que o *Projeto Baladaboa* era uma apologia ao consumo de drogas, apologia operada com dinheiro público:

---

<sup>86</sup> - o projeto partiu de tese de doutorado em Psicologia que indicou que de 1140 usuários de ecstasy, houve uma predominância de pessoas com até 25 anos; sendo que 54,3% possuíam nível superior incompleto; 52,6% tinham emprego fixo e 65,4% provinham da classe A.

“Site e programa são uma glamourização disfarçada, fingindo-se de linguagem científica, do consumo de ecstasy. Nada mais é do que uma variante da cultura da droga, agora financiada com dinheiro público. Na home, vem uma advertência patética: ‘Um princípio básico do projeto Baladaboa é a transmissão de informações comprovadas baseadas na ciência e não em ideologias morais ou políticas.’ Só esse trecho deveria levar a Fapesp a suspender seu vergonhoso patrocínio.”. (Veja.com – 17/06/07).

Em junho de 2007, ao tomar conhecimento dessa representação social diretamente associada a seu nome, a FAPESP voltou atrás e cancelou a verba disponibilizada para o projeto. Ao fim e ao cabo de episódios como este, seria por demais simplista acreditar que um tema polêmico como redução de riscos<sup>87</sup> para o consumo de drogas – ao invés da erradicação da sua cultura<sup>88</sup> - seria facilmente assimilado, mesmo entre pessoas de ciência.

Se algumas comunidades midiáticas podem lançar “olhares” pouco reflexivos – ou movidos por um modelo de reflexividade pautada em valores comprometidos com o *status quo* - sobre pesquisas acadêmicas que visam a redução de riscos, elas também podem lançar este mesmo modo de olhar sobre pesquisas acadêmicas que sustentem olhares nitidamente proibicionistas sobre os universitários e o consumo de drogas:

RJTV, TV Globo – 28.07.2005

*Drogas nas universidades*

Foram quase dez anos usando maconha e cocaína. O que começou como curiosidade, acabou em vício. Hoje, aos 28 anos, a mulher, que preferiu não se identificar, lembra bem onde aconteceu o primeiro contato com as drogas: "Na faculdade, as coisas são muito fáceis. Para você fazer parte da turma, da patota, das festas, das chopadas, tudo é apresentado. Eu usei maconha e cocaína. Cheguei a ver uma professora minha fumando maconha, durante o dia, em um corredor da universidade."

A Universidade Federal Fluminense (UFF) fez uma pesquisa em quatro instituições de ensino do Rio de Janeiro: duas públicas e duas privadas. O estudo abordou seis tipos de drogas: tabaco, álcool, maconha, cocaína, heroína e psicotrópicos, remédios que causam perturbações psíquicas. Dos 3,6 mil alunos e professores entrevistadas<sup>89</sup>, 26% afirmaram que usam

---

<sup>87</sup> - algumas estratégias de redução de riscos são chamadas pelos seus praticantes de “redução de danos” e essa linguagem nativa será respeitada. A nota seguinte segue esta terminologia nativa. Mais adiante esta questão será abordada.

<sup>88</sup> - aliás, a polarização *guerra às drogas X redução de danos* leva a um debate cujas dimensões últimas estão no conflito configurado entre o modelo de políticas públicas de origem norte-americana no qual o foco é o controle do mercado, ou o modelo europeu cujo foco central visa o bem-estar do usuário. Em meio a este cenário, no dia 10/10/08, o Ministério da Saúde divulgou edital para financiar projetos relacionados à redução de danos. O orçamento de R\$1,4 milhão é destinado a Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, universidades públicas, organizações da sociedade civil e não-governamentais sem fins lucrativos que desenvolvam projetos com essa perspectiva.

<sup>89</sup> - na notícia seguinte veiculada por outro jornal sobre a mesma pesquisa, os números divergem; o *Estado de São Paulo* afirma que o universo pesquisado foi de 2.631 informantes.

algum tipo de droga. Dos que fumam maconha, 40% consomem a droga no campus universitário<sup>90</sup>. Dos que cheiram cocaína, o percentual sobe para 45%. Entre os usuários de heroína, 75% usam a droga na universidade. Outro dado chama a atenção: entre os usuários, mais da metade disseram que não pretende abandonar o hábito.

O Estado de São Paulo - 28/07/2005

*Pesquisa: 26% dos estudantes dependem de droga*

Uma pesquisa realizada em quatro universidades fluminenses, com 2.631 pessoas, mostrou que 26,56% dos entrevistados usam algum tipo de droga habitualmente, ou seja, *são dependentes*. O estudo, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), foi realizado pelo professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) Dalcy Fontanive, doutor em Psicologia.

A pesquisa abordou o uso de seis tipos de drogas, entre lícitas e ilícitas: tabaco (9,88% de dependentes), álcool (3,65%), medicamentos psicotrópicos (6,39%), maconha (5,58%), cocaína (0,91%) e heroína (0,15%). Entre os entrevistados que disseram usar drogas, *59 são professores*.

A maconha é o entorpecente preferido dos universitários. Quando se inclui o número dos que usam a erva "socialmente", o índice de consumidores cresce para 40% dos entrevistados. *Todos admitem já terem fumado maconha nas instituições*. Como ressalta Fontanive, há mais dependentes de maconha do que de álcool.

Segundo o professor, isso acontece porque *a maconha vicia com mais rapidez* e é, erroneamente, classificada como droga leve. A pesquisa mostra ainda que *o número de mulheres drogadas cresceu*. O uso de entorpecentes também *não está restrito a uma ou outra classe social*.

O pesquisador ressalta que o resultado não indica que a universidade se tornou um antro de consumo de drogas, *apenas* reflete a sociedade. (grifos meus).

Na matéria do telejornal da Rede Globo a Universidade não apenas é representada como um campo propício ao consumo como também ganha destaque que mais de 50% dos consumidores não pretendem abandonar o hábito. Uma leitura apressada desta última afirmação poderia levar a concluir que se os consumidores não pretendem abandonar o hábito é porque estão condenados ao "vício". Contudo, uma leitura configuracional poderia perceber que se mais de 50% dos consumidores acadêmicos não pretendem abandonar o consumo, talvez seja porque eles tenham construído controles informais que possibilitem conciliar os riscos sociais do consumo com a produção acadêmica.

Já na matéria do jornal *O Estado de São Paulo*, é realizada uma interpretação do uso habitual de drogas como "dependência", o que pode gerar uma interpretação muito próxima àquela gerada por "vício". Seguindo esse mesmo raciocínio, o dado significativo de que há mais mulheres assumindo publicamente o uso é traduzido como

---

<sup>90</sup> - a matéria veiculada no jornal *O Estado de São Paulo* indica que 40% fazem uso social, não especificando se no campus ou não.

havendo um maior número de “mulheres drogadas”. Também é significativo que a matéria registre a representação de 59 professores como usuários de drogas – pois os consumos nas universidades não se limitam ao corpo discente – e principalmente, que o consumo “não está restrito a uma ou outra classe social”. Num exercício hermenêutico, aqui pode ser feita uma interpretação sobre a interpretação que o jornal fez sobre a pesquisa: a de que o consumo de drogas se dá entre pessoas de ambos os gêneros, sem que a distinção de classe seja vista como o determinante central do consumo que se dá não necessariamente entre grupos marginalizados, mas entre participantes de instituições acadêmicas. Com essa reconfiguração, estes dados podem ser interpretados como a indicação de que o *habitus* social do consumo de drogas na cultura universitária não pode ser mais representado como uma exceção às regras do processo civilizador, principalmente sendo a universidade por excelência, um campo de formação cultural civilizatório com status “superior”.

Também é bastante significativa a afirmação por parte do próprio coordenador da pesquisa da UFF, de que esse consumo de drogas na academia “reflete a sociedade”. Sim, reflete. O que ainda não se sabe exatamente é como a sociedade reflete sobre esse consumo acadêmico, se é:

1 – abraçando uma perspectiva que desconfia de que o olhar proibicionista ao invés de esclarecer, obscurece ainda mais a questão. Esta perspectiva é emblematicamente manifesta por quem esteve presente no *setting* onde foi realizada a pesquisa da UFF, e que relata qual era o clima psicológico fomentado pelos pesquisadores:

“olha, eu estudei na UFF em 96 e foi realizada uma pesquisa muito parecida com esta, talvez seja a mesma ou realizada pelo mesmo professor. Gostaria de comentar que os resultados deste tipo de pesquisa devem ser vistos com cautela, pois os critérios de “escolha isenta e aleatória” de alunos dos campi não foram respeitados. Os pesquisadores procuravam entrevistar justamente os alunos considerados maconheiros e faziam perguntas capciosas - tipo: “você experimentaria heroína?”, “Quantos amigos seus fumam maconha aqui?”, dando a impressão de que se a resposta fosse afirmativa quanto à possibilidade seria arrolada na pesquisa como fato (“declarou ter experimentado”), entendem? E como vocês podem ver nesta notícia, há todo um discurso contra a *cannabis*”. M.A.

Esse depoimento deixa claro como a naturalização de representações proibicionistas pode trazer reflexos que comprometem os “olhares” emitidos pelas instituições de pesquisa – o que facilita a formulação de perguntas capciosas que direcionam as

respostas - instituições que deveriam exatamente buscar superar tais naturalizações. Esta naturalização de representações proibicionistas pode favorecer o entendimento de como nessa pesquisa houve um baixíssimo número de “dependentes” de álcool (3,65%) se comparado ao número de “dependentes” de medicamentos psicotrópicos (6,39%) e de maconha (5,58%), resultado contrário aos encontrados na maioria das pesquisas na área.

2 – Uma outra abordagem para refletir sobre o consumo de drogas na cultura universitária se encontra abraçando a perspectiva estabelecida enquanto proibicionista:

*PUC-Rio vai fotografar quem fuma maconha no campus*  
(Globo.com - 09/07/09)

Medida será aplicada aos usuários que não forem alunos. Objetivo é controlar entrada e saída de pessoas da instituição.

As pessoas que forem flagradas fumando maconha no campus da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- Rio), na Gávea, na Zona Sul do Rio, serão fotografadas pelos seguranças da universidade. A regra valerá para todos que não forem alunos da instituição. Caso a pessoa não queira se identificar, será fotografada pelos seguranças e terá sua foto arquivada pela universidade. Segundo o vice-reitor de Assuntos Comunitários da PUC-Rio, a medida visa proteger os estudantes da universidade. “As pessoas que fumarem maconha no campus serão abordadas pelos nossos seguranças. Se não for aluno, será fotografado e sua entrada será controlada na universidade”, afirmou. A estudante L. P. aprovou a nova medida, mas ressaltou que ela pode influenciar na liberdade dos alunos. “A PUC está buscando melhorar sua imagem, e esse tipo de repressão pode ser boa. Mas também corta a liberdade dos alunos, pois agora seremos mais vigiados”, disse ela. O vice-reitor informou ainda que a medida de repressão também é feita com os alunos flagrados com drogas. “O aluno que for pego é chamado para conversar e recebe orientações. Se a situação se repetir serão julgadas formas de punição”, disse.

*Alunos da USP de Ribeirão Preto invadem prédio contra veto a festa com álcool -* (Folha on line - 09/10/2009)

Alunos da USP de Ribeirão Preto (313 km de São Paulo) ocupam desde a noite de quarta-feira (7) a sede da Coordenadoria do Campus da USP, antiga prefeitura da unidade. Os estudantes protestam contra decisão do Conselho Gestor, órgão máximo da universidade em Ribeirão, que reforçou a proibição às festas com consumo de álcool dentro da universidade. Segundo o coordenador do campus, a proibição, que vigora desde 2007, foi reforçada por lei estadual aprovada em maio deste ano, que veta o álcool em instituições de ensino. Os alunos argumentam que a decisão restringe as festas programadas para arrecadar dinheiro, visando manter centros acadêmicos, diretórios e atléticos. O diretor do DCE afirmou que a manifestação dos estudantes não é pelo direito de consumir bebidas e realizar festas, mas pela restrição às atividades acadêmicas impostas pela nova norma. “Do jeito que está, toda a nossa atividade vai ter que passar por autorização. Sessão de cinema, jogar bola no final de semana, tudo”.

Essas são duas situações nas quais as medidas em relação a uma problemática que envolve o corpo discente foram tomadas sem a participação direta deste, colocando-o na posição passiva do corpo que carece ser vigiado e controlado. Independentemente da violência do tráfico no Rio de Janeiro ser das mais altas, a medida panóptica<sup>91</sup> de observar e fotografar acaba encarcerando o corpo discente na moratória da juventude, estigmatizando a cultura universitária como incapaz de gerir seus consumos sem a intervenção do sistema especialista estabelecido. Será que com controles proibitivos sobre o consumo de álcool e olhos de Big Brother<sup>92</sup> sobre os fumantes de maconha que não possuem carteira de estudante – olha aqui mais vez uma a distinção universitária determinando quem vai ou não ser catalogado como usuário de droga que ameaça a ordem pública – a segurança dos frequentadores dos campi está assegurada?

3 – uma possibilidade de perspectiva alternativa se encontra abraçando aspectos parciais das perspectivas proibicionista e antiproibicionista na busca pelo equilíbrio da balança das relações de poder configuradas. Se as instituições universitárias de forma geral parecem sempre representar a face ortodoxa dessa geração de reflexão, curiosamente, nos EUA, mantenedores principais do *war on drugs*, alguns setores acadêmicos mais heterodoxos<sup>93</sup>, propõem facilitar o consumo de algumas substâncias psicoativas com o objetivo de reduzir os danos do próprio consumo:

*Reitores pedem que idade para consumo de álcool nos EUA caia para 18 anos (FSP 22/08/08)*

Uma lei do governo Ronald Reagan (1981-89) que proíbe o consumo de bebidas alcoólicas por menores de 21 anos foi posta em xeque nos EUA, onde mais de cem gestores de universidades e faculdades assinaram uma carta pedindo ao Congresso que debata a redução do limite para 18 anos.

---

<sup>91</sup> “o sistema panóptico [...] é destinado a se difundir no corpo social; tem por vocação tornar-se aí uma função generalizada”, (FOUCAULT: 1986, 183). O sistema panóptico – quando *poucos observam muitos* -representou o modo moderno de regulamentar o controle, fosse na prisão, na escola, no hospital, na igreja como um superego virtual. O conhecimento dessa forma racionalizado se tornou um meio de regulação e controle nas práticas – ou instituições, como diria Giddens.

<sup>92</sup> - de acordo com Bauman (1999), agora é a vez do sistema sinóptico, quando *muitos observam poucos*. Como medida de segurança os indivíduos nas sociedades contemporâneas estão configurando cada vez mais frequentemente o *habitus* social de estar sob o olho do Big Brother, seja no trabalho ou no shopping.

<sup>93</sup> - possivelmente Bourdieu chamaria estes acadêmicos de heréticos consagrados.

Para os reitores, o relativo controle nos dormitórios das instituições não impede os jovens de se embriagarem em outros lugares onde não estão sob vigilância. "Foi desenvolvida uma cultura de bebedeira clandestina e perigosa, que se dá frequentemente fora do campus", diz a carta assinada por líderes de instituições como a Universidade de Massachusetts e a Universidade Estadual de Ohio.

O reitor da Universidade de Maryland se engajou no debate, sob argumento de que o abuso de álcool tem efeitos mais negativos que seu consumo regular. "Praticamente todos os estupros [no campus] estão associados com o abuso de álcool. Quase todos os ataques de qualquer tipo estão associados à bebida. A questão do limite de idade não é apenas sobre beber e dirigir", disse ele ao jornal "Washington Post", citando o fato que motivou a lei, em 1984. "É uma questão muito maior, e nós, reitores, conseguimos vê-la amplamente."

"Assinei o documento porque incentivo a exploração de novas idéias e novas abordagens sobre a melhor maneira de preparar jovens adultos para tomar decisões responsáveis quanto ao álcool", disse a imprensa o diretor do Westminster College.

Embora muitas mães de alunos tenham se queixado das reflexões desses reitores, é possível perceber que por trás da elasticidade na ressignificação dos controles sociais formais presente nesta surpreendente possibilidade de tolerância ao consumo, o objetivo central é configurar uma maior "vigilância" sobre os consumidores dentro dos campi. Eis um modelo politicamente correto de descontrole para controlar, favorecendo que os universitários operem responsabilidades em relação aos seus consumos de álcool. Adotando uma perspectiva oposta à adotada pela USP no caso *Baladaboa*, estes reitores favorecem uma ressignificação para a problemática do consumo de álcool, ou no mínimo uma amortização das representações estigmatizantes em torno deste. Nesse sentido, esta estratégia de controle de riscos no ambiente universitário pode ter consequências amplamente pragmáticas para a comunidade na medida em que as demandas dos estudantes não foram reprimidas, foram respeitadas. Esses reitores ousaram por não terem se opor ao discurso proibicionista que inclusive injeta dinheiro nas Universidades. Sobre essa relativa autonomia institucional o sociólogo Fernando Henrique Cardoso traçou o seguinte comentário: "A grande virtude da universidade americana é que ela tem auto-estima, não tem medo, fala com o dono do poder e com o dono da empresa, sabe que não vai se vender nem ser cooptada. A nossa não, a nossa fica isolada por medo. Do governo então ela tem horror." (Ventura:2008 B,181).

Um último aspecto fundamental sobre o sistema especialista midiático que aqui merece destaque é que há casos em que a mídia até procura ser "simpática" com a problemática, mas a necessidade de produzir notícias espetaculares pode tomar o lugar



da objetividade. Na matéria *Docentes usuários de drogas são mais flexíveis com alunos* (Infociência, 2005, N°14) sobre a dissertação resultante da primeira parte desta pesquisa, é sustentado que “Os professores universitários que usam drogas têm um olhar muito mais sensibilizado com relação ao aluno. O fluxo do relacionamento entre esses dois atores sociais torna-se mais leve quando o professor usa psicoativos”. Se fosse claramente fruto da interpretação do jornalista, tal matéria seria até aceitável<sup>94</sup>, mas a citação acima é redigida entre aspas, o que significa que o pesquisador disse exatamente isso, quando não foi isso o que aconteceu.

Estas interpretações que os órgãos midiáticos constroem sobre o olhar que a academia projeta sobre o consumo de drogas, sobre a perspectiva do proibicionismo e sobre a redução de riscos são tão passíveis de reflexividade quanto às próprias pesquisas que interpretam. Seguindo esta linha interpretativa a questão aqui levantada é: até que ponto as interpretações efetuadas pelos universitários sobre a problemática são consideradas legítimas e trazidas à tona pelos órgãos de imprensa?

---

<sup>94</sup> - o próprio autor da citada matéria teve dificuldade com a editoria do jornal que não quis colocá-la na primeira página e até quis modificá-la. A resistência se deu em função de ser este um jornal universitário e esta matéria poderia comprometer a representação pública da classe dos professores.

## 2.2 - O campo representado

Também entre os próprios universitários usuários de drogas há interpretações conflitantes em relação ao consumo e aos riscos acarretados, como pôde ser constatado no trabalho de campo específico desta pesquisa. Uma estudante que atua como redutora de danos relatou:

*- Quando eu comecei a trabalhar com redução de danos a galera começou a me esculhambar. Um dia cheguei no mirante pra fumar e tinha sete pessoas com ácido na cabeça, aí alguém falou: “não venha com redução de danos pra cá não, porque a gente quer ampliar efeitos, sai pra lá com redução de danos”... eu fui um pouco ridicularizada com esse projeto no começo. Eles achavam ridículo como é que eu, uma pessoa que usa psicoativos vem com esse discurso careta? (risos). “Como é que uma pessoa que seis meses atrás tomava um ácido inteiro com a gente, agora recomenda que a gente tome só metade?” Isso foi muito interessante porque me ajudou a pensar o projeto (de redução de danos).*

Em meados de 2007, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA onde a cena acima ocorreu – faculdade que vários frequentadores representam como a mais permissiva quanto ao consumo de drogas na cidade de Salvador -, alguns estudantes usuários de maconha já não restringiam seu consumo aos “mirantes”, gradativamente se espalhando pelos espaços do campus - jardins, estacionamento e até o Diretório Acadêmico -, aparentemente pouco preocupados em manter uma “área para fumantes” mais reservada, assim causando polêmica. O que ampliou o impasse é que este foi um movimento contrário às restrições cada vez mais impostas ao consumo de tabaco, restrições estas com as quais muitos dos usuários de maconha concordam. Em função dessa situação, muitos atritos ocorreram. Uma funcionária administrativa da unidade chegou a ter uma altercação com um grupo de usuários que se reuniam para fumar bem próximos às salas de aula, tentando, numa reação bastante pontuada pela emoção, tomar o baseado das mãos de um dos estudantes, o que a levou a ser vista por muitos discentes - usuários e não usuários - como uma pessoa autoritária. A mesma estudante redutora de danos confirmou o fato:

- Ela (a funcionária) chegou uma vez gritando com a galera que tava fumando e algumas pessoas em reação diziam: “eu não tou só fumando, eu tou fazendo um ato político, porque é um espaço que eu uso da minha forma”. Tentando mediar a situação, uma professora não usuária interferiu dizendo: “eles vão fumar aonde, na rua? Na rua não pode!”.

Sem sobrevalorizar o aspecto emocional deste episódio específico onde nem os estudantes nem a funcionária conseguiram reduzir os danos sociais da problemática – pelo contrário, até ‘incendiaram” o conflito - faz-se necessário observar que as atitudes de pessoas e grupos são incontornavelmente marcadas pelo grau de controle ao qual submetem suas emoções (Freud: 1974 B, Weber: 1982, Elias: 1990). Em uma academia universitária que sustenta uma representação dominante ante a sociedade de ser um espaço cultural onde se trabalha “exclusivamente” com processos racionais intelectualizados, a racionalização das emoções enquanto cota de civilidade é cobrada em proporções muito maiores.

Dito isto, é passível de observação que os estudantes usuários envolvidos na polêmica acima cobrem essa racionalidade dos setores docentes e administrativos da academia - mas nem tanto deles mesmos - ao defenderem a delimitação do espaço universitário como um *setting* comunitário onde deve haver maior compreensão para com suas demandas por parte da comunidade acadêmica, explicitado no “eu não tou só fumando, tou fazendo um ato político”. Nesta situação, esta comunidade de usuários considera os controles sociais estabelecidos pela comunidade acadêmica ortodoxa como obstáculos a serem vencidos na construção de sua identidade, na formulação de suas representações individuais e coletivas. Neste modelo de configuração<sup>95</sup> o Nós-grupal desses *outsiders* busca estabelecer seu espaço contestando valores dominantes, independentemente de serem tais *outsiders* uma minoria – ou até por isso mesmo. Questionada sobre a possibilidade de um projeto de redução de danos sociais na faculdade ser bem-sucedido, a mesma estudante respondeu:

- Eu acho que só de sentar e discutir já é uma redução de danos, porque eu acredito que a maior redução de danos é você tentar permitir que o outro pense sobre uma

---

<sup>95</sup> - modelo de configuração que já havia sido apontado na primeira parte desta pesquisa, a dissertação de mestrado: *Consumir e ser consumido eis a questão*, (VALENÇA: 2005) onde o foco recai sobre o consumo de drogas por professores.

*prática que pode parecer simples mas é altamente complexa. A principal estratégia é a circulação de informações.*

Ao não levar em conta a “circulação de informações”<sup>96</sup> muitas vezes contrárias aos seus interesses, ramificações desta mesma comunidade de usuários correm o risco de não estarem blindadas contra controles e sanções sociais correntes. No verão de 2007, um grupo de graduandos da área de Humanidades partiu de Salvador em um ônibus fretado para participar de um congresso no Rio de Janeiro. Nesta caravana havia muitos usuários - maconha, tabaco, álcool e ácido lisérgico foram as drogas mais consumidas na viagem. Alguns estudantes portavam alguma quantidade de maconha para comercializar, como sustentação econômica para a viagem. Chegando ao congresso, no clima festivo que se instaurou, um dos estudantes se empolgou tanto com sua “imunidade” por estar numa caravana universitária que resolveu colocar uma placa pendurada no pescoço, indicando que vendia a erva. Sua estratégia de marketing funcionou tão rapidamente que acabou atraindo a atenção de muitos compradores e também da polícia, que o deteve em flagrante. O resto do grupo voltou para Salvador e ele continuou detido no Rio de Janeiro, para constrangimento e consternação de muitos de seus colegas de viagem, que acharam “injusta” sua detenção. A questão que se coloca diante destes dados é: se todos os envolvidos sabiam dos riscos, por que ao invés de lamentar as consequências não procuraram evitá-las? Por que não buscaram reduzir os riscos ao invés de lamentar a “injustiça” das sanções sociais aplicadas, sanções que, de acordo com as leis vigentes, carteira de estudante alguma poderia evitar?

Quando se coloca em pauta estratégias de redução de riscos, há uma problematização central que precisa ser dimensionada, ou seja, essa redução de riscos beneficia especificamente que setores da sociedade? Nesse sentido é possível afirmar que a tentativa de orientar uma redução de riscos entre estudantes com valores comuns ao grupo citado acima, de forma geral é vista como “caretice”, como algo que beneficia muito mais os não usuários. Desse modo, essa comunidade de usuários parece se contentar em buscar prioritariamente a “ampliação de efeitos”, até que uma situação traumática como a narrada no parágrafo anterior venha a acontecer. Em outras palavras, a redução de riscos só passou a ter sentido para eles *depois* que os danos aconteceram.

---

<sup>96</sup> - informações que chegam não apenas nos bate-papos informais, mas por intermédio da mídia e dos próprios estudos acadêmicos.

Como esta pesquisa fala em redução de riscos, alguns estudantes perguntam a quem tal pesquisa beneficia, observando-a com desconfiança, alegando que os dados poderiam ser usados contra seus interesses. Desta forma, a pergunta que aqui pode e deve ser formulada é: que setores da sociedade se beneficiam com esta pesquisa?

Dois dias antes de escrever este parágrafo, num show musical encontrei dois estudantes que sabiam da pesquisa, sendo que um deles havia recusado participar por temer que os dados pudessem ser manipulados de modo que o comprometesse. No exato momento em que nossos olhares se cruzaram, ambos desviaram-se de mim como se eu representasse um olhar a ser evitado. Já que antes desta pesquisa se tornar pública, estes mesmos estudantes me olhavam diferentemente, é possível considerar essa como uma atitude de rejeição ao projeto, ou pelo menos ao modo como estava sendo executado. Ao contrário do que sustentei como pressuposto metodológico, com este grupo específico de universitários não foi possível estabelecer uma configuração de interlocutores em rede construída com a técnica da bola de neve,<sup>97</sup> tamanhas as resistências.

Na primeira parte da pesquisa realizada durante o mestrado, quando o objeto de estudo foi o professor universitário usuário de drogas, esta técnica foi facilmente aplicada com resultados bastante satisfatórios, pois, se o objetivo era estudar o estilo de vida de uma comunidade de usuários, permitir que a própria comunidade se configurasse foi metodologicamente ideal. Na atual etapa da pesquisa esse procedimento não funcionou na medida em que alguns estudantes ao contrário dos professores, pareceram não levar a pesquisa muito a sério, ou se levaram, o fizeram numa perspectiva pouco interativa com o pesquisador. Várias entrevistas foram marcadas, mas tais entrevistáveis não sustentaram o compromisso, dois deles sequer desmarcaram o encontro. Um deles chegou a remarcar a entrevista cinco vezes – entrevista que acabou não sendo realizada – justificando sua ausência por estar de ressaca ou se preparando para ir a uma festa, o que não deixa de ser significativo a respeito de sua política-vida. Ao contrário da prontidão dos professores da área de humanidades<sup>98</sup> para fazer o que estivesse ao alcance para a concretização da pesquisa, tais estudantes mostraram um certo descompromisso com a questão. Esse

---

<sup>97</sup> - técnica na qual o grupo de interlocutores pesquisados se constrói através de sua rede de contatos. Um usuário contata outro e verifica se este tem interesse em participar da pesquisa, sem uma seleção de elenco determinada pelo pesquisador.

<sup>98</sup> - como já foi indicado anteriormente, os professores da área médica se recusaram a participar e com essa negativa mostraram que levaram a pesquisa a sério, pois a recusa indicou que não estavam dispostos a permitir alterações nas suas representações públicas.

descompromisso com uma questão que lhes é diretamente pertinente é um dado bastante significativo no que diz respeito à percepção que este grupo formula da redução de riscos, pois no meu ponto de vista, eles não são apenas “objetos” de estudo, são uma comunidade que através da pesquisa poderia obter uma circulação de informações diretamente relacionada com suas demandas. Obviamente, este é apenas o *meu* ponto de vista.

Em meio a essas resistências, reformulei minha postura e retornei ao campo procurando estabelecer contato com pessoas que eu já sabia, por intermédio da minha própria rede de relações, que eram usuárias, me fazendo valer, de modo aproximado, de uma reflexão de Gilberto Velho: “transformei parte significativa de minha rede de relações sociais em objeto de pesquisa, em um movimento heterodoxo para os padrões tradicionais da antropologia”, (2003:15). Nas circunstâncias em que me encontrava, operar um “movimento heterodoxo” na construção do sujeito de estudo se mostrou uma estratégia enriquecedora, pois a suposta proximidade entre o pesquisador e o pesquisado, muito mais do que me fazer perder o distanciamento crítico, me fez poder corroborar as narrativas apresentadas, com as biografias às quais eu tinha algum acesso.

Assim operando, merece ser salientado que um procedimento de pesquisa em ciências humanas – talvez mais do que em outras áreas, ou pelo menos de modo diferente destas - deve ser cercado de cuidados para que não se torne uma redução processual no que diz respeito à polarizada relação pesquisador/pesquisado. Dito de outro modo, nem sempre que eu penso que sei o que os sujeitos pesquisados pensam, encontro equivalência no que eles pensam que eu devo pensar sobre eles. Esta constatação foi realizada na primeira oportunidade em que apresentei resultados parciais da pesquisa<sup>99</sup> em um encontro nacional de pesquisadores, situação em que dois dos meus interlocutores que estavam presentes, se mostraram contrariados com o material trazido à baila. Em suas opiniões, suas identidades foram expostas - mesmo que com pseudônimos -, de forma que eles me criticaram por isso.

No meu ponto de vista, fiquei surpreso com a reação, pois os dados que precipitaram a tensão dos interlocutores foram posteriores não só à nossa específica interlocução em campo como também foram posteriores à própria construção do texto. De modo mais preciso, estes dados estavam em relação direta com a polêmica proibição da Marcha da Maconha que colocou ambos os interlocutores no “olho do furacão”, já que estavam

---

<sup>99</sup> - pois acreditei que o feedback dos interlocutores poderia enriquecer os resultados finais.

envolvidos com a organização do evento e foram arrolados no processo aberto pelo Ministério Público como apologistas. Estes interlocutores a partir de então se sentiram vulneráveis, o que não aconteceu durante nossa interlocução onde se mostraram seguros de seus posicionamentos políticos, e passaram a interpretar a minha escrita como um material que os incriminaria. Um dos dois chegou a dizer com voz alterada, que o meu texto descontextualizava sua fala, e que no mínimo estava mal escrito. Assimilei suas críticas, percebendo que a celeuma era uma defesa quase que natural de pessoas que se sentiam ameaçadas de serem estigmatizadas como apologistas da maconha quando seus propósitos eram bem diferentes. Retomei o texto tentando me colocar em seus lugares e respeitar seus sentimentos. Se muito do que me foi dito nas entrevistas ao ser revelado poderia ameaçar a integridade de meus interlocutores - um destes, havia me dito, um ano antes, que o maior receio de sua cônjuge era exatamente de que ele fosse visto como um apologista e fosse preso por isto -, restava a mim agir eticamente de modo a preservar a confiança que tiveram na nossa interlocução.

Contudo, essa posição me levantou um outro problema para com a integridade da pesquisa: se o contexto que havia mudado não foi *entre* a nossa interlocução e a minha escrita, mas sim *após* a minha escrita, exatamente no *setting* político no qual os interlocutores atuavam, como explorar ao máximo os dados já construídos sem que isso prejudicasse a eles ou a própria pesquisa? Como a pesquisa ainda estava em curso - lembrando que uma possível interlocutora já havia declinado de participar da pesquisa com receio de que fosse feito uso do material de forma que pudesse prejudicá-la - será que esta polêmica iria dificultar que eu viesse a estabelecer relações de confiança com outros interlocutores?

Nesse ponto do processo de pesquisa, minha estratégia e minhas expectativas a respeito é que se tornaram passíveis de uma observação mais atenta, pois, de acordo com o bom senso, para que consiga manter configurações de confiança, terei que sacrificar uma parte significativa de dados que estão sendo construídos. Por outro lado, me sinto na obrigação quase que obsessiva de explorar o material construído ao máximo, mesmo que aparentemente isso sugira uma quebra de contrato com as pessoas com as quais trabalho. A respeito de situações que levem a esse tipo de impasse metodológico, Canevacci afirma:

“Aqui se insere um tipo de pesquisa/autopesquisa na qual a alteração obriga a ‘observar-se participante’, no sentido de que se podem ‘multiplicar

as reflexões sobre si mesmo, como figura móvel, interconectado com uma 'rede de significados que ele mesmo ajuda a produzir' (2005: 94).

Abraço esse raciocínio ao sublinhar que, indo além de uma observação participante, devo transformar a fronteira entre observar e participar numa interface que permita a observação plena de minha participação. Assim, altero levemente a formatação do texto para não perder a confiança dos interlocutores, de forma que com essa flexibilização na minha participação ainda possa manter o foco centrado nas observações. Dessa forma ganha o projeto, pois ao interagir com o *feedback* dos interlocutores, acrescento à perspectiva dialógica, um terceiro momento, dadivoso: além do receber e do dar, agora há a reação à informação dada. Com essa reação, também ganha o pesquisador, que segue seu curso sem dúvidas éticas quanto a seus mecanismos de aproximação e distanciamento, pois, talvez seja como já disse da Matta (1983: 34): “E só há dados quando há um processo de empatia correndo de lado a lado”.

Numa dimensão analítica mais ampla, é perceptível que não estudo apenas as comunidades de usuários, também estudo a comunidade que eu e meus interlocutores configuramos em nosso processo dialógico, pois os três momentos da pesquisa – ir a campo, analisar dados e construir um texto – são momentos que devem ser observados numa perspectiva metodológica dadivosa. “A hermenêutica supõe ser quem descreve da mesma substância que aquilo que descreve. Ela requer uma certa comunidade de perspectiva” (Maffesoli: 2006, 29). Receber, reagir e repassar informações sobre consumo de drogas, eis dinâmica da comunidade de perspectiva em questão – e é a tensão manifesta no *feedback* dos interlocutores que faz com que o título dessa obra seja aporisticamente “consumir e ser consumido”. Eis por onde trilho o ofício de cientista social que tem por objeto de estudo uma comunidade estigmatizada.

Ter configurado como interlocutores da pesquisa pessoas que estão em processo de construção de suas auto-imagens enquanto sujeitos sociais - apenas 36% dos interlocutores trabalham, e apenas 18% estão acima dos 30 anos - não faz do meu trabalho algo fácil. Por que eu deveria acreditar que jovens estudantes universitários usuários de drogas não oporiam resistência a uma possível ameaça de desconstrução de suas auto-imagens? Se de alguma forma esta pesquisa pode macular-lhes a representação, então serei colocado na posição de *outsider* ao grupo, sendo aquele que de alguma forma põe sua identidade em xeque. Contrariando as expectativas do pesquisador, o fato de tal pesquisa estar sendo realizada por alguém que tem um status



acadêmico apenas um pouco distinto do pesquisados - já que o pesquisador em questão é também um estudante, estabelecendo assim a relação mais próxima possível da horizontalidade - talvez aproxime menos do que hipoteticamente suposto. Sem entrar na discussão sobre competitividade entre estudantes - principalmente entre os estudantes de graduação e os de pós-graduação - não deve ser fácil para pessoas à sombra de estigmatizações, reconhecer autoridade e confiar num “quase igual” que lhes traz os estigmas à superfície para que sirvam de objeto de estudo.

Se o pesquisador por também ser um estudante não representa uma autoridade aos olhos deste grupo<sup>100</sup>, não é difícil constatar que para estes, simplesmente *ser* um estudante representa certa autoridade em relação ao restante da sociedade, principalmente em relação aos que não possuem tal título. Uma das impressões iniciais que pôde ser construída no trabalho de campo foi que, para alguns usuários, ter uma carteira de estudante é como ter uma insígnia distintiva<sup>101</sup> que os blindava contra o estigma e até mesmo contra as sanções sociais que circundam os usuários de drogas sem o status de estudante. Como indica Rimbaud, universitário com 22 anos de idade:

*- Antes era diferente, a faculdade traz uma perspectiva nova porque, antes, eu consumia como se fosse um rebelde. Na faculdade você tem menos sentimento de culpa, o espaço é protegido, sem preocupação como eu tinha quando fumava na rua, preocupação constante com a polícia, porque quando você tem uma quantidade grande de baseado, você tem que esconder em algum lugar. Na faculdade não, você tá conversando...*

É preciso destacar que alguns dos interlocutores aqui referidos entraram num curso universitário após terem sido detidos pela polícia (pg. 121) ou mesmo terem sido internados pelos familiares em instituições psiquiátricas em função do consumo de drogas (pg. 163). Passar por mecanismos institucionais de controle e sanção deste porte pode causar insegurança, medo, ansiedade. Num sentido psicológico, estas tensões ao serem compartilhadas com quem passou ou pode passar por situação semelhante, geralmente diminuem de intensidade. Quando pessoas com *sets* assim predispostos compartilham um campo de produção - no caso, uma carreira universitária -, configura-

---

<sup>100</sup> - levando em conta que tender a reconhecer autoridade apenas nas autoridades estabelecidas - e em certa medida confundindo-a com um discurso autoritário - pode indicar imaturidade por parte de um grupo *outsider*.

<sup>101</sup> - o jovem que morreu numa *rave* em Itaboraí, portava apenas uma carteira de estudante falsificada.

se um *setting* comunitário que pode ser sustentável, pois as representações dos universitários passam a ser um legítimo mecanismo de defesa para contrabalancear a insegurança e o medo atrelados às representações que eles carregam enquanto usuários. Desse modo, a carteira de estudante é convertida em um capital cultural que autoriza seus portadores usuários a se defenderem contra os valores que os estigmatizam<sup>102</sup>. Além disso, não se deve esquecer que, se 36% destes ainda moram com suas famílias, que, de modo geral, são contrárias ao consumo de drogas, o lócus universitário que durante os anos de ensino médio lhes foi “prometido” como o espaço da construção de uma identidade aceita e reconhecida pelo mundo adulto, tem a significância de um “segundo lar”. Neste lar, idealmente deve haver espaço para compensar os valores impostos no “primeiro lar”. Ainda de acordo com Rimbaud:

- *Quando ela (minha mãe) descobriu que eu fumava e que eu assumi, eu fazia questão de deixar baseado pra ela ver. Ela pegava e jogava fora, mas eu fazia no intuito de mostrar que naquela casa, que eu também moro lá, que eu tinha que ter minha liberdade. Agora na faculdade ela respeita muito mais, ela vê que eu tou estudando, eu tou trabalhando, que eu não sou vagabundo maconheiro.*

Ora, se este segundo lar é uma comunidade cultural onde os valores dominantes não devem ser impostos, mas construídos em conjunto, se pode especular que na fala de Rimbaud, o espaço universitário seria um *setting* viável para a construção de respeito pelo usuário - *“Agora na faculdade ela respeita muito mais, ela vê que eu tou estudando, eu tou trabalhando, que eu não sou vagabundo maconheiro”*. Dessa forma, a comunidade universitária configura o espaço cultural onde é possível processar a ressignificação da imagem de um usuário que inclusive, tem planos de seguir a carreira de professor.

Os modos de socialização das comunidades de usuários pesquisados dependem em certa medida de sua configuração no espaço universitário, porém, não de forma restritiva, pois, quando os laços são solidificados, chegam a expandir os limites físicos deste segundo lar. No entorno da faculdade anteriormente citada como permissiva, há

---

<sup>102</sup> - e esse status universitário não é cancelado, mesmo quando as máculas a Instituição acadêmica se sucedem. Em 2008, os nomes de reitores de duas das mais importantes universidades do país (UnB e UNIFESP) foram envolvidos em escândalos de improbidade administrativa, e em 2009, as provas do ENEM que serviriam de acesso as carteiras de estudante universitárias foram facilmente roubadas e postas a venda, mostrando a fragilidade da Instituição.

alguns “anexos” - é assim que muitos estudantes denominavam os botecos - onde foi possível observar uma concentração constante de universitários que se reuniam para confraternizar e tomar cerveja entre as 11 e às 16 h dos dias letivos. Boa parte destes acabava resumindo sua passagem na unidade de ensino muito mais com o intuito de encontrar a galera e socializar do que necessariamente para assistir aulas. Alguns costumavam fumar maconha na faculdade, antes de ir para os anexos. Um número reduzido fumava na área dos anexos, apesar das constantes reclamações dos comerciantes locais que desaprovavam tal prática<sup>103</sup>.

Tendo em perspectiva que esta configuração de uma comunidade de universitários usuários representa uma política de vida<sup>104</sup> na qual a busca por liberdade é tão valorizada quanto a busca por segurança, é possível analisar hermenêuticamente o que, entre doses de cerveja, disse um estudante recém ingresso num mestrado em ciências humanas: “sei que não vou investir tudo no curso agora. Tenho outras coisas pra fazer”. Com estas palavras, um estudante pode estar indicando que quer ter (a) segurança (da carreira), mas para isso não vai abrir mão da sua liberdade (de desfrutar de sua juventude). Esta fala de um estudante com 24 anos de idade não provocou maiores reações entre os oito colegas presentes, entretanto, num momento posterior, uma destes que também bebe cerveja e fuma maconha, se referiu ao primeiro como imaturo por ter faltado aula para ir à praia - coisa que ela, sendo a única na mesa na faixa etária dos cinquenta anos, nunca faria, preferindo ir à praia, fumar e beber numa outra circunstância que não comprometesse seus estudos. Apesar deste porém, tal diferença de idades e prioridades não os coloca em lados separados do muro, - até porque quando ela tinha vinte e poucos anos fez a mesma coisa que ele faz agora - pelo contrário, eles mantêm uma relação cordial e solidária.

O ponto que vale ressaltar em relação a estes dois interlocutores é que ambos são alunos com boa produção acadêmica e bem queridos não só entre os colegas usuários, mas também entre os colegas não usuários. No convívio destes últimos com os primeiros é onde, na prática, se caracterizam conflitos maiores em decorrência do estigma atrelado às representações do usuário. Alguns estudantes não usuários de forma nenhuma se sentem confortáveis e seguros quando suas imagens públicas podem ser

---

<sup>103</sup> - dois anos após esse período de observações, o movimento em torno dos anexos diminuiu de intensidade, possivelmente em relação direta com alguns assaltos que aconteceram na área, tendo como vítimas principais, os estudantes.

<sup>104</sup> - a política de vida (1995) ou política-vida (2002) é uma categoria desenvolvida por Giddens que se refere a politização de várias práticas cotidianas ligadas à esfera privada indo dos cuidados com o corpo ao consumo de bens, definindo um estilo de vida contemporâneo.

maculadas pelo estilo de vida dos colegas: “se o cara quer fumar maconha, cheirar cocaína, então vá pra longe daqui, aqui é um lugar sério!”, proferiu uma estudante de Administração de uma faculdade particular.

Aliás, há uma representação dominante de que os estudantes usuários de drogas nas faculdades particulares são mais discretos. A reflexão de um estudante de Ciências da Computação e usuário, recém ingresso no curso e já bastante enturmado com os colegas, é significativa:

*Marley - Que há com certeza há, sempre em todos os ramos há alguém que usa. Já conversei sobre isso, mas meus colegas particularmente não concordam... em relação a mim não seriam preconceituosos se soubessem, mas alguns são (preconceituosos). Tem um preconceito assim besta, mas se você conversar um pouco, explicar quais foram os motivos que te levaram a usar drogas, acho que eles entendem, fingem que não tem preconceito e fica por isso mesmo, mas eu acho que tem um preconceito sim.*

Durante o ensino médio em colégio particular, quando começou sua carreira de usuário, Marley percebia um consumo de drogas bem mais explícito<sup>105</sup> do que entre seus atuais colegas de faculdade, principalmente porque seu foco estava bastante voltado para as atividades da comunidade de usuários: “tava sempre fumando, conhecia todo mundo que fumava, era uma coisa comum, era uma coisa que intensificava a amizade e distinguia a gente dos outros alunos como grupo específico de usuários de drogas”. Já no momento atual o foco de atenção de Marley está mais voltado para um modelo de distinção que acompanhe a construção de sua carreira profissional. Em relação direta com a sua atual sobrecarga de estudo, ele tem administrado seu consumo de forma mais controlada, e sua atitude é outra como transparece no diálogo abaixo:

*T.V. - Você antes da entrevista disse que no último mês, não fumou maconha nos dias de aula, o que te levou a isso?*

---

<sup>105</sup> - especificamente quanto ao consumo de uma substância lícita, mas não apenas ele. Em pesquisa realizada em 2001 pela Unesco no Brasil, (A TARDE: 11/07/01) foi verificado que a capital baiana atingiu o primeiro lugar no ranking do consumo de álcool por estudantes, 62% na faixa entre 10/24 anos. Já numa pesquisa efetuada especificamente em Salvador, foi constatado o crescimento do consumo de drogas entre grupos com níveis de escolaridade altos e atividades econômicas forte, (CARVALHO NETO, J.; ALMEIDA FILHO, N.; REGO, R.C.F.; SANTANA, V.S.: 1987).

Marley - *Ah, o estudo! Porque eu entrei na faculdade e tou estudando o que eu gosto, eu quero ser um profissional bem sucedido, eu quero ser um dos melhores alunos da faculdade, eu quero tirar as melhores notas, quero me empenhar bastante.*

T.V. - *Como você está se saindo?*

Marley - *Muito bem, o pessoal na sala me chama de gênio!* (bem empolgado).

T.V. - *Você se sente bem quando as pessoas te chamam de gênio?*

Marley - *Não me sinto muito bem não* (rindo), *na verdade eles é que são muito burros.*

T.V. - *Na faculdade, diferentemente do segundo grau você não tá associando escola com uso de droga. Como é que tá sendo isso?*

Marley - *Tá sendo agradável, eu tou gostando, porque hoje eu tenho mais maturidade pra estudar, eu estudo de outra forma, eu assisto aula de outra forma, porque eu tou estudando o que eu gosto.*

Nesse momento de sua carreira de estudante universitário, aos 22 anos de idade, buscando outra forma de distinção que não a advinda do consumo de drogas – “*tava sempre fumando... era uma coisa que intensificava a amizade e distinguia a gente dos outros alunos*” -, a representação de Marley como gênio parece imunizá-lo contra o estigma que algum tempo atrás o incomodava quando foi usuário de crack. Talvez esta informação provoque certo estranhamento para muitos, afinal, diante da representação estabelecida dos usuários de crack como excluídos sem reversão, por que seria “natural” aceitar a representação de um ex-usuário que agora é considerado um gênio por seus colegas estudantes de informática?

Já no caso de Garrincha, a problemática ganha contornos mais complexos. Garrincha começou sua carreira de usuário aos 13 anos - maconha, álcool, cocaína e merla<sup>106</sup> - e teve muitos problemas para conciliar o consumo de drogas com sua produção como estudante. Ele só concluiu o nível médio por intermédio de exame supletivo aos 21 anos de idade. Quando aos 25 anos ingressou num curso de Comunicação numa faculdade particular em Salvador, sua preocupação imediata foi de que ninguém soubesse de seu passado, porque isso poderia atrapalhar sua carreira.

De certa maneira, seus temores tinham fundamento, muito menos por causa de sua imagem do que por sua atitude, pois ao final do segundo semestre, quando começava a

---

<sup>106</sup> - com valor de mercado similar ao do crack, a merla é uma combinação da pasta de coca e solvente encontrada na cidade da qual Garrincha é oriundo.

construir uma autoestima até então ausente – não foi reprovado em nenhuma disciplina e já estava estagiando num veículo de comunicação respeitável - teve uma recaída no consumo de cocaína e de crack e acabou tendo que trancar a faculdade e abandonar o estágio. Neste momento de sua vida, Garrincha se encontrou em uma situação para a qual há poucas soluções na busca por inclusão social, pois ele não acredita que possa obter respeito sem ter um diploma de terceiro grau, e para tanto ele precisa controlar o seu descontrole sobre o consumo.

Garrincha - *Quando eu entrei na faculdade eu tomei a decisão de não usar droga. Parece conversa, mas ou encontra outro jeito de acontecer ou não dá mais.*

A demanda explicitada por Garrincha remete a uma ponderação de Bauman:

“A educação superior se tornou a condição mínima de esperança até mesmo de uma duvidosa chance de vida digna e segura (o que não significa que um diploma garanta uma viagem tranquila; apenas parece fazer isso porque continua sendo o privilégio de uma minoria)”. (2005:23).

Construir o acesso a este “privilégio de uma minoria” é o desafio maior que Garrincha coloca para si mesmo. Indo além da problemática de Garrincha, é perceptível que fazer parte de uma minoria privilegiada não garante que estigmas sejam cancelados. E mais; estigmas não são privilégios das relações entre estabelecidos e *outsiders*, podendo ser percebidos nas relações entre os pertencentes a mesma comunidade: uma estudante com 23 anos, oriunda de família de classe média, divide residência com um colega e prefere gastar seu dinheiro de bolsista nas baladas consumindo drogas, geralmente álcool e maconha do que por exemplo, comprando livros<sup>107</sup>. Apesar da bolsa que recebe não ser das melhores, a falta de dinheiro para compra de cocaína não chega a ser um problema para seu consumo, pois com sua atitude extrovertida consegue “ficar<sup>108</sup>” com companheiros que não se opõem em fazer-lhe “presenças<sup>109</sup>”, e aqui se configura um impasse: se com essa atitude, por um lado ganha algum status entre suas amigas mais próximas que a percebem como alguém “com jogo de cintura” para

---

<sup>107</sup> - em sua política de vida, ela não manifestou maiores preocupações em relação à sua saúde por não possuir um filtro de água em casa – não pelo menos no período de duas semanas em que frequentei sua residência -, e não é por limitações econômicas ou de informações.

<sup>108</sup> - ficar = manter um rápido relacionamento afetivo e sexual.

<sup>109</sup> - presenças = oferta dadivosa de drogas.

conquistar seus objetivos, por outro lado, acaba sendo estigmatizada como “fácil demais” por alguns rapazes de tribos próximas: “tem cara que acha que eu sou puta!” comenta, irritada.

Esta representação a incomoda como uma mancha em sua imagem de universitária independente<sup>110</sup> que sonha em fazer uma pós-graduação na Europa tendo como principal trunfo, exatamente seu jogo de cintura. Seu desconforto com essa imagem a levou a se tornar defensiva com os rapazes que se aproximam. Numa dada circunstância, ela manifestou uma reação agressiva com um “broder” recém conhecido pelo qual sentiu alguma atração, quando ao telefone foi perguntada se tinha algum “canal” de ácido. “Não me ligue pra isso! Você acha que eu só sirvo pra essas coisas é?” Sua reação parece indicar que servir pra “essas coisas” é um comportamento típico de puta. Se assim for, o consumo de drogas e a disponibilidade sexual acarretam inseguranças à sua liberdade.

Nesse sentido, os preconceitos que acompanham a cultura das drogas tanto podem facilitar aos usuários a criação de algumas representações positivas – a da usuária com jogo de cintura que não precisa de dinheiro para conseguir drogas - quanto podem manter outras negativas – a de se tornar uma mulher “fácil demais” para sustentar o uso. Sendo o consumo de drogas ilícitas predominantemente praticado por homens<sup>111</sup>, os preconceitos que perpassam as relações de gênero indicam que a segunda representação – a de que a interlocutora é uma mulher “fácil demais” - tende a se impor como dominante.

---

<sup>110</sup> - remetendo a uma reflexão de Bourdieu & Passeron (1968,79) na pg.49 sobre as rupturas simbólicas.

<sup>111</sup> - no universo da pesquisa apenas 25% do total de interlocutores é do gênero feminino.

### 2.3 - Da apresentação do campo à proibição no campus

Dos problemas intracomunitários aos problemas intercomunitários ainda é na relação entre estabelecidos e *outsiders* que os preconceitos com suas propriedades estigmatizantes acarretam consequências mais graves para as comunidades de universitários usuários. Retomando a realidade nacional como recorte de análise, se em 2007 houve, como pontuado algumas páginas atrás, diferentes eventos geradores de reflexividade institucional<sup>112</sup> que colocaram em evidência os danos sociais causados pelas representações estabelecidas dos usuários de drogas, seria precipitado acreditar que já a partir de 2008 os sintomas do conflito de valores em jogo fossem diminuir rapidamente. No caso de usuários com status universitário não foi diferente:

#### *Filme sobre maconha acaba em confronto* (FSP – 05/04/08)

A exibição de um filme sobre o uso da maconha deu início a um conflito entre *universitários, professores e policiais* anteontem na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Vários estudantes ficaram feridos e duas alunas, com escoriações no corpo, tiveram de ser levadas a um pronto-socorro. Segundo o DCE, a confusão teve início por volta das 18h30, quando um grupo com cerca de 70 alunos do Instituto de Geociências exibia o documentário "Maconha/Grass", do diretor canadense Ron Mann, em uma arena da unidade no campus Pampulha. O filme aborda questões polêmicas sobre uso da droga e argumenta, entre outros pontos, que a proibição da maconha ocorre em razão de interesses políticos e econômicos. Segundo a PM, foram espalhados cartazes pela faculdade que faziam apologia das drogas e não havia autorização da direção do instituto para promover o evento. A diretora do instituto disse que a autorização não foi dada porque os organizadores não se apresentaram e não informaram horário e responsáveis pelo evento. "Não fomos oficialmente avisados. Por isso achamos por bem proibir. Não foi porque o vídeo era sobre drogas", disse. Um convênio entre a universidade e a PM permite que soldados trabalhem nas áreas comuns, desde que a reitoria autorize. A reitoria nega ter autorizado a entrada dos policiais [...] Segundo a PM, vigilantes que foram até o instituto para interromper a exibição foram ameaçados e pediram ajuda à polícia. Quando os militares chegaram, houve tumulto com os estudantes. Um aluno chegou a ser detido por suposto desacato à autoridade. A prisão gerou revolta nos universitários. Segundo a coordenadora do DCE, os PM chamados começaram a agredir os participantes. Já segundo a PM, a confusão foi iniciada porque militares foram recepcionados com pedradas.

---

<sup>112</sup> -“A noção de reflexividade institucional de Giddens (como também a de Beck) envolve a transformação dos sistemas especialistas nas esferas públicas[...] Os atores sociais apropriam-se na vida cotidiana, das verdades proposicionais deste conhecimento especializado democraticamente validado – que é global, ou seja, universal e válido em qualquer lugar” (BECK, GIDDENS & LASH:1995, 241). A “reflexividade institucional implica o ‘filtro contínuo das teorias de especialistas, dos conceitos e dos achados para a população leiga.’” (BECK, GIDDENS & LASH:1995, 244).



Como vem crescendo o número de atores sociais que usufruem do conhecimento especializado, a reflexividade institucional foi imediata ao conflito e as comunidades *Princípio Ativo* e *Coletivo Marcha da Maconha*, como porta-vozes de muitos usuários que de outra forma não teriam voz, e também da cultura universitária - pois nesta situação específica estas duas comunidades acabam defendendo o papel social da cultura universitária enquanto geradora de informação e reflexão -, se manifestaram utilizando a internet como ferramenta:

*Princípio Ativo* - 07/04/08

“Estas pessoas que impediram o debate sobre políticas de drogas na Universidade Federal de Minas Gerais, bem como todas aquelas que as apóiam, estão no fundo expressando que, no seu entender, as leis de uma sociedade não podem ser construídas pelas pessoas que vivem nesta sociedade [...] O que o reitor e a vice reitora quiseram dizer aos seus alunos e alunas, é que nesta universidade não está permitindo a existência de sujeitos do conhecimento - somente de meros objetos”.

*Coletivo Marcha da Maconha Brasil\** – 07/04/08

“A sociedade brasileira deve debater, repensar e propor novos caminhos e novos valores a cerca da questão das drogas, através de espaços de aprofundamento e de elaboração de políticas públicas, como os propostos pelos estudantes da UFMG. Independente de um posicionamento favorável ou contrário a determinadas visões e propostas, é imperioso que existam espaços públicos, de participação horizontal e plural, para a elaboração de novos modelos de reflexão sobre as drogas e sua relação com a sociedade”.

\*Apoio Institucional:

ABORDA – Associação Brasileira de Redutoras e Redutores de Danos;  
ANANDA – Associação Interdisciplinar de Estudos sobre Plantas Cannabaceae (BA)  
BaLanCe – Coletivo de Redução de Danos (BA);  
GIESP/UFBA – Grupo de Estudos sobre Substâncias Psicoativas (BA);  
Growroom – seu espaço para crescer;  
Plantando a Paz – Movimento Nacional pela Legalização do Cânhamo (PR);  
MNLD – Movimento Nacional pela Legalização das Drogas (RJ);  
NEIP – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos;  
Princípio Ativo (RS);  
Psicotropicus (RJ);  
Se Liga – Associação de Usuários de Álcool e outras Drogas (PE);

É possível perceber que nessa celeuma a tensão se configurou muito menos pelas questões levantadas pelo documentário<sup>113</sup> do que pelo impedimento da cultura

---

<sup>113</sup> - *Maconha/Grass: a verdadeira história da proibição da maconha*, o filme em torno do qual se configurou a polêmica foi premiado como o melhor documentário do ano 2000 pela Academia Canadense de Cinema e TV. Além de ter sido vendido pela Editora Abril em bancas de revista, pode ser baixado pela Internet gratuitamente.

universitária em questionar as representações de valores estabelecidos. Aos olhos dos estudantes e simpatizantes, este impedimento não se sustenta em pareceres cientificamente embasados, mas sim em sanções extremas que foram empregadas arbitrariamente com o objetivo de estabelecer o controle social. As consequências a esta mácula no distintivo dos universitários mobilizou boa parte da comunidade acadêmica adquirindo dimensões numa ordem muito mais ampla do que a do consumo de drogas:

*Estudantes mantêm ocupação da reitoria da Federal de Minas - FSP*  
09/04/08

No início da noite de ontem, os cerca de 120 estudantes que invadiram a reitoria da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) na manhã de segunda-feira continuavam acampados no saguão do local. Eles protestam contra a ação da Polícia Militar que reprimiu alunos do Instituto de Geociências durante a exibição de um documentário sobre o consumo e a produção de maconha. A eventual desocupação será discutida hoje[...] Os alunos pediram o fim do convênio entre a UFMG e a corporação[...] Os estudantes pedem o direito de realizar "atividades políticas e culturais" no campus "sem censura". A reitoria aceitou a exigência, mas não suspenderá os processos administrativos contra os alunos.

Se na prática a reitora efetivamente aceitou as exigências dos estudantes - "atividades políticas e culturais" no campus "sem censura" -, a problemática das drogas terá servido como uma potente ferramenta na luta dos universitários pela configuração de um *setting* reflexivo. Porém, o que de imediato se percebeu, é que o conflito fez crescer o interesse de usuários e não usuários em assistir ao documentário proibido. E mesmo que este documentário impulsionado pelo impasse não seja transformado em um campeão de audiência como *Tropa de elite*, a pergunta que não se cala é: o que fez com que *Maconha/Grass: A verdadeira história da proibição da maconha* e *Tropa de elite*, obras com narrativas e conteúdos distintos fossem configurados no centro de tanta polêmica servindo como trailer para as celeumas que envolveram a proibição da Marcha da Maconha em várias capitais? Para provocar reflexividade, uma resposta parcial é que *Maconha/Grass* indica como os caminhos que levam ao tráfico foram construídos como consequências de controles sociais operados sobre o consumo por parte de constelações política e economicamente estabelecidas – que pouco têm a ver com questões de saúde pública, apesar de ser este o discurso difundido -, enquanto *Tropa de elite* mostra que as representações deste tráfico estão sendo ressignificadas em função do fracasso das sanções sociais decorrentes da política de guerra às drogas analisadas no primeiro filme.

Se esta interpretação parece simplista, não deixa de ser emblemático que, no ponto de vista do criador de *Tropa de elite*, José Padilha<sup>114</sup>, a descriminalização da maconha poderia ser uma alternativa para os malefícios desse tráfico (A Tarde, 03/10/07). Este ponto de vista parece contraditório em relação à atitude do Bope retratada em seu filme<sup>115</sup>? Se levarmos em conta uma declaração do próprio cineasta no Globo.com (26/12/07): “No Brasil, o comprador de drogas está dando dinheiro para um grupo armado que controla uma comunidade carente”, talvez seja possível interpretar que Padilha ao ponderar sobre descriminalização, esteja indicando uma alternativa de redução de riscos em relação ao tráfico e sua violência, de modo que, os Capitães Nascimento da vida possam encontrar a aposentadoria precoce<sup>116</sup>.

---

<sup>114</sup> - que em função de algumas interpretações sobre o filme, recebeu a representação estigmatizada de realizador de uma obra fascista.

<sup>115</sup> - seguindo a linha interpretativa da nota anterior, para muitos espectadores *Tropa de elite* é basicamente um filme antidrogas, um panfleto publicitário da filosofia proibicionista de tolerância zero.

<sup>116</sup> - e como essa solução parece distante da realidade, Padilha está filmando *Tropa de elite 2*, no qual o Capitão Nascimento doze anos depois do primeiro filme é obrigado a abandonar sua aposentadoria...

Agora que o quadro das representações acadêmicas e midiáticas já foi configurado é pertinente fazer algumas pontuações conceituais sobre a cultura de consumo e sobre a metodologia interpretativa que caracteriza a análise do projeto:

#### 2.4 - Consumir para viver, viver para consumir!

Estamos todos imersos em culturas, e contemporaneamente, a cultura de consumo não mais projeta um ideal de felicidade como objetivo futuro, mas como um pacote de desejos que possam ser satisfeitos no presente - independentemente e até mesmo em função dos desequilíbrios econômicos de um país como o Brasil. O adiamento da satisfação individual em prol da segurança coletiva, característico da cultura de produção, pode ser interpretado como “o investimento acima do lucro, o trabalho acima do consumo” (Bauman:2001,181), num movimento diametralmente oposto ao da cultura do consumo, que objetiva exatamente abolir o adiamento da satisfação. Uma questão que pode ser formulada como uma crítica a essa perspectiva é que se a satisfação não é mais procrastinada, ela também não pode ser totalmente realizada, pois assim acarretaria o risco de extinguir o desejo por satisfação. A solução é cultivar satisfações ao alcance do presente, satisfações parciais ou mesmo insatisfatórias, que deixem margem operacional para, potencialmente, poderem ser satisfeitas depois. O desejo por satisfação assim é que passa a ser procrastinado em lugar da própria satisfação.

“A sociedade dominada pela estética do consumo precisa portanto, de um tipo muito especial de satisfação – semelhante ao *pharmakon* de Derrida, essa droga curativa que é ao mesmo tempo um veneno, ou melhor, uma droga que deve ser dosada cuidadosamente, nunca numa dosagem completa, que mata” (BAUMAN:2001,183).

Nessa modelo cultural o *phármakon* – que por enquanto, pode ser interpretado simplesmente como droga - tanto pode levar à satisfação quanto pode inviabilizá-la, mas a demanda por “mais uma dose” não chega a desconfigurar os controles sociais vigentes:

“A cultura de consumo não representa nem um lapso do controle, nem a instituição de controles mais rígidos; mas antes a corroboração dos controles por uma estrutura gerativa subjacente flexível, capaz de lidar ao mesmo tempo com o controle formal e o descontrole, bem como facilitar uma troca de marchas confortável entre ambos.” (FEATHERSTONE: 1995,48).

Esta tendência cultural leva ao que Featherstone representa como “descontrole controlado”<sup>117</sup>, mas poderia de forma mais completa representar como de descontrole controlado de emoções, pois em última instância, o que se propõe controlar ou não é o direcionamento mimético das emoções para algum modelo de consumo. O que caracteriza a primazia do descontrole controlado é que o consumidor acredita que o controle de seu descontrole está em suas próprias mãos ou do poder simbólico do dinheiro que tais mãos podem movimentar no consumo de distinções contemporâneas. Numa cultura onde o consumo é a via de busca por transcendência tornada adequadamente possível, o consumo de bens materiais antiteticamente configurados é central na geração de capital cultural.

Em sua teorização sobre a cultura do consumo, Featherstone (1995) especula como os marcadores de status contemporâneos passaram a ser definidos por uma estrutura antitética, aporística, em diálogo constante com os valores vigentes, numa lógica cultural que sedimenta representações pela diferença. Em outras palavras, em relação ao consumo de drogas, as categorias; *inclusão X exclusão, lícitos X ilícitos, norma X desvio* apenas aparentam uma desordem estrutural, mas configuram uma dinâmica cultural onde as diferenças pontuam as relações. Os valores centrais da cultura de consumo levam em conta que oposições previamente estruturadas podem ser ressignificadas e reconfiguradas, de modo a capacitar indivíduos e grupos para usarem bens simbólicos com fins a estabelecer parâmetros de referência nos quais, mesmo a exclusão é representada como modo de inclusão. As oposições estruturais dependem da existência de padrões relativamente estáveis de disposição e princípios classificatórios – os *habitus* sociais – que são identificáveis e funcionam estabelecendo fronteiras de consumo entre indivíduos e grupos.

Dentro da cultura da droga, por exemplo, é possível perceber variadas representações e polarizações antitéticas. Zaluar (2002) indica que, embora certos usuários consumam multiplamente maconha e cocaína, eles se distribuem em grupos antagônicos no que diz respeito ao *ethos* e às representações sociais associadas às drogas. Assim, a maconha estaria diretamente interfaceada ao relaxamento, à natureza, ao ócio e à paz, enquanto a cocaína estaria relacionada a um uso associado à aceleração da produtividade, à tensão das relações de competição e à agressividade concomitante. Estas categorizações implicam em hábitos, ritos, sanções e status distintos. Se na pesquisa com professores

---

<sup>117</sup> - descontrole controlado é uma expressão que Featherstone canibalizou de Elias (ELIAS & DUNNING 1992,59).

foi perceptível que alguns usuários de álcool tinham aversão por uso de maconha e alguns usuários de maconha manifestavam um certo descaso por uso de cocaína, na pesquisa com estudantes foi perceptível que 68% dos interlocutores era poliusuária. Essa diferença de postura entre professores e estudantes está relacionada com a menor idade dos estudantes que, imersos na cultura de consumo estão habituados às configurações antitéticas. Para os professores, que por serem mais velhos acabam sendo herdeiros de alguns valores característicos da cultura de produção, as diferentes drogas tendem a não comungar necessariamente culturas igualitárias.

Digo culturas igualitárias na medida em que na virada da década de 1960/70, Baudrillard (1995,47) refletia que a busca da “felicidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo, revelando-se como o equivalente autêntico da salvação”, pois o “mito da felicidade é aquele que recolhe e encarna, nas sociedades modernas, o mito da igualdade”. Na devida proporção em que “Para ser o veículo do mito do igualitário, é preciso que a felicidade seja mensurável por objetos e signos do conforto” (1995,47), o consumo é perspectivado como a moral da cultura contemporânea, disponibilizando o consumidor para atingir a felicidade que pode se encontrar materializada em uma pílula, um cigarro, ou em uma bebida, em – teóricas - condições igualitárias de escolha.

O lugar onde se exerce o consumo já nem precisa ser o shopping center, mas simplesmente o cenário da vida cotidiana, cenário no qual o corpo social é um palco onde se mimetizam símbolos, capitais e representações: “o consumo surge como modo ativo de relação (não só com objetos, mas ainda com a coletividade e o mundo), como modo de atividade sistemática e de resposta global, que serve de base a todo nosso sistema cultural” (Baudrillard:1995,11). Neste modo ativo de relação, as trocas cruzam riscos e incertezas.

No caso das drogas, riscos e incertezas balizados pela ilicitude, pela proibição. É exatamente em função do modelo proibicionista que por exemplo, em Amsterdã, onde consumir maconha é permitido em *coffee shops*<sup>118</sup> e no *Cannabis Cup*<sup>119</sup>, o consumo é muito mais intenso entre turistas internacionais que chegam naquela cidade sedentos por novidades<sup>120</sup> do que por holandeses. Entre os nativos de Amsterdã o consumo não aumentou proporcionalmente desde que a tolerância passou a vigorar em 1976, contudo,

---

<sup>118</sup> - em 2008 havia em Amsterdã 228 *coffee shops*, sendo que o total na Holanda é de 750 *coffee shops*.

<sup>119</sup> - festival anual onde, pagando cerca de duzentos euros, o consumidor pode fumar as melhores maconhas do mundo.

<sup>120</sup> - no mercado holandês há infinitos produtos derivados da maconha: cosméticos, cervejas, roupas, etc.

com a posse de um governo com postura mais ortodoxa em 2009, começou a haver uma revisão das sanções exatamente em função do consumo dos turistas que resolvem liberar os controles sem limites<sup>121</sup> fugindo da proibição em suas comunidades nativas. Debates e reflexões tomaram corpo em torno da proposta de redução da quantidade de *coffee shops* e da sua destinação exclusiva para frequência de cidadãos holandeses, uma espécie de clube só para distintos com seus cartões de acesso, distintos que também passariam a ajudar a cultivar as espécies, favorecendo um abastecimento sustentável. Se durante 30 anos o consumo de maconha deixou de representar uma situação de risco e passou a representar um modelo de controle social bem sucedido, a representação que a citada equipe de governo sustenta é que este é um modelo de controle social que atrai o risco, e para evitá-lo, carece regulamentar os usuários com rigor. Entretanto, o critério que selecionaria e distinguiria os frequentadores deste clube não seria a vontade de participação do usuário, seria sua nacionalidade. Esta mudança de critério de controle tira das mãos dos usuários o poder de escolha, problematizando uma questão que já é complexa:

“diferentemente dos perigos antigos, os riscos que envolvem a condição humana no mundo das dependências globais podem não só deixar de ser notados, mas também minimizados, mesmo quando notados. Do mesmo modo, as ações necessárias para exterminar ou limitar os riscos podem ser desviadas das verdadeiras fontes do perigo e canalizadas para alvos errados. Quando a complexidade da situação é descartada, fica fácil apontar para aquilo que está mais à mão como sendo causa das incertezas e ansiedades modernas.” (BAUMAN: Folha de São Paulo, 29/11/03).

Esta reflexão não se aplica apenas aos controles exercidos em função da nacionalidades, como quer o governo de Amsterdã, pois: “apontar para aquilo que está mais à mão como sendo causa das incertezas e ansiedades modernas.”, é o que pode estar acontecendo atualmente com tantos usuários de drogas quando, num mecanismo mimético de projeção, acabam sendo responsabilizados pela violência que perpassa o tráfico. É assim, apontando os riscos de acordo com “aquilo que está mais à mão” que se constroem *outsiders*.

---

<sup>121</sup> - os governantes que assumiram a gestão passaram a estabelecer uma clara política nacionalista. Eles alegam que o índice de criminalidade aumentou em torno do consumo de drogas por parte dos turistas, principalmente os norte-americanos apontados como os que mais consomem álcool e outras drogas de forma descontrolada.

Como os riscos são inevitáveis - o que não quer significar que não possam ser reduzidos - a observação das comunidades de usuários indica que as suas buscas por liberdade passam por rituais e sanções que não são construídos independentemente de uma ampla configuração com a cultura proibicionista. Contudo, buscar liberdade não quer dizer partir de uma condição onde não haja nenhuma, e sim poder ressignificá-la de acordo com demandas específicas. A liberdade é construída processualmente:

“a liberdade existe apenas como relação social; que, em vez de ser propriedade, fruição do indivíduo em si, é uma qualidade que faz parte de uma certa diferença entre os indivíduos; que só tem sentido como oposição a algum outro condicionalismo, passado ou presente” - (BAUMAN:1989,18).

Se assim for, podemos dizer que a liberdade só tem sentido quando se vivenciou alguma forma prévia de restrição à sua fruição. Ora, num exercício reflexivo, se pode pensar que buscar liberdade em torno do consumo de drogas ilícitas - com todos os estigmas que as atividades ilícitas carregam - é partir de uma condição previa onde a configuração da liberdade tenha estado em vínculo de proximidade com as atividades lícitas, mas tal proximidade não tenha sido suficiente para garantir a fruição do que os usuários possam entender por liberdade. Nesse sentido, a liberdade buscada, é liberdade inclusive para dimensionar certas configurações como aprisionantes, insatisfatórias, quando a insatisfação parece ser, na atual cultura dominante, o grande mal a ser combatido. Como o marketing do consumo afirma haver livro de auto-ajuda para quase tudo e *personal trainer* para o tudo que sobrar, o importante tem sido oferecer possibilidades de satisfação, como um sinônimo de liberdade.

“Esta centralidade da liberdade individual como um elo que mantém unidos o mundo da vida individual, a sociedade e o sistema social, foi atingida com o recente deslocamento da liberdade para fora da área da produção e do poder e para dentro da área do consumo” (BAUMAN:1989:18/19).

Nessa perspectiva da cultura de consumo a segurança que caracterizou o discurso da cultura de produção não é descartada, apenas reconfigurada diante do discurso da liberdade de consumo. Se o discurso que caracterizava uma cultura de produção era o da fé no futuro para obtenção de segurança, na cultura de consumo o futuro é acima de



tudo um risco, restando a liberdade de escolher, no presente, as opções capitalizáveis de felicidade:

“a liberdade de escolha é, na sociedade pós-moderna, o essencial entre os fatores de estratificação” (BAUMAN:1998,118), “Na sociedade pós-moderna e de consumo, escolher é o destino de todos, mas os limites de escolhas realistas diferem e também diferem os estoques de recursos necessários para fazê-las. É a responsabilidade individual pela escolha que é igualmente distribuída, não os meios individualmente possuídos para agir de acordo com essa responsabilidade”. (BAUMAN:1998, 243).

E quando há “responsabilidade individual pela escolha que é igualmente distribuída”, a lógica do consumo de drogas ganha transparência, pois, é possível perceber que através desse consumo, não só o traficante pode encontrar o caminho mais rápido para o enriquecimento – ou ao menos viver em torno desta representação - como o usuário também pode escolher uma instrumentalização específica para trazer ao presente alguma liberdade para pleitear a felicidade. No crepúsculo da cultura de produção essa possibilidade já havia sido apontada:

“O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhe concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse ‘amortecedor de preocupações’ é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. Sabe-se igualmente que é exatamente essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e sua capacidade de causar danos”, (FREUD: 1974 A, 97).

Eis o cerne do “mal-estar da modernidade”<sup>122</sup>, ou seja, se o que leva à felicidade ou ao menos à amortização de preocupações é um fator de risco, vale a pena optar por escolher tal risco? Se na cultura de produção as categorias freudianas *princípio da realidade* e o *princípio do prazer* (Freud:1974 B), acabaram sendo configuradas em rota de colisão - se deve escolher a segurança *ou* o risco - na cultura de consumo, a responsabilidade individual pelas escolhas dos riscos fornece segurança à construção da liberdade e liberdade à construção da segurança.

---

<sup>122</sup> - trocadilho que procura se situar entre *O mal-estar da civilização* (FREUD, 1974 A) e *O mal-estar da pós-modernidade* (BAUMAN, 1998).

Em decorrência da possibilidade de atingir algumas doses de liberdade através do consumo, os grupos *outsiders* que ascendem à condição de consumidores, podem se sentir tão próximos da liberdade corrente quanto os grupos estabelecidos. Se antes do deslocamento da ênfase na produção para a ênfase no consumo a perspectiva civilizatória objetivava um modelo inexorável de controle das emoções individuais para definir as fronteiras do progresso social, atualmente, o controle é construído através da liberação das emoções, ou mais precisamente, da institucionalização das emoções e dos desejos, oferecendo no mercado o que antes esteve culturalmente proibido, suspenso, e, através dessa oferta, vender um projeto de liberdade. Gradativamente, a felicidade enquanto estado de espírito (Platão, 1996), vem sendo trocada pelo desejo de consumir felicidade. Hoje, ela já pode ser obtida por um preço que se pode pagar - obviamente, para alguns, esta obtenção paga é mais complexa, porém, é nessa luta que as representações são ressignificadas.

Partindo desta reflexão, ao invés de eleger a culpa como reguladora dos *habitus* sociais, como era comum cinquenta anos atrás, cada vez mais o “slogan da hora” parece ser: *Enquanto a vida lhe consome, consuma a vida!* “O estímulo de novos desejos toma o lugar da regulamentação normativa, a publicidade toma o lugar da coerção e a sedução torna redundantes ou invisíveis as pressões da necessidade” (Bauman:1998,185), sem preconceitos se dirigindo tanto para quem pratica esportes radicais, quanto para quem frequenta cultos neopentecostais. O que imputa culpa ao indivíduo não é mais o fato dele transgredir alguma proibição à sua liberdade ou desviar-se das normas para obter satisfação, mas sim, o fato de não gozar desta, pois já nem é preciso necessariamente transgredir ou desviar para gozar satisfação. Hoje tudo tem um preço e a oferta é para todos, e mesmo quem não pode pagar, pode ao menos, desejar consumir.

Entretanto, não se deve operar uma redução da cultura de consumo a um cenário de hedonismo anômico, a uma ausência de princípios morais que pode levar a modelos de liberdade e felicidade autodestrutivos. Se por um lado, o consumidor é livre para desejar obter satisfação, por outro, ele tem o “dever” de desejar uma satisfação segura. A liberdade contemporânea demanda segurança e não é por acaso que nos *banners* e *outdoors* encontra-se cerveja com 0% de álcool, café livre de cafeína, doces sem açúcar, cigarros que não contêm tabaco. Não é por acaso que as comunidades de usuários de drogas cada vez mais constroem suas práticas com mecanismos para redução de riscos, como também não é por acaso que a lucrativa indústria de antidepressivos se apropria

do prognóstico da OMS<sup>123</sup> para garantir que seus clientes sejam legitimados, afinal: “A liberdade é na verdade um privilégio, e um privilégio oferecido com moderação e sem entusiasmo por parte de quem a oferece” (Bauman, 1989:56), e quem oferece está sempre de olho em quem pode aceitar pagar a oferta.

---

<sup>123</sup> - *Depressão será a doença mais comum do mundo em 2030, diz OMS* (BBC 02/09/2009). Por trás desta manchete da BBC está um prognóstico da OMS de que até 2030 a depressão que hoje atinge mais de 450 milhões de pessoas será a doença mais incapacitante do planeta, havendo um maior prejuízo para os chamados países em desenvolvimento, basicamente por estes possuírem menos dinheiro para comprar antidepressivos e bancar tratamentos. No Brasil, que é uma exceção entre tais países - sendo considerado farmaemergente, junto a Índia e Rússia -, a consequência direta desse prognóstico que vem sendo divulgado desde 2002 é que nos últimos quatro anos o mercado de antidepressivos cresceu 44,8% acima da média mundial, de acordo com o IMS Health (G1:26/12/09). Por outro lado, o que não foi diagnosticado pela OMS foram os fatores de risco que podem ter precipitado tal depressão planetária...

## 2.5 - Meu nome não é *Junkie*

Nos dias de hoje, será que refletir sobre as possibilidades de um estigma vir a gerar status positivo<sup>124</sup>, ainda causa estranhamento? Levando em conta que uma das principais estratégias da cultura de consumo é naturalizar a sedução pela novidade aparentemente infinita, a “repetida multiplicação das escolhas que torna possível a abundância” (Lipovetsky: 2006, 2), refletir sobre a ressignificação de certos estigmas como concretização emblemática da liberdade de escolha vem se tornando cada vez mais plausível. No cenário internacional de celebridades da cultura pop contemporânea, Amy Winehouse, Britney Spears e Lindsay Lohan passaram boa parte dos anos de 2007 e 2008 sendo manchetes, em grande medida, por seus envolvimento com drogas. Estas manchetes geraram reflexividade sobre os motivos que levam jovens bem sucedidas e ricas a perder o controle sobre seus consumos – no caso de Britney Spears, em função do descontrole intensamente midiático, houve a perda da guarda dos filhos. É passível de constatação que se estas celebridades tiveram suas imagens públicas criticadas como politicamente incorretas já que “potencialmente são exemplos” para um público consumidor jovem, por outro lado, suas representações públicas ganharam mais projeção, mantendo-as na pauta do dia com as inquestionáveis expectativas: será que elas ainda são tão boas como artistas ou as drogas são o ponto de decadência de suas carreiras? Será que essas celebridades são vítimas do sucesso ou estão aproveitando intensamente *la vida loca*? Será que realmente perderam o controle, ou será que essa perda de controle midiática faz parte da celebração de suas representações?

Aos olhos do grande público que consumiu vários escândalos enquanto informação, o hedonismo dessas estrelas tem gerado uma espetacularização glamourosa do consumo de drogas, às vezes de modo bem irônico. A imagem de Amy Winehouse<sup>125</sup> pareceu ganhar sobrevidas; quando ela entrou e saiu de clínicas de reabilitação, quando surgiu um vídeo no *Youtube* onde ela aparece consumindo crack ou quando agrediu algum fã. Em sensacionalismo extremo, alguns jornalistas chegaram a oferecer drogas a Winehouse e ao ator Heath Ledger – morto algum tempo depois por overdose acidental de medicamentos ou tecnicamente, suicídio acidental - para filmá-los em consumo e

---

<sup>124</sup> - sim, porque o estigma nada mais é do que um status negativo (Goffman: 1988).

<sup>125</sup> - Amy que não apenas tem um sobrenome sugestivo (Winehouse pode ser traduzido como Casa do vinho), mas que também se tornou famosa cantando “rehab”, forma abreviada para se referir aos centros de reabilitação para usuários de drogas (*drug rehabilitation*).

posteriormente vender as imagens ou chantageá-los<sup>126</sup>. Já aos olhos de um público mais específico que em razão de seus próprios consumos de psicoativos e sua estigmatização, tende a ser mais reservado ou cuidadoso em relação ao grande grupo de não usuários, a reflexividade propiciada pelo consumo descontrolado por parte de celebridades tem potencial para tocá-los profundamente. Ao encontrarem familiaridade no modelo exótico de consumo adotado por estes últimos, os primeiros encontram segurança ontológica onde antes só parecia haver o risco de uma liberdade estigmatizante:

“O que os ávidos espectadores esperam das confissões públicas das pessoas na ribalta é a confirmação de que sua própria solidão não é apenas tolerável, mas com alguma habilidade e sorte pode dar bons frutos. Mas o que os espectadores que se deleitam com as confissões das celebridades recebem como primeira recompensa é a sensação de fazer parte: o que lhes é prometido todo dia (“a quase qualquer momento”) é uma comunidade de solitários” (BAUMAN: 2003,64).

Nesse recorte, Amy, Britney e cia, configuram uma comunidade de celebridades “especialistas em intemperança”, que simbolicamente pode favorecer que solitários usuários se sintam mais próximos de fazer parte de um *setting* comunitário. Estas celebridades estabelecem um modelo de consumo com valores *outsider* que sinalizam a liberdade de escolha acima da segurança da escolha. “lidar com o excesso é o que passa, na modernidade tardia, por liberdade individual”, (Bauman:2003, 119). O que está em jogo é a possibilidade de atingir a liberdade individual por intermédio de uma certa “espiritualidade hedonista”, na qual o descontrole controlado, a intemperança temperada, represente um capital de risco de primeira grandeza - quanto maior o risco, maior o capital.

Em tal perspectiva de consumo nada mais deve ser proibido como o “mal em si”, mas sim consumido com uma margem de segurança adequada sob medida ao contexto<sup>127</sup>. No caso do consumo de drogas destas celebridades, o *banner: com risco é mais gostoso* está autorizado a piscar em luzes tridimensionais no lugar do *proibido é mais gostoso*. O diferencial desta perspectiva em relação ao hedonismo descontrolado dos anos 1960 é que no presente caso, opera um princípio de redução de riscos em que se pode e se deve abraçar controles formais e informais se preciso, por exemplo: entrando e saindo de clínicas de reabilitação e contando com o apoio afetivo da família

---

<sup>126</sup> - *Polícia prende homem que filmou Amy Winehouse usando crack* (Folhaonline, 12/12/08), *Paparazzi são acusados de dar drogas a Heath Ledger* – (Terraonline,12/04/08).

<sup>127</sup> - e isto obviamente não se restringe às drogas, mas a todos os capitais culturais disponibilizáveis, como comida ou sexo por exemplo.

e dos fãs que se solidarizam com suas confissões públicas ao invés de simplesmente receber penas criminais e exclusão de círculos sociais. A assimilação desses controles parece conferir uma margem de segurança equacionada à liberdade aparentemente irrestrita. Este padrão cultural, pelo qual algumas celebridades optam ao escolher um estilo de vida onde a liberdade é configurada em interface com uma segurança previamente conquistada, é um padrão com potencial para gerar reflexividade também entre – e talvez, principalmente - usuários que não tem muitas opções de liberdade com segurança, nem de segurança com liberdade.

E é nesse sentido que, saindo das manchetes de jornais e entrando nas salas e campi universitários, a vulnerabilidade dos estigmatizáveis consumidores de drogas pode encontrar abrigo no desejo de pertença em uma comunidade. Mas que modelo de comunidade seria este? Longe de ser um modelo fechado, inicialmente essa proposta de comunidade contemporânea pode transcorrer num sentido contrário da representação dominante, de que droga se aprende a consumir nas ruas - em meio a insegurança e ao risco não calculado -, na medida em que alguns interlocutores, viveram suas experiências iniciáticas nos seios das próprias famílias:

*Cleópatra - Eu fumo já há 8 ou 9 anos, (na época da entrevista estava com 22) mas eu tenho contato com a maconha há bastante tempo porque meu pai é usuário.*

*T. V. - E a relação dele com você e a maconha é tranquila?*

*Cleópatra - Na verdade desde pequena eu percebo que meu pai e meus tios, irmãos do meu pai, sempre fumavam, vi que tinha um cheiro diferente e que eles não fumavam em qualquer lugar. Quando eu tinha mais ou menos 8 anos, meu pai chegou pra mim e uma prima minha que o pai também fuma, e falou: “ó, isso aqui que a gente fuma é maconha, cês vão ouvir muita coisa na rua e na televisão falando sobre isso, mas qualquer dúvida que vocês tiverem vocês vem perguntar pra gente”. Na hora que ele saiu, a gente: ‘ah, é maconha!’ Aquela coisa de Jornal Nacional, de prisão, era uma coisa normal na nossa vida. Não é a gente saber que era maconha que faria nossos pais virarem criminosos, e aí foi bem tranquilo.*

*Quando eu comecei a fumar, logo de imediato eu nem contei pro meu pai, a gente nem morava junto, mas aos poucos ele foi percebendo, o jeito de tar se vestindo, os amigos, o som que cê tá curtindo, um dia ele falou pra mim: “ó, eu acho que cê tá fumando maconha, cê nunca me contou, mas da minha mão você só vai receber um baseado no dia que você chegar pra conversar comigo”. Eu tinha uns 15 (anos), eu*

*pensei: bom, é o momento, porque meu pai sempre fumava perto de mim, eu tinha vontade de fumar e de fumar principalmente com ele, e conversar, e aí a relação é bem tranquila entre nós.*

*T V - Você acredita que as relações familiares de seus colegas são parecidas?*

*Cleópatra - Eu tenho alguns amigos que tem com a mãe ou o pai esta abertura, ou com os dois. Por ter certas opções acabo me deparando com pessoas que tem às vezes esse estilo de vida e a relação familiar parecida, mas com a grande maioria a relação é diferente. Eu acho que dentro desse nosso universo nós somos exceções...*

*Eu nunca tive grandes problemas com minha família, minha mãe não gosta, não fuma, claro que se ela pudesse escolher ela preferia que eu não fumasse. [...] Dos cinco irmãos de meu pai, quatro fumam, e todos têm filhos com a vida muito bem estabilizada, e são muito carinhosos, é uma família muito grudada. Meu avô já perguntou pra meu pai se ele tinha dúvida que eu fumava maconha e meu pai respondeu que não tinha dúvida nenhuma.*

Pelo que relata Cleópatra, é possível perceber que o sistema especialista é representado por alguém próximo, seu pai, que soube conduzir sua vida sem que o consumo de maconha o estigmatizasse, e que por sua vez também representa seus irmãos usuários bem sucedidos. O pai de Cleópatra estabelece com ela, uma relação face a face, onde a confiança é o primeiro requisito de redução de riscos, explicitado no: “*mas da minha mão você só vai receber um baseado no dia que você chegar pra conversar comigo*”. Conversar é o meio de estabelecer elos, mostrando que a problemática das drogas pode ser “*trazida para a sala de jantar*” sem ser necessariamente um assunto indigesto. E mesmo que no pólo contrário esteja sua mãe, resistente ao consumo, na postura favorável estão os tios e sobrinhos estabilizados e carinhosos, e mesmo o avô, ou seja, a oposição de sua mãe não determina necessariamente um ponto de conflito que caracterize uma família disfuncional, pois a representação que Cleópatra traz para nossa interlocução é a de “*uma família muito grudada*”.

*Pancho Villa - A gente aprendeu que podia cheirar lança-perfume com os nossos pais, era normal a gente chegar em casa e com 13 anos eu via meu pai cheirar, falar que botava na geladeira pra ficar melhor. Cheirava com sete primos no carnaval.*

*Comecei a fumar (maconha) com meu irmão mais novo, no prédio onde eu morava todo mundo fumava.*

Esta fala de Pancho deixa clara uma situação em que não apenas o especialista referencial é o próprio pai, mas a configuração relacional mais imediata - irmão, primos, vizinhos – favorece uma percepção das drogas não como motivo de conflitos, mas sim como condizente com o pertencimento comunitário. Contudo, não há como naturalizar esta situação de diálogo e confiança como garantia inquestionável contra os riscos do consumo:

*Marley - Desde quando eu era pequeno minha mãe sempre falou que ela fumava, e me falou porque ela fumava, e eu nunca tive problema com isso, os amigos dela também fumam, todos bem sucedidos, todos com grandes exemplos de vida. Aquilo mostrava pra mim que a relação entre usuários de maconha e marginalidade e falta de querer fazer as coisas não tem nada a ver. Isso aí é de pessoa pra pessoa. Tem pessoas que são muito inteligentes, bem sucedidas que são usuárias de drogas.*

Nesse exemplo em que há a confiança estabelecida na relação mãe-filho, se percebe que a representação trazida à tona: - “os amigos dela também fumam, todos bem sucedidos” – não associa consumo de drogas e marginalidade, pelo contrário. Entretanto, ter essa representação como mecanismo de redução de riscos não foi garantia para que Marley não tivesse sérios problemas com seu consumo de crack, que pelo período de um semestre, o aproximou da marginalidade, inclusive afastando-o de sua mãe. Outros interlocutores também relataram que suas iniciações com drogas mesmo quando alicerçadas por uma ambiência familiar de consumo, nem sempre foram muito tranquilas:

*T.V. - Você começou a consumir em que ambiente?*

*Rimbaud - No meu caso tem uma relação com a galera, mas o contato, a cultura de fumar começou dentro de casa. Meu pai, ele consome e o irmão de meu pai também. Na época que o meu pai foi pros EUA, era época de liberdade, aquela coisa hippie. Essa coisa hoje pra meu pai nunca foi um grilo. Mas ele só descobriu dois anos atrás que eu fumava. Eu comecei com 15, 16 anos.*



T.V. - *Você falou que só quando você tinha 20 anos seu pai ficou sabendo do seu uso, por que durante quatro anos você nunca trocou uma idéia com ele?*

Rimbaud - *É meio difícil falar isso dentro de casa, eu não me sentia muito aberto pra falar antes de chegar numa idade, hoje em dia é uma conversa mais fácil, antes eu era muito menino. Primeiro eu não queria dizer que já tinha fumado, eu tinha um consumo muito diferente do de hoje em dia, hoje em dia eu discuto a coisa. Isso de ganhar uma grana e comprar o meu, isso começou a surgir depois que eu entrei na faculdade. Uma coisa (ruim) de não ter conversado com meu pai, foi a circunstância em que ele descobriu, foi um nocaute... foi quando eu acabei sendo preso... foi engraçado que foi na época do aniversário dele. Ele foi me buscar na delegacia, ele tava até bebendo... ele falou: “ó como é que eu descobri que você fuma...”, aquela coisa. A partir daí ele veio com o discurso, de que tinha a preocupação de que eu tava abusando da substância. A gente não mora junto e ele tenta perceber como é que eu tou me relacionando com a droga.*

Já nessa fala de Rimbaud é possível interpretar que há um grau de dificuldade do interlocutor em estabelecer um diálogo com alguém que para ele, não é apenas um “pai”, mas um pai que representa a *época da liberdade*, emblematizada pela sua imersão na cultura hippie. Talvez pese o receio de sustentar, ante alguém que acabou definindo uma identidade enquanto jovem, uma auto-representação de um jovem inseguro por não ostentar uma identidade significativamente estabelecida: “eu não me sentia muito aberto pra falar antes de chegar numa idade”. Nesse recorte, a prisão de Rimbaud acabou sugerindo uma representação negativa, marcada pelo estigma, mas que de certa forma pareceu favorecer uma maior aproximação dialógica entre ele e seu pai: “A gente não mora junto e ele tenta perceber como é que eu tou me relacionando com a droga”. Rimbaud não é o único interlocutor que relatou dificuldade de comunicação. Houve um caso em que a pouca comunicação possível gerou uma representação referencial familiar não muito edificante:

T.V. - *Como foi o início de seu contato com drogas?*

Garrincha - *Aos 13 anos eu tava cursando a 8º série, e comecei com álcool e maconha.*

T. V. - *Como era esse consumo?*

Garrincha - *Na verdade veio de dentro de casa com a coisa de meu irmão mais velho. Eu convivi com o fantasma de meu pai biológico que não teve presente, mas tinha o fantasma do uso de drogas dele, e isso refletia quando eu era criança, eu ouvia falar sobre o uso de drogas do meu pai... mas não atribuo meu uso de drogas a nada disso, simplesmente foi a hora que pintou e eu comecei.*

T. V. - *Havia outras pessoas que consumiam?*

Garrincha - *A gente morava em Brasília, e tava passando férias em Salvador com meu primo, meu irmão, e dois colegas. Foi nessa situação que eu fiz a primeira experiência com a maconha.*

T. V. - *Você colocou que conviveu com o fantasma de seu pai enquanto usuário, usuário de que?*

Garrincha - *Eu era criança quando eu tive essa notícia, minha mãe confirmou, mas não soube dizer que droga era, mas eu achava que era algo injetável. Eu vi meu pai recentemente, ele agora veio pra Salvador. Foi a sexta vez que eu vi ele.*

T. V. - *Vocês teriam abertura pra conversar sobre essas questões?*

Garrincha - *Abertura eu não sei, ele pra mim é uma pessoa que eu não tenho intimidade com ele. Eu já tentei, ele teve uns problemas acho que com álcool tempo atrás, eu levei ele pro lugar onde eu frequento (os Narcóticos Anônimos), ele acha que tem o controle da situação... Essa coisa dele achar que tem o controle, ele acaba criando uma barreira que não dá essa liberdade de tar perguntando: que droga que cê usava? Me lembro que com 16 anos ele dizia: “se tu começar a dar problema aí, vou trazer tu pra morar comigo”, querendo dar uma de pai.*

T.V. - *Você acredita mesmo que o fantasma dele lhe persegue?*

Garrincha - *Quando eu me referi à palavra fantasma, eu tava me referindo àquela referência do pai, usando como referência o uso de droga dele. Não tenho outra referência dele.*

O fantasma de um pai usuário, que Garrincha trouxe em sua primeira fala e tentou racionalizar na última, se configura como uma herança maldita, uma representação que pode ser utilizada por ele como justificativa para a sua impotência ante seu consumo intemperado de drogas. Seu incomodo com a aparente incapacidade do pai em dialogar, em estabelecer uma adequabilidade ao contexto, mostra a sua tentativa de trazer uma relação fantasmagórica para um nível de realidade tal, onde a droga é o fio de contato que os une. Vale observar que sendo uma pessoa que faz consumo notoriamente

descontrolado de drogas, Garrincha projeta um incomodo muito maior com a falta de controle no consumo do pai do que com o seu. Nessa inversão de posicionamentos, é Garrincha que tenta “curar” o pai, e fica frustrado ao não conseguir. É como se esta inadequabilidade do pai para manter um consumo controlado mostrasse que ele também não teria recursos para controlar seu próprio consumo. Este relato também se junta a alguns outros, ao trazer, de forma oposta e complementar, a representação da mãe tradicionalmente contrária ao uso:

Garrincha - *Na verdade, minha mãe, segundo ela, já sofreu com o uso de drogas de meu pai. Meu irmão já tava também envolvido, já tinha sido mandado pra colégio interno.*

Cleópatra - *Eu nunca tive grandes problemas com minha família, minha mãe não gosta, não fuma, claro que se ela pudesse escolher ela preferia que eu não fumasse, mas por outro lado ela foi casada com meu pai que fuma por muito tempo, eu sei também que ela já fumou com ele algumas vezes - ela nunca me falou, meu pai que me contou como segredo.*

T. V. - *Sua mãe fuma?*

Rimbaud - *Não! É um conflito extremo (dela) com meu pai. Depois desse episódio (da detenção policial) eu comecei a repetir pra que ela soubesse, porque se você acredita numa nova forma de lidar com a droga, não falo nem em legalização, mas normalização do consumo, como tem pra cerveja, tem pro cigarro, não vou fingir que eu não uso, como algumas pessoas fazem, e vou mostrar que eu sou um ser humano que usa e não vou deixar de ser humano e ser um marginal, entendeu? Minha mãe é o que a gente chama de “careta”. Ela sabe que eu fui parar numa delegacia, mas não sabe que foi por causa de maconha.*

Se entre estes três pares de pais há conflitos em relação ao uso de drogas, na formação de valores de cada um dos interlocutores correspondentes, opera uma elaboração para a tensão resultante: Em relação à Garrincha, o fantasma do pai parece ser-lhe muito mais atraente do que repulsivo, na medida em que sem perceber ele acaba não só seguindo-lhe o rastro, mas usando-o como modelo de representação. Cleópatra não sustenta como negativo o não consentimento da mãe para seu consumo, chegando

até a tirar vantagem da situação, pois o segredo compartilhado com o pai sobre o rápido momento de consumo de maconha por parte de mãe, estreitou-lhes a confiança. Já Rimbaud leva o conflito para a dimensão da “luta política” por direitos, que de certo modo o impulsiona a forjar sua identidade, a buscar respeito no embate entre seus valores e os valores impostos por sua mãe, na medida em que esta – a “careta” - representa os valores dominantes na sociedade. Entretanto, é preciso ressaltar que a comunidade de usuários que tem raízes familiares não deve ser reduzida exclusivamente a laços de sangue, pois as comunidades contemporâneas não se sustentariam só com “raízes consanguíneas”, elas necessitam de “antenas eletivas”. Na perspectiva da ativação dessas “antenas”, laços afetivos com características familiares passam a ser forjados entre os pares que configuram as comunidades de estudantes universitários onde os interlocutores atuam. Se não é viável falar de *uma* comunidade de estudantes que são usuários, mas sim de comunidades de estudantes usuários, cada uma com suas peculiaridades, é viável começar a análise por uma delas, no caso, a estigmatizada comunidade de estudantes usuários dos cursos de Humanidades da Universidade Federal da Bahia:

Cleópatra - *No meu campus tem muita gente que usa principalmente maconha, mas na verdade tem um estigma de que lá só tem doidão, todo mundo fuma maconha, mas se comparar tem muito mais gente que não fuma do que gente que fuma.*

T.V. - *Esse estigma lhe incomoda?*

Cleópatra - *Não, não incomoda tanto, o que incomoda mais é ser um estigma criado por sermos da área de humanas.*

T.V. - *Você acha que esse preconceito não acontece em outras áreas?*

Cleópatra - *Eu acho que em outras áreas devem existir outros preconceitos, mas no caso da maconha e das ciências humanas é algo que “casou” pra criar esse preconceito.*

É possível interpretar que Cleópatra diz que não se incomoda, já se incomodando. Cleópatra, como uma pessoa que está envolvida numa comunidade na qual acredita, se incomoda sim, que sua comunidade seja estigmatizada. Foi perceptível que ela até então muito tranquila, fechou um pouco o semblante. O dado trazido, de que o número de fumantes não constitui uma maioria entre os colegas, não quer dizer que não seja significativo. Quanto à associação de maconha com ciências humanas ter por objetivo

estigmatizar as pessoas consideradas “mais intelectualizadas” – os heréticos com potencial para serem consagrados - se ainda estivéssemos no período da ditadura, seria uma reflexão mais pertinente com os mecanismo de controle social em curso. Porém, hoje em dia, essa reflexão pode ser interpretada como operada exatamente por quem sendo mais intelectualizado, não quer que sua representação – e de sua comunidade - se resume ao consumo de maconha. Uma outra estudante da mesma faculdade tem um ponto de vista um pouco diferente sobre a representação da comunidade em questão:

Leila Diniz - *Eu fumava pouco, quando entrei na universidade eu fiquei abismada porque as pessoas fumavam demais. Eu perguntava como é que vocês conseguem fumar todos os dias, fumar e ir pra aula? Eu fumava em festas, eu nunca comprava, mas depois na faculdade comecei a comprar...*

T.V. - *O grupo de universitários usuários que você conhece é de pessoas integradas?*

Leila Diniz - *São, com certeza são, porque os acadêmicos são socialmente integrados.*

T.V. - *Olha, isso não é o que eu tenho observado, não necessariamente...*

Leila Diniz - *Eu falei isso porque é um grupo de uma classe média alta... é uma problemática o uso de maconha aqui... hoje em dia existe uma pasta do diretório acadêmico de drogas, inclusive a diretora quando entrou, começou com uma reação ofensiva com a galera que tava fumando... certa vez ela olhou pra mim e disse: “olha a cara dela!” eu disse: “me respeite, o que é isso?”*

Se algumas pessoas associam ciências humanas e maconha veiculando um preconceito que estigmatiza a comunidade de ciências humanas como um todo, também pode ser observado que sustentar que todo estudante usuário é integrado por ser de classe média é um preconceito que busca dar alguma distinção ao usuário de ciências humanas de classe média. Enquanto o primeiro preconceito busca desqualificar o estudante de ciências humanas por ser usuário, o segundo preconceito procura requalificar o estudante usuário por ser de classe média – e nas entrelinhas silogísticas dessa reflexão, se deixa margem para sustentar que o usuário problemático é aquele que mesmo sendo universitário, não tem o status de pertencer à classe média. Entre estigmas e distinções, a existência de uma pasta acadêmica sobre drogas, emblematiza a intensidade do conflito – o embate entre a estudante e a diretora não deixou dúvidas – e até em função da existência desse arquivo, é possível que alguns usuários percebam o

pesquisador – que a essa altura já beirava a paranóia - como alguém infiltrado entre os nativos para catalogá-los. Ampliando a perspectiva comparativa da observação, esse campus universitário não é o único *setting* de consumo de drogas onde há conflito:

T.V. - *Hoje na escola de música há consumo de drogas?*

Mozart - *Rapaz, quando eu entrei tinha uma galera barra pesada. Bateram boca com chefe de departamento, chegou o ponto do diretor da escola ir lá em cima (risos), só que ele era muito legal, entendeu a história porque era muito ligado à Arte. A gente fumava e produzia, levava violão, era o nosso ambiente, o timing era outro. Tinha os doidozinhos lá que sentava e estudava mesmo... A música era algo ligado ao prazer, muito forte.*

T.V. - *Havia um conflito entre usuários e não usuários?*

Mozart - *Sim, tinha cara feia, e isso mudou agora. Raramente eu vejo alguém fumando maconha na escola, ou já vem fumado ou tá lá embaixo e fuma. Não tem mais aquele grupo que fumava, ia pra aula doidão, isso não existe.*

T.V. - *Você acha isso uma coisa positiva ou negativa?*

Mozart - *Eu acho isso positivo porque deixou de ser o foco. Eram adolescentes mesmo, eu via isso, que a galera tava num movimento às vezes de descoberta, deve ter estudado em escola particular, ainda mora junto com a mãe, tem status de ser um estudante da faculdade. Então, o cara fica doidão e curte aquele status de poder tar doidão ali dentro. Eu nunca encarava desse jeito, eu tinha sido doidão mas tava em outra fase. Entrei na faculdade na época que eu fui pra França, e eu vi aquela academia de música, e conheci a história dos compositores e comecei a viajar nessa onda. Eu ia pra rua e via os caras tocando jazz, eu ia pra rua tocar berimbau doidão e ganhava dinheiro (risos), botava a cuia lá e ganhava francos.*

Mozart percebe uma melhora na representação da comunidade estudantil de sua unidade com a diminuição dos doidões. Em seu ponto de vista, por algum tempo ele esteve em meio a uma comunidade imatura no modo como fez uso descontrolado do poder de representação do usuário: “*tem status de ser um estudante da faculdade... o cara fica doidão e curte aquele status de poder tar doidão ali dentro*”, porém, Mozart não perdeu a capacidade reflexiva para criticar sem rancor, o próprio comportamento – e essa dimensão autocrítica não corresponde à representação pública dos usuários de drogas. Além disso, foi no seu período *on the road*, em meio ao consumo de drogas,

que ele descobriu o valor da cultura universitária. Em sua reflexão, entrar para a universidade depois dos trinta anos de idade<sup>128</sup>, não foi desdobramento do fim do curso de nível médio, mas sim decorrência de sua política de vida na qual não havia maiores incompatibilidades entre a liberdade para fazer o que queria e a segurança de saber o que queria. O que houve foi uma maior responsabilidade para guiar sua liberdade em sintonia com sua segurança.

Seguindo a proposta hermenêutica, é possível observar através dos relatos de outros interlocutores, que nas configurações universitárias, apesar de levarem a fama, os estudantes não são os únicos a consumir drogas:

T.V. - *Como é o consumo no ambiente acadêmico?*

Zumbi - (doutorando no curso de comunicação) - *Tenho vários amigos que fazem pós-graduação que usam, mas a maior parte não utiliza, entre os estudantes, agora entre os professores a maioria utiliza, geralmente maconha e cocaína, e utilizam com alguns orientandos selecionados, porque eles não gostam de se expor.*

T.V. - *Você acha que essa é uma boa relação entre orientador e orientando?*

Zumbi - *Geralmente esse uso não é em horário de produção acadêmica, é um horário de confraternização. Não vejo problemas.*

T.V. - *Dá pra comparar o consumo acadêmico em sua cidade natal – capital de um estado do sudeste - e em Salvador?*

Zumbi - *Lá é bem pior, lá grande parte dos alunos fumam e fumam pelo campus todo. Andando no campus daqui eu vejo poucas rodinhas. Aqui não tem muito essa convivência do campus, a pessoa vai pra faculdade estudar e depois quando acaba, não vai “fumar um” com os amigos, vai pra casa fumar ou fuma no carro.*

T.V. - *E enquanto professor, você já teve oportunidade de ver em sala de aula alunos sob efeito de drogas? Pergunto isso porque alguns professores dizem que as drogas prejudicam o rendimento do aluno.*

Zumbi - *Não, não vejo assim, não. Alguns chegam em sala de aula depois de ter fumado um, chegam muito acelerados, acabam atrapalhando a aula, mas são pessoas que se não utilizassem a droga iam atrapalhar do mesmo jeito. Precisaria de mais pesquisa pra dizer que aquele aluno é problemático por causa da droga. Inclusive*

---

<sup>128</sup> - sendo o único interlocutor com esse perfil etário.

*alunos meus – agora eu não tou ensinando, tou com dedicação exclusiva ao doutorado - depois das aulas eu fumava (com eles) também.*

No ponto de vista deste interlocutor, o consumo dos usuários no campus onde faz pós-graduação é até discreto tendo como referência o campus onde fez graduação. Mesmo que Zumbi se refira, principalmente, à mesma substância psicoativa a que se referem interlocutores anteriores, suas percepções não homogeneízam as relações de poder dentro da comunidade universitária de usuários, como mostra sua fala a respeito da relação professores/estudantes. Se na pesquisa realizada com professores, foi constatado que os docentes mantêm alguma discrição quanto ao grau de envolvimento com os discentes, aqui, na voz de Zumbi, é dito claramente que há consumo conjunto sim.

Também merece destaque a reflexão de que: “Alguns chegam em sala de aula depois de ter fumado um, [...] acabam atrapalhando a aula, mas são pessoas que se não utilizassem a droga iam atrapalhar do mesmo jeito. *Precisaria de mais pesquisa pra dizer que aquele aluno é problemático por causa da droga*”, ou seja, será que um “aluno problemático” que usa drogas é problemático porque usa drogas? Se for possível sustentar a categoria de aluno problemático, em alguns casos - e talvez não por coincidência, em faculdades particulares -, a comunidade universitária pode até ser interpretada por estes estudantes como terapêutica:

T.V. - *Na faculdade você percebe o consumo de drogas?*

Garrincha - *Quando eu entrei na faculdade eu tomei a decisão de não usar droga. Parece conversa, mas ou encontra outro jeito de acontecer ou não dá mais. Eu tava há dois dias sem usar droga quando veio a notícia de que passei no vestibular. Fiquei mais de um ano sem usar droga e sem nenhum tipo de internação! Hoje eu considero maconha e álcool como droga também, porque algumas vezes que eu tentei ficar sem a cocaína e continuava fazendo uso da maconha, eu frequentava os mesmos lugares, encontrava as mesmas pessoas, em questão de tempo eu tava retomando o uso da cocaína. Nos dois primeiros semestres eu não tive contato na faculdade com pessoas que usavam drogas, é lógico que eu sacava quem usava, mas não tinha nem conversa a respeito disso. Eu já vi algumas pessoas usando, vi algumas pessoas chegarem com cheiro de droga.*

T.V. - *Quando você retomou o consumo isso foi fora da faculdade?*



Garrincha - *É, o consumo foi fora da faculdade. No segundo semestre eu não perdi nenhuma matéria na faculdade, e aí veio uma recaída e eu acabei perdendo o terceiro semestre inteiro. Inclusive eu já tava estagiando num veículo de comunicação bem conceituado.*

*Quando eu iniciei a faculdade foi a minha primeira experiência sem droga, a impressão que eu tinha é que tava escrito na testa: usuário pesado! Até que um dia uma colega falou: o Garrincha é ingênuo, o Garrincha não tem maldade! Então tá mudando, essa imagem que eu tenho a meu respeito é aquela coisa que as pessoas não têm. Eu entrei na faculdade com toda aquela carga que eu vivi e achando que aquilo tava estampado na minha cara. E as pessoas me viam participando na aula, chegando no horário. Então consegui algumas amizades.*

T.V. - *Você chegou a conversar com esses amigos sobre suas questões com drogas?*

Garrincha - *Não. Tem uma pessoa só na faculdade que sabe.*

T.V. - *Usuária?*

Garrincha - *Não sei, acho que não.*

Se o estigma é a única marca identitária estabelecida, então como reconhecer-se e ser representado de outro modo? Garrincha pensa a comunidade universitária como a alternativa terapêutica possível para o seu estigma “estampado na cara”. Tão carregado pelo fardo, ele é surpreendido quando uma colega o exime da “maldade”. Aos seus olhos, a solução é ficar invisível aos olhos dos outros colegas e principalmente aos olhos dos colegas usuários, pois a carreira de estudante universitário é seu maior investimento para ressignificar sua representação pública. E Garrincha não é o único interlocutor que não vê o consumo na academia com bons olhos:

T.V. - *Como é que você vê o consumo de drogas dos outros no ambiente acadêmico, de estudo?*

Marley - *Eu acho que atrapalha, porque no meu caso quando eu fumava me dava sono, preguiça de estudar, pode não ser com todo mundo, tem pessoas que conseguem fumar e prestar atenção na aula, mas eu mesmo fico disperso.*

Se não se mostra tão preocupado com sua representação quanto Garrincha<sup>129</sup>, Marley se mostra muito interessado em construir uma carreira profissional - esse interlocutor já indicou anteriormente que reduz o consumo em período de maior necessidade de produção. Se reduzir não é parar, é buscar algum controle, Marley vai oferecendo indícios de que a inserção na comunidade universitária é a sua opção de reduções de riscos sociais, a sua alternativa para configurar um reencantamento<sup>130</sup> com o cotidiano, num processo facilitado pela posse da carteira de estudante. Esta ressignificação da cultura universitária por parte de alguns universitários usuários nada mais é do que uma revisão reflexiva do que pode ser a educação, pois, muito mais do que formar profissionais competentes, o *setting* do ensino superior tem potencial para formar cidadãos que busquem equilibrar *razão* – segurança - e *emoção* - liberdade. Este reencantamento pode ser configurado através de uma cultura universitária que leve em conta as questões de ordem afetiva/emocional dos estudantes. O caso de Marley é um bom exemplo desta situação, pois o que ele busca é o equilíbrio entre seus controles emocionais e sua capacidade de administrar conhecimentos.

Como pano de fundo para essa possível ressignificação da comunidade universitária que enfatize além da produção de conhecimento, a adequabilidade emocional dos alunos, se encontra um certo hedonismo contemporaneamente configurado. O que essa reflexão sugere? Sugere que esta comunidade ao trazer como um dos seus dispositivos centrais, uma película de redução de riscos, não esteja necessariamente buscando, entre os efeitos desejados, a anulação da liberdade e do prazer. Uma contradição? Não exatamente, apenas mais uma aporia, entre as muitas que caracterizam a cultura de consumo, cultura onde transitar entre a liberdade e a segurança passa a ser mais uma opção. A obrigatoriedade de optar entre liberdade ou segurança, se ainda é dominante, não é mais hegemônica.

A hedonização da cultura contemporânea já não proporciona tanto estranhamento e cada vez mais se aproxima de ser configurada como parte da *regra* estabilizada, se afastando de ser a marginalizada *exceção à regra*. Vale ressaltar que esse hedonismo referido não é intemperado, sem controles: “O fim do ‘goze sem entraves’ não significa a reabilitação do puritanismo, mas, sim, a ampliação social de um modelo de hedonismo normalizado e administrativo, higienizado e racional. Ao hedonismo desregrado seguiu-

---

<sup>129</sup> - inclusive, Marley se disponibilizou para contar publicamente sua trajetória, caso isso ajudasse outras pessoas a não viverem as agruras que ele viveu.

<sup>130</sup> - e reencantamento na perspectiva de Mafessoli (1995) reside na busca pelo prazer, pela alegria de viver em tribos não limitadas pelos excessos de racionalidades.

se o hedonismo prudente, ‘limpo’ e vagamente triste.” (Lipovetsky: 2005,193). Esse modelo aporístico de hedonismo que não exclui a redução de riscos, até propicia um equilíbrio sedutor e consumível entre segurança e liberdade, ou melhor, favorece o consumo de liberdade com margens de segurança. Eis a fórmula da felicidade!

Se nesse reencantamento do cotidiano há uma quase obrigação moral de consumir felicidade, uma cultura universitária onde se considere a política de vida dos seus integrantes, não está tão na contramão da história. Em uma cultura alicerçada pela informação, as infinitas e sedutoras opções de consumo encontram na reflexiva comunidade universitária um canal de receptividade com potencial para favorecer escolhas que podem ser mais ou menos edificantes na distinção entre múltiplos capitais culturais – que por sua vez podem ser mais ou menos hedonistas, de acordo com as perspectivas de consumir doses de felicidade, seja optando por um cigarro, um copo ou um comprimido.

O reencantamento que acompanha esse consumo hedonista nas comunidades universitárias favorece uma postura reflexiva em torno das informações sobre drogas e passa pela ressignificação da representação dos especialistas tradicionais – nesse *setting* representados pelos docentes - pois estes, não só como formadores de opinião, mas como formadores de conduta, têm em suas mãos: “um entrelaçamento articulado de redes globais e locais de *estruturas de informação e comunicação*” (Beck, Giddens & Lash:1997,147). E é refletindo sobre esse sistema especialista que um dos interlocutores busca definir seu modelo de hedonismo racional e temperado:

Pancho Villa - *Quando eu era garoto li um livro que falava de várias drogas e pra mim chamou muito a atenção que dizia que maconha era uma droga que não causava overdose, e eu pensei: que porra é essa? Isso instigou várias coisas e desde então eu comecei a ler tudo sobre maconha. Na sequência descobri que os amigos no prédio fumavam e as primeiras vezes que fumei pensei: o efeito é muito bom, bom pra caralho! Descobri que falavam mal de uma coisa que não fazia mal. Me senti na obrigação de me colocar como usuário e defender contra alguém que falava mal, que eu sabia que era mentira. Eu sempre li muito, eu sempre fui da turma o excêntrico, quando eu passei a fumar passei a ser o que defendia a maconha.*

Pancho, em sua condição de usuário universitário, se sente devidamente instrumentalizado para abraçar a representação de um estudioso que se especializa em

temas *outsider*. “Descobri que falavam mal de uma coisa que não fazia mal. Me senti na obrigação de me colocar como usuário e defender contra alguém que falava mal, que eu sabia que era mentira.” Essa situação é plenamente compatível com uma postura de alguém que encontrou o reencantamento com o conhecimento não através da teoria mas sim de sua própria prática, o que o leva à ressignificação de estigmas e à construção de um discurso com instrumental universitário intensamente reflexivo. Pancho almeja não só contestar um parecer de especialistas como também busca se tornar um especialista ao contestar tais especialistas. Na prática, o que Pancho descreve é o que chamo de uma hermenêutica “tripla”<sup>131</sup>, virtualmente dialogando com Scott Lash quando este pondera sobre a importância dos sistemas especialistas<sup>132</sup>: “a reflexividade na modernidade implica uma liberdade crescente dos sistemas especialistas e uma crítica a eles... A reflexividade não é baseada na confiança, mas na ausência de confiança nos sistemas especialistas” (Beck, Giddens & Lash:1997,142). A falta de confiança em certos especialistas sobre consumo de drogas fez com que Pancho buscasse configurar uma nova leitura sobre este consumo, leitura que ele faz questão de compartilhar com seus colegas da cultura universitária. Especificamente nesse caso, se tornar um tipo de especialista parece ser um desejo antigo, uma motivação primária que Pancho cultivou através dos anos:

*Pancho - Tentei a primeira vez jornalismo (no vestibular), pois desde o começo, minha idéia era ser conhecido como alguém que sabia o que tava falando sobre maconha. Esse é o ponto de partida na minha adolescência. Eu parti pra buscar uma carreira que me desse um prestígio de tar falando e a minha fala sobre determinado assunto fosse respeitada.*

Não apenas falar sobre maconha, mas Pancho ao falar, quer ter sua fala respeitada, consagrada a distinção por retificar uma inverdade: “Me senti na obrigação de me

---

<sup>131</sup> - A hermenêutica tripla é uma tentativa do pesquisador em estabelecer um diálogo com Giddens no sentido de que: “Para Giddens, a reflexividade na modernidade ocorre por intermédio de uma ‘hermenêutica dupla’, em que (embora o primeiro meio de interpretação seja o agente social) o segundo meio de interpretação é o sistema especialista.” (Lash in: BECK, GIDDENS & LASH: 1997,142). A hermenêutica tripla objetiva a superação do segundo meio de interpretação, quando o especialista primeiro se torna apenas informação para um agente que, com as reflexividades em torno dessa “informação” passa a ser o especialista, aquele que no *setting* configuracional específico pode ser o mais adequado para satisfazer suas demandas.

<sup>132</sup> - “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (Giddens:1991, 35).

colocar como usuário e defender (a maconha) contra alguém que falava mal, que eu sabia que era mentira”. Qual a sua estratégia? Ele buscou configurar uma carreira universitária construída com uma sólida representação de pesquisador, o que requer doses de temperança que muitos colegas usuários talvez não disponham. E Pancho parece obter, num primeiro momento, certo êxito entre os discentes, mas também entre os próprios docentes, especialistas por excelência:

*Pancho Villa - Por enquanto tem sido tudo perfeito. Só um professor de metodologia que ficou resistente (ao seu projeto de pesquisa sobre o consumo de maconha). Outros professores acharam ótimo. Inclusive alguns professores vistos como caretas, já me disseram que tiveram vontade de experimentar. Levei agora a discussão pro CETAD (Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas), e foi bastante bem aceito. Já me chamaram pra fazer uma apresentação na escola de Belas Artes, onde existe um conflito com os maconheiros. O pessoal de Biologia me chamou pra falar na semana de Biologia. Falei no Fórum Social com o pessoal que trabalha em comunidade com projetos de saúde. Apresentei a redução de danos. Uma senhora presente me disse que nunca ouviu falar disso e que eu precisava falar sobre redução de danos nas escolas de ensino médio, de segundo grau.*

Se estes dados indicaram que a representação de Pancho enquanto especialista no tema estava prestes a se tornar estabelecida, as relações de poder que envolvem a problemática do consumo de drogas, lhe impuseram um revés, pois o conflito de interesses entre o *status quo* proibicionista e a proposta de debate antiproibicionista em torno da Marcha da Maconha<sup>133</sup> colocou sua posição em xeque: de especialista, passou a correr o risco de ser representado como apologista.

---

<sup>133</sup> - A Marcha da Maconha 2008 acabou configurando uma polêmica diferente da que pretendeu levantar, pois o ponto central da discussão foi deslocado para o direito democrático de trazer a público, temáticas consideradas hereges e que alguns setores ortodoxos da sociedade preferem que fiquem longe da reflexividade popular por acreditá-las explosivas demais.

## 2.6 – Mas o que é que o interprete interpreta?

Antes de seguir o processo reflexivo e tendo como referência a noção de que a completude desta narrativa não se dará antes que o leitor execute suas reflexões sobre o texto, é necessário operar uma breve mediação metodológica para legitimar os parâmetros narrativos. Inicialmente, de que recursos disponho para dialogar duplamente; com os interlocutores em campo e com as minhas referências teórico-metodológicas? Para não correr o risco de querer me aproximar do leitor do texto me afastando do interlocutor que encontrei em campo, elejo a hermenêutica como recurso, na medida em que esta, desde a primeira parte do projeto, se mostrou uma ferramenta metodológica *hot*, isto é, que permite configurar uma perspectiva dialógica, no sentido de salientar as peculiaridades das vozes presentes no diálogo, e que também abre ao leitor, a possibilidade de ser um intérprete deste diálogo. Assim sendo, busco minimizar corriqueiras reduções processuais que podem ocorrer, como a monologização do diálogo – tipo: “agora que também sou nativo, entendo o *pensar* e estou autorizado a *falar* pelo Outro” - que se desenha quando o estranhamento se torna familiaridade.

O que está aqui proposto é uma construção na qual procuro não incorporar a fala do Outro à minha fala, mas sim problematizá-la com a fala que sustento. Esta perspectiva reflexiva tem potencial para superar tanto a dicotomia sujeito/objeto quanto a dicotomia metodologia/teoria. Tal proposta considera que a descrição ou a interpretação mantêm uma interface que pode ser representada como uma gradação, onde as sequências configuradas são mais ou menos sistematizadas em função do objeto. O que esta proposta hermenêutica rechaça é um discurso estritamente descritivo onde o pesquisador “naturalmente” represente o pesquisado, num sentido de representação platônico - universalizante e transcendental, adverso ao glocal e processual. Na construção das minhas percepções reflexivas numa teia de significados configurada com os significados propostos pelos interlocutores, tenho convicção de que se talvez entre estes eu possa ser até considerado um nativo, só o sou até o ponto em que não ameço concretamente seus nativismos.

A hermenêutica enquanto ferramenta reflexiva me potencializa para reduzir a ameaça de riscos aos interlocutores na medida em que me permite configurá-los não como exóticos em relação ao familiar ou como familiarizados em relação ao exótico, mas sim como exóticos em relação a minha familiaridade com o exótico e familiarizados em relação ao seu exótico familiar. Com esse recurso metodológico em

mãos me sinto autorizado a “participar” de seus contextos, de suas configurações culturais, onde as teias de significados do consumo de drogas podem vir a ganhar sentido.

Em relação à cultura de consumo a hermenêutica favorece uma concepção de cultura na qual as representações que não possam ser relacionadas com as contingências tendem a perder fôlego – nesse caso isso significaria não perceber como o consumo de substâncias psicoativas possibilita criar vínculos e estabelecer distinções sociais, na medida em que as drogas são culturalmente revestidas de camadas de valores que por sua vez são potencializadas de acordo com as contingências do *setting*. As contingências indicam que a ausência de perenidade das representações é a condição que viabiliza pensar uma cultura de consumo. Assim, na prática, as pesquisas em ciências sociais que não dialogarem com as contingências que envolvem o acesso à cultura dos interlocutores, e ao invés disso congele-os na “camisa-de-força teórica”, correm o risco de desconstruir o objeto ao invés de construí-lo. Dialogar é estar atento e aberto às incertezas e aos riscos, interpretando os processos culturais enquanto teias de valores e significados interdependentes, interpenetrados e processuais. Como já disse Geertz:

“Acreditando como Weber que o homem é um animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.” (Geertz: 1989, 4).

Se assim for, cientificamente a interpretação pode ser uma valiosa construção dialógica com o que os outros “pensam e fazem”, e ao fazer uso desse procedimento hermenêutico, estou também possibilitando que outros interpretem o que eu penso e faço. Encarando o risco da proposta, interpretar o papel de hermeneuta numa investigação sobre consumo de drogas é assumir que o sujeito que ao tentar se aproximar para interpretar correndo o risco de se distanciar, também pode e acaba sendo interpretado. Em última instância, este é um risco inevitável e até esperado quando se está numa configuração polifônica: como assimilar as interpretações da interpretação. A essa elaboração, acrescento que para ter alguma familiaridade com os significados configurados pelo Outro, assim como ter referências num repertório interpretativo adequado à comunidade em foco, não é fundamental me tornar nativo – e os interlocutores me mostraram mais de uma vez que sabem da quase impossibilidade

dessa imersão na cultura nativa se concretizar integralmente. O que se faz fundamental é acreditar na possibilidade de dialogar com estes nativos, sem desconsiderar os sotaques e os vícios de linguagem...

Para que a interpretação não se resuma a um relativismo extremo – um possível olhar etnocêntrico do pesquisador - é preciso assegurar que o intérprete saiba-se interpretar. Assim, interpretar não é simplesmente se aproximar do que soe familiar, pois o que é familiar não gera necessariamente um conhecimento dado. Interpretar deve ser buscar se distanciar, se alienar a familiaridade com o familiar para melhor observá-lo.

Esta abordagem hermenêutica ao reconhecer que configurativamente, pesquisador e pesquisados podem ser da mesma natureza, não resume minha perspectiva a socioantropologia, pelo contrário, abre o leque para uma aproximação com a filosofia. Num rico debate com Richard Rorty sobre relativismo (Souza: 2005), Jürgen Habermas traz à tona algumas idéias de Dilthey. Para este último, os intérpretes fazem parte de contextos, assim muitas vezes tendendo a não registrar o posicionamento original em campo dos objetos interpretados. Se Dilthey concebe um intérprete como um participante da história interpretada, esta é a situação na qual me encontro. Ele defende em sua formulação, de acordo com Habermas, que “As interpretações podem ser profundas ou superficiais, mas não verdadeiras ou falsas” (Souza:2005, 67), na medida em que não é mais *A Verdade* que está em jogo, e sim contextos, onde, no ponto de vista de Rorty, algumas interpretações podem ser mais autênticas – o que os nativos tendem a interpretar como mais verdadeiras - do que outras. No curso da cultura de consumo, esta proposta interpretativa encontra eco na medida que rortyanamente “a função reveladora do mundo tornou-se reflexiva” (Souza:2005, 75) havendo contextos variados para diferentes verdades. No presente estudo, não é difícil perceber que tanto os consumidores de drogas como aqueles que os discriminam, se mostram convictos de suas verdades e estão dispostos a prová-las ao outro. Como pesquisador, a aporia entre estas duas verdades é a verdade que posso e devo pesquisar.

Indo além no diálogo filosófico, Rorty por sua vez cogita a respeito da adequabilidade do melhor argumento para uma específica audiência, uma específica comunidade, adequabilidade que caracteriza a substituição estratégica da verdade única por uma racionalidade que não tem como fundação as argumentações universalizáveis, e que se configura através de conexões sentimentais, de vínculos de confiança<sup>134</sup>. Rorty

---

<sup>134</sup> - nessa proposta rortyana, diferentemente da habermasiana, é preferível pensar em comunidades ao invés de Comunidade.



ao manter estas “opções de acesso a verdade” abertas, contextualiza a hermenêutica como uma prática democrática e que por isso mesmo pode ser universal sem necessariamente ser universalizante.

Ora, se em certos contextos, em meio a certas audiências, há verdades argumentáveis de modo mais autêntico do que outras, não seria exatamente esse argumento mais autêntico diante de uma específica audiência, o que procuro capturar nas representações sustentadas pelos meus interlocutores? Suas estratégias de sobrevivência apesar dos estigmas? O que pode me assegurar ter tido acesso a esse(s) argumento(s) é exatamente o dado de que com parte dos interlocutores não estabeleci uma relação de confiança imediata. Essa ausência de empatia instantânea paradoxalmente me deu acesso aos seus argumentos mais autênticos – interpretando que eu sou a audiência que representa “as audiências ausentes”, ante as quais eles assim encontraram uma boa oportunidade para erguerem suas vozes e estabelecerem suas verdades, oportunidade que alguns não tinham tido até então. Metodologicamente essa falta de empatia e confiança de alguns interlocutores para comigo foi a verdade mais desafiadora e adequada para os objetivos do projeto aqui apresentado. Pelo menos assim interpretei.

### III – A ação

#### 3.1 - Cortes etnográficos: aproximações e apreciações

Apesar de já ter feito referência às resistências que encontrei em campo, talvez seja interessante relatar que enquanto ainda a pesquisa não era de conhecimento público, a minha aproximação inicial não foi tão difícil. Por ter sido acidental, foi até fácil. Entre 2003 e 2004 enquanto estava realizando a primeira parte da pesquisa, centrada no consumo de professores, ministrei um curso intitulado *Drogas em curso!* no CETAD. Este foi um curso dirigido para estudantes universitários onde 60% da turma foi constituída por usuários, 20% por ex-usuários e 20% não se considerando usuários – apesar destes fazerem uso social do álcool, não o consideravam como droga. O diferencial entre os estudantes usuários e os ex-usuários é que os últimos foram usuários problemáticos de droga lícita, o álcool etílico, – inclusive havendo envolvimento com violência e prisões – ao passo que os usuários de droga ilícita – a maconha, principalmente – que “estavam na ativa”, não eram usuários problemáticos, conseguiam manejar bem seus vários papéis sociais sem deixar que o consumo lhes estigmatizasse. No curso, a demanda desses últimos, além da busca por novas informações sobre o consumo, era uma procura por ferramentas científicas que possibilitassem a construção de uma via de representação para a categoria dos usuários menos impregnada por valores estigmatizados/estigmatizantes. Boa parte do curso foi gasta com discussões sobre possíveis representações que os reconhecessem como inseridos nas redes de produção e consumo e não como excluídos. Merece destaque que dos dez participantes sete pertenciam a área de ciências humanas, o que me fez pensar que esta realmente seria uma área profícua para observação. Nesse momento em que possuí o status temporário de professor, conheci alguns interlocutores que futuramente iriam participar da segunda parte da pesquisa.

Algumas semanas depois de iniciado o curso, guiado por um estudante de graduação, realizei uma aproximação junto a um grupo que estava frequentando “o mirante” de FFCH, já citado pela estudante redutora de danos (pg.90). Havia oito pessoas reunidas, cinco homens e três mulheres que não deveriam passar dos 25 anos. O guia me apresentou como alguém que estava ministrando um curso sobre drogas<sup>135</sup>, mas que não

---

<sup>135</sup> - Nesse momento ser apresentado como professor causou menos estranhamento entre os estudantes do que posteriormente quando fui percebido por outros interlocutores como estudante pesquisador.

era um curso com perfil proibicionista. Este último juízo de valor que creditou ao curso uma representação antiproibicionista, garantiu que os presentes não me vissem como um opositor aos valores do grupo. Como resultado, eles me olharam sem manifestar maiores estranhamentos ou entusiasmos. Um deles me perguntou jocosamente: “e pode fumar lá dentro?” Depois de alguns risos, quando eu disse que essa não era a proposta, ele não manifestou maiores interesses sobre o curso, assim como os outros que continuaram conversando. Após esclarecer qual era a proposta, e sem querer forçar a aproximação num primeiro contato, entrei numa conversa que alguém puxou sobre música. Um baseado estava aceso circulando de mão em mão e um outro estava sendo confeccionado em meio a conversas paralelas. Três dos presentes não estavam fazendo uso, mas isso não pareceu ser motivo de conflito ou constrangimento.

Um dos presentes fumou o baseado deitado numa rede armada entre dois coqueiros, quando comentei sobre a coincidência dele estar com uma rede à mão num momento como aquele. Meio que surpreso com minha observação, ele retornou: “não é coincidência não, eu trago essa rede todo dia pra fumar um aqui!”. Como ninguém riu, percebi que não era uma piada. Tal discurso soou relevante, já que pareceu se encaixar na representação de que “a galera do mirante” não quer nada além de fumar maconha, numa explícita entrega irrestrita ao princípio de prazer. Mas o comportamento específico daquele usuário talvez não seja tão típico – apesar de servir como estereótipo – pois demanda certa racionalidade instrumental: para montar a rede, o usuário teria que transportá-la frequentemente – sendo que ele não possuía um veículo - quer dizer, para configurar um *setting* “macunaímico”, este estudante demanda constantemente um *set* afetivo-emocional motivado. Essa possibilidade me fez refletir: o que estes estudantes estão fazendo não é apenas fumar maconha e se divertir, eles estão configurando um *setting* de produção universitária como um *setting* de convivência, *setting* onde as possibilidades de segurança se encontram interpenetradas com as possibilidades de liberdade.

Bem, como cada *setting* tem suas configurações específicas, uma professora chamou a atenção de que, na então Faculdade Jorge Amado, uma das mais respeitadas faculdades particulares de Salvador, os valores e representações dos estudantes são bem distintos destes citados acima. Um grupo de usuários de maconha que costumava se reunir para fumar no estacionamento não foi tão tolerado e acabou sendo denunciado pelos próprios colegas à diretoria que autorizou a entrada da polícia no campus para a detenção dos infratores. Um deles chegou a ser indiciado como traficante. Além do

antagonismo de valores entre os estudantes e a direção nesta faculdade, chama a atenção o conflito de valores entre os próprios estudantes, pois alguns estudantes não fumantes ficaram ao lado dos colegas detidos, lhes parecendo menos problemático o uso de maconha do que a invasão do campus pela polícia e a detenção de um colega. De modo geral, de acordo com o que relatam alguns professores, os alunos desta faculdade – e das faculdades particulares de forma geral - são menos tolerantes com o consumo de maconha do que os alunos não fumantes da citada unidade da UFBA, que não se incomodam tanto com a “galera do mirante” contanto que ela não saia de perto do mirante.

Nesse ponto, a mercadificação da educação gera uma escala de valores entre as instituições de ensino superior que não é medida apenas pelo IGC<sup>136</sup>. Os próprios estudantes de instituições particulares sabendo que muitas destas são menos “bem cotadas no mercado”, reflexivamente são levados a buscar mecanismos de defesa que lhes assegure alguma representabilidade distinta. O consumo de drogas é um discurso que segue na contramão desta distinção. Uma faculdade particular onde o consumo é notório é uma faculdade com cotação negativa no mercado e nisso é possível que pese a repercussão da categoria ‘universitário usuário traficante’ que ficou atrelada ao filme *Tropa de elite*.

Como não poderia deixar de ser, a mídia local também incorporou a categoria universitário usuário-traficante emblemática no referido filme. Um exemplo é a matéria: *Flagrante, uso de drogas na UCSal!*, exibida em 27/10/07 no teleprograma *Se liga Bocão!*. Na reportagem, aos exibir imagens de jovens fumando maconha no estacionamento do campus, o teleapresentador Bocão energicamente pede que a polícia use a lei: “não importa se é usuário<sup>137</sup> pois quando é preto, pobre, do subúrbio, a polícia desce a madeira!”. A matéria, que após circular no *Youtube* por alguns dias foi retirada do ar, diz que jovens universitários se reúnem não para estudar, mas para usar drogas. “São jovens universitários... a droga é comprada ali mesmo no local... o tráfico não é reprimido, não se preocupam se estão ou não sendo observados”. Se os estudantes não se preocupam de estarem sendo observados é algo discutível, pois como se percebe, a filmagem foi feita de modo camuflado, mas não há dúvidas de que os controles informais que poderiam oferecer alguma segurança à comunidade destes usuários foram

---

<sup>136</sup> - Índice Geral dos Cursos.

<sup>137</sup> - na verdade, este pode ter sido um significativo lapso de linguagem, já que o apresentador possivelmente quis dizer: não importa se é *universitário*.

deixados de lado. Em meio ao movimento dos carros, vários usuários fumam e comercializam abertamente, numa exposição com muito mais visibilidade do que a da “galera do mirante” na UFBA. Recurso corporativista ou não, ao defender a comunidade de usuários da UFBA em relação à visibilidade do consumo e mesmo à acusação de que há tráfico, Cleópatra foi muito incisiva em apontar que *outsider* é o outro:

Cleópatra - *Onde eu sei que rola constantemente e diariamente (tráfico) é na Católica. Tudo mundo que frequenta “o mirante” sabe.*

T.V. - *Tráfico pra sustentar o uso ou tráfico para dar lucro?*

Cleópatra - *Pro cara “tirar o dele”<sup>138</sup>, o cara vai lá justamente pra isso.*

Talvez o incômodo de Cleópatra se dê porque esse excesso de visibilidade da imagem – que agora não é apenas a imagem de universitário usuário, mas também de universitário traficante - é uma representação que gruda na pele das várias comunidades de usuários, e não apenas na pele daquela comunidade específica.

---

<sup>138</sup> - tirar o dele = ganhar dinheiro.

### 3.2 - O campo e suas vicissitudes

Estava claro que se eu pretendia realizar cortes etnográficos em determinadas comunidades de usuários de drogas, seria preciso estreitar laços que possibilitassem ir além do que possibilita um questionário ou uma entrevista. Assim, metodologicamente, foi mais vantajoso utilizar as entrevistas como ponto de partida do que como ponto de chegada, pois a partir das sessões de entrevista fui estreitando contatos que me facilitaram compartilhar alguns momentos de relativa intimidade. Assim fazendo, pude perceber em que medida de seu estilo de vida cotidiano, o interlocutor é aquilo que *diz* ser com suas palavras – e nem me refiro a representação que o interlocutor acredita que os outros façam dele, mas de sua auto-representação. Não é nenhuma novidade que o que uma pessoa diz sobre si mesma, principalmente numa situação de entrevista, não corresponda exatamente ao seu atuar no mundo.

As entrevistas foram marcadas a critério do interlocutor, geralmente em sua casa ou local de trabalho/estudo, o que já me favoreceu uma leitura inicial do seu *setting*. A maior parte dos sujeitos apresentou um estilo de vida que pode ser identificado como estilo condizente com as perspectivas das camadas médias urbanas, principalmente pelo padrão de moradia. Por exemplo, numa das situações antropológicamente mais “ricas”, um estudante de doutorado em Comunicação que morava só num bairro bem popular parecia fazê-lo por opção política e não por limitações econômicas. Na condição de bolsista, sua residência era incrivelmente produzida: dois laptops e um computador de mesa com conexão banda larga, aparelho de tv de última geração, dois celulares, muitos livros na estante, além de veículo, e uma verba mensal para psicoativos em torno de R\$ 300,00.

Alguns interlocutores sem renda própria ainda moravam com os pais, outros na condição de bolsistas dividiam moradia com colegas ou companheiros, uma interlocutora também bolsista morava só numa casa de praia e ainda um deles, oriundo das camadas superiores, morava com a esposa numa cobertura bastante confortável. Entre os que não moravam com as famílias de origem, havia vários arranjos, mas geralmente envolvendo outras pessoas também usuárias, seja como cônjuge seja como colega. Em relação ao sustento econômico, 55% deles, incluindo os de graduação, possuía bolsas de estudo, demonstrando que suas qualidades acadêmicas não eram deficientes. Esta maioria dispunha de recursos para manter seus consumos em dia, e não só de alimentos e de material de estudo, mas principalmente o consumo de psicoativos.

Também foi perceptível que esses interlocutores possuíam uma bagagem informacional ampla e atualizada quando falavam sobre questões do momento – como em tese, se espera de um universitário, mas na prática nem sempre é o que se encontra -, geralmente manifestando não só informações, mas reflexividade no que dizia respeito à política, economia, música, cinema, sexo e principalmente sobre drogas.

Se alguns dos interlocutores já faziam parte da minha rede de relações, o que eu precisei fazer foi utilizar a situação de entrevista como ferramenta de aproximação, um motivo para estabelecer contato que possibilitasse mais intimidade. Assim, consegui estabelecer – em certos casos, restabelecer – uma ponte que me permitiu um olhar mais próximo de seus estilos de vida. Com alguns eu fui a bares, com outros a festas ou shows, e com aqueles que frequentavam unidades de ensino onde o consumo de drogas era notório, cheguei a assistir aulas em suas turmas. Em 40% dos casos, cheguei a frequentar suas moradias, em situações outras que não as de entrevista, sendo que depois de concluído o trabalho de campo ainda mantivemos algum contato. Faz-se imprescindível assinalar o quão importante foi o contato inicial, em suas casas ou em seus ambientes de estudo/trabalho, pois aí já se podia perceber seus mecanismos de inserção e interação em suas áreas de atuação, seus controles informais. Os que moravam longe dos pais e eram fumantes de maconha, fumaram durante a entrevista, os que moravam com os pais, e dentre estes, nenhum era a favor do uso, preferiram ser entrevistados nas faculdades, onde alguns fizeram uso. Um usuário de cocaína, que morava só, cheirou a substância durante a entrevista. Nesse sentido, a casa e a rua são configuradas de acordo com a necessidade contingencial de adequação. Assim há mais liberdade em casa para consumir quando não há interdição familiar, principalmente para os que moravam sem os pais. Para estes universitários, a rua significava o risco desnecessário e que deve ser evitado. Já para aqueles que moravam com as famílias tradicionais, a rua era um “risco seguro” que valia a pena ser corrido, enquanto a casa dos “pais caretas” era seguramente um risco a ser evitado.

Como busquei ganhar alguma familiaridade com o que para eles fosse familiar, é preciso registrar como seus estilos de vida me causaram algum impacto, não necessariamente positivo ou negativo, apenas como decorrência de algum nível inicial de estranhamento. Refletindo por este ângulo, as notas de campo não são trazidas em anexo e sim no corpo do texto, porque tais notas fazem parte da construção do campo, das ambivalências e aporias que encontrei diretamente no processo de construção dos dados. Colocar essas notas em anexo seria como colocá-las aparte do campo, como se o

pesquisador estivesse distanciado do campo, o que no mínimo, seria uma desconstrução da relação sujeito-objeto que se buscou para atingir a familiaridade em questão.

Gradualmente, fui me tornando parte das galeras e cheguei a “ficar” com uma das estudantes, o que acredito me abriu algumas portas, pois a partir de então, eles já não demonstravam se incomodar com minha presença – pelo menos não aparentemente – mesmo quando a droga que o grupo estava consumindo era cocaína<sup>139</sup>. Após ficar com a referida interlocutora por alguns dias, eu passei a ser o Cara que ficou frequentando o grupo, sem que eles se referissem a mim como aquele que chegou como pesquisador, como *outsider*. Em última instância eu estava naquele *setting* de consumo sob a representação de ter sido o Cara de uma das usuárias, e uma das que tinha voz ativa.

Essa questão da voz ativa e liderança é outro ponto importante a ressaltar nessas articulações comunitárias. Sempre havia um líder ao redor do qual a atividade do grupo circulava. A liderança podia ser apontada em função dos capitais culturais sustentadas pelos membros da comunidade, como por exemplo; possuir uma casa ou um carro para efetuar o consumo, possuir mais dinheiro para adquirir ou simplesmente pelo carisma representado. Ao contrário da representação dominante que projeta os usuários de drogas como caóticos e desorganizados, não tive dificuldades para observar nessas comunidades que sempre havia um líder ou líderes para evocar o uso, para indicar um roteiro a se fazer na noite ou direcionar uma discussão. Sempre existia alguém que ajudava a controlar o descontrole, um líder facilmente perceptível em cada galera que frequentei. Sem precisar ter sido estritamente pragmático em minha abordagem, sempre que possível me aproximava dos líderes, ou talvez eles se aproximassem de mim, pois, queira ou não, se eu estava fazendo uma pesquisa na qual “sua tribo” estava inclusa, se eles eram realmente líderes, tinham que me deixar claro que eles também estavam de olho em mim. Mas isso não implicou em animosidade, apenas percebi que dos grupos em foco, eram sempre estes líderes os que mais queriam saber detalhes sobre mim e sobre a pesquisa. Essa é outra questão que merece ser levantada. As relações de poder sustentadas por *outsiders* tanto em relação a *outsiders* quanto a estabelecidos, por heterodoxas e hedonistas que parecessem ser tais comunidades, mantêm estruturas semelhantes às encontradas em relações estabelecidas. Assim, os *outsiders* aos grupos

---

<sup>139</sup> - digo isto porque geralmente o consumo de cocaína é cercado de maiores cuidados do que o de maconha - mesmo a maconha pelo seu cheiro sendo mais facilmente identificável. Para consumi-la com mais tranquilidade, os usuários se afastam do grupo maior. As diferenças de custo pesavam nesse ponto, e se no caso da maconha geralmente me ofereciam, no caso da cocaína isso nunca ocorreu.



*outsiders* passam por um rito de avaliação até serem aceitos no grupo, como nativos ou como “convidados”.

A partir de então fui percebendo que conquistando a confiança dos líderes era uma questão de tempo até que cada vez menos, minha presença entre as várias células comunitárias que frequentei, deixasse de ser percebida como a presença de um *outsider*. Vez por outra eu vacilava, e deixava que minha participação atrapalhasse a observação. Certa ocasião, num dos bares freqüentados, percebi o flerte entre duas garotas dum grupo de estudantes sentados em duas mesas contíguas, e fiz uma leitura que quase causou minha expulsão do grupo; a de que se me mostrasse para algumas interlocutoras como apto a ser confidente de suas intimidades, seria mais rapidamente aceito. Digo isso porque no dia seguinte, na casa onde algumas delas moravam, achando que estava sendo discreto o suficiente, perguntei a uma delas: “tá rolando um clima entre você e aquela garota de ontem?”. Bem, nos segundos seguintes parece que a terceira guerra mundial havia sido declarada, pelo menos ao redor de meus ouvidos, que foram bombardeados com impropérios e desaforos os mais variados, indicando que eu não devia me meter na vida dos outros. Em função desse incidente essas duas interlocutoras se afastaram de mim e tive receio que outras se afastassem também. Mais uma vez, fui lembrado de que não era tão nativo assim e se pretendia pelo menos ser tolerado, deveria ter mais cuidado nas intervenções.

Desse momento em diante passei observar mais minha própria participação, principalmente quando algum uso de drogas estava sendo feito pelo grupo. Certa ocasião, num dos bares, numa mesa ao lado de onde eu estava sentado, dois estudantes que não deviam ter mais que 21, 22 anos, bebiam separados dos grupos maiores – geralmente havia vários segmentos da tribo distribuídos pelas mesas. Um dos dois começou a passar mal e a vomitar na própria mesa. Os colegas ao redor, não deram muita atenção e até riram do descontrolado bebedor, mas ninguém, nem mesmo seu parceiro interveio – a exceção da dona do bar que tentou limpar a sujeira, porém o sujeito vomitou mais uma vez. Pensei em intervir, mas já que seus colegas não pareciam preocupados, não quis quebrar a egrégora do grupo, ainda mais lembrando que a imagem do Redutor de Danos era vista de forma jocosa por muitos dos presentes. Ao invés de intervir diretamente, apenas sugeri a pessoa mais próxima que se o fulano vomitasse de novo, nós não aguentaríamos mais o cheiro. Depois de uma gargalhada, tal pessoa pediu pra não servirem mais bebida ao colega, e assim foi. Nessa cena, o que pareceu chamar mais a atenção do grupo não foi se o estudante bêbado carecia de ajuda,

mas sim a especulação sobre o porquê daquele fulano ter sido levado a botar “as barbas de molho”; foi porque misturou cachaça com cerveja, porque não comeu antes de beber ou porque fumou maconha depois de beber. De fato, o grupo se mostrou mais interessado em especular o porquê do problema do que em resolver o problema. O consenso era de que ele não iria morrer por causa daquela bebedeira, e nisso o fulano passou a meia hora seguinte prostrado na mesa, enquanto seu companheiro se mudou para outro lugar menos fétido.

Para dificultar que eu, inconscientemente, interferisse mais do devia em certas configurações comunitárias configuradas por interlocutores com os quais ainda estava desenvolvendo afinidade, resolvi criar certo distanciamento me cercando por outros interlocutores que eu conhecia. Em certa oportunidade fui acompanhado a uma *rave*, por dois casais de amigos usuários de drogas<sup>140</sup>, mas não usuários da nova geração de substâncias psicoativas sintéticas – ressalva esta que as mulheres dos casais fizeram questão de salientar várias vezes. Ambos os casais estavam numa faixa etária acima dos 40 anos, e como eu, nunca haviam ido a uma festa de música eletrônica, e também estavam com curiosidade de saber do que se tratava. A *rave* havia sido bem divulgada na internet, e uma das interlocutoras da pesquisa me convidou para conhecer o ambiente do qual ela tanto falava. Estando lá, também encontrei com um outro interlocutor, que faria uma apresentação como DJ. Mesmo estando a maior parte do tempo na companhia dos casais de amigos, pude observar como ambos os interlocutores reconhecidos se relacionavam em seus grupos. Um destes exercia uma notória liderança sobre os seus pares, principalmente por ostentar o posto de DJ, o que lhe conferia uma inequívoca distinção. Os que passavam por perto faziam questão de saudá-lo, e muitos disseram estar aguardando ansiosamente pelo seu *set* musical<sup>141</sup>. A outra interlocutora também parecia exercer certa influência sobre as seis outras pessoas com as quais passou a maior parte do tempo, porém de forma mais discreta, talvez de modo não muito perceptível por quem não estivesse demasiado atento, mas bastava que ela emitisse uma olhada por sobre os óculos, para que o tom da conversação mudasse do sério para o cômico, e as outras iam atrás – soube posteriormente, serem todas universitárias das áreas de Humanas e de Letras. Entre as sete, ela era quem mais se relacionava com pessoas de fora desse pequeno subgrupo.

---

<sup>140</sup> - uma delas era estudante de pós-graduação.

<sup>141</sup> - um determinado período de tempo da festa no qual o DJ mostra seu serviço, em meio a vários outros DJs que se revezam.

A *rave* era de amplitude internacional; havia argentinos, italianos e alguns DJs ingleses, sendo estes últimos os responsáveis por trazer a maior parte das drogas sintéticas consumidas no evento. A tribo dos ingleses, constituída por jovens na faixa dos 20 e poucos anos, estava em número de sete - quatro rapazes e três moças, todos com longos cabelos louros no estilo Rastafari. No embalo da meia-noite, ao som de intensos ritmos eletrônicos, eles começaram a se atirar na lama, deitando e rolando, corpos sobre corpos, indistintos e sorridentes, convidando outros a fazer o mesmo. Quase uma hora depois eles permaneciam enlameados, dançando no mesmo ritmo, inclusive depois da música ter cambiado a batida. Duas das pessoas que me acompanhavam comentaram entre risos, como era decadente aquele ritual, não vendo o sentido daquele frenesi, ao som de uma música no mínimo estridente e repetitiva. Olhei para um deles, que ostentava seus longos cabelos grisalhos, e que não muito tempo atrás disse que o sonho de juventude dele e de sua esposa era poder ter estado em *Woodstock*, e lancei uma provocação: se eles acharam por demais significativo, – no sentido político e estético – que no filme *Woodstock*, certo movimento de jovens dos anos 60 festejasse seus valores culturais exatamente dançando desnudos na lama e usando substâncias que alteravam a consciência ao som de uma música estridente, o que mudou para que quase a mesma cena, cerca de 40 anos depois, recebesse uma ressignificação quase oposta? A resposta mais rápida que um dos quatro formulou, foi de que: “não somos mais estudantes, somos pais de família!” Rimos e brindamos a reflexão.

Se “ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”, como diz a música de Belchior, há controvérsias, mas de qualquer modo, pais de família também demandam o consumo de liberdade, não apenas de segurança. Um dos meus acompanhantes se mostrando enfadado com o estilo musical em curso resolveu procurar alguma droga para aproveitar a estadia, mas como ele não conhecia ninguém acabou sendo mal sucedido em sua busca. Eu sabia que meus acompanhantes eram usuários de maconha, álcool e eventualmente cocaína ou ácido, então resolvi ajudar entrando em contato com minha interlocutora. Foi uma espera rápida. Ela conseguiu um ácido com os ingleses e intermediou a transação para meu acompanhante. Este olhou para mim e agradeceu: “Isso é melhor do que pó! E se vem da Europa, é sinal de qualidade garantida!” Minha interlocutora riu e me informou que boa parte daqueles presentes era universitária, mas essa informação ali não tinha nenhuma importância, o que importava era que cada um estivesse transmitindo uma “*good vibe*”. E observando, para tentar captar as boas

vibrações, qual não foi minha surpresa ao encontrar entre os que pareciam perdidos entre as tribos, um rosto de uma pessoa mais velha que a maioria dos presentes – o que por si só já chamava a atenção –, um rosto de uma pessoa que eu conhecia e que era o rosto de uma professora do meu departamento, professora que não tinha uma imagem associada ao consumo de drogas ou à pesquisas na área. Mais rápida do que eu pudesse imaginar, essa professora quando me viu, foi logo justificando que estava ali por pura curiosidade, já que não conhecia aquele tipo de ambiente. “Claro, eu também!” - respondi, percebendo seu constrangimento, já que ela sabia que eu pesquisava estudantes e professores usuários de drogas.

No dia seguinte acordei com o telefone tocando. Era o meu amigo que havia adquirido um ácido na *rave*, ligando para se queixar de que o ácido era de má qualidade: “Tá vendo aí, o boqueiro<sup>142</sup> daqui vende cocaína malhada e o playboyzinho gringo, mesmo quando é estudante, vem de lá e vende ácido frio. Tem que descriminalizar pra acabar com essa safadeza de não poder confiar em ninguém!”.

E se para uns, a confiança no outro é um valor quase ausente numa festa que pode ser chamada de hedonista, numa festa de casamento onde se supõe a atmosfera oposta ao hedonismo, as relações de confiança podem ganhar contornos no mínimo, incomuns. Numa festa matrimonial que aconteceu numa imensa chácara afastada da cidade, com muitos ambientes diferenciados, onde estavam reunidos entre os convidados, cinco professores e sete estudantes - nove destes da área de humanas - foi possível perceber como funcionam as lideranças e as redes de articulação para operar o descontrole controlado no consumo de álcool, maconha e cocaína, de fato, configurando três *settings* distintos. Em um desses *settings*, um casal de professores que até então não se conhecia – sendo que o representante do gênero masculino era assumidamente homossexual, inclusive tendo ido ao evento acompanhado do seu esposo –, começou a conversar animadamente entre doses generosas de uísque. Alguns copos depois, a conversa pareceu esquentar na pista de dança, chamando a atenção de alguns presentes. A professora, que era estrangeira, - *outsider* ao meio, mas não aos consumos - foi informada por um dos presentes, que o seu parceiro de dança era gay. De imediato, sua reação talvez tenha passado despercebida, pois pode ter sido confundida com algum passo de dança mais exótico, mas um observador mais atento pôde ter percebido que ela, enquanto girava o corpo ao ritmo da música dizia por entre os dentes: “você é gay!

---

<sup>142</sup> - boqueiro = pequeno traficante de drogas.

você é gay!”, desferindo alguns socos “suaves” no peito do seu parceiro. Nisso, o esposo oficial do professor – seu orientando -, partiu na direção da professora resmungando quase discretamente para mim: “vou furar os olhos dela!”. Felizmente ele se contentou em arrastar pela mão seu companheiro para um canto da pista de dança, onde por alguns instantes trocaram palavras mais ríspidas. O comentário entre alguns que conheciam o casal, tido como extremamente fiel, e, especificamente, sobre o sedutor em questão, este tido como um homossexual convicto, foi : “o que o álcool não faz!” A mística do álcool prevaleceu na representação sustentada pela maioria dos presentes, inclusive de alguns estudantes, mas será esta a única interpretação que pode ganhar status de representação em torno da situação específica? Ainda no calor da festa, perguntado sobre o episódio, o professor respondeu sorrindo enquanto dirigia-se para o carro: “é que eu sou flexível!”....

Se alguns presentes creditaram o comportamento inesperado do professor ao consumo de uísque – para alguns, foi difícil aceitar que um homossexual pudesse ter um flerte com uma heterossexual, mas se o flerte fosse deflagrado pelo consumo de álcool, o estranhamento estaria reduzido -, o próprio professor, creditou seu comportamento à sua própria flexibilidade<sup>143</sup> em relação a suas escolhas e não ao seu consumo<sup>144</sup> de álcool. Numa análise configuracional do ocorrido, o consumo de álcool e a flexibilidade do professor – flexibilidade que pode ser traduzida aqui como suas expectativas e predisposições naquela específica configuração de *setting* -, não surtiram efeitos em separado, pelo contrário. Mas a representação que ficou registrada pela maioria dos olhos presentes como comentário jocoso noite adentro foi que a bebida faz até “veado virar macho!”.

Como a festa ainda estava no começo, posteriormente foi proveitoso perceber o movimento para o consumo de cocaína e maconha. Se havia muitos convidados não usuários - notoriamente estes eram os membros das famílias dos noivos que no geral só consumiam álcool – em nenhum momento percebi um movimento de consumo que transgredisse as normas da convivência pacífica entre as tribos de usuários e de não usuários. Entre os que consumiram cocaína, houve uma ou duas tentativas discretas de

---

<sup>143</sup> - soa relevante sua feliz escolha de palavras a respeito do ser “flexível”, o que demonstra no mínimo seu senso de humor, pois na época do ocorrido, estava sendo uma piada dizer que uma pessoa com comportamento bissexual, é alguém com motor “flex”.

<sup>144</sup> - e se muitos dos presentes soubessem que naquele evento o professor também fumou maconha, talvez especulassem, como no caso do estudante bêbado no anexo, se o que o levou a “perder os freios” foi a combinação de maconha com álcool, e mesmo a ordem em que foi efetuado o consumo.

fazer uma “vaquinha<sup>145</sup>” - num total de seis pessoas, dos quais dois eram estudantes e uma professora - para juntar dinheiro para a aquisição. Sem que “os caretas” percebessem, a conversação aconteceu no salão de jogos, mas metade dos evocados se recusou a contribuir alegando falta de dinheiro. O restante do grupo então elegeu duas pessoas para saírem no transcorrer da festa e realizarem a compra. Nesse meio tempo foi possível perceber a ansiedade entre os que ficaram esperando, mesmo dançando ou jogando sinuca e sempre bebendo, a toda hora alguém perguntava: cadê? E quando finalmente os “aviões<sup>146</sup>” chegaram das compras, houve, por parte dos que esperavam sem ter contribuído, uma dissimulação da ansiedade, traduzida em: “oh, vocês já chegaram! Foi rápido!”. Em contrapartida, por parte de quem contribuiu com dinheiro, houve uma manifestação explícita da ansiedade expressa no: “porra, que demora!”. Discretamente, os seis foram se retirando para um quarto no andar superior onde se realizou a partilha. Chegando lá, os que se recusaram a contribuir se aproximaram pedindo uma “presença” aos que contribuíram e foi notório o incomodo dos que contribuíram com os “queixões<sup>147</sup>”. Esses últimos acabaram sendo parcialmente satisfeitos, possivelmente para não continuarem “queixando”, mas mesmo assim posteriormente foram atrás de quem tinha, dessa vez sendo negados em suas demandas. Talvez por isso e pelo temor que mais convidados aparecessem para a partilha, pôde-se perceber certa urgência entre os usuários contribuintes para retornar ao centro da festa, ou pelo menos para não permanecerem juntos no mesmo *setting* de consumo por muito tempo.

Já entre os fumantes de maconha, a reunião de usuários num dos jardins não foi nada problemática, pois estes estavam afastados o bastante do centro da festa para que o cheiro não incomodasse, inclusive sendo respeitados pelos seguranças armados que perceberam toda a movimentação. Na rodada que pude observar, entre os oito presentes, dois eram professores e três eram estudantes. As trocas comunicacionais entre estes fumantes foram amistosas e acompanhadas de risos e piadas sobre os aspectos filosóficos do casamento e do próprio fato de se sentirem seguros com a presença dos seguranças armados, e não o contrário. Um dos fumantes também havia tomado um quarto de ácido lisérgico pra se “preparar pra uma *rave* que iria acontecer na madrugada”. Dois baseados foram consumidos e depois o grupo voltou para a pista de

---

<sup>145</sup> - vaquinha = juntar dinheiro entre alguns para comprar drogas.

<sup>146</sup> - aviões = aqueles que vão realizar a compra das drogas.

<sup>147</sup> - queixões = aqueles que não contribuem com o dinheiro ou contribuíram de forma desproporcional ao que querem consumir.

dança, antes passando pelo bar para recarregar os copos. Depois se dividiram em dois grupos, dançando e conversando animadamente pela meia-hora seguinte.

Assim, nessa festa de casamento pude registrar como comunidades de usuários se organizam em função dos seus consumos, e nos três pólos de consumo observados o único que em algum momento foi percebido pelos convidados não usuários, e percebido como um momento de descontrole foi o ligado ao álcool e a sexualidade. O uso de maconha e cocaína não gerou danos sociais.

Mas se festas de casamento não são tão frequentes no meio investigado, não se pode dizer o mesmo em relação a eventos culturais de grande porte, como shows e espetáculos. Esses *settings* de forma geral mais informais favorecem diferentes configurações relacionais inter e intragrupo em torno do consumo de drogas. Nesse recorte, merece registro que um show da *Nação Zumbi* na Concha Acústica do Teatro Castro Alves foi uma boa oportunidade para observar alguns interlocutores, afinal a *Nação Zumbi* é uma das bandas com maior aceitação entre o público universitário local. A Concha Acústica, por ser um espaço para eventos a céu aberto, acaba sendo um *setting* que favorece o consumo de maconha com mais segurança do que em locais fechados<sup>148</sup>, pois a origem do cheiro é mais dificilmente localizável pelos agentes de segurança. Depois que as luzes se apagam e o espetáculo começa, geralmente em shows de rock como este, é possível sentir o cheiro de baseados acessos em meio a platéia, que mesmo não sendo constituída em sua maioria por pessoas que ali façam uso de drogas, acaba sendo tolerante – eu particularmente nunca vi problemas acontecerem com usuários que fumam maconha na Concha, e venho frequentando-a por mais de vinte anos. Contudo, já ouvi falar, até por parte de uma das interlocutoras, que alguns usuários já tiveram problemas com a polícia por consumir nesse espaço.

A par dessa informação, alguns professores usuários presentes que têm uma imagem pública “por preservar” – e de acordo com estes, exatamente por isso têm mais a perder do que quando eram “meros estudantes” -, se cercaram por alguns mecanismos de segurança que se fizeram necessários para lhes manter a privacidade. Para estes, a liberdade de consumo só ganha sentido se devidamente cercada por segurança, e não em

---

<sup>148</sup> - e como nem todo estudante universitário possui condições financeiras para pagar R\$ 30.00 ou R\$40.00 para assistir um show, a Concha Acústica é um *setting* referencial por cobrar valores às vezes abaixo desse patamar. Recordo que, a gravadora *Trama*, em seu projeto “Trama Universitário”, fez uma promoção especial para universitários em shows de seus artistas no período 2004/2007, e em 2006, a *Nação Zumbi* ao lado do *Cordel do Fogo Encantado*, foram entre as bandas do elenco, as que tiveram maior penetração entre o público universitário local, e nesse público, pude perceber muito mais consumo de maconha que nas platéias de outros shows no mesmo local.

oposição a esta. Assim, tais professores que estavam acompanhados por alguns alunos, quando estes últimos sugeriram “fumar um”, foram os primeiros em meio ao entusiasmo da proposta, a colocar algumas condições para irem juntos. Um deles sugeriu esperar apagam as luzes sobre a arquibancada, mas o outro professor ainda achou pouco, e perguntou se alguém estava vendo onde estavam os policiais. Depois de ser informado de que os policiais estavam longe, ele ainda se incomodou com a possibilidade de que, estando em meio a tantos alunos fumantes e não fumantes, um desses últimos o visse em meio aos fumantes, e decidiu não fumar por receio de ser reconhecido.

O grupo – formado por quatro estudantes -, achou graça da questão, mas respeitou e se dividiu em dois subgrupos com outras pessoas, em um dos quais estava o professor decidido a fumar, além de quatro estudantes e dois amigos usuários; o outro subgrupo que ficou fazendo companhia ao professor cauteloso era constituído por uma estudante e dois amigos, deixando decidido que iriam fumar depois, no decorrer do show. O primeiro subgrupo teceu seus mecanismos de segurança; se dirigiu para o lado da Concha Acústica oposto à escada que leva ao acesso de entrada, onde o movimento é bem menor – principalmente da polícia - e onde outros usuários geralmente se reúnem para fumar, ficando assim diluídos em meio a muitos fumantes. Essa estratégia visou favorecer em pleno show, uma perspectiva na qual eles poderiam observar quem se aproximasse sem serem facilmente observados, exceto, pelos outros usuários ao redor. “aqui nesse canto, nos degraus intermediários - explica um dos estudantes - fica difícil a polícia chegar sem ser vista antes”. Desse modo, o sistema panóptico de segurança estava anulado.

Configurando assim seus controles informais, o grupo ficou a vontade durante e depois de fumar, sem se preocupar muito com os olhares que alguns curiosos dirigiram em sua direção, só parecendo haver algum desconforto quando duas pessoas desconhecidas se aproximaram pedindo permissão para fumar. Não que tenham sido mal recebidos ou que o grupo não parecesse disposto a estabelecer relações de trocas com estranhos, mas estes chegaram fazendo algum barulho, comentando em voz alta que o cheiro do fumo era muito bom e coisas do gênero, comentários aos quais os integrantes do grupo original, preferiram não dar muita consideração, possivelmente para não chamar mais a atenção de outros possíveis fumantes presentes entre os espectadores. Contudo, não houve como negarem que mais três pessoas se juntassem a rodinha, pois estas eram as que ficaram lá em cima, e que desceram para sentir mais de



perto o calor do show, com a exceção do professor. Duas músicas e um baseado depois, com um copo de cerveja na mão e outros já consumidos, não é que o professor mais cauteloso aparece perguntando se sobrou “alguma coisa”, ao que todos riem e entre estes, alguém responde: “é claro! Só tava faltando você para acender!”.

Em algum momento, ao me distanciar fisicamente do grupo de usuários imediatamente próximo para criar alguma familiaridade com o grupo maior presente ao show, percebi que o restante da platéia não parecia estar muito preocupado com situações como esta com a qual se preocupavam meus interlocutores. Na prática e sem maiores planejamentos, estes últimos acabaram configurando uma ZAT – *Zona Autônoma Temporária* (Bey, 2001<sup>149</sup>) -, onde havia um acordo tácito para consumir o descontrolado controlado. Com a arquibancada cheia, durante os noventa minutos de show pude contabilizar doze baseados sendo consumidos aqui e ali. Entre os muitos rostos presentes, - dos quais não sei e talvez nunca venha saber os nomes correspondentes - vários deles eu já havia podido registrar em um ou outro evento, muitos deles em corredores e pátios universitários.

Também merece registro que, quando essa zona autônoma temporária não é configurada, as estratégias de redução de riscos adquirem contornos mais ousados. Num show do *Cordel do Fogo Encantado*, um casal de estudantes que estava de posse de cocaína não quis correr o risco de ser flagrado consumindo no banheiro. Então foi resolvido que a melhor maneira seria diluir o pó em água destilada e com um pequeno conta-gotas administrar a substância no nariz como se fosse algum medicamento descongestionante...

Participando e observando estes *settings* de consumo abertos – barzinho, *rave*, casamento e shows de rock - pude registrar os controles elaborados pelas comunidades de usuários. Sendo estes *settings* zonas autônomas temporárias ou não, a maioria dos usuários se colocou não mais como pessoas que devem se esconder por receio de serem representadas como desviantes, mas como pessoas que são parte de comunidades com características específicas, seja usando um descongestionante nasal tranquilamente em meio a massa de estranhos como um portador de uma prescrição médica o faria sem receio de chamar a atenção ou seja fumando em meio à multidão como meros

---

<sup>149</sup> - a zona autônoma temporária remete a configurações efêmeras onde por um período curto de tempo se estabelecem regras e controles que só dizem respeito para os que se encontram nos limites internos da zona. Não é um cancelamento dos valores dominantes, mas sua suspensão ou pelo menos sua relativização. A idéia central de Bey é combater as relações de poder em sua forma dominante, configurando espaços de liberdade que surjam e desapareçam.

participantes da multidão. Se alguns ainda tomaram cuidados com sua exposição em meio aos não usuários, já não houve mais configurações dominantes de não usuários que os apontassem distintivamente como desviantes. Em configurações miméticas deste porte, os não fumantes pareciam tratar os fumantes de maconha como tratariam os fumantes de tabaco; mantendo alguma distância física, mas não sociocultural.

### 3.3 - O reencantamento da vida cotidiana

#### 3.3.1 - Em busca do que?

Interpretado o ponto de vista da maioria dos interlocutores, seria mais preciso falar em *habitus* sociais ao invés de vícios ou mesmo dependência para descrever seus comportamentos em torno do consumo de drogas<sup>150</sup>. Hábitos porque se 41% desses interlocutores consomem maconha diariamente e outros 50% consomem maconha e álcool semanalmente, estamos nos referindo a um consumo habitual e não ocasional que acontece uma vez por mês ou mesmo por ano. Por outro lado, apenas 5% desses interlocutores relacionam de modo sistemático sua produção e atuação em papéis cotidianos com o consumo de drogas, daí seria pouco preciso falar em “vício”. Nesse enquadre é possível cogitar que o consumo de drogas enquanto reincidência habitual de um comportamento que põe em risco os interlocutores só vem a obter sentido se for possível ser representado como um processo no qual as drogas enquanto objetos de consumo são reencantadas, se acrescentando às suas propriedades químicas, memórias afetivas positivas. Nas palavras dos próprios interlocutores é perceptível que há ligações miméticas no momento de consumo, resgatando sentidos que foram atuantes em alguma circunstância do passado:

*Mozart - Pra mim droga sempre teve no meio de descobertas. Ninguém sente o que sentiu a primeira vez (cantarolando): “a primeira vezzzz!/tudo começou/ a primeira vezzz!” (Risos).*

O sentido desse cantarolar pode ser interpretado como: ninguém sente o que sentiu a primeira vez, mas continua tentando sentir. A repetição de um comportamento em busca de uma representação mimeticamente carregada de sentido pode até ser interpretada psicanalítica ou filosoficamente como uma busca por resgate do estado primordial ou do eterno retorno ao ponto de partida. Mas Mozart ao transformar o axioma em música – o que neste texto quer dizer poesia – já demonstra estar dando algum sentido no mínimo momentaneamente prazeroso à sua busca. Já as palavras de Marley e de Hofmann

---

<sup>150</sup> - não é apenas no senso comum que a representação do “viciado” é dominante em detrimento da representação do usuário. Na base metodológica de muitas pesquisas, o uso na vida acaba sendo interpretado como se usar drogas uma vez, indicasse que o usuário se tornou dependente, quando não “viciado”.

quase fecham o sentido em torno da impossibilidade de resgatar esse prazer arcaico e de certa maneira mítico, associado ao consumo de substâncias psicoativas:

T.V. - *O que você gostava no crack que não gostava na cocaína?*

Marley - *Era muito mais forte. Uma sensação de euforia, cê ficava... sentia o gosto e queria sentir mais e cada vez mais. Cada vez que você fumava mais você sentia menos o gosto. Cê fumava mais e mais pra sentir o gosto que sentiu na primeira vez.*

Hofmann - *Quando viajei a Amsterdã, tive acesso a LSD, êxtase, depois eu voltei pra cá interessado em ter outras experiências com essas coisas. Eu tinha 22 anos. Eu fui a Amsterdã com a intenção de conhecer essas coisas. Quando eu voltei pra cá foi uma decepção atrás da outra, eu nunca mais encontrei o que eu encontrei lá.*

O eterno retorno a um momento de satisfação sacralizado enquanto representação é uma interpretação que cabe para estas falas de Mozart, Marley e Hofmann. A busca, mesmo não atingindo seu objetivo último – na impossibilidade da satisfação plena –, cumpre seu papel enquanto ritual, pois é o que o motiva o consumidor a consumir mais, quase como uma compulsão. No presente caso em que o consumo de drogas baliza esse ritual de busca, as interpretações realizadas pelos interlocutores ajudam a visualizar as peculiaridades do processo.

Estas interpretações aqui trazidas nas próprias falas dos interlocutores inicialmente indicam o perigo da homogeneização das drogas, pois maconha e LSD, de um lado, e cocaína e crack, do outro, recebem distintas interpretações de seus consumidores. As significações que lhes são imputadas não estão apenas nas palavras faladas, pois é possível analisar alguns sentidos no modo como essas falas foram expressadas. Enquanto Mozart emitia uma expressão fisionômica de contentamento ao falar da maconha sorrindo e gesticulando expansivamente, Marley falou do crack cabisbaixo e pensativo. Já Hofmann se expressou sobre as substâncias sintéticas com serenidade e olhos que pareciam não piscar para não perderem minha reação às suas palavras. O que conecta esses três modos de expressão acima registrados é que eles indicaram que seus emissários estavam em busca de algo mais do que encontraram. Outras falas ampliaram a perspectiva:

Pancho Villa - *O efeito que eu busco é o mais próximo do enteógeno que dá uma ligação com um determinado estado de pensamento. Eu considero a cannabis sagrada, embora eu não busque uma entidade e tal. Eu uso a cannabis porque ela me faz bem, eu sei que ela me causa alguns problemas, mas eu vejo como uma espécie de missão, fazer alguma coisa por ela, porque ela já me deu muitas instruções. Ela já me disse muito o que é que eu sou, o que é que eu quero, o que eu preciso pra viver, o que eu preciso pra ser feliz. Não são respostas dadas diretamente por ela, mas na experiência com ela, na relação.*

Hofmann - *Ocasionalmente eu faço uso enteogênico da substância, no sentido de buscar um real contato com Deus. Vou pra floresta em torno da fogueira e vou com um grupo de pessoas que fazem parte desse movimento, alguns inclusive Rastafaris, cantar Deus, rezar pra Deus, às vezes levar 4, 8 horas dedicadas a isso. Mas existem muitos momentos que são só recreativos. Na praia com meus amigos fazer um surf, ou alguma noite...*

T.V. - *Sua gata se chama Kaya<sup>151</sup>, você tem alguma relação mística com a maconha?*

Cleópatra - *Eu acredito que (a maconha) seja sagrada, eu não tenho muito conhecimento do rastafarianismo, apesar de usar dreads<sup>152</sup>. Tenho uma crença de que muitas plantas são sagradas, plantas de poder, e eu não tenho nenhuma relação religiosa com a maconha, mas eu acredito que cada momento que eu fumo seja um contato com o divino, com o natural, com o que há de puro... porque a maconha existia muito antes que existissem as leis, os preconceitos, surgiu com o mundo.*

T.V. - *Você está tentando desenvolver uma colônia de cogumelos (esporos de fungos comprados num site), isso é só curiosidade ou você faz alguma busca transcendental?*

Buda - *Isso pra mim é sagrado, é estar no profundo da minha alma, do meu ser, da minha consciência, da minha inconsciência, porque eu sinto que essas substâncias mexem profundamente com a minha história.*

---

<sup>151</sup> - *kaya* significa maconha, inclusive sendo título de um álbum de Bob Marley.

<sup>152</sup> - por sua vez *dreads* significa cabelos trançados.

Um dos aspectos que aqui pode ser levantado é que os interlocutores salientam suas necessidades de uma visão de mundo transcendente, porém, sem vinculação com dogmatizações estabelecidamente institucionalizadas. Cada um busca configurar uma interpretação que reencanta tanto a maconha quanto os cogumelos, tratando-os como entidades – embora Pancho o negue - com as quais podem entrar em relação direta. Uma outra questão passível de leitura é que estas falas indicam que seus sujeitos correspondentes não são pessoas niilistas, distantes de valores socialmente construtivos. Pelo contrário, os três mostram manter vínculos com o discurso ecológico de resgate do encantamento com a Natureza, como no movimento contracultural dos anos 60/70. A fala de Rimbaud a seguir exemplifica a incorporação de alguns referenciais da contracultura reflexivamente ressignificados pelo seu repertório de valores:

T.V. - *Você busca transcendência quando consome?*

Rimbaud - *Quando eu usei o ácido pela primeira vez, foi nesse nível, não algo espiritual, é mais sensorial mesmo, ó como minha visão pode ser diferente. Mas isso eu já vinha percebendo na embriaguez porque o álcool foi a droga que eu tive maior contato. Nenhuma outra droga vai se comparar aos vários estágios que a bebida me levou, até a onda de chorar, a maior deprê, ou então de ficar eufórico. O ácido foi outra coisa, também tinha lido Timothy Leary, Aldous Huxley (As portas da percepção), escutado The Doors, e você fica: ‘será velho, será que eu vou captar?’ Tem um pouco desse lado espiritual. Comprei “Paraísos artificiais” por causa da onda. Eu tento destruir o que é mitológico sobre a onda.*

Para tentar “destruir o que é mitológico sobre a onda”, Rimbaud perpetua uma retroalimentação entre drogas e cultura; consome personagens consagrados no que se refere à cultura das drogas: *Baudelaire, Huxley, Leary* e a banda *The Doors*, consumo que por sua vez o motiva a consumir substâncias psicoativas variadas, substâncias que o remetem aos mitos construídos em torno das obras artísticas consumidas. Nesse processo cíclico não estaria ele buscando configurar um novo encantamento para objetos de consumo culturalmente superestimados? A superestimação de um bem cultural ao lhe possibilitar infinitas representações adequadas a distintas configurações, desconstrói um valor absoluto abrindo espaço para novas significações e é nessa esteira que parece seguir a reflexão de Rimbaud. Outros interlocutores, quando as configurações de consumo em relação a um objeto passam a ter seus sentidos

incontornavelmente esvaziados, buscam reconfigurações onde novas ritualizações de consumo possam ter curso. É o caso de Blavatsky que se cansou de fumar até dez baseados por dia:

T. V. - *E como foi quando ao chegar aos 28 anos de idade esta situação de consumo intenso de maconha se tornou incomoda?*

Blavatsky - *Quando eu entrei em contato com esse chá (a ayahuasca), ele possibilita a gente um contato com o sagrado, e é uma coisa que do ponto de vista da experiência é muito mais forte do que a maconha. Comecei a perceber que aquele uso compulsivo da maconha tava me prejudicando, no sentido de que eu tenho uma mediunidade muito aguçada. Na minha visão de mundo aquilo abriu minha energia pro campo espiritual. Como eu tinha essa mediunidade eu captava muita coisa que não era legal, eu convivia com pessoas que não tinham uma energia muito legal, em contextos tipo bares, enquanto que a ayahuasca era uma substância psicoativa usada dentro de um contexto ritualístico. Essa religião tem uma visão negativa de drogas, então eu acho que isso influenciou também, eu tava num grupo com uma visão e eu tava com um comportamento fora da visão.*

Blavatsky passou a interpretar que seu campo de lazer onde havia consumo de maconha já não proporcionava mais satisfação e sim negatividade. Desse modo, começou a tentar reconfigurar seu *set* de acordo com o *setting* comunitário que estava começando a conhecer, desconstruindo uma carreira na comunidade de maconheiros para construir uma carreira que trazia novos sentidos, novos significados para sua busca de satisfação. Já um estudante de filosofia optou por interpretar as demandas religiosas como contingências sociais associadas à cultura:

T. V. - *Você acredita na questão religiosa, na transcendência via Deus?*

Nietzsche - *Não, eu já acreditei, já fui adepto do candomblé, já fui espírita, hoje em dia eu não acredito. Aqui é o que há e cada um faz daqui o céu e o inferno. Nessa dicotomia corpo e espírito, o espírito é corpo. Eu cheguei a frequentar na minha infância, fui iniciado, meu tio é Pai-de-Santo. Hoje eu acho que religião é uma das maiores ilusões. Tem um valor social, pois as pessoas precisam de Deus, dos mandamentos. Eu tenho um texto: Verdade, a história de uma mentira. Eu sou estudioso de Nietzsche, de Sartre.*

Em *O futuro de uma ilusão* e no *Mal-estar na civilização* (1974: vol. XXI) Freud interpretou a religiosidade e o consumo de drogas como “ilusões” necessárias para compensar a saúde psíquica da civilização ocidental do início do século XX, civilização marcada por um excesso de controles de emoções. Eu perspectivo ser mais adequado interpretar religiosidade e consumo de drogas como vias miméticas de encantamento que em certas configurações podem ser compatíveis ou não. Levando em conta que ao longo desse início de terceiro milênio a maioria das instituições religiosas, estabelecidas ou *outsiders*, reencanta as drogas como “a ilusão”, como o grande Mal a ser representado e combatido, só é viável refletir configurativamente sobre os valores culturais dos interlocutores se forem trazidas à tona as suas culturas religiosas familiares e como eles as interpretam hoje:

T. V. - *Você tem uma formação religiosa?*

Oscar Wilde - *Parte de minha família é católica, parte é protestante. Eles até tentaram a catequese mas... Eu continuei indo a igreja depois de já tar fumando pra manter um rito familiar, depois eu abandonei de vez. Hoje minhas crenças são outras. A saída da cultura da igreja e a entrada na cultura da droga são ritos de passagem. Hoje eu sou ateu, não por não acreditar em Deus, mas por acreditar em vários deuses. Atualmente eu costumo dizer pras pessoas que eu rezo pra Jah Rasta sempre que posso. Digamos que eu seja uma pessoa de pouca fé, é por isso que eu rezo muito pra Jah (risos).*

T. V. - *O que você acha da religião do Daime?*

Oscar Wilde - *Apesar da cosmologia ser bastante interessante, os rituais serem interessantes, eu não sou muito fã da doutrina do Daime, tem uma coisa católica e kardecista, ela é cheia de caretices também. Essa carolagem não me cabe.*

T. V. - *E o Daime enquanto enteógeno?*

Oscar Wilde - *Eu acho o enteógeno forte, eu tive uma experiência numa praia onde tinha todo o contexto, mas era o contexto de uma cerimônia religiosa. Na ocasião dei uma ou duas fugas durante o trabalho pra fumar um. Há uma linha onde o ritual inclui também a marijuana, é uma linha bastante discriminada pelo próprio pessoal do Daime, mas ambos são enteógenos.*

Mata Hari - *Minha família é católica, eu frequentava a igreja. Hoje em dia eu não sou cética, eu não gosto de nenhuma religião, eu gosto é de trabalhar a espiritualidade.*



*Eu sou curiosa, outro dia eu fui pela primeira vez numa sessão de Daime com o pessoal do Balance, já convivo com eles há três anos e eu me senti a vontade pra ir a um ritual aliado a uma substância psicoativa. Eu tinha curiosidade, mas, tinha medo e não sabia se eu ia me adaptar a aquele ritual, mas eu gostei.*

Estes dois trechos de depoimentos mostram que o desengajamento com a religiosidade de base cristã não impediu que seus sujeitos buscassem alguma modalidade de transcendência. De fato se mostram predispostos a serem mais críticos e mesmo irônicos quanto às contingências: “Digamos que eu seja uma pessoa de pouca fé, é por isso que eu rezo muito pra Jah”, disse Oscar pausadamente. Há quem, de modo menos irônico, porém jocoso, reflita sobre as consequências de sua formação cultural:

T. V. - *Você teve formação religiosa?*

Salomé - *Eu digo que lá em casa que a gente é católico apostólico baiano, porque estudei em colégio de freira, fiz comunhão, meus pais são casados na Igreja católica mas frequentam centro espírita. Eu fui evangelizadora de juventude, mas também a família da gente tem uma relação com o candomblé. Recentemente eu pratiquei Yoga.*

T. V. - *Essa bagagem lhe coloca em conflito com seu lado de usuária?*

Salomé - *Com certeza! Uma vez eu fui a uma missa com minha mãe e o padre falou que era a hora de pedir perdão a Deus pelas coisas que não se conta pra ninguém. Na hora eu pensei que eu não ia pedir perdão por isso, porque eu não tou fazendo nada de errado. Isso não é pecado. Mas o conflito não é por ser usuária, nessa coisa cristã, o conflito é com o prazer. O que é bom da vida passa pela questão da sexualidade, da comida, do uso psicoativo de drogas.*

Se “o conflito não é por ser usuária, nessa coisa cristã, o conflito é com o prazer”, o ponto central em questão já não está em torno da transgressão ou do desvio através do consumo de drogas, está sim nos descontroles que podem acompanhar este consumo. Assumir que no seu ponto de vista “O que é bom da vida passa pela questão da sexualidade, da comida, do uso psicoativo de drogas” não leva Salomé a sentir-se culpada, leva-a a refletir sobre a compatibilidade entre seus valores atuais com os sustentados em seu passado de estudante CDF adversa a descontroles. A redução das culpas em relação aos seus hábitos de consumo faz com que Salomé atualmente se permita alguns descontroles no cotidiano, por exemplo, ela acha que está acima do peso,

mas do prazer de comer ela não abre mão. Uma outra interlocutora que também não se prende a sentimentos de culpa, encara com naturalidade buscar mecanismos de transcendência por menos ortodoxos que pareçam ser em seu conjunto. Ela busca a segurança que as instituições mantenedoras tradicionais não puderam suprir e a liberdade que a juventude demanda configurar:

T. V. - *Sua família é religiosa?*

Blavatsky - *É, minha mãe é praticante, meu pai é mais ou menos. A igreja católica não me satisfaz, e eu fui no candomblé. Com 14, 15 procurei a igreja messiânica. Pro Seicho-No-Iê eu ia sozinha desde 12 anos.*

Essa busca por algo mais desde os 12 anos de idade, sozinha, já demonstra uma predisposição do *set* psíquico de Blavatsky na busca por encantamento. Chama a atenção sua falta de preconceitos ou de receio de entrar em conflitos com as representações dominantes em sua família. Este esvaziamento de sentido no catolicismo não é “privilegio” do *set* dos interlocutores, estando presente sob uma baixa reflexividade no *set* e no *setting* familiar:

Rimbaud - *Minha mãe tentou me catequizar como católico, num centro comunitário, mas nem ela mesmo frequentava a Igreja.*

Também é possível perceber que há quem interprete o sentimento de religiosidade não necessariamente como uma questão de fé, mas como um procedimento pragmático que lhe favoreça a segurança psicológica:

Lampião - *Meus pais são católicos, minha mãe é kardecista também, e meu pai era de Umbanda. Essa coisa ecumênica acaba me deixando solto demais, pois eu ando em muitos ambientes carregados de energia. No HGE mesmo, na sutura, chega gente baleada de tiro...a religião dá um suporte pra você não se apertar tanto com as energias externas.*

Se Lampião em função de suas contingências de trabalho como residente de medicina sente a ausência de uma base religiosa mais consistente, há casos em que o laço religioso enquanto referência de pertencimento e confiança em relação a alguma

comunidade, quando posto em contato com a cultura das drogas, se tornou muito mais uma camisa de força do que um suporte na equação entre busca de segurança e de liberdade:

Leila Diniz - *Eu vim de uma família que é uma família católica, do interior, e minha família tem uma atitude superagressiva em relação a consumo de qualquer tipo de drogas, é um discurso panfletário, eu tive sérios problemas com isso.*

T. V. - *Que tipo de problemas?*

Leila Diniz - *Eu entrei na faculdade e comecei a perceber que o consumo da maconha não era aquele discurso que tanto tempo minha família tinha articulado e fui flexibilizando mais, assumindo que existe formas de você usar que não agride tanto seu organismo. Comecei a comprar mais, a fumar todos os dias, começou a ter um papel terapêutico na minha vida, chegava em casa estressada, fumava um beck<sup>153</sup> ... (o efeito era) instantâneo. E eu não podia fumar em casa. Me mudei pra casa de uma amiga e conversei com minha mãe que estava fumando maconha, que era o oposto daquilo que eles pensam. Aí eles me internaram numa clínica.*

*Minha mãe que tem transtorno bipolar, toma remédio, ficou meio descontrolada, subiu com dois enfermeiros e pra evitar confusão na casa de minha amiga eu fui pra clínica, pra conversar. Cheguei lá, conversei com um psiquiatra que fez uma breve entrevista. Eu disse que quando tou estudando eu não fumo, agora eu tou de férias e tou fumando. Ele apertou um botãozinho debaixo da mesa e me levaram. Na hora foi aquele escândalo da porra, eu briguei de chute, de tapa, depois um terceiro me aplicou uma injeção, e o enfermeiro falou: “cê acha que ta aonde? Aqui a história é outra!”*

*Me aplicaram a injeção e eu dormi amarrada. Fiquei amarrada no primeiro dia. Eu tinha 20 anos. Fiquei uma semana, era um lugar cheio de idosos, supercaro, minha família não tinha condição, mas pra eles era um investimento. Lá dentro não podia ler, só as coisas de lá, coisas ridículas. Nem televisão podia, porque eles consideravam qualquer influência externa como subversiva. Cigarro podia, a clínica já tem o seu estoque, nem precisa pedir a família – e foi aí que eu comecei a fumar tabaco, fumei um maço e meio por dia.*

T. V. - *Você diria que a proposta seria trocar uma droga lícita por outra lícita?*

---

<sup>153</sup> - beck = cigarro de maconha.

Leila Diniz - *É! (risos), exatamente... depois do terceiro dia comecei a perceber como funcionava, tinha que ficar amiga de todos pra ter regalias como pedir duas carteiras de cigarro por dia, quando o certo é uma só, inclusive a maioria das pessoas internadas são fumantes, fumam sempre.*

T. V. - *Ao sair de lá como você se sentiu em relação às drogas?*

Leila Diniz - *Eu já tinha usado ácido uma vez só, e depois da clínica eu comecei a usar muito mais. Eu saí e de imediato comecei a usar. Passei uns dias em casa e fui morar com amigos meus. Nesse meio tempo eu me reconciliei com minha família, nós conversamos, mas falei que não rolava mais da gente morar junto porque foi uma reação muito forte, eu quis viver de outra forma.*

T. V. - *Você se sente uma pessoa religiosa?*

Leila Diniz - *Sim, eu frequento o Daime, frequento o Candomblé, eu só não estabeleço um vínculo mais afetivo.*

Começando pela questão religiosa, é possível constatar como uma pessoa de origem familiar católica faz a sua escolha pessoal enveredando pelo Daime e pelo Candomblé, mas sem querer estabelecer “um vínculo mais afetivo”. O que isso pode indicar? Pode indicar que Leila busca algum laço social com algumas comunidades, mas até em consequência de suas experiências familiares, não o quer muito apertado para que não se transforme num nó. Ela quer segurança coletiva, mas quer também a satisfação de poder obtê-la com liberdade.

Por outro lado, inevitavelmente o foco no relato de Leila pode ser posto na via-crúcis pouco religiosa pela qual passou. Primeiramente sendo internada à força, enquanto em seu ponto de vista, era sua mãe bipolar que carecia de maiores cuidados. Depois, foi submetida a procedimentos terapêuticos de controle com potencial muito mais destruturante do que estruturante; administraram-lhe uma droga sem seu consentimento, teve que dormir amarrada, foi isolada e privada de contato com seus pares, e ainda acabou estimulada a consumir tabaco descontroladamente como mecanismo de reinserção social na comunidade de internos: “Cigarro podia, a clínica já tem o seu estoque, nem precisa pedir a família – e foi aí que eu comecei a fumar tabaco, fumei um maço e meio por dia”.

Todos esses mecanismos de controle coercitivos como humilhações e constrangimentos configuraram um processo ao qual Leila, uma estudante universitária aos 20 anos ao ser submetida, foi lançada numa autêntica ampliação de danos a saúde

mental, moral e física<sup>154</sup>. O ponto crítico desse processo foi ela ter sido levada a “deixar” de fumar um baseado por dia para em troca fumar um maço e meio de tabaco. Tudo isso em nome da sua saúde. O efeito colateral dessa internação violenta foi que ao retornar da confinamento, Leila num processo de compensação “descompensante” passou um período consumindo descontroladamente. Mas quanto à sua religiosidade, Leila não perdeu sua fé, posteriormente apenas tornou-se mais eletiva quanto à configuração dos seus vínculos comunitários. A partir de então ela já não precisa aceitar os vínculos que são adequados a sua família, ela procura afinidades na cultura do Candomblé, na cultura do Daime. Essa última cultura inclusive, é uma das mais eleitas pelos interlocutores com atração por substâncias psicoativas:

*Krisnamurti - Minha família é católica, eu mesmo usando drogas eu tava em busca de algum lugar que me aconchegasse, que me orientasse, mas eu nunca encontrei um lugar assim que fosse a minha cara. O que eu encontrei foi a União (do Vegetal) que foi um lugar em que eu nem tava em busca disso daí e encontrei.*

*T. V. - Se você excluir o aspecto religioso, qual a diferença da experiência da ayahuasca pras outras drogas?*

*Krisnamurti - Eu sou uma pessoa boa pra falar isso porque eu conheço os dois lados. A maconha, por exemplo, eu não progredia com o uso da maconha. Na época que eu fumava era um relax, eu tou de bem com a vida, não sei o que... mas agora, eu acho que eu tava me atrasando. Usava cocaína era aquela alegria, aquela energia, e depois no dia seguinte aquela depressão, sentia que causava um efeito colateral. Com a ayahuasca não, é uma substância comprovadamente boa pra saúde, e é um privilégio de se conhecer e melhorar a si mesmo, a substância e a doutrina... a maioria (dos ayahuasqueiros) foram usuários de drogas. A gente lá fala sobre isso, a transformação, e tem muitos ali que foram em busca de droga mesmo, pra ficar doido.*

*T. V. - E como sua família vê essa sua nova faceta?*

*Krisnamurti - Eu posso dizer que vivem com a paz.*

*T. V. - eles conhecem a União do Vegetal?*

*Krisnamurti - Sim, minha mãe e meu irmão já beberam, não seguem não. Eu tive cada situação de chegar em casa drogado, foi uma tristeza, hoje, eu posso dizer que ela*

---

<sup>154</sup> - quem quiser entrar na esfera mimética de uma experiência similar deve assistir ao filme *Bicho de sete cabeças* (Bodanzky, 2000).

(a mãe) *vive assim em paz. Ela foi lá conheceu, viu que é uma doutrina que segue o cristianismo.*

Uma interpretação cabível para esta fala de Krisnamurti é que se “segue o cristianismo” a cultura daimista é adequável aos valores familiares porque o cristianismo carrega uma representação de acolhimento fraternal. Se o acolhimento buscado por Krisnamurti não é encontrado entre seus familiares, ainda é adequado a estes a sua pertença em uma outra comunidade cristã – vale ressaltar que até então ele não tinha a comunidade universitária como opção de segunda família. Se, como ele diz, a maioria dos ayahuasqueiros já fez parte da cultura das drogas, então, frequentando sua atual comunidade, Krishnamurti não estaria tão só quanto ao *set* psicológico.

O acolhimento fraternal é fundamental numa experiência comunitária.<sup>155</sup> Na perspectiva das comunidades fraternais as relações de poder buscam seguir um eixo horizontal onde os vínculos dádivosos são um elemento configurador da possibilidade de reencantamento. A depender da configuração do *setting* a circulação da dádiva pode até ser interrompida - ou melhor, ressignificada - em seu processo sem maiores prejuízos para a integração comunitária, como se percebe na seguinte observação de Leila que atua como redutora de danos na cena eletrônica:

Leila Diniz - *Numa festa rave eu não aceito bebida, porque muita gente às vezes coloca ácido como cortesia, e isso não é uma ofensa, é uma troca. Eu tenho observado isso.*

Em casos de comunidades não tradicionais como esta citada acima, quando a dádiva em forma de bebida não circula plenamente entre os participantes não acarreta necessariamente uma desagregação do coletivo, apenas reajustes na sua dinâmica, pois possivelmente outra pessoa fará a circulação daquela bebida desenhando um novo curso. Oscar que acampou uma semana no Festival *Universo Paralelo* descreve sua experiência:

Oscar Wilde - *Levei umas 50 gramas, mas provavelmente eu não consumi tudo porque eu compartilhei com muita gente, sempre tinha um beck de alguém, essa energia*

---

<sup>155</sup> - é emblemático lembrar aqui das Fraternidades das grandes universidades estadunidenses, em tese, um espaço de exercício de convivência fraterna.

*lá de compartilhar a substância é bem comum. Já é comum na cultura da maconha, mas lá esse clima é mais acentuado, inclusive com outras substâncias. Eu tomei ácido nos vários dias e haxixe, muito haxixe. Naquela situação era comum as pessoas compartilharem haxixe.*

Entre os frequentadores da cena eletrônica parece circular uma cultura dadivosa e fraternal próxima à das rodas de maconha que aconteciam com frequência quando esta substância era mais perseguida. Maconha - e em menor escala - ácido lisérgico e ecstasy, no universo desta pesquisa fazem parte de *settings* dadivosos, ao contrário da cocaína e do crack. Compartilhar ou não compartilhar drogas, muito mais do que uma questão de economia financeira, acaba sendo uma questão de estabelecimento ou não de laços de confiança. Além disso, a busca por transcendência não se resume a tentar superar configurações sociais pouco confiáveis e esvaziadas de sentido, dependendo em grande medida dos *sets* dos interlocutores; suas expectativas, motivações e bagagens emocionais municiam sentidos os mais variados aos *settings* e as drogas:

*Mata Hari - Hoje eu faço uso até mais frequente de maconha porque durante uma época da minha vida eu ficava com medo de falar que fumava maconha, numa paranóia, numa ansiedade muito grande, quando eu misturava com álcool então... eu evitava consumir em grande quantidade. Eu fui aprendendo a controlar a substância, hoje eu convivo com pessoas que fumam sempre, a maioria dos meus amigos fumam e fumam diariamente. Eu não gosto de misturar com trabalho, por exemplo, eu vou trabalhar agora, eu jamais fumaria por que aí atrapalha minha concentração. Mas se eu tou no meu happy hour, ou vou assistir um filme na casa de alguém, eu fumo.*

*T. V. - quando você começou sua carreira de usuária você sentia ansiedade e paranóia quando fumava, e depois aprendeu a lidar com a situação. O que lhe levou a insistir numa situação que era desagradável?*

*Mata Hari - Isso acontecia com frequência, mas não acontecia todas às vezes, só em momentos particulares, então eu passei a identificar o que me colocava naquela situação. Então por exemplo: não fumar com pessoas que eu não conhecesse bem ou não me sentisse a vontade, não fumar demais, exageradamente, saber a hora de parar, não insistir depois que já dei alguns tragos e os efeitos já tão começando.*

Essa fala de Mata fornece boas pistas sobre os controles informais que ela aprendeu a utilizar como mecanismos de redução de riscos e danos. Se no começo de sua carreira como fumante de maconha os efeitos de ansiedade e paranóia estiveram presentes, é possível interpretar que ela teve motivos que compensaram continuar fumando. Como esses efeitos negativos não aconteciam sempre, mas com frequência, é possível supor que às vezes em que não aconteciam, fumar maconha foi bom o suficiente para compensar as outras vezes em que os efeitos negativos apareceram. Essa é uma situação de risco e ao aceitar a opção de seguir em frente, Mata precisou refletir sobre os ingredientes que configuravam o cenário, decompondo o seu *setting* e o seu *set*: “eu passei a identificar o que me colocava naquela situação [...] não fumar com pessoas que eu não conhecesse bem ou não me sentisse a vontade, não fumar demais, exageradamente, saber a hora de parar”. Como que exemplificando as reflexões de Becker sobre a construção da carreira de maconheiro (*Outsiders*, 2008), Mata não demonizou a substâncias pelos efeitos indesejados, aprendeu a evitá-los, identificando os controles sociais que interagiam diretamente com os efeitos químicos da substância psicoativa. Outro interlocutor que exemplifica como encarou seus medos foi Tutancamon:

T. V. - *Você tem lembranças das primeiras experiências com drogas?*

Tutancamon - *Eu sou uma pessoa que na realidade ao mesmo tempo em que eu não tenho medo, eu tenho medo. Uma insegurança de não conseguir segurar aquilo ali. Como toda coisa nova, é o desconhecido que rola. Então tinha um pouco de vontade porque eu queria entrar em estado alterado de consciência, mas ao mesmo tempo eu tinha medo de não conseguir segurar este estado. Eu vi que não era nada daquilo. Você consegue lidar com aquilo.*

Essas falas de Mata e Tutancamon, são falas de dois estudantes de medicina e talvez por força da profissão, parecem mais interessados em investigar os próprios medos. Não por acaso quatro dos sete estudantes de medicina aqui elencados fazem psicoterapia, configurando 18% do universo total.

T. V. - *Você faz psicoterapia?*

Pasolini - *Faço psicanálise tem dois anos.*

T. V. - *Você trabalha essa questão das substâncias na terapia?*



Pasolini - *Eu trabalho muito, mas resolvi não conversar muito com minha psicanalista porque ela tem a posição dela, tem a tendência a falar que a diferença entre análise e psiquiatria é que análise é natural e que psiquiatria é artificial. Como ela confia no taco dela demais (risos), e acha que ela resolve e tem o domínio, então eu respeito (risos).*

Oscar Wilde - *Meu terapeuta era protestante e eu percebia que ele ficava chocado quando eu falava sobre a erva...*

O que merece grande destaque nestas falas de um estudante de medicina e de um outro de história é que em ambos os casos os interlocutores apontam resistências dos seus terapeutas no que diz respeito à problemática das drogas, seja por implicações propriamente profissionais, no caso, a dicotomia natural/artificial estabelecendo uma falsa fronteira entre psicanálise e psiquiatria, seja por implicações morais, como no caso do terapeuta protestante. Se o *setting* terapêutico pode não parecer muito receptivo às reflexões sobre o consumo de drogas não prescritas, alguns interlocutores, buscam configurar sua própria terapêutica, terapêutica esta onde as drogas podem ser representadas como remédios, como *phármakons*:

### 3.3.2 - Automedicação reflexiva

Buda - *Eu tou esperando chegar o vaporizer<sup>156</sup> pra dizer oficialmente que a erva que eu fumo é medicinal (risos). Você não queima nem a garganta. Redução de danos total! Um cara colocou num artigo que quando você queima, 111 substâncias são liberadas, dessas tem várias que são policarbonos, que são consideradas cancerígenos, e no Volcano, ele detectou 4 substâncias. A erva queima a 170 graus, no vaporizer você eleva apenas a 150.*

Oscar Wilde - *Depois de muitos anos usando (maconha) eu lido com a substância muito bem e não interfere muito. Eu consigo trabalhar, estudar, escrever ou dirigir ou trepar. Outras substâncias exigem contextos mais adequados. O que não quer dizer*

---

<sup>156</sup> - vaporizer é um aparelho eletrônico – mais conhecido pela etiqueta *Volcano* - que permite administrar a maconha numa temperatura controlada de modo que a erva não queima, apenas aquece ao ponto de não liberar as propriedades mais tóxicas (como alcatrão) e sim as mais psicoativas (como o THC). Geralmente importado dos EUA ou da Europa, seu custo está em torno de US\$ 500.

*também que a maconha é adequada pra todas as situações. Eu evito atividades que exigem maior concentração, prefiro fazer um uso mais lúdico-terapêutico. Lúdico quase sempre, terapêutico quando eu tou meio tenso, quando eu tou sem sono.*

*Buda - Desde que eu perdi o movimento estudantil a maconha é minha terapêutica. Depois disso eu não cheguei a formar um grupo. Desde o oitavo semestre faço consumo diário.*

Há indicações nestas falas que levam a pensar a maconha não apenas como objeto de consumo lúdico, mas como um ansiolítico natural - e nessa condição, a sua administração pode ser interpretada como automedicação. A maconha é uma substância psicoativa que enquanto *phármakon* permite múltiplas representações; pode ser representada como ansiolítico, como afrodisíaco e mesmo como substituto do outro, e este é o ponto de vista de Buda: “Desde que eu perdi o movimento estudantil a maconha é minha terapêutica”. Na falta do outro há lugar para um substituto. Aliás, essa elasticidade de sentidos pode ser imputada a qualquer droga e não apenas a maconha:

*T. V. - E além de maconha você usa outras drogas?*

*Zumbi - Rapaz, são tantas, mais fácil eu dizer o que eu não uso (risos). Uso cocaína, uso LSD, uso DMT, às vezes certos remédios como Inibex e gosto. Tomo medicamentos pra me ajudar na concentração, que são Nootropil, Ginko Biloba, que ajuda na memorização e na concentração e ajuda a performance mental.*

*T. V. - Como você administra esse multiuso? Tal hora pra tomar um remédio pra memória, tal hora pra tomar um outro pra relaxar?*

*Zumbi - Tem dia que eu não uso nada, eu acordo com a postura de não usar nada, mas quando eu tou vendo que na primeira hora de trabalho eu tou com dificuldade de concentração, tou com um pouco de sono, ou tou com dificuldade de memorizar eu tomo um Nootropil ou Ginko Biloba. E a noite eu fumo maconha pra relaxar.*

*T. V. - Esses remédios você adquire com prescrição?*

*Zumbi - Não, eu sei o efeito que eles fazem, já conversei com um médico a respeito, ele falou que não tem contra-indicação.*

Zumbi, que dois anos antes passou por uma overdose de cocaína e disse que iria parar com tudo, no momento da interlocução agiu como se já estivesse feito do susto.

Para compor sua farmácia doméstica ele fez pesquisas por conta própria, tanto em contato direto com outros consumidores como também com médicos e pesquisadores da área. Assim, seus hábitos de consumo incorporam algumas drogas para produzir quando este é o objetivo, e outras drogas para relaxar quando assim ele o quer. Zumbi configura seu consumo de acordo com o momento mais propício para fruição destes ou daqueles hábitos pertinentes a sua estrutura de vida.

Adquirir drogas prescritas não é tão difícil e os seus usuários se sentem seguros para administrar substâncias manipuladas em laboratórios com controle de qualidade. Por outro lado, no caso da comercialização das substâncias ilícitas há o risco da baixa qualidade das substâncias que não passam por um controle de qualidade mais rigoroso exatamente em consequência de sua ilicitude. A pesquisa possibilitou observar que alguns interlocutores se preocupam que essa qualidade não controlada das substâncias venha a interferir diretamente sobre seus efeitos. A busca de Hofmann por controlar a qualidade das drogas que pretende consumir se tornou seu princípio ativo:

*Hofmann - Comprei um bioteste em Amsterdã que mede a qualidade das substâncias. Deixei de fazer o consumo, deixei até de fazer o bioteste porque eles tavam botando diversas outras substâncias que não aquelas que eu tinha interesse de comprar. Depois voltei a usar no Universo Paralelo onde você encontra coisas de boa qualidade. De lá pra cá paralisei de novo porque não há coisas com qualidade no mercado.*

### 3.3.3 - Nas raias da medicalização

Se os interlocutores parecem não se opor ao aumento da própria automedicação associada ao crescimento da disponibilidade de informações e da reflexividade, quando o assunto é a banalização do consumo de substâncias psicoativas controladas, os interlocutores, principalmente os da área médica, se dividem quanto às significações desse consumo, em grande parte no que se refere a sua eficiência e segurança:

Mata Hari - *Isso é uma coisa que me preocupa, porque o que eu vejo é que muitos pacientes pedem, e mesmo na enfermaria tem funcionários que pedem receita pra família: “há, me dá uma receita pra minha mãe, pra meu filho”. E vejo também gente usando ansiolíticos e antidepressivos prescritos por médicos pouco atentos ao emocional do paciente que acaba se acostumando aos efeitos dos medicamentos e não quer abrir mão deles. O paciente se sente bem com o uso e quer continuar usando. Eu vejo pouco debate sobre isso no meio acadêmico e é muito confortável. Eu tou tratando a doença de fulano que tá baseada em fatores de ansiedade. Em vez de encaminhar essa pessoa pra uma terapia, você aplica um ansiolítico. Eu acho perigoso e sou contra! Eu só prescrevo em situações bem determinadas; em doenças graves, dificuldade pra dormir, pacientes terminais.*

Buda - *Há um consenso de que antidepressivos e ansiolíticos não são drogas, são remédios. Receitar um destes hoje é normal porque você sabe que muitos médicos trabalham juntos com os laboratórios. Nos EUA se um médico não adota os consensos da indústria farmacêutica, consenso para prescrever medicamentos em praticamente toda consulta, pode ser processado pelos pacientes que vão ali pra receber alguma prescrição e não para ouvir conversa. Querem fazer o mesmo por aqui. Um médico aqui não pode ficar duas horas atendendo um paciente, atende em 15 minutos e passa adiante senão sua produtividade vai ser baixa. Os médicos usam armaduras de chefões, mas não se permitem muito contato com as pessoas vivas, os pacientes.*

T.V. - *Você percebe o discurso da medicalização como um problema ou uma coisa normal?*

Tutancamon - *Na medicina é aceita como normal, mas eu vejo um problema porque atrás disso tem várias outras questões, principalmente a questão dos laboratórios que proíbem o médico ou ele mesmo se permite a, mas a questão é: você está com depressão; antidepressivo, você tá ansioso; ansiolítico. Você quer resolver aquilo pontualmente, sem se ligar em várias outras coisas que o paciente apresenta, como se uma pílula fosse resolver todos os problemas.*

T.V. - *Você está enveredando pela psiquiatria onde se usa muito ansiolítico e antidepressivo, você pensa que remédios assim são diferentes de substâncias psicoativas?*

Pasolini - *É droga, é substância psicoativa!*

T.V. - *Você é a favor da medicalização?*

Pasolini - *Já pensei sobre isso, acontece na medicina inteira, não é exclusivo da psiquiatria, os laboratórios lucrando tão na medicina em geral. Essa medicalização exagerada me levou a pensar em não fazer psiquiatria, talvez não fosse o meu perfil trabalhar com saúde mental dessa forma. Mas talvez existam pessoas que não consigam resolver com análise...*

Uma reflexão recorrente nos depoimentos desses estudantes de medicina sobre a medicalização é que a perspectiva mercadológica, que envolve os profissionais de saúde e os laboratórios farmacêuticos<sup>157</sup>, não sustenta como prioridade os cuidados com a saúde dos pacientes e sim a lucratividade. Chega-se a estabelecer um consenso interno de que medicamentos psiquiátricos não devem ser representados como substâncias psicoativas. Se Pasolini pareceu relutar em ter que admitir que “talvez existam pessoas que não consigam resolver com análise”, Picasso já o admite sem conflitos:

Picasso - *Tem sido um crescente na medicina como um todo, o número de pessoas que precisam de medicamentos, de ajuda por psicoativos controlados.*

Essa observação de Picasso, ao afirmar que esse mercado de consumo visa satisfazer a demanda por saúde mental, inverte a lógica de mercado apontada pelos colegas, e talvez esteja apontando no mesmo sentido que o prognóstico da OMS sobre a pandemia de depressão. Será que Picasso acaba incluindo a ele e a seus colegas no âmbito desse consumo? Se inclui, a demanda deles será por processos de cura?

T.V. - *Vocês não têm interesse em usar medicamentos?*

Picasso - *Eu tenho!*

---

<sup>157</sup> - diferentemente do começo do século passado quando o *Harrison Act* entrou em vigor, atualmente, laboratórios e médicos de forma geral, defendem os mesmos interesses. Uma pesquisa de doutorado realizada na Unesp, apontou que 27% dos médicos atualizam seus conhecimentos sobre os medicamentos que utilizam com os representantes dos laboratórios (Jornal Nacional, 14/05/04).

Buda - *Eu já tomei Ritalina com álcool, é uma viagem! A psicomotricidade fica a mil. Eu não conseguia parar de me mexer (risos coletivos).*

Da Vinci - *Qual é a onda?*

Buda - *Rapaz, você fica completamente hiperativo, mais do que com anfetamina. Eu não gostei muito não, eu gosto de viajar.*

Da Vinci - *Mas não assustou não?*

Buda - *Não, dá pra tomar. Agora eu não entendo como é que toma aquilo ali pra estudar.*

T.V. - *É, mas é que você fez um coquetel com álcool que pode ter sido determinante em relação aos efeitos.*

Buda - *Na verdade a Ritalina faz um efeito contrário ao padrão em atividade, é com a dopamina que ela mexe. Se o cara tá em hiperatividade, se você dá a Ritalina causa o efeito contrário, se o cara tá calmo e toma, cê bota ele na loucura da hiperatividade...*

T.V. - *Então vocês acham que os medicamentos valem os efeitos?*

Buda - *Entre as cinco drogas mais prescritas do mundo você tem três drogas psiquiátricas. E não é só antidepressivo não, tem pessoas que tem dependência de ansiolítico pra dormir.*

O temor da dependência de ansiolíticos e de antidepressivos parece não assustar estes interlocutores possivelmente por acreditarem no saber que eles como especialistas na área de saúde devem dominar. Também merece destaque a afirmação de Buda sobre os números de prescrições psiquiátricas serem dos mais altos no mercado da saúde. O vetor econômico é aqui de capital relevância para refletir não apenas sobre a amplitude do mercado de consumo de drogas lícitas, mas principalmente refletir sobre a inclusão dos interlocutores nessa específica ordem configuracional. Muitos deles ainda são bolsistas e/ou dependentes das famílias e o capital econômico para a aquisição de drogas enquanto capital cultural é indicativo de seus estilos de vida:

#### 3.3.4 - Drogas como capital e gastos com consumo

Os interlocutores que dispõem de mais recursos econômicos não se sentem constrangidos com seus gastos quanto à cultura das drogas, na prática, este consumo

lhes confere capital cultural dentro da comunidade de pares. Pelo prazer como falam de seus gastos, eles indicam que sustentá-los confere-lhes algum status positivo:

T.V. - *Qual seu investimento mensal em drogas?*

Zumbi - *Com os ilícitos por volta de uns R\$ 200,00 a 300 reais. E com os fármacos, gasto R\$ 50,00 ou um pouco mais. Normal.*

T.V. - *Você tem idéia de quanto gasta mensalmente com consumo?*

Hofmann – *Tenho! Em torno de R\$150,00. Equivale a 15 gramas, mas é a substância! Skank! Dura um mês inteiro, consumo diariamente. Quando eu utilizava maconha normal, o consumo era bem maior, mais de 150 gramas. Mas agora eu ganho potência, qualidade, eu faço um que dura dois dias, então eu não diminui o uso, eu melhorei a qualidade do produto. Eu gastava menos, consumia mais e satisfazia menos.*

Sendo dois interlocutores oriundos de famílias economicamente bem estabelecidas, seus gastos não comprometem seus estilos de vida. A entrevista com Hoffman aconteceu no terraço de sua cobertura onde ele faz autocultivo de skank, pois em seus planos não há porque ser eternamente dependente de um fornecedor quando se pode além de cultivar, controlar o padrão de qualidade. Apesar dessa facilitação do consumo que uma situação econômica mais favorável permite, há quem se sinta constrangido em fazer parte de uma comunidade familiar economicamente bem estabelecida:

Buda - *Sou de família de classe média alta ou alta. Minha família me banca e é algo que me incomoda.*

Esse incomodo de Buda<sup>158</sup> que gastou cerca de US\$500,00 para adquirir o vaporizador, não é incomodo por ter dinheiro, mas sim pela vergonha de que outros saibam que o dinheiro gasto na busca por satisfação não foi ganho com seu trabalho. Essa vergonha introjetada é mais um mecanismo psicológico de controle do processo civilizador, mecanismo que em meio ao hedonismo da cultura de consumo não é compartilhado pelos seus colegas de curso:

---

<sup>158</sup> - que inclusive acha legal a faculdade de medicina na qual estuda, a Escola Bahiana de Medicina, ser considerada a mais barata do país.

T.V. - *Vocês têm noção de gasto mensal?*

Da Vinci - *É mais com bebida, vai R\$100,00, R\$150,00 numa noite...*

Picasso - *Mas não é toda noite que a gente sai, duas vezes na semana.*

T.V. - *E essa grana aperta o orçamento?*

Picasso - *O lance é assim; nossos pais dão uma mesada pra gente, pelo menos os meus continuam dando o que davam três anos atrás, eu não peço mais nada, a gente já tá trabalhando (fazendo residência), ganhando dinheiro nosso, e como em casa a gente não paga nada, a gente gasta consumindo outras coisas; viajando, indo pra festas, shows.*

Viagens, festas e shows compõem o estilo de vida desse grupo de residentes, desconstruindo uma representação dominante de que residentes não têm tempo para outra coisa além de estudar. Quando o consumo de bebidas etílicas pode chegar a R\$150,00 numa noite, é possível registrar que esse é o consumo de uma elite de estudantes economicamente privilegiada que não se preocupa muito com seus gastos e que não se limita apenas a estudar. Entre os estudantes que têm por preferência as drogas ilícitas, nenhum deles faz gastos tão altos quanto estes, mesmo entre os que são de famílias economicamente privilegiada. O gasto do grupo citado está diretamente relacionado com seu estilo de vida específico enquanto estudantes de medicina de uma faculdade privada. Entretanto, ter mais dinheiro para consumo não fez com estes estudantes investissem em cocaína ou outras drogas ilícitas mais dispendiosas, pois no *setting* médico onde circulam, o consumo de uísques, vodcas importadas e de lança-perfume é muito mais valorizado. Já para duas interlocutoras também oriundas de famílias economicamente bem estabilizadas o capital cultural investido pode ser interpretado em parâmetros outros que não o estritamente econômico:

Mata - *Com o cigarro (de tabaco) eu gasto imensamente mais do que com maconha. Cigarro eu fumo há doze anos e cada vez mais, óbvio. Cinco cigarros por dia durante a semana, no fim de semana uma carteira. Já maconha são 3 becks por semana.*

T.V. - *Você costuma comprar maconha?*



Salomé - *Não, geralmente como eu tenho um narguillê<sup>159</sup>, eu levo o narguillê e levo as essências, eu entro com a parte legalizada (risos) e outras pessoas que tem mais acesso compram...*

Gastar dinheiro com drogas para estas duas interlocutoras não é fonte de status, e não porque não tenham dinheiro. No caso de Mata e de Salomé não há uma busca por distinção em meio as suas comunidades de consumo. Salomé inclusive estabelece vinculações dádivas, pois o narguillê e as essências que ela disponibiliza não custam barato. Fumar maconha com essas ferramentas não é simplesmente um luxo que configure um estilo de vida mais exótico, é muito mais um mecanismo que confere pertencimento num grupo com marcos identitários bem específicos.

Outro dado que indica uma maior facilitação para que esses universitários aqui elencados invistam mais dinheiro em consumo de drogas se assim o desejarem, é que dos vinte e dois interlocutores, vinte e um deles não possuem filhos para sustentar. O único interlocutor que é pai mantém seus hábitos em comum acordo com sua esposa, também adepta da cultura psicoativa:

T.V. - *Quanto você gasta mensalmente com drogas?*

Mozart - *Geralmente por mês umas cinco garrafas de vinho, bote vinte contos cada garrafa, e maconha é 50 gramas quinze dias, então vai cem contos por mês, eu e minha mulher cada.*

T.V. - *Esses duzentos contos por mês pesam no orçamento?*

Mozart - *É uma área de lazer pra gente, a gente não sai, a gente não tá na balada; a gente vai ao cinema muito pouco, então a gente pega um DVD, toma um vinho, tá dentro do orçamento de diversão. Às vezes não tem também, então não vou roubar pra ter (risos).*

Com o casamento, Mozart já não frequenta mais os bares nas noites, nem mesmo para tocar *Blues* com seus amigos. O consumo de drogas ao som de música sempre presente em sua casa com ampla área verde numa rua tranquila no bairro de Itapoá, para Mozart assume o lugar da vida boêmia que ele por mais de uma década prestigiou; se não dá mais para ir ao cinema, assiste-se um DVD tomando vinho e fumando maconha,

---

<sup>159</sup> - narguillê é um recipiente para fumar com uma concentração de água que resfria a fumaça e reduz os danos ao aparelho respiratório do fumante.

se não dá mais para frequentar festas dionisíacas, reúne-se com um casal de amigos que também sejam pais e que tenham prazer em beber e fumar “familiarmente”. Se a sua verba no final do mês não é das mais elásticas, ele e sua esposa sabem que o gasto de R\$200,00 não é um investimento em supérfluos, é um investimento em *porções seguras de felicidade*. Em relação à segurança, os interlocutores que possuem menor renda não deixam de estar incluídos no circuito de consumo, pois sua comunidade de pares consumidores tem como uma das finalidades lhes fornecer segurança para acessarem a liberdade:

Lampião – *Eu tento encaixar no orçamento que eu tenho com bolsa, com estágio. A prioridade de gasto acaba não sendo esta [...] Eu tenho minhas atividades que eu não deixo de cumprir-las e o uso recreativo tem momentos encaixados na minha vida. Com isso, sempre alguém tá trazendo e nunca falta. Gasto R\$ 80,00 por mês no total e dá pra encaixar.*

Quando não há dinheiro disponível para o consumo, as pessoas estabelecem relações de troca onde as drogas entram muito menos como um meio para obter lucro econômico do que para obter alguma satisfação. Leila que consome muito mais maconha do que álcool resume seu gasto mensal a R\$100,00 com álcool, pois maconha e outras drogas eventuais, ela consome na medida em que repassa parte do que compra para outros consumidores de sua rede comunitária. Seria impreciso enquadrá-la aqui como usuária-trafficante – apesar dessa representação acarretar um risco quase inevitável –, pois ela não visa lucro econômico e sim ter o que consumir. O estilo de vida de um legítimo usuário/trafficante deve envolver a expectativa de lucro até como elemento distintivo:

T.V. - *Você tem uma receita do que gasta e ganha?*

Nietzsche - *Não tenho porque é muito rotativo, e eu gasto muito. Sempre eu tiro o necessário pra alimentação, aluguel, o que sobrar é festa (risos). Já me passei, já gastei demais, o que me quebra é mulher. Eu tou com uma mulher do lado ela me leva até na China se ela quiser. Dias em motel só consumindo...*

Esse interlocutor que comercializa cocaína demonstra muito mais interesse em gastar do que em ganhar dinheiro, tanto quanto não liga a mínima para o que se diz ser a regra

tradicional do traficante; não consumir o que deve vender. O seu lucro se dá muito mais em capital cultural – consumindo drogas e sexo - do que em capital econômico.

### 3.3.5 - Drogas em família

Vale ressaltar que se Nietzsche curte o lado hedonista, ele não descuida de suas responsabilidades e mantém boas relações com a família:

T.V. - *Você chegou a ter problema alguma vez?*

Nietzsche - *Não, por conta disso não. Tive problema em relação a um baseado, mas nunca nada sério. Fiquei um ano morando com família, mas eu sempre morei sozinho. Minha mãe até um mês atrás tava crente que eu tava vendendo maconha, pra evitar isso eu saí de lá, eu gosto de ter minha liberdade, eu gosto de andar nu pela casa.*

Para evitar comprometer sua segurança e continuar desfrutando da liberdade que sua condição lhe propicia, Nietzsche se mudou para um apartamento alugado onde pode até deixar um pacote de cocaína aberto na sala enquanto recebe visitas<sup>160</sup>. Diferentemente da juventude universitária que esteve atuante nas décadas de 1960/70, a presente não busca necessariamente rompimentos com familiares que possuem valores mais conservadores. Alguns munidos de informações e reflexividade buscam através do diálogo validar seus pontos de vista *outsider*, enquanto outros buscam diplomaticamente evitar um conflito que em suas perspectivas, não trariam maior esclarecimento e sim tensões configuracionais. Se a família é a primeira edição dos sistemas especialistas com a qual o indivíduo interage, na transição da juventude para a adultez – e nesse recorte a carreira universitária configura o rito de passagem central – é geralmente onde acontece a ressignificação dos sistemas especialistas, inicialmente um domínio relacionado aos parentes mais próximos:

T.V. - *Você gosta de rock and roll?*

Rimbaud - *Pra caramba, por causa de meu pai. Por isso que eu falei que Led Zeppelin, Beatles faziam parte da minha vida desde guri. Queira ou não, as histórias*

---

<sup>160</sup> - ele parece acreditar que essa exposição não compromete a sua segurança, pelo contrário, na prática aumenta seu status entre as visitas já que possibilita demonstrar que ele confia nelas.

*que meu pai conta que ele fez, a memória que ele passa pra mim eu consumo, me interessa e forma meu modo de ver e de pensar. Eu comecei a me distanciar de pai quando eu conheci o reggae, que meu pai não gosta. Aí rolou uma independência mesmo.*

Seria simplório e inadequado constatar que a independência à qual Rimbaud se refere, se deva ao dado de seu pai gostar mais de rock do que reggae enquanto música. Essa divergência estética talvez indique que estes gêneros musicais com seus *settings* característicos, se podem até “andar juntos”, não são necessariamente os mesmos; o rock enquanto representação cultural tende a ser configurado enquanto celebração de uma *desconstrução* em relação aos valores estabelecidos, sendo de modo geral, uma sonoridade mais agressiva. Já o reggae tende a ser representado como celebração de uma *construção* que busca transcender o estabelecido, mas não agredindo, e sim chamando para a confraternização. Embora haja um público que consuma os dois gêneros musicais, há representações diferenciadas enquanto capitais culturais consumidos por tribos que se distinguem exatamente pela reflexividade presente em seus gostos e não só em relação a drogas. Entre variados capitais; música, livros, e também filmes podem, delimitar este recorte identitário:

Rimbaud - *Outro dia eu tava discutindo Cheech e Chong que é da época de meu pai e ele gosta daquela porra. Eu assisto, dou risada, mas eu acho que é onda de doidão. Os Caras fizeram seu papel naquela época.*

Personagens que estrelaram alguns filmes hoje cultuados, *Cheech e Chong* são dois *outsiders* maconheiros que se metem em muitas confusões por causa de seu consumo descontrolado da erva<sup>161</sup>. O que Rimbaud indica na sua crítica desses personagens é que ele busca a superação do mito de doidão e quem sabe, do mito de usuário hippie representado pelo passado no pai. Depois de ter sido detido pela polícia, Rimbaud não quer ser enquadrado como um desqualificado, um maconheiro doidão, principalmente aos olhos do pai. Esse também é um ponto central para uma interlocutora que tem uma boa relação com o pai – o representante do sistema especialista - sobre a questão do consumo.

---

<sup>161</sup> - personagens apreciados pelo interlocutor Marley (22), dois anos mais jovem do que Rimbaud (24).

Cleópatra - *Foi uma das coisas que quando eu comecei a fumar, meu pai me falou: “você que fuma tem que fazer tudo em dobro, que qualquer coisa que você fizer de errado, qualquer vacilo, vão falar que é porque você fuma maconha”. Meu pai por exemplo, os pais dele descobriram que ele fumava maconha. Três dias depois ele passou em medicina na USP, aí vão falar o que? Ele cursou seis meses, pra provar que poderia fazer tudo que ele quisesse, então largou e fez cinema.*

T.V. - *Será que esse fazer tudo em dobro não é um fardo, ou seja, cê ter que provar alguma coisa aos outros por fumar não lhe incomoda?*

Cleópatra - *Não, não me incomoda ... fazendo em dobro ou não, a questão é não terem o que falar de mim. Eu não preciso provar nada pra ninguém, mas também não preciso ouvir crítica de ninguém.*

Essa é uma típica situação em que a produção de trabalho tem o efeito de uma redução de riscos em relação ao consumo, uma inversão para a representação corrente de que o maconheiro tende a ser inapto para a produção. Nesse caso, o consumo de maconha não é amotivacional, pelo contrário, é motivacional. Exceção à regra? Não, segundo outra interlocutora, Mata: “eu tenho que comprovar pela minha competência, que isso aí (consumo de maconha) não afeta nada. Então não tem conflito, mas também não dou muita abertura pra crítica”. É possível afirmar que se o conselho paterno acompanha a trajetória de Cleópatra ajudando-a a reduzir os riscos, nem toda herança familiar recebida pelos interlocutores é revestida pela confiança proporcionada pelo diálogo:

T.V. - *Antes da universidade você tinha contato com o mundo das drogas?*

Tutancamon - *Eu tinha na verdade um contato com meu irmão quatro anos mais velho, ele fez de tudo que se possa imaginar e aí mora o problema. A questão é que como ele fazia é muito diferente do que eu faço hoje em dia, tocava o terror! Pra ele era um beck atrás do outro, não fazia porra nenhuma o dia todo, só pá, pá, pá. Estudar que nada, aí andava com a galera em boca de fumo. Se embananou todo, quase não consegue formar. E eu tive essa aproximação desde 13, 14 anos, mas sempre numa postura totalmente adversa. Ele teve que parar, se continuasse nessa não ia ter conseguido formar. Quando parou, tudo começou a dar certo porque a forma dele era daquela forma polarizada, era 8 ou 80. Eu tinha repulsa, eu não tinha nem medo,*

*porque eu era muito estudioso, muito certinho, até então eu não saía, não bebia, não fazia nada. Eu tinha pavor às drogas por causa daquele exemplo dele.*

*Depois de ter entrado na universidade eu comecei a abrir o leque, já não tinha aquela cobrança do vestibular. Meus primos também fumavam um, dois anos mais novos. Eu via todo mundo tranquilo, então eu comecei a me aproximar mais depois que eu vi que não era aquele problema. Tudo começou com eles. Eles tinham acesso, desciam em boca. Mas ao mesmo tempo fui ampliando minha rede de contatos. O que me afastou deles foi que ficaram descontrolados, começaram a partir pra “pedra”<sup>162</sup>, aí eu me desassociei mais.*

As influências fraternas de Tutancamon indicam duas direções; as influências fraternas consanguíneas indicam um caminho mais descontrolado, intemperado, pois no período que estava mais exposto a elas, Tutancamon na sua condição de inexperiente colocava-se como sujeito passivo, receptáculo de influências, fosse do irmão, fosse dos primos. As influências fraternas eletivas – a comunidade de universitários – já indicam uma reflexividade maior, um posicionamento de sujeito ativo apto a efetuar opções. A partir deste último período Tutancamon começou a operar a ressignificação das drogas e de alguns controles informais. Em relação aos primos, quando estes passaram a representar algum grau de risco, Tutancamon, agiu de acordo com as reflexões que sua experiência lhe mostrou serem mais adequadas; se afastou dos usuários problemáticos, não das drogas. Mas esse afastamento não significou rompimento com a família:

*T.V. - E como é sua relação com a família quanto às drogas?*

*Tutancamon - Eles sabem, é uma relação superaberta, na realidade meus pais também viveram isso, meu pai também já tocou terror na época dele, movimento hippie e tal, minha mãe também, já em menor escala. Meu pai era da pesada! Eu enxergo isso hoje bem tranquilamente, esse problema com meu irmão acho que foi deixando eles mais abertos pro que realmente pode tar representando aquilo ali, ver um ponto maior. Não é a droga que não presta, é você observar a conjuntura toda. Hoje meu pai diz: “rapaz, olha esse cigarro que você já fumou pra caramba, é melhor você ficar fumando a massa do que ficar fumando essa porra aí”.*

---

<sup>162</sup> - pedra = pedra de crack

O hábito do consumo de drogas circulou pela família de Tutancamon com diferentes significados, em diferentes configurações, dos pais hippies ao irmão *junkie*, finalmente chegando nele, que tem por objetivo ser considerado um consumidor temperado. Ter a oportunidade de refletir profundamente sobre as experiências de seus predecessores estando-lhes aberto ao diálogo, favorece que Tutancamon seja esse “caminho do meio da família” no que se refere ao consumo. A importância do diálogo para configurar a confiança familiar é capital. Alguns interlocutores que até possuem espaço para realizar esse diálogo, pela força dos estigmas envolvidos só o realizam parcialmente:

T.V. - *E como é sua relação com a família em relação às drogas?*

Buda - *Ninguém sabe, só meu pai e minha mãe. Depois que meu pai se separou de minha mãe eu fumei com ele. Ele veio aqui uma vez e me disse que tinha experimentado depois da separação, com alguns amigos. Aí eu falei que fumava e ele ficou surpreso. Chamei ele pra fumar comigo e conversamos muito, foi legal. Já minha mãe quando descobriu que eu fumava ficou muito chateada.*

T.V. - *Ela sabe que você fumou com seu pai?*

Buda - *Não, senão ela ia ficar chateada com ele.*

Como no caso de Cleópatra, há uma cumplicidade fortemente estabelecida entre Buda e seu pai que exclui até a mãe. Nesse sentido o consumo de drogas adquire a carga simbólica de um segredo compartilhado que pode ser decisivo no que diz respeito às futuras relações de confiança. Também os pais de Hofmann, Rimbaud, Pancho, os pais de Tutancamon e a mãe de Marley - 32% dos pais e 9% das mães - consomem ou já consumiram entre os ilícitos, pelo menos maconha. Esse consumo não garante necessariamente, que a relação entre pais e filhos seja tranquila:

T.V. - *Como é que você lida com a família em relação a esta questão?*

Hofmann - *Foi uma briga muito grande e ainda é. O filho no qual foi investido muito nele, estudou nos melhores colégios, aprendeu inglês, viajou pra Europa, e acabou usuário de drogas. Foi inculcado na mente deles pela televisão e pelos jornais e pelas perspectivas dos outros de que isso seria algo ruim. Isso me trouxe grandes conflitos internos com minha família, meus pais. Nestes conflitos eu resolvi manter minha postura em relação àquilo. Meus pais chegaram a me pedir pra se manter na ignorância, ou melhor, ‘se você faz, não faça na minha frente’. Só que eu resolvi tomar*

*uma postura contrária, que eles acreditavam que era desrespeito a eles. Não quero só que você saiba, mas saiba quando, onde e com quem. Porque eu não vou esconder isso de vocês, que isso ainda vai fazer parte da minha vida por um bom tempo, talvez pra sempre, talvez até só o ano que vem. Se a gente não mantiver um diálogo aberto em relação a isso que é algo constante na minha vida, há grandes chances das barreiras entre nós serem cada vez maiores, e eu venha a privar de contar com todo o resto de conhecimento, todo o resto de aprendizado, em função de uma única coisa que eles acreditavam que não era boa pra mim. Meus pais não bebem, não fumam e eu respeito.*

A situação familiar vivida por Hofmann vem a culminar na polarização *política do silêncio X expressão do barulho*. Seus pais queriam silêncio sobre o que não aceitavam ouvir - como fez a família de Oscar e a de Lampião -, e Hofmann fez barulho sobre o que não quis calar - Como Rimbaud. Seu barulho é justificado com o seu receio de que lhe operassem um reducionismo de sua pessoa à sua faceta de usuário. Sua dor como filho, é ter que aceitar por não se submeter aos controles formais, que dos seus pais, tenha que se “privar de contar com todo o resto de conhecimento, todo o resto de aprendizado, em função de uma única coisa”.

T.V. - *Na sua família não nenhum outro usuário?*

Hofmann - *Meu pai já foi usuário.*

T.V. - *De que?*

Hofmann - *De maconha, no interior. As perspectivas das pessoas com quem ele foi usuário e da forma como eles utilizavam a substância não foi muito boa. As pessoas com quem ele andou no futuro não se deram muito bem e ele tomou isso como (sendo) responsabilidade da substância e não porque os outros não tiveram a chance como ele de fazer uma faculdade, e não porque a família dele teve uma condição melhor. Hoje já não busco defender como antes defendia, em virtude dessa projeção mercadológica, profissional que eu tenho que ter em relação a minha imagem.*

T.V. - *A sua titulação na graduação e na atual pós-graduação ajudou a amenizar a situação?*

Hofmann - *Não, na verdade a expectativa cresceu, eles acreditam que agora já que eu estou formado, já que eu tou na pós-graduação, não sou mais nenhum menino e eu tenho que me formar um homem, e dessa forma, significa que eu tenho que parar de utilizar a substância. Isto pra eles é coisa de adolescente rebelde. E eu digo que não há*



coisa mais careta do que fumar maconha! De rebeldia isso não tem nada! Se isso fosse tão rebelde teria mudado o mundo e você vê que não mudou em nada. *Se você conhecer as pessoas que eu conheço que utilizam a substância, tem umas que são mais caretas do que as que não usam.*

Hofmann acredita que na configuração em que se encontrava o seu pai quando jovem, foi mais fácil “demonizar” a maconha para justificar o insucesso de seus ex-pares do que fazer uma análise crítica das condições socioculturais onde viviam. Por sua vez ele não se esquivava de buscar um diálogo pautado em argumentos cientificamente bem construídos, mas em função da grande expectativa criada em torno de sua carreira, a sua redução de riscos ainda é pouco: “eles acreditam que agora já que eu estou formado, já que eu tou na pós-graduação, não sou mais nenhum menino eu tenho que me formar um homem, e dessa forma, significa que eu tenho que parar de utilizar a substância”. Quanto maior o grau de instrução de Hofmann, maior é a cobrança por parte de sua família de que as drogas fiquem para trás. No ponto de vista dos pais, é assim que se configura o processo civilizador. A réplica de Hofmann para esta situação deixa claro como a atual cultura de consumo de drogas já superou a necessidade de desvio e de transgressão: “E eu digo que não há coisa mais careta do que fumar maconha! De rebeldia isso não tem nada!”. Talvez nada seja mais revolucionário na reflexão de Hofmann do que dizer que não há nada mais careta do que fumar maconha, “Se você conhecer as pessoas que eu conheço que utilizam a substância, tem umas que são mais caretas do que as que não usam”. Assim sendo, o fumar maconha para Hofmann passa a ser representado como um hábito que passou por várias significações culturais nos últimos dois séculos, inclusive estando em algum momento histórico, associado à rebeldia da juventude. Mas nem todo interlocutor está disposto a correr o risco de ampliar os riscos de um enfrentamento familiar, mesmo os que trabalham como redutores de danos:

T.V. - *Você tem problemas com a família por causa de drogas?*

Lampião - *Não, mas também não tem nada declarado. Eu acredito que sabem, mas o debate não vem à tona. Eu já tentei, mas a formação de meus pais não dá margem para serem convencidos de outras questões que envolvem os psicoativos que não a*

*marginalização. Então pra gente viver bem, a gente não toca (no assunto). Não deixo de usar, chego em casa barrunfado<sup>163</sup> e tudo.*

*Mata Hari - Minha mãe é ingênua, quando eu morava com minha família, varias vezes eu chegava em casa de LSD, de maconha, sentava pra conversar tranquilamente e ela não percebia.*

Esses dois interlocutores trabalham com redução de danos em festas de música eletrônica, mas em casa sentem prazer em mostrar aos familiares que não precisam controlar excessivamente os próprios riscos, pois acreditam dominar suas performances. Já o caso de Einstein chega a ser curioso, segundo indicam seus amigos:

*T.V. - Como é a relação com as famílias, eles sabem que vocês usam?*

*Picasso - minha mãe descobriu e ficou de boa, ficou de boa assim, ela odeia, mas não fala nada. Meu pai encontrou uma ponta no carro e disse: “encontrei isso no seu carro, ou você vai falar a verdade pra mim ou vai falar que seus amigos é que tão fumando” (risos). Ele fez uma pagação, aí eu falei que ia parar.*

*T.V. - E você Einstein?*

*Einstein - Eles não têm noção...*

*Da Vinci - ...mas eles desconfiam...*

*Einstein - ...desconfiam mas eu me ligo, nem levo maconha pra casa.*

*Picasso - ...ele chegava muito doido, mas o pessoal acha que ele tem problema com álcool.*

Mesmo que soe como uma piada, para a segurança de Einstein no *setting* familiar, o seu suposto consumo de álcool acabou servindo como estratégia de redução de danos sociais para os possíveis problemas que poderiam ser provocados se seu consumo de maconha se torna-se de conhecimento público. Todavia, em outras configurações familiares diferentes das em que pais são estabelecidos e filhos são *outsiders*, o lugar reservado para o consumo de maconha não se confunde com o espaço do “muito doido”, às vezes nem com o espaço para o recreativo, pois o principal espaço relacional

---

<sup>163</sup> - barrunfado = com cheiro de maconha.

está concentrado no campo das responsabilidades e da produção, como no caso do único interlocutor que é pai:

Mozart - *Meu filho tá com 3 anos e eu não posso fumar, eu tenho que tar ligado nele. Eu vou sair com ele prum parque, parece uma coisa lúdica, mas não é, tem um monte de perigos. Agora pra entrar no universo dele é ótimo, pintar, desenhar...*

T.V. - *Sua esposa também é usuária, como é que é o convívio?*

Mozart - *Ela trabalha também com educação, ela escreve, se não tiver pra escrever ela fica louca. Ela é touro, é muito chão, então pra ela escrever ela tem que voar um pouquinho.*

E não é apenas no caso de Mozart, pois pais, irmãos, filhos e familiares próximos podem influenciar na configuração de representações marcantes a respeito do significado das drogas, mas não apenas parentes; todos aqueles que fazem parte do cotidiano dos usuários possuem potencial para influenciá-los quanto a seus valores:

T.V. - *Você teve contato com drogas antes da graduação?*

Salomé - *Desde a escola, sétima, oitava série, tinha colegas que todo mundo sabia que fumavam. E naquele período isso tinha uma conotação de uma coisa muito ruim. Aqueles meninos eram os bagunceiros, baderneiros, que perdiam ano e a gente não devia ter nenhum tipo de contato. E eu como CDF que era, sentava na frente da sala, não me envolvia muito com essa galera. Também eram mais velhos do que eu.*

Uma representação social vigente é que uma “aluna CDF” não deveria ser desviada de sua carreira de estudante acima da média por envolvimento com maconheiros que não apenas eram bagunceiros, também possuíam baixo rendimento e eram candidatos fortes à reprovação – e aqui fica subentendido que eram bagunceiros e repetentes por influência direta do consumo de maconha. Eis a naturalização do estigma, a demonização do consumo e do consumidor que só foi passível de desmistificação quando Salomé ingressou na universidade, onde constatou que colegas que fumavam maconha eram também bons alunos. Outra interlocutora que também foi boa aluna no segundo grau levou menos tempo para chegar a este ponto de reflexão.

T.V. - *Como foram os primeiros contatos com a maconha?*

Blavatsky - *Eu morava numa rua que tinha várias pessoas que fumavam, eu ficava observando e achava legal o modo como eles ficavam tocando violão, eu achava bonito, e aí eu comecei a ter contato com isso. Meu pai começou a conversar comigo, minha mãe também, aí eu comecei a ver diferença do discurso do que o meu pai falava, que maconha deixava a pessoa assim e assim, e na prática eu não via isso, eu via as pessoas normais, conversando, embora as pessoas que tinham tido contato com drogas mais pesadas tenham tido situações de desequilíbrio mesmo, mas naquele primeiro momento não tinha nada que fosse problemático naquele grupo. E um dia uma dessas pessoas deixou uma “ponta” numa árvore e eu que tinha acabado de fazer 13 anos peguei pra ver como era. Eu fui sozinha fumar, gostei, achei muito legal, aquele relaxamento, me anestesiou um pouco. A partir daí eu comecei a fumar.*

Esta é uma iniciação atípica por alguns fatores, primeiramente pela idade precoce da interlocutora, segundo por ter sido realizada sem ajuda de ninguém que a introduzisse na comunidade de consumidores e terceiro, mas não menos importante, por tratar-se de uma pessoa do gênero feminino. Começemos por este último item, já que o universo de consumidores da pesquisa é predominantemente masculino (77%). Não que seja anormal uma mulher fumar maconha, mas se essa mulher for uma adolescente de 13 anos que o faz totalmente desacompanhada, se tem desenhada uma situação que faz questionar: ela foi motivada pela audácia, pelo tédio ou pela mera curiosidade para tamanho empreendimento? A pista oferecida pela sua fala é de que: “eu comecei a ver diferença do discurso do que o meu pai falava, que maconha deixava a pessoa assim e assim, e na prática eu não via isso”. Como no caso experienciado por Pancho, a distância entre as informações transmitidas pelo senso comum e as experiências de vida fez com que Blavatsky fosse se afastando de valores até então absolutos. Nesse recorte, o elemento motivacional que seduziu uma pessoa de 13 anos não foi a maconha em si, mas a configuração onde ela era consumida, o estilo de vida do grupo de pessoas que frequentava sua vizinhança, “o modo como eles ficavam tocando violão, eu achava bonito”. A maconha foi um dos elementos que configuraram um estilo de vida sedutor, mas não foi o único.

### 3.3.6 - Cultura de especialistas

Se na iniciação de Blavatsky não houve um especialista que facilitasse sua introdução na comunidade de consumo, na prática cotidiana de alguns dos interlocutores há um momento em que estes ganham representações mais associadas aos professores do que aos pais e familiares<sup>164</sup>. Mudam as configurações do *setting* e mudam também as possibilidades de controles informais relacionadas com cada *setting*. Essas possibilidades passam a ser configuráveis de acordo com as interfaces entre os *sets* motivacionais dos interlocutores e os *settings* relacionados à cultura acadêmica onde as drogas adquirem outro potencial de consumo. Vejamos alguns casos onde a representação de especialistas em relação à cultura das drogas parece gerar conflito de interesses. Inicialmente em cursos de medicina, onde boatos indicam haver consumo de substâncias controladas:

Lampião - *Essas substâncias como Ritalina, hoje eu vejo que são usadas de maneira recreativa.*

T.V. - *A receita é controlada...*

Lampião - *Exatamente, a receita é supercontrolada mas pra quem tá no meio... você pode conseguir com professores que fornecem receita se você chegar pra ele e bater um papo, tentar convencer ele de que você se enquadraria no critério pra transtorno de atenção e hiperatividade que é pra que é teoricamente mais indicado, e que você tá afim de focar atenção em alguma atividade. Você bate um papo e consegue a receita não é nada complicado.*

T.V. - *Os professores são abertos a esse ponto, não têm medo de se comprometer?*

Lampião - *Não é o comum, mas existem alguns professores que fazem. Algumas pessoas sabem, acaba sendo uma rede. Algumas pessoas sabem que Professor X ou Y faz, mas Professor X ou Y tem mais proximidade de algum acadêmico, e é por via desse acadêmico que se consegue uma receita ou o acesso.*

Pasolini - *Até existiam festas patrocinadas por professores, alguns eventos.*

T.V. - *Os professores bancam a bebida?*

---

<sup>164</sup> - e como a teorização de Giddens (1991) dialoga com a de Freud (1974 B), num primeiro momento da formação cultural de um indivíduo, os especialistas que o influenciam não são necessariamente os que dominam a excelência técnica ou competência profissional (Giddens, 1991,35), mas os que possuem influência afetiva na comunidade de pertença.

Pasolini - *Às vezes sim...*

T.V. - *Ouvi dizer que tem professor que até banca a bebida, é isso?*

Da Vinci - *Depende...*

Buda - *Doutor F., um cirurgião, uma bichona louca, banca formatura da galera, tá ligado? em troca disso ele é paraninfo, faz discurso... e vai ser paraninfo da minha turma a contragosto meu, (risos). Eu já vi um discurso do cara dizendo que acima dos médicos só existe Deus!*

T.V. - *E vocês têm essa imagem da medicina como um curso de elite, abaixo só de Deus?*

Buda - *É elite, man! Você vê num hospital que tem várias profissões universitárias, você vê o conforto do médico, os outros profissionais não têm.*

Nas relações de poder que são estabelecidas entre membros da academia, às vezes as elites correm o risco de perder o referencial que delimita a fronteira do controle ético e formal entre a busca por segurança e a busca por liberdade<sup>165</sup>. Nesse caso específico, os professores enquanto representantes legítimos do sistemas especialistas, devem saber que o código de ética médica proíbe que os profissionais influenciados pelo mercado de consumo, receitem remédios. O boom da farmacologia nos últimos trinta anos normalizando o consumo de certas substâncias prescritas se sustenta na confiança dos clientes nos sistemas de especialistas médicos. De certa forma, a distinção em relação ao usuário de drogas ilícitas possibilitada pelo aval médico de uma prescrição, pode levar um indivíduo a buscar consumir medicamentos sem correr riscos de ser dominado pelo sentimento de vergonha. Fornecer receitas para alunos, tanto quanto trocar o fornecimento de bebidas alcoólicas por favores políticos são comportamentos que só estabilizam a representação tanto da normalização de comportamentos “dativosos” como o do paraninfo citado por Buda, quanto da ausência de vergonha e de princípios éticos associados a tais comportamentos. Exceção à regra é quando algum especialista tem sua representação pública maculada pelo consumo descontrolado:

Tutancamon - *Eu tenho até amigas, médicas alcoolistas, exercendo a profissão e já misturando tudo, fazendo besteira. E se perdem mesmo...*

---

<sup>165</sup> - como no já citado caso dos cientistas da *Nature* consumidores de Ritalina.

Por esta última declaração se nota que nem todo médico está tão próximo de Deus como faz parecer o discurso de Doutor F.. Médicos são acima de tudo seres humanos, sujeitos às próprias emoções e aos descontroles correspondentes, assim como os professores e estudantes oriundos de outras áreas do conhecimento. A pesquisa também apontou situações em que a representação do professor diante dos alunos carrega a imagem de um passado que na prática já não se confirma, o que abre espaço para sua ressignificação:

Salomé - *Na verdade a gente ouve comentários ou histórias a respeito dos professores, de (seu) consumo anterior ou de alguma permanência. Mas na maioria (das vezes) não é um debate que esteja presente como a gente vê em outros espaços.*

T.V. - *Sobre os professores?*

Salomé - *Sobre os professores a gente ouve muito: “ah, fulano agora fica tirando essa onda de careta, mas já deitou e rolou, botou pra fuder, tal e tal”...*

T.V. - *E qual foi impacto desses comentários sobre a imagem dos professores? No fim das contas com que imagem eles ficam?*

Salomé - *Alguns ficam com imagem de hipócritas, comparando as histórias passadas com o comportamento que eles têm contemporaneamente. Mas no geral acho que não arranha muito não. Porque tem gente que tem um tipo de comportamento semelhante.*

Se é possível significar a carreira universitária como a vida num segundo lar, à maneira do que acontece entre pais e filhos, as representações dos professores são fundamentais para o estabelecimento de relações de confiança com os alunos. No que se refere ao consumo de drogas, há professores que acreditam ser possível administrar esta questão ao largo do estabelecimento de vínculos de confiança:

T.V. - *Como é sua relação entre consumo e produção?*

Hofmann - *Eu já tentei buscar o equilíbrio, eu já tentei todos os métodos, consumir antes de assistir a aula... Hoje eu coloco na balança outras questões que alguns anos atrás eu não colocava. Principalmente os valores sociais. Eu até a graduação não tinha pudor nenhum em relação à utilização da substância, pouco me importava inclusive, o que os outros acreditavam em relação a isso, basicamente porque as pessoas com quem eu tava junto, a maioria eram usuárias. Todos eram jovens, todos tavam no sentido de*

construção de suas idéias, de seus valores. *Já no ambiente da pós-graduação eu noto que as pessoas são mais velhas, os conceitos já tão bem formados, as opiniões em relação a isso tão bem amadurecidas e vão tar julgando ali, os rótulos, as marcas do que eu possa vir a ser ou não por usar a substâncias e não pela minha capacidade como estudante principalmente por ser jovem. Hoje eu uso a substância posteriormente a aula, ou às vezes, nem associar um dia de estudo a isso.*

T.V. - *Então você está controlando seu consumo em função das representações que outras pessoas possam vir a ter de você?*

Hofmann - *Que já têm!*

T.V. - *Isso já foi explicitado?*

Hofmann - *Com certeza! No final da minha graduação na FTC, eu fui fumar um e entrei na sala de aula e um professor me parou e foi questionar diante de toda a turma por que eu cheguei atrasado. Eu disse que tava conversando, e ele disse: “não, eu sei muito bem o que você tava fazendo. Você tava fumando maconha”. Nesse momento eu me senti um pouco fragilizado com a história. “você sabe que eu sei qual é a sua, e eu sei que você é usuário”. Nessa aula tavamos conectados na internet e nesse momento era o auge do meu envolvimento com o GIESP (Grupo Interdisciplinar de Estudo sobre Substâncias Psicoativas), Marcha da Maconha e eu abri o google, digitei meu nome, e lá as primeiras vinte aparições diziam respeito a isso: a minha palestra no CONAD (Conselho Nacional Antidrogas) e coisas do gênero e eu mostrei pra ele e pro resto da turma, eu disse: “olhe, se você quiser saber qualquer informação a meu respeito. Agora, aqui, você tá sendo pago pra dar aula, e não anotar o que eu faço ou deixo de fazer”. Foi a única vez no ambiente acadêmico que eu me senti humilhado. As pessoas da sala já sabiam do meu uso, sem problema.*

T.V. - *Havia outros usuários?*

Hofmann - *Sim, quase 70%, então não havia problema quanto a isso.*

T.V. - *Você chegou a pensar em algum momento que este tipo de estigmatização poderia lhe prejudicar?*

Hofmann - *Com certeza! Muitas vezes, inclusive porque existem outras pessoas que gostam de se ocupar da vida alheia, às vezes não tem nada o que fazer. Então em alguns momentos eu senti que isso poderia me prejudicar não só na vida acadêmica mas na vida profissional. Tem pessoas ali da área em que eu pretendo trabalhar e a opinião delas pesa mais do que opiniões externas ou que a minha opinião. Então hoje eu já tenho mais cautela com relação a isso.*



T.V. - *No momento em que você sofreu um constrangimento em sala de aula, o que predominou, seu lado usuário constrangido ou seu lado ativista político?*

Hofmann - *Hoje eu vejo a coisa de uma forma mais fria, mas no momento eu lhe garanto que eu me senti mais intimidado do que qualquer coisa. Todas as substâncias endógenas do meu corpo como a adrenalina, foram liberadas, e eu fiquei em estado de semi-pânico em virtude de que eu não sabia o que tava acontecendo, e porque eu estava sendo ofendido e criticado e vindo de um professor que eu nunca desrespeitei.*

Esta quebra de contrato na relação de respeito entre professor e aluno fez com que Hofmann passasse a configurar suas estratégias de redução de riscos para evitar possíveis danos à sua imagem pública, danos à sua representação enquanto estudante e futuro profissional, em função do estigma de ser consumidor de maconha. Esse problema aconteceu numa faculdade particular em um curso da área de Ciências Naturais onde predomina uma perspectiva ortodoxa quanto ao consumo de drogas. Alguns interlocutores buscam um *setting* acadêmico com configuração quase contrária a este, na esperança de reduzir os riscos atrelados a este modelo de *setting*. Rimbaud por exemplo, entrou na UFBA em Economia e depois de dois semestres se transferiu para Ciências Sociais. Ele deixou claro que realizou esta troca de cursos após ter conversado com amigos sobre drogas e acreditou que descobriu um curso onde se sentiria a vontade para se envolver mais profundamente com a questão: “é um assunto que eu considero um nó pra sociedade. Fiz vestibular pra Ciências Sociais porque me permite fazer uma abordagem sobre as drogas melhor que a Economia permite.” É possível interpretar que um curso que permita uma abordagem “melhor” sobre as drogas não deve ser um curso onde se corra o risco de ser humilhado como Hofmann se sentiu por ser estigmatizado como maconheiro. Um *setting* acadêmico com tais características - onde se reduz a possibilidade de ser humilhado ou envergonhado - já indica uma minimização de riscos sociais que acaba sendo lucrativa para o consumidor. Sim, pois enquanto vigorar a perspectiva proibicionista, humilhação e vergonha serão dois dispositivos de controle bastante eficientes:

Rimbaud - *A principio, eu não me bati, porque todo mundo que fuma um, passa por isso, porque quando você faz alguma coisa demais, uma coisa proibida, um dia os “home” dá em cima, seja civil ou PM. A visão que eu tive de ser preso, é: ó como a*

*polícia tenta me chamar a atenção pra algo que eles disseram que eu faço de errado. Aquela conversa de que eu tou financiando o tráfico, a violência...*

O estigma por ser usuário pode levar a uma autopercepção de vulnerabilidade, e alguns usuários podem até naturalizar que “um dia os ‘home’ dá em cima”. Assim, o risco deixa de ser uma exceção e passa a fazer parte dos valores culturais correntes. Se esta percepção de vulnerabilidade é um mecanismo de controle vigente, há quem não se acomode e se sinta revoltado com situações similares:

*Buda - Enquanto não se regulamentar, vai haver pessoas passíveis de criminalizar. Outro dia fui humilhado pela polícia numa blitz. Eu tava com alguns amigos e eles não foram com minha cara, passaram um pente fino no carro de mais de 40 minutos, passavam dedo nos cds pra ver se tinha pó. Se fosse descriminalizado a gente não taria sujeito a esse abuso. É foda, já aconteceu deu tar aqui fumando um na varanda e um vizinho de cima gritar; “oh essa fumaça ai!”, que direito ele tem de fazer isso? Não pode! Eu tou em minha casa, ninguém pode me impedir de fumar! Isso me estressa e revolta. Pra evitar esse tipo de problemas não fumo na rua, só na Concha Acústica. Eu nunca fui numa boca de fumo, alguém chega e vai buscar. Em minha cidade (uma das capitais do Nordeste) dava pra sair pelas ruas fumando, aqui não.*

A vergonha que o sentir-se humilhado acarretou a Buda não é vergonha de fumar por supostamente ser este um comportamento desviante, mas vergonha de ser tratado como um desviante por fumar, quando ele não acredita que esteja fazendo algo de errado. Buda, que apesar da revolta manifesta nessa fala, é uma pessoa comedida e bastante simpática, já percebeu que sua mudança de *setting* metropolitano requer diferentes estratégias para fumar, diferentes controles informais para não se expor demais seja à polícia seja aos vizinhos.

### 3.3.7 - “Desetnizando” o consumo

Se nos séculos XIX e XX a etnização do consumo serviu para controlar, como estão as coisas hoje? Correndo o risco de etnizar o que deve ser “desetnizado”, é inevitável trazer a questão à tona. Sendo a única interlocutora negra participando da pesquisa, moradora em um condomínio num dos bairros mais privilegiados da cidade, Salomé

(24) que até três anos atrás não consumia drogas, tendo até uma imagem negativa delas, é alguém que emblematisa bem como as consequências desse consumo podem ser percebidos à flor da pele:

T.V. - *Você já pensou no que lhe levou a mudar de opinião sobre as drogas?*

Salomé - *Eu acho que com a análise de como a minha família se organiza, a criação da gente, pelo fato de nós sermos uma família de negros que conseguiu ter uma ascensão social, de sair de circunstância de intensa pobreza, meu pai e minha mãe pobres que conseguiram, trabalhando e estudando muito, uma ascensão, a gente acaba tendo uma preocupação pequeno burguesa de prestar uma satisfação social. Você tem que ser sempre o melhor naquilo que você faz, você não pode vacilar que as pessoas tão sempre esperando mesmo você se fuder.*

T.V. - *Você acredita que por ser negra você tem que tomar mais cuidado com a questão das drogas?*

Salomé - *Talvez sim, eu não tinha pensado nisso ainda, mas eu acho que sim porque tem o problema com a polícia e com certeza a relação que a polícia tem com pessoas negras, ainda que a maior parte dos policiais também seja formado por negros, necessariamente você já tá dentro do padrão suspeito, né?*

Salomé está deitada confortavelmente em uma rede quando emite estas últimas palavras, de modo pausado. Buscando manter uma tradição construída arduamente por seus pais, ela não deseja que seu status familiar de negra econômica e culturalmente incluída seja maculado pelo estigma que acompanha o consumidor de drogas, pois tal status já é uma superação de outro estigma; ser negra e pobre. Salomé é uma mulher ativa com uma fala desenvolta e que em sala de aula costuma participar com reflexões bem construídas e fundamentadas. Se a reflexão sobre ser negra e consumidora de drogas efetivou-se apenas na configuração de nosso diálogo – levando em conta que nesse diálogo com um pesquisador também negro, foi *ela* quem puxou a interpretação étnica – para Salomé, esta não deve ser uma questão tão facilmente trazida à tona, em função de sua busca por não se expor, por não querer se colocar dentro do “padrão suspeito”, por não querer ser estigmatizada já que seus valores culturais sustentam “uma preocupação pequeno burguesa de prestar uma satisfação social”.

Salomé é pós-graduanda em um curso de Ciências Humanas da UFBA, onde há um dos maiores contingentes locais de estudantes negros. Muitos destes estudantes negros e

que também são consumidores de drogas, por estarem imersos nas camadas mais pobres da população articulam um discurso bem diferente do proferido por Salomé. Um estudante de Ciências Sociais em duas oportunidades – em uma aula e em uma palestra que ministrei sobre consumo de drogas com intervalo de um ano entre elas – me fez a mesma pergunta: “a questão das drogas não devia ser debatida pelas entidades negras, já que os negros são os mais discriminados?”. Em ambas as circunstâncias eu forneci a mesma resposta: “olhe ao redor quando for fumar lá no “mirante”, ou mesmo olhe ao redor aqui nesta sala e veja quantos negros estão presentes, e me diga se seria justo que esta maioria de não negros fosse segregada da discussão”. Embora o estudante estivesse certo quanto a serem os negros os mais discriminados, ele não configurou a situação de forma precisa, pois o debate que estávamos propondo não se dirigia a sociedade como um todo e sim ao espaço universitário e nesse espaço havia uma maioria de estudantes não negra. Como excluir os não negros do debate? No próprio universo da pesquisa não deixa de ser sintomático que haja poucos negros, mesmo que na última década tenha havido um acréscimo de negros nas salas de aula do país em função dos projetos de ação afirmativa. Na prática, circunscrever o debate sobre o consumo de drogas em torno de um segmento étnico seria como estabelecer a representação de que droga é coisa de grupos étnicos segregados, reforçando mais ainda os preconceitos que supõe combater.

### 3.3.8 - Sexo + Drogas ainda combina com rock and roll?

Se na cultura de consumo a busca por liberdade com segurança é uma disposição que se configura presente enquanto *habitus* social, esta busca não se aplica só ao consumo de drogas, mas também à sexualidade, entre outras possibilidades. A própria interface cercada de riscos entre consumo de drogas e a sexualidade que trouxe as estratégias de redução de riscos e danos para a pauta da política de vida cotidiana, já é um campo explorado pelo mercado:

Pancho Villa - *Eu considero maconha e sexualidade bem próximas, e não sou só eu, a própria indústria legalizada do cânhamo como na Espanha, nas revistas especializadas é maconha e mulher; feira de maconha, é maconha e mulher. Tem uma exploração do lado sensual. É uma cultura que eu não diria machista, mas voltada para a maioria dos usuários que é homem. Há mais usuários homens em países onde a*

*droga é proibida. Na Amostra Brasil a proporção é de 3 homens pra cada mulher, tanto no censo quanto na amostra domiciliar. Na Espanha é 2:1, Na Holanda ninguém duvide de ser a mesma coisa*<sup>166</sup>.

Se o mercado onde a cultura de produtos relacionados à maconha não é proibida – como é o caso da Espanha e da Holanda - faz essa relação com a sexualidade, na lógica simbólica de consumidores onde estas revistas e feiras não estão a disposição, se operam elaborações reflexivas não muito distantes:

T.V. - *Você faz alguma associação entre drogas e a sexualidade?*

Marley - *Depende, porque tem mulheres que são usuárias e que curtem caras que fumam a massa e aí isso te dá um status, dentro do grupo. Mas também tem aquele grupo que não é usuário, aí você pode se dar bem com as mulheres sem ser usuário. Nunca me dei bem com mulher, (risos). Ah sim, quando tá no ato sexual cê sente um tesão a mais, eu sentia isso, eu gostava.*

T.V. - *Drogas têm a ver com sexualidade?*

Einstein - *Tem que tomar uma cachaça, aí eu pego as mulheres todas (risos), aí eu digo: agora vai começar a putaria! (mais risos)*

Drogas podem ser interpretadas como desinibidoras e como afrodisíacas de acordo com as dinâmicas valorativas do *setting*, como explicitou Marley, uma pessoa tímida. No caso de quem não apenas usa, mas também comercializa, o elo que relaciona drogas e sexualidade passa por outros parâmetros de avaliação:

Nietzsche - *Sim, droga e sexo tá muito relacionado, e principalmente no meu caso, tem que saber discernir quem é quem, sabe? As pessoas tão interessadas em mim ou na droga? Isso é um problema sério! Geralmente as pessoas sentam na minha mesa porque sabem que “desce”, muita mulher chega no meu lado pra fazer troca de valores: “me leve pra onde você quiser”. Agora, eu acho que maconha estimula, a brincadeira fica mais descontraída. Há um mito de que a cocaína é broxante, eu acho que isso é psicológico, depende muito de com quem você tá do lado. Eu não tenho nenhum problema com sexo e cocaína, dá até tesão.*

---

<sup>166</sup> - na presente pesquisa a proporção é +/- 4:1.

Salomé - Com o “doce<sup>167</sup>” eu já tinha curiosidade antes até da maconha. Huxley e As portas da percepção, coisa de leitura, como eu tenho curiosidade em questão a ayahuasca, mas essa não tive coragem ainda nem procurei. Tomei doce na mudança do Garcia e as pessoas: “você vai sentir o amor”. Eu encontrei com dois caras com quem eu já tinha tido história, o encontro já tinha rolado antes do doce. Os dois vieram e eu fiquei sem saber como resolver a onda. Um dos caras ficou com a gente, depois encontrei o outro. Eu deixei rolar e um me agarrou na frente do outro aí eu comecei a ver o amor brutalmente. O primeiro ficou puto e até hoje não fala comigo. Fui com o outro pra casa de uns amigos e aí foi um negócio louco porque todas as minhas percepções ficaram supersensibilizadas, e aí eu senti realmente a onda do amor, (risos).

T.V. - *Você foi precoce em relação ao consumo de drogas, a busca de religiosidade, e também foi assim em relação com a sexualidade?*

Blavatsky - *Não, atrasadíssima! Engraçado isso, eu só fui transar com 19. Com relação a isso eu tinha um pouco de vergonha porque ninguém era virgem. Então eu era superdescolada, mas nesse plano eu era um pouco recatada.*

T.V. - *E o deixar de ser virgem tem alguma coisa a ver com consumo de maconha?*

Blavatsky - *Isso aconteceu regado a muita maconha!* (risos)

Estas cinco declarações, três feitas por homens e duas feitas por mulheres, mostram que para ambos os gêneros os vínculos entre drogas e sexualidade pode estar presente seja no momento da conquista seja no momento da consumação do ato. Nesse terreno Nietzsche sente na pele a dificuldade em estabelecer relações de confiança – afinal, há relações de confiança possíveis entre traficantes e usuários? No seu ponto de vista, quando se interessa sexualmente por alguma garota ele não está naquele *setting* como traficante, e sim como consumidor que dadivosamente compartilha seus bens de consumo. Seu questionamento não está ligada ao uso das drogas – para ele maconha e cocaína podem ser consideradas drogas afrodisíacas – e sim a configuração do seu consumo: será que o outro o vê apenas como um traficante? Por sua vez, Blavatsky que considera que passou a usufruir tardiamente de sua sexualidade, chegou ao ato regando-o com “muita maconha”, e em função do seu suposto retardo, talvez muito menos como afrodisíaco do que como ansiolítico, como redutor de tensões. Já a atitude de

---

<sup>167</sup> - doce = ácido lisérgico.

Salomé que fez sua escolha entre dois amantes – ao invés de deixar que eles a escolhessem, como esperava o amante preterido - para desfrutar a psicodélica “onda do amor”, mostra que ela sob efeito do ácido não se deixou levar pelo *setting* de forma acrítica – não ficando com o primeiro por ser o primeiro que apareceu – nem perdeu seus controles informais a ponto de poder lembrar confortavelmente que suas “percepções ficaram supersensibilizadas” sem que isso lhe constrangesse por ter podido ter cometido excessos em público. Refletindo em torno desses dados é possível cogitar que se a população masculina pesquisada é muito maior, não quer dizer que as mulheres sejam menos reflexivas ou que se submetam a uma reflexividade imposta pelo ponto de vista masculino quando envolvem controle de afetos e consumo de drogas. As emoções masculinas ligadas a consumo de drogas e sexualidade de forma geral são até mais ambivalentes:

*T.V. - Nesse período crítico como foi sua vida afetiva e sexual?*

*Garrincha - Quando o uso da cocaína era menor não atrapalhava, porém na medida em que ele foi aumentando, aí começou a não haver mais (vida sexual), a verdade é essa. Depois o sexo se tornou um prazer não tão grande quanto a necessidade do uso da droga. Antes eu saía com garotas de programa, mas recentemente uma pessoa com quem me relacionei fez uma crítica a isso. Eu usava com garotas de programa, mas chegou um ponto que meu uso ficou tão escroto que se uma garota dessas me visse na rua saía correndo.*

*T.V. - E agora como está o desejo?*

*Garrincha - Depois que eu descobri o sexo sem o uso de drogas, comparar o sexo como o uso e sem o uso não tem comparação!*

*Marley - Já com crack a pessoa não consegue... eu pelo menos não conseguia ter relação sexual, no momento e durante um bom tempo depois. Não dava ereção, não dava interesse. Cê só pensava na droga, só queria saber da droga.*

Diante do que estes dois interlocutores dizem, em relação ao crack e a sexualidade não há aporia, é um *ou* outro! Ou se troca o outro pela substância e aceita-se esse limite ou se abre mão da substância para estar em contato com o outro. Para Garrincha e Marley a dificuldade de articular uma interface entre o consumo controlado de crack e um *setting* que não seja o do seu consumo soa quase incontornável, tanto que a solução

que ambos encontraram quando queriam consumir pedras e concomitantemente desfrutar companhias humanas foi envolvendo-se com garotas de programa, também consumidoras. Se mesmo assim estes ainda acham difícil associar o consumo de crack e o ato sexual em si, o mesmo não pode ser dito em relação ao consumo de maconha, como indicou Marley anteriormente, mas não apenas ele:

Oscar Wilde - *Particularmente, eu gosto de fumar antes do sexo.*

T.V. - *Seu parceiro também é usuário?*

Oscar Wilde - *Bem esporadicamente, inclusive, quando ele faz uso é pra fazer sexo, como afrodisíaco.*

Oscar fala sobre sexo com tranquilidade e sua gesticulação andrógina levemente afetada é bem cadenciada. Para ele o consumo de maconha e o desfrutar de sua sexualidade são pontos de afirmação identitária que não lhe causaram maiores conflitos:

Oscar Wilde - *Pensando em minha orientação sexual, eu sou gay, mas eu tenho um relacionamento estável porque eu tenho um namorado há três anos, e dado ao meu ethos eu não tenho percebido uma grande discriminação quanto a isso. Convivo com pessoas bem resolvidas com alto nível de instrução. Eu nunca tive um diálogo aberto com minha família sobre essas questões. Eu acho que eles sabem e não se toca no assunto. Eles sabem que agora eu vivo uma vida que é minha, eu tenho carreira solo, eu faço minhas escolhas. Quando perguntaram alguma coisa, foi mais pelas fofocas de eu tar andando como maconheiros, mais do que por eu tar apresentando algum comportamento desviante.*

Sendo uma família do interior, o que mais incomodava os parentes em relação a postura discreta de Oscar, eram as “fofocas” sobre as suas más companhias. Muito mais do que fumar maconha ou ser homossexual, comportamentos em tese, representados como desviantes, o problema era andar com maconheiros, porque eram estes que poderiam desviar Oscar para o caminho do mal e não a maconha em si como acreditava o pai de Hofmann. Por outro lado, Oscar também está preocupado com sua representação pública, pois o “eu sou gay, mas eu tenho um relacionamento estável porque eu tenho um namorado há três anos” pode ser interpretado como uma justificativa. O temor do estigma de ser visto como promíscuo por ser gay, fez Oscar



justificar sem vacilar: “*mas* eu tenho um relacionamento estável”, como se ser gay implicasse necessariamente em promiscuidade. Por sua atuação reflexiva, Oscar parece estar livre de algumas estigmatizações, mas não de todas. Contudo, nem todos os interlocutores estão preocupados em definir sua sexualidade:

T.V. - *Sexualmente como é que você se define?*

Leila Diniz - *Eu não sei, eu acho muito louco definir uma identidade sexual, as coisas acontecem, eu já namorei com meninos e meninas, as mulheres compartilham muito, usam as mesmas calcinhas* (risos), *com os homens não.*

T.V. - *E sexualidade combina com drogas?*

Leila Diniz - *Depende muito do contexto, não são coisas necessariamente ligadas.*

Leila que já teve problemas com sua família fortemente religiosa em função do consumo de drogas não se tornou por isso, defensiva em relação à sua sexualidade heterodoxa. Se por um lado ela não teme estigmatizações, por outro ela não deixa de por em prática seus controles informais para não confundir sexualidade e consumo de drogas como questões intrínsecas e necessariamente inclusivas. Vale ressaltar que Leila tem vinte e poucos anos e faz parte de uma geração que teve sua sexualidade configurada considerando os riscos das doenças sexualmente transmissíveis. Nesse *setting* uma equação que pode ser considerada corriqueira é: Sexo + drogas = risco! Já quem está na faixa etária dos 37 anos e até trocou a poligamia<sup>168</sup> por um casamento monogâmico, pode acrescentar sua significação atualizada para a questão:

T.V. - *E drogas têm ligação com sexualidade?*

Mozart - *Com certeza, e música. Já passou a fase do rock and roll, hoje eu prefiro sexo ouvindo Aretha Franklin, Nina Simone, Madreus. Baseadinho às vezes prolonga...*

O “já passou a fase do rock and roll” traz à baila reminiscências culturais das décadas 60/70, quando se estabilizou que os controles informais da contracultura tenderiam a se configurar em torno do consumo de sexo, drogas e rock’n roll. Se os mais jovens hoje optam não necessariamente por rock’n roll, mas às vezes por rap – *hip*

---

<sup>168</sup> - 15 anos antes Mozart morou numa comunidade anárquica onde mantinha vínculos maritais com três moradoras.

*hop* – e/ou música eletrônica, os mais velhos como Mozart atuam reflexivamente buscando no jazz ou na música étnica um novo cenário onde a configuração de drogas e sexualidade obtenham uma significação reencantadora. Por sua vez, os jovens frequentadores da cena eletrônica elaboram uma nova articulação entre sexualidade e consumo de drogas que pode causar estranhamento aos roqueiros:

*Zumbi - Eu vejo que o tipo de droga que é utilizado nas raves leva a uma atitude meio assexuada. Eu particularmente, eu nunca fiquei com uma mulher em rave.*

*T.V. - Atitude assexuada ou autossexuada?*

*Zumbi - Por exemplo, o êxtase é uma droga que as pessoas falam que você toma e fica com tesão, realmente quando eu tomei eu fiquei excitado, mas eu não tinha vontade de tocar as pessoas, no máximo gostava de ficar roçando meu corpo no delas, mas não tinha vontade de penetração.*

Esta fala de Zumbi não sobrevalorizando a sexualidade possivelmente provocaria estranhamento ao meu amigo da comunidade rock'n roll que esteve pela primeira vez numa *rave* algumas páginas atrás. Se para este último e muitos de seus pares, colocar a sexualidade como um valor dominante era afirmativo de um momento cultural onde os dispositivos de controle sobre a mesma eram rígidos, para Zumbi e muitos frequentadores da cena *rave*, a sexualidade e mesmo a politização dos discursos libertários no *setting* específico não são valores fundamentais no processo identitário da comunidade.

### 3.3.9 - A cena eletrônica em cena

*T.V. - Você sente estes espaços de música eletrônica como espaços libertários ou de conformismo pago?*

*Zumbi - Esses espaços onde se estabelece uma zona autônoma temporária são espaços onde as pessoas se permitem tar fazendo coisas sem tar muito preocupadas com sanções, a reação do outro, o que impera é o espírito da diversão, de experiências psicoativas também, ouvir música. Em vários períodos da história isso sempre existiu. Cada movimento tem o seu diferencial. Comparando o movimento hippie com a rave, o rock é substituído pela música eletrônica, as drogas permanecem, o sexo não tem o*

*mesmo papel que tinha na contracultura, onde se tentava uma liberação sexual, liberto de certos valores.*

T.V. - *O pessoal do hip hop diz que o pessoal das raves é pela inércia e não pelo movimento, você concorda?*

Zumbi - *A música eletrônica ao contrário da contracultura não tem muito a questão da letra, da palavra. Como a maioria das músicas é instrumental, já não tem mensagem, enunciados, e como são ambientes bem barulhentos, quase não há diálogo. As questões da cultura se dão entre as raves; as pessoas acabam convivendo, falando de som, falando de cultura. A militância que se passa é uma forma de viver experiências de psiconáutica, utilizar uma droga pra saber qual é o efeito dela, usar o máximo de drogas diferentes possíveis. Hoje as raves cresceram e acabam angariando várias tribos, às vezes inconcebíveis: o playboy que curte pagode e axé, hoje em dia tá indo pra rave.*

T.V. - *E usa drogas sintéticas?*

Zumbi - *Acho que vai por causa disso. Quando ia atrás do Trio elétrico, o máximo que usava era um lolozinho, lança-perfume, hoje vão pra rave pra ficar na mesma vibe, só que com outros tipos de drogas. E é aí que eu vejo a diferença, porque quando vai atrás do Trio elétrico, o lance é pegar o máximo de mulher possível. Na rave não tem essa vibe nem entre as mulheres, o lance é se drogar, chupar pirulito, ficar fazendo careta, (risos).*

T.V. - *O quase não haver diálogo seria possível se não houvesse psicoativos?*

Zumbi - *A altura da música atrapalha, mas eu já fui em rave onde eu não usei nada e conversei bem mais.*

Na *zona autônoma temporária* citada por Zumbi o cancelamento momentâneo dos valores dominantes não está posto necessariamente em palavras e diálogos, pois, a perspectiva é de que “A militância que se passa é uma forma de viver experiências de psiconáutica”. Para os frequentadores mais fieis desta comunidade o problema passa a ser configurado com a banalização do consumo de drogas sintéticas, a partir do qual outra tribo e sua “forma de viver” passam a frequentar e agregar outros valores à cena eletrônica, valores que não favorecem a aporia e sim ao antagonismo de hábitos e ao conflito de interesses. Nesse sentido o recorte sexual que é trazido para o *setting* eletrônico pelos playboys gera mais tensão do que interação para os mais ortodoxos. Einstein por exemplo, deve ser o que Zumbi chamaria de playboy já que para aquele

não há muita diferença entre frequentar um espaço cultural de Música Axé e um de Música Eletrônica:

*Einstein - Axé, eletrônica, a gente gosta mais dessas músicas porque tem gente diferente, mulher diferente, rola a putaria!*

Para os nativos da comunidade eletrônica, ter representado o seu *setting* como um meio onde “rola a putaria”, equivale a um deslocamento de sentido, pois eles não se interessam por esse modelo tradicional de consumo das esferas miméticas populares onde a sexualidade tem um valor banalizado. O objetivo de consumo de Einstein e de seus pares em meio ao *setting* eletrônico é um exemplo de uma adesão multicultural, no qual a tribo eletrônica com seus controles aceita com alguma tensão a aproximação de uma tribo com valores e controles diferentes para comungar um mesmo espaço cultural. A interpenetração de busca por liberdade parece ser de baixa reflexividade, pois em grande parte o *setting* axé é um *setting* para o qual os *ravers* se configuraram como proposta alternativa. Dessa forma, o consumo de drogas e de sexo por parte dos *outsiders* acaba tendo potencial para fazer com que a comunidade estabelecida tenha parte de seu sentido esvaziado. Um ponto de vista feminino fornece sua contrapartida para a questão:

*T.V. - Um outro interlocutor me disse que nesses espaços duas coisas contam muito pouco: o conversar, quando ele toma doce ou bala ele não faz a mínima questão de conversar. E o sexualizar, porque ao contrário do mito que fala do ecstasy como droga do amor, este interlocutor diz que rola o amor próprio, não necessariamente o amor sexualizado em relação ao outro. Como é isso pra você?*

*Cleópatra - Isso da sexualidade eu concordo, eu acho que é raro rolar azaração, a não ser em festas diferentes aonde vai a galera de micareta. Tem festa de música eletrônica que vai a galera de micareta. O que rola às vezes é quando cê vai de casal, às vezes gera, de ficar se beijando, independente de onde você tiver. Mas em festa eletrônica não rola de passar a mão, de pegar várias, de ficar queixando. Agora, quanto a conversar eu discordo um pouco, normalmente eu converso bastante, às vezes saio da pista pra conversar dando risada. O que rola é situação de você não conseguir falar, cê tá muito louco.*

“A galera de micareta” é a galera que sustenta a representação de passar a mão, de pegar várias, de ficar queixando. O que com isso fica claro é como uma comunidade *outsider* que passa a ser estabelecida como a comunidade da cena eletrônica, acaba desenvolvendo mecanismos de defesa de sua identidade que antes eram percebidos como mecanismos preconceituosos e mesmo intolerantes. Porém, os problemas mais graves detectados na cena eletrônica independem da tribo, tendo relação mais direta com o *set* dos consumidores que são inexperientes nesse tipo de evento. Oscar descreve o que pôde observar na edição 2008/2009 do festival *Universo Paralelo* que acontece uma vez por ano. Oscar já esteve presente em três edições e nessa última ele acampou uma semana inteira.

#### T.V. - *Como era o clima?*

Oscar Wilde - *De forma geral, eu via um consumo bastante controlado, as pessoas não perdiam o controle, o nível de violência era praticamente zero, aconteciam furtos-descuido, eu não vi brigas rolando. Como eu tava acompanhando o pessoal da redução de danos, vi alguns casos, principalmente no primeiro e no segundo dia, de pessoas que tomaram ácido em grande quantidade e tiveram pequenos surtos, dois rapazes piraram, um que além de ácido tinha cheirado ketamina, ele entrou em conflito. Depois eu conversei com o pessoal e parece que é assim: primeiro e segundo dias, aqueles que nunca tomaram acabam tendo essas experiências e alguns deles piram. Geralmente exageram em álcool, as pessoas bebem demais aliado a outros fatores, sol escaldante, às vezes o pessoal esquece de comer, beber água.*

A sentença “aqueles que nunca tomaram acabam tendo essas experiências e algumas deles piram”, mostra como os principiantes podem encontrar dificuldades para consumir o que Becker chamaria de carreira de usuário<sup>169</sup>, se não houverem absorvido alguns mecanismos de controles informais. Um dos erros mais graves pode ser combinar drogas sintéticas com bebida alcoólica em demasia. O hábito de beber demais não está associado a cultura *rave*, pois, de modo geral, nesta, circula a informação de que as drogas sintéticas combinadas com álcool podem levar a desidratação e ao aumento da temperatura do corpo. Nessa condição é que o hábito do consumo abusivo

---

<sup>169</sup> - basicamente saber administrar a droga de maneira adequada, reconhecer-lhe os efeitos e aprender a gostar deles, além de evitar as condições socioculturais que possam interferir negativamente com o consumo (BECKER, 2008).

de álcool da galera de micareta é visto com ressalvas. Contudo, não são apenas estes que vivenciam *bad trips*, envolvendo consumo de descontrolado de álcool:

T.V. - *Você é frequentador da cena eletrônica?*

Tutancamon - *Sou frequentador, ultimamente não tenho ido muito por não gostar do que tem acontecido (a invasão por parte de outras tribos) e por algumas implicações de trabalho, mas é como se eu tivesse doido pra adentrar, ter esse momento.*

T.V. - *E quando você tá nesse movimento que tipo de substâncias você consome?*

Tutancamon - *Praticamente tudo! Na realidade é um trabalho interno meu que, conjuntamente com a terapia, tem mais ou menos uns dois anos. É um trabalho pra saber enxergar o limite das coisas, porque tem um ponto que você não controla mais. Você pode tar sendo ali, o fruto de coisas que você não quer fazer, não é só viagem como se você tivesse de boa. Eu também não tenho essa restrição, vejo como coisa que tem que ir aos poucos, não é deixar de fazer, mas também não perder o controle da coisa. Pra não dar em coisa errada que já aconteceu algumas vezes, não foram tanto assim, mas foram desprazerosas.*

T.V. - *Consumindo o que?*

Tutancamon - *Olha, pra ser sincero, principalmente, quer dizer, eu encaro o... o fator assim desestruturador, o álcool! Pra mim ele é a pior de todas as drogas, geralmente quando ele tava associado a alguma coisa ele fazia você sair de seu estado total e fazer coisas e coisas e coisas e não lembrar de nada. Com o ácido eu já tive poucas experiências de não lembrar de nada. Eu atribuo ao álcool, à mistura, ele sendo o ponto forte de desequilíbrio.*

Na primeira parte da resposta, Tutancamon se justifica mais do que responde a pergunta, como se envergonhado de “perder o controle da coisa”. Talvez sua relação com o álcool não seja assim tão bem resolvida quanto ele supõe ser. De fato, Tutancamon, Einstein e Mata são três estudantes de medicina que apesar de gostarem e elegerem-no como droga preferencial, têm muito mais restrições ao álcool do que a outras drogas. Sobre a perda do controle referida por Tutancamon, há configurações de *settings* onde sua observação é mais perceptível do que numa *rave*. Por exemplo, na relação que os interlocutores configuram entre seus consumos de drogas e suas produções de estudo/trabalho.

### 3.3.10 - Estilo de vida, consumo e produção

Quatro dos interlocutores têm envolvimento com o mercado musical, sendo que um deles atua como técnico e dois como DJs. Estes interlocutores frequentam *settings* onde consumo de drogas e produção de trabalho não são majoritariamente representados como incompatíveis. Diferentemente da imagem hedonista que por algum tempo foi dominante quanto ao meio artístico, o primeiro interlocutor fala dos estúdios de gravação como um espaço de trabalho duro onde não há consumo desenfreado de substâncias psicoativas. Os dois Djs também deixam claro que mesmo durante as festas *raves* muitas vezes eles priorizam o tocar e não o consumir drogas. Em ambas as situações, seria fácil para os interlocutores conseguir drogas, inclusive até de graça, mas quando o consumidor assume a responsabilidade sobre sua busca de satisfação, esta pode surgir não do consumo descontrolado e sim de poder controlar quando se deve consumir. Nesse recorte, a configuração na qual quem consome também é consumido deixa de ser necessariamente uma problemática e passa a ser uma situação com a qual se deve interagir do modo mais adequado. Outros interlocutores também pensam assim.

T.V. - *Você associa sua produção com o fumar?*

Pancho Villa - *Quando é um trabalho de memorização tipo fichamento, atrapalha. Mas se for um trabalho pra refletir eu acho que até ajuda.*

Oscar Wilde - *Havia uma certa moderação porque esse consumo não podia interferir nos nossos resultados, acho que um dos fatos da turma ser respeitada é porque tinha uma produção, então isso equilibrava, mas havia um certo cuidado. Rolava uma certa alternância, o início do semestre era uma fase de muito mais gandaia, de farra, e o final do semestre era de mais introspecção e estudos intensos. A gandaia ficava mais pro final de semana.*

A reflexão de Pancho é compartilhada por 40,8% dos interlocutores. Buscar a moderação como faz Oscar é estabelecer dispositivos de controle como constitutivos do próprio consumo, o status que equilibra o estigma. Ele inclusive percebe como a “produção” favorecia o status não apenas seu como também da turma de colegas que frequentava e compartilhava o *habitus* sociais de consumo. Ter sua produção acadêmica reconhecida intensifica o sentimento de pertença na comunidade e favorece

uma ascensão na posição de carreira de um estudante cuja imagem esteja relacionada com consumo de drogas. Quando esta produção transforma a droga de objeto de consumo em objeto de estudo, os antigos hereges podem vir a ser novos consagrados:

*Blavatsky - Surpreendentemente houve boa receptividade ao meu projeto pela seriedade com a qual eu abordo esse assunto (o uso terapêutico da ayahuasca). Eu passei em primeiro lugar na seleção do doutorado com esse projeto, e teve uma aceitação surpreendente pra mim, pessoas de outras áreas falam da seriedade do trabalho, da criatividade de abordar um assunto polêmico. Eu achava que dentro da universidade eu poderia sofrer algum tipo de preconceito.*

O status legal da ayahuasca como substância psicoativa lícita vem facilitando sua maior aceitação na comunidade acadêmica, a ponto de nos últimos anos haver uma grande quantidade de pesquisas sendo realizadas a respeito, algumas inclusive relacionadas com terapias alternativas para usuários de álcool. A boa aceitação ao projeto de Blavatsky é um exemplo de como um consumidor pode ressignificar seu objeto de consumo psicoativo a ponto de torná-lo objeto de consumo informacional para muitos outros, e por ser este consumo simbólico, não corre riscos de acarretar maiores danos. A condição de doutoranda faz de Blavatsky uma *outsider* estabelecida e seu status acadêmico agora é muito diferente da época em que era chamada “Berlota de Ouro”<sup>170</sup>... Mas, se na cultura das drogas é possível ressignificar objetos de consumo, também será possível ressignificar modelos de relações interpessoais? Buda, que é oriundo de outra cidade do Nordeste e veio para Salvador para cursar a faculdade de Medicina, dentro do curso não chegou a formar um grupo de amigos. Ele se queixa dessa falta de vínculos afetivos e procura resolver a questão na comunidade de amigos que se formou em torno do consumo de maconha:

*Buda - Aqui em Salvador eu ando mais sozinho, são poucas as pessoas com quem eu criei um vínculo... na verdade foram muitas as pessoas com quem eu criei um vínculo em relação a erva aqui em Salvador. Mas a frequência do contato é que é muito variável. Não tem nenhuma pessoa que eu encontro diariamente pra fumar. Eu fumo geralmente sozinho. Mas quando eu tenho o prazer de estar com alguns amigos que*

---

<sup>170</sup> - item 4.1, pg. 241.



*apreciam, aí eu tenho momentos maravilhosos pra conversar. Eu aprendi a morar só e agora recebo os amigos. Eu sofri muito por companhia, hoje em dia eu me aceito sozinho.*

O consumo de maconha de Buda vem sendo sua ferramenta principal para configurar vínculos sociais. Para enfrentar o desenraizamento de sua cidade natal seu tempo de lazer é preenchido frequentando o circuito de salas de arte ou indo curtir shows de jazz no MAM (Museu de Arte Moderna) outro pólo frequentado pelos interlocutores onde se pode ver muitos universitários, inclusive fumando maconha na área aberta de frente para a *Baia de Todos os Santos*. “eu tou na Bahia, eu curto a negritude, gosto de fumar e ir pro Pelô levar os amigos de fora”, ele afirma sorridente. Quando troca a rua pela casa, Buda vem criando um espaço de convivência em seu apartamento que divide com um outro estudante. Foi lá inclusive, numa das tardes em que conversamos, onde ele me apresentou; Einstein, Da Vinci e Picasso. Por ser uma pessoa muito receptiva ele é visivelmente querido pelos amigos, e pelo menos nesse *setting* doméstico ele não pareceu solitário. Tutancamon enfrentou problema semelhante:

*T.V. - Nesse ambiente acadêmico onde você tinha poucos pares, você se sentia a vontade pra consumir?*

*Tutancamon - Na realidade, como um todo era uma coisa tensa porque de certa forma você acabava assumindo aquela persona que não pode fazer nada errado, mas, de alguma forma eu fui me distanciando de diversos grupos da sala. Eu quando entrei eu tinha muitos contatos, o pessoal gostava muito de mim, mas também eu comecei enxergar minhas coisas, meus gostos, eu fui procurando... não me abri porque também eu não achei pessoas que compartilhassem ou que pelo menos aceitassem aquilo, que não tivessem postura retrógrada, de que por aquilo eu seria menor, que me aceitassem.*

*T.V. - Você diz que nesse ambiente você não achou uma tribo, mas, em outros ambientes você buscou formar uma tribo?*

*Tutancamon - Ultimamente eu venho tentando procurar locais em que eu me sinta bem, que eu consiga trocar energia, mas ao mesmo tempo eu me isolo um pouco. Eu acabo não tendo esse contato que eu queria, não sei se por questões acadêmicas ou implicações de rotina.*

A dificuldade para encontrar uma segunda família fez com que Tutancamon analisasse a possibilidade de que seu estilo de vida *outsider* no qual se inclui o consumo de drogas, fosse responsável por seu isolamento. Sua busca por uma comunidade eletiva leva em conta seu grande cuidado para não comprometer o seu status médico – e nesse sentido ele acaba se colocando como “aquela *persona* que não pode fazer nada errado” -, mas mesmo assim, os resultados ainda não são satisfatórios. O ponto positivo desta busca é que Tutancamon não está disposto a pagar qualquer preço para ser aceito, pois ele não se coloca em condição de inferioridade “de que por aquilo eu seria menor” – como muitas vezes acontece. Uma carreira universitária não garante *a priori*, relações fraternais para quem frequenta o mesmo curso:

T.V. - *Seus amigos são colegas de trabalho?*

Lampião - *Alguns são, eu nunca me fechei no grupo da medicina, na verdade eu sempre tive alguns problemas em relação aos companheiros da área de medicina. Até o sexto semestre, todo semestre eu pensei em largar, entrava em crise com relação ao curso, com relação ao que era exigido como demanda de tempo, de horário e de curtir outras coisas da vida, outros meios de conhecimento e de cultura, porque a medicina suga muito seu tempo se você acaba trabalhando só aquilo mesmo. O que me fez ficar foi o pessoal do DA, que é com quem eu tenho maior vínculo de amizade. Pessoas de diversos cursos, não necessariamente de medicina.*

T.V. - *Esse link com o DA tem alguma coisa a ver com substâncias psicoativas?*

Lampião - *Não! quando eu entrei eu era o mais doidão, hoje em dia todo mundo faz uso, não por minha causa. Sou militante do diretório, há um ano e meio eu ando mais afastado por viés familiar. A minha gestão envolve a área da saúde.*

Lampião é mais um *outsider* que em meio a seus colegas de faculdade não se sente em casa, assim como Buda e como Tutancamon. Ele acredita que a carreira de estudante de medicina suga muito seu tempo “se você acaba trabalhando só aquilo mesmo” e busca ressignificar esse tempo em torno de “outros meios de conhecimento e de cultura”. O depoimento destes três estudantes de medicina desconstrói a imagem de que a carreira médica não comporta lugar para vivenciar emoções<sup>171</sup>, pelo contrário, se na

---

<sup>171</sup> - pesquisas nas Universidades de Uberlândia e na Faculdade de Medicina do ABC indicam que estudantes de medicina são os universitários mais propensos a depressão, em grande parte relacionada com a cobrança nos estudos e o estresse com a rotina hospitalar (Medicina & Bem-estar – Isto É -

prática clínica estes estudantes devem “aprender” a guardar suas emoções, na prática de suas vidas cotidianas buscam outros com quem possam compartilhar-lhas. Estudantes de outros cursos como o de História, vivenciam as mesmas demandas de pertencimento:

Cleópatra - *Eu participo do movimento estudantil, mas sem partido. Vou pro Congresso da UNE, eu tenho um grupo na faculdade que tem pessoas do PT, PV e PSB. E pra eleição do DCE a gente fez aliança com o pessoal do PC do B. É nessa linha, eu não tenho partido nenhum.*

Para Cleópatra, o movimento político oferece possibilidade de estabelecer laços afetivos que não se restringem aos objetivos políticos propriamente. Da mesma forma ela participa de grupos de malabares e de Clowns, sem sentir nenhum conflito entre as naturezas das duas atividades – na cultura de consumo transitar entre pão e circo faz muito mais sentido do que optar por pão ou por circo. E em ambas as situações, como ativista e como malabarista, Cleópatra costuma participar “fumada”. De modo geral, os interlocutores exercitam sua sociabilidade em atividades que podem ser relacionadas aos seus consumos de psicoativos sem maiores prejuízos para sua produção ou não potencializando os riscos sociais em suas relações com os não consumidores:

T.V. - *Quais são suas atividades no tempo livre?*

Oscar Wilde - *Eu vou a um concerto musical onde se fuma, eu vou à praia. Geralmente eu fumo antes de teatro e cinema.*

A cultura ligada à musicalidade está na preferência dos interlocutores e não só dos que são músicos, até porque nos *settings* onde a cultura musical tem curso, há espaço físico para consumo de drogas não apenas individual, mas coletivo. 59% dos interlocutores frequentam espaços de Música Eletrônica e 23% frequentam a Concha Acústica regularmente. Mas a cultura musical não se resume à imersão e efervescência em shows e festas. Os interlocutores também dão importância a aspectos socioculturais que a música favorece, configurando interpretações reflexivas que perduram após o momento de fruição. Uma indicação significativa (18%) foi a influência do compositor e cantor Raul Seixas, considerado um misto de filósofo anarquista e profeta da

---

10/07/09). A ironia aporística é que aqueles que deveriam ser os mais capazes de resolver os problemas ligados à depressão acabam sendo alguns dos mais afetados por ela.

contracultura. Raul não apenas cantou, mas viveu de forma hedonista e o seu consumo pesado de drogas se tornou associado à sua imagem. Este consumo midiaticamente representado foi um dos fatores que contribuíram para o desequilíbrio de sua saúde, desequilíbrio que acabou levando-o a morte. Porém, o autor de *Sociedade Alternativa e Maluco Beleza* não é o único referencial ortodoxamente hedonista em questão. Isso porque boa parte das interlocutoras, (40% delas), elegeu Janis Joplin como referência musical, talvez não por acaso uma cantora que alcançou sucesso com uma imagem nada submissa e assumidamente bissexual num cenário musical de hegemonia masculina. Janis morreu em consequência direta de uma overdose de heroína e a sua morte assim como a de Raul, favoreceram a cristalização de suas representações *outsider* - ao morrerem antes de envelhecer ambos permanecerão representados eternamente como jovens.

No quesito cultura cinematográfica, os autores mais citados pelos interlocutores foram Tarantino e Almodóvar. Não por acaso entre os anos 1980 e 1990 estes autores foram responsáveis por consagrarem novas perspectivas narrativas para abordar temas como violência e sexualidade, geralmente impregnando-os com humor cáustico, forjando novas perspectivas reflexivas sobre aspectos hedônicos das culturas urbanas contemporâneas. O processo mimético que os filmes desses autores proporcionam aos espectadores carregam os elementos básicos do cinema de entretenimento – violência e sexo estilizados – mas com uma carga de tragicomédia nos conflitos vividos que possibilitam aos espectadores refletirem, inclusive sobre questões que remetem ao consumo de drogas; seja em torno dos inusitados primeiros socorros para a overdose de heroína da personagem Mia em *Pulp Fiction - Tempo de violência* (1994) ou do inusitado consumo de drogas efetuado pelas freiras do Convento Redentoras Humilhadas em *Maus Hábitos* (1983).

Quanto à literatura, Huxley e Castañeda foram os autores mais citados (14%), autores que fizeram experimentos pessoais com drogas imbuídos de espírito científico; o primeiro cercou-se de médicos para registrar suas viagens com mescalina. O segundo como antropólogo em trabalho de campo para tese, buscou iniciação com índios mexicanos com os quais consumiu “plantas de poder” como peiote e cogumelos. Ambos estiveram em moda nos anos 60 e parece que em meio aos universitários contemporâneos ainda propiciam reflexões e sentidos. Um dos aspectos centrais de suas investigações é que ambos se colocaram como sujeitos e como objetos de suas experiências, numa relativização de papéis que soa bastante atual – na prática dos

interlocutores, 18% também se colocam como sujeitos e objetos de suas experiências psiconáuticas<sup>172</sup>.

Uma outra possibilidade que estes interlocutores disponibilizam para serem concomitantemente sujeitos e objetos reflexivos é quando efetivam suas práticas corporais. Estas não se resumem ao consumo de drogas, vão desde a busca por uma melhora do condicionamento físico – cuidados com saúde e estética – até a busca por autoconhecimento - processos terapêuticos e/ou religiosos.

Em números absolutos; três deles praticam surf, dois fazem natação, um pratica jogging, dois fazem musculação em academia e um pratica ginástica por conta própria. A maioria destes não se interessa por atividades físicas em academias por acreditarem que nestas predomina uma cultura homogeneizada demais - os dois únicos que frequentam academias são estudantes de medicina. A preferência geral é por atividades que ponham o praticante em contato com a natureza, como o surf ou o jogging ao ar livre. Estes interlocutores disseram que não percebem incompatibilidade em malhar após ter fumado maconha – alguns disseram que a substância relaxa os músculos diminuindo o cansaço -, mas não consumiriam nenhuma outra substância para fazê-lo.

Já entre os que preferem uma atividade saudável mais sutil há um praticante de Yoga, três em processo terapêutico, dois que são frequentadores assíduos da União do Vegetal e dois que frequentam sessões ayahuasqueiras ocasionalmente sendo que uma destes também frequenta o candomblé. Nesse segundo bloco, só os frequentadores da UDV se abstêm de fumar maconha<sup>173</sup> para realizar as respectivas práticas. Em função de todas estas práticas corporais<sup>174</sup>, se percebe como os atuais estudantes consumidores de drogas diferem da representação dos estudantes consumidores que estiveram atuando nos anos 60/70, para os quais, o estilo de vida que envolvia atividades não intelectuais era em boa medida considerado alienante. Os presentes interlocutores encaram os cuidados com o corpo como parte de suas políticas de vida. Se a cultura de consumo valoriza sobremaneira esses cuidados, não se deve concluir disto que os consumidores em questão consomem a cultura do corpo de modo acrítico. A leitura que fazem sobre as academias de ginástica e seu “clima de shopping Center”, como diz Nietzsche, e as atividades que os põem “em contato com a natureza”, como acentua Blavatsky, indica que não é qualquer atividade que consideram optáveis. Se o corpo é um objeto

---

<sup>172</sup> - psiconáutica = usar substâncias psicoativas para navegar pela própria mente.

<sup>173</sup> - como também se abstêm de consumir qualquer outra substância psicoativa.

<sup>174</sup> - numa perspectiva psicológica, práticas psicoterapêuticas também são práticas corporais, mesmo que o paciente se limite a falar. As emoções falam através do corpo, mesmo quando o corpo está em inércia.

colonizável por fetichismos, os interlocutores elegem reflexivamente que colonizações lhes sejam mais adequadas. Um dado que se configurou na pesquisa foi que a partir da imersão na cultura universitária, as atividades cotidianas dos interlocutores ganharam em grau de reflexividade.

## IV – Os bastidores como palco

### 4.1 - Cultura universitária e estrutura de vida

A reflexividade consumida na cultura acadêmica além de não se limitar aos conteúdos programáticos dos cursos abre possibilidades de interpenetrações com valores culturais distintos, porém não incongruentes:

*Salomé - Na graduação as coisas foram tomando uma outra direção embora eu tenha começado a beber e a fumar tardiamente em relação aos meus colegas e amigos. Eu só comecei no final do sexto, sétimo semestre. Saía com a galera, sempre tava nos bares, mas não bebia e não sentia vontade. No final desse período numa festa na Facom, (Faculdade de Comunicação da UFBA) a galera tava fumando e eu resolvi experimentar. Pra mim é uma coisa com pessoas específicas num momento específico, eu não posso lá em casa, não tem esse espaço, essa abertura. Fumo desde 2006 e de lá pra cá (2009) em comparação com as outras pessoas é pouquíssimo tempo e meu consumo não é diário.*

Se fumar a menos tempo do que os outros membros do grupo por um lado constrangeu Salomé, por outro, ela não deixou de ir aos poucos elaborando valores que lhe permitiram deixar de ser uma secundarista CDF “careta” e tornar-se uma universitária aberta para novas experiências antes improváveis. Confirmando as percepções reflexivas de Becker, Salomé só passou a sentir-se uma usuária de maconha, depois de haver aprendido a pensar e agir como uma usuária de maconha:

*Salomé - Eu costumo fumar com 3 grupos diferentes, algumas pessoas até se conhecem. Um grupo maior e que todo mundo teve uma convivência na graduação, amigos, passamos por várias coisas juntos, alguns até que namoraram, é um grupo sólido. Foi com algumas pessoas desse grupo com quem eu fumei da primeira vez. Tem um casal de amigos com quem eu fumo de vez em quando, a gente vai pra casa deles, conversa e rola. Tem um grande amigo meu que é da graduação, e que conhece as pessoas desse grupo maior, mas não tem uma relação de proximidade como eu tenho. É nesses 3 universos que eu fumo. O grupo maior tem umas 15 pessoas, mas que eu vejo com muita frequência tem 5 ou 6. Todos são universitários, alguns que terminaram a*

*graduação e tão trabalhando e outros que tão como eu, na pós-graduação. Uma parte desse grupo maior é de meus amigos da graduação não necessariamente da mesma turma, mas do mesmo período. Outra parte é a galera da Escola de Música que tem uma relação com a gente e tem gente de Belas Artes.*

*T.V. - Que atividades vocês curtem?*

*Salomé - Praia, necessariamente o Porto da Barra, muito cinema, muita festa, bares, Rio Vermelho frequentemente, muito show na Concha, casa de amigos. A maioria é da mesma área, mas tem gente de Música, de Comunicação, de Ciências Sociais, é que acaba todo mundo dialogando com as Ciências Humanas.*

A rede de amigos de Salomé é “um grupo sólido”, onde “tem gente de Música, de Comunicação, de Ciências Sociais”, configurando uma comunidade com vários níveis de interação e interpenetração. O elo central é que são “todos universitários” - alguns trabalhando e outros na pós-graduação - e fumantes de maconha. Se configurações assim acontecem com estudantes de uma universidade pública, como será que se articulam os estudantes numa faculdade particular, especificamente num curso como Medicina? Numa reunião na casa de Buda onde alguns baseados foram queimados para comemorar o aniversário de Einstein – antes do grupo, à exceção de Buda, sair para beber nos bares da vida, - foi formulada uma possível resposta:

*T.V. - A galera da faculdade sabe que vocês consomem drogas?*

*Einstein - Sabem!*

*Buda - A turma de vocês é a turma mais liberal da cidade, tá de boa! Todo mundo se respeita na sala de vocês.*

*Picasso - Eles não mexem com ninguém!*

*Einstein - Eu não tenho problema entre os meus amigos.*

*Da Vinci - Minha turma tem 5 veados, 2 lésbicas, um monte de louco...*

*Picasso - ...tem uns 30% de louco...*

*Da Vinci - ...por baixo...*

*Picasso - ...todo mundo se respeita naquela porra...*

*Einstein - ...só tem muito doido...*

*Picasso - ...todo mundo já se comeu, porra...(risos) ... tem uma mulher casada que todo mundo já comeu...*

*T.V. - Você já comeu?*



Picasso - *...já fiquei com ela, não comi porque não forcei, se forçar rola.*

Buda - *...na minha turma é bem diferente...*

Einstein - *...na turma da gente também tem muito idiota...*

Pela descontração do diálogo, estes residentes de medicina em visita ao amigo Buda dificilmente seriam diagnosticados como “deprimidos”<sup>175</sup>. Seu ambiente de estudo não parece nada estressante, pois a turma de colegas que eles descrevem possui várias características que raramente estariam listadas como associadas ao *setting* médico: 5 veados, 2 lésbicas, 30% de loucos além de uma mulher casada que todo mundo come. E o que parece que uniu estes quatro interlocutores tem muito menos conexão com as demandas da carreira do que com esse clima descontraído:

Einstein - *Quando eu entrei na faculdade eu não sabia nem fechar um baseado (risos), a gente se conhece desde o começo.*

Buda - *O cara que mora comigo é da sala deles e aproximou a gente ainda mais, principalmente pela cannabis.*

Da Vinci - *Ele sempre chamava pra fumar um.*

O aprendizado de Einstein sobre a carreira de maconheiro não se deu na rua, nem em casa, se deu na faculdade. O estudante que aproximou Einstein de seus amigos mais fieis divide residência com Buda, residência que é referência para vários outros estudantes que moram com as famílias e não desfrutam de um espaço de convivência onde possam por em prática seus hábitos de consumo, fortalecendo seus laços. Mas Einstein não foi o único estudante de medicina observado a iniciar sua carreira de consumidor de drogas na faculdade:

Tutancamon - *Eu na realidade tenho uma história de vida que até os 20 anos (estando com 25) não consumia nada! Nem fumava nem nada! De repente eu comecei fumando, depois bebendo, logo depois maconha e mais ou menos estabilizou nessa daí (risos). Outras cositas mais foram surgindo, mas também já foi numa fase que eu tava mais equilibrado. Por eu ter melhorado tanto quando eu entrei, entrei de sola!*

T.V. - *E esse consumo tem a ver com o ambiente universitário?*

---

<sup>175</sup> - como indicam as pesquisas realizadas com estudantes de Medicina em Uberlândia e no ABC (nota 171, pgs. 210/211).

Tutancamon - *com certeza! Eu acho que foi o divisor de águas. Eu acho que também envolve muito o ideológico, a questão de você resolver sua cabeça se permitir fazer algumas coisas.*

O que Tutancamon aponta timidamente é que só começou a consumir drogas na faculdade, pois no *setting* universitário pôde dar forma a um corpo de saberes e valores: “envolve muito o ideológico, a questão de você resolver sua cabeça se permitir fazer algumas coisas”. Lembrando de sua relação ambivalente com o irmão mais velho que teve dificuldades para conduzir a carreira estudantil em função do seu consumo de drogas descontrolado e também com os primos também usuários compulsivos, o “ideológico” aqui equivale a acreditar que a cultura universitária fornece as ferramentas de controle para garantir a liberdade.

Oscar - *Depois que eu entrei na academia o uso passou a ser mais cotidiano. Isso porque minha estrutura de vida mudou. Depois da universidade eu fui morar sozinho e aí eu tive essa liberdade de ter uso frequente sem causar danos ao meu convívio doméstico.*

Quando Oscar afirma que sua estrutura de vida<sup>176</sup> mudou, afirma-o como sendo uma consequência direta por ter ingressado na academia universitária. Assim como Tutancamon coloca a universidade como um divisor de águas em sua vida, Oscar sendo um universitário se sente capaz de ampliar suas possibilidades de usufruir da liberdade de fumar cotidianamente, “sem causar danos ao meu convívio doméstico”. Nesse recorte ele constrói a busca por liberdade para consumir quando quiser, junto com a busca por segurança no que diz respeito ao convívio doméstico.

Para que fique claro o porquê da divisão de águas propiciada pelo ingresso na carreira universitária, é pertinente refletir sobre a cultura na qual estavam imersos esses jovens anteriormente. Analisar os discursos dos interlocutores quando se remetem as suas trajetórias de vida pode lançar nova luz sobre representações construídas ao redor da cultura das drogas. Por exemplo, quando se fala de drogas indistintamente como uma categoria homogênea, há uma tendência em colocar a maconha como porta de entrada

---

<sup>176</sup> - e sua leitura de estrutura de vida segue no mesmo sentido da realizada por Grund; no sentido de estabelecer parâmetros de controle para o cotidiano que não são voltados para o exclusivo consumo de drogas, mas sim para assegurar a execução de um estilo de vida.

para a escalada em direção às drogas consideradas mais pesadas. Além desse não ser um ponto pacífico, pois muitos consumidores de maconha a têm como droga exclusiva, ou mesmo afirmam não consumir drogas artificiais<sup>177</sup>, as experiências de vida de alguns interlocutores indicam que seria mais objetivo falar em escalada a partir do álcool – que começa de modo geral, enquanto os estudantes ainda estão no segundo grau:

Marley - *O consumo de álcool (no segundo grau) era bem intensificado mesmo. Tem gente que saía mais de uma vez por semana pra beber.*

Garrincha - *Eu tive uma dificuldade grande pra terminar o primeiro grau. Eu fiz o supletivo, e veio o primeiro ano do segundo grau. Meus amigos todos já faziam uso de álcool ... Aí pintaram outras drogas, como a cocaína, por exemplo.*

Essas experiências de vida batizadas com álcool seguem no terceiro grau, não necessariamente abrindo portas para outras drogas, apesar de haver muitos que fazem consumo de mais de uma substância. Nas práticas de consumo de álcool e de outras drogas os *settings* nem sempre são os mesmos ou necessariamente compatíveis:

Buda - *Outro dia numa festa da galera (de medicina) onde se consumia muito álcool, muito mesmo, acendi um baseado e tomei uma dura porque não podia fumar ali. Que hipocrisia! Já o álcool tem o total aval, basta ver as chopadas onde o pessoal bebe até passar mal. Nos trotes também o consumo é bem visto. Eles nem podem orientar os pacientes a não beber, orientam a beber pouco pra não serem muito contraditórios.*

T.V. - *Como você percebe o consumo de substâncias psicoativas no ambiente acadêmico?*

Mata Hari - *Depende do tipo de substância. O uso de álcool é cultuado, principalmente entre graduandos e residentes. Na faculdade tem aquele oba-oba em dia*

---

<sup>177</sup> - o que alguns nativos chamam de drogas artificiais são as drogas sintéticas (produzidas totalmente em laboratórios como MDMA, LSD ou GHB) e as semi-sintéticas (produzidas em laboratório a partir de algum elemento da natureza como heroína, cocaína ou crack). Levando em conta que, dos oito venenos mais potentes hoje em dia, sete são produzidos pela própria natureza (VASCONCELOS: 20/02/10), talvez a polarização entre drogas naturais e drogas artificiais não seja o critério mais adequado para legitimar a maconha como substância não danosa.

*de trote, fila aula pra beber, acabou a aula tarde vai beber não sei aonde<sup>178</sup>. Em minha época de graduação eu frequentava os botecos no uso de álcool.*

T.V. - *Suas primeiras experiências com substâncias psicoativas foram na faculdade ou anteriores?*

Mata - *São anteriores, mas na faculdade se intensificaram. Álcool é uma coisa cultural na minha família. Tem aquela coisa de se reunir, de beber, meu tio, meu pai, meus irmãos. Eu bebo desde muito nova, claro, eu sempre fui orientada. Eu sempre bebi nos bares, cerveja. Na escola também, no cursinho. Agora maconha eu comecei a consumir no final do colegial, antes de entrar na faculdade.*

O consumo de álcool parece ser tão habitual no cotidiano de alguns interlocutores que sua representação serve até para amortecer os danos que poderiam ser causados pela representação do consumo de maconha, basta lembrar o comentário que Picasso operou entre risos, sobre a ingenuidade dos pais de Einstein: “*ele chegava muito doido de maconha em casa, mas o pessoal lá acha que ele tem problema com álcool*”. E se nessa configuração familiar específica, a representação do consumo de álcool reduziu os danos sociais que poderiam ser causados pela representação do consumo de maconha, na configuração de uma confraternização de Medicina, os mesmos Einstein e Picasso acompanhados de Da Vinci, “aprontaram” várias confusões em meio a um consumo excessivo de álcool, mas foram expulsos do evento sob a acusação de terem fumado maconha. Nesse caso o consumo de maconha “levou a fama” de ter induzido os comportamentos realizados sob o efeito do álcool.

Esta situação aconteceu num encontro de confraternização da comunidade médica em Porto Seguro, com direito a hospedagem em *resort*, festas com cantores da moda, etc e tal, havendo participantes de todo o Brasil. O trio de estudantes interlocutores buscou possibilidades de satisfação sem atentar para os controles informais que uma situação como essa requer. Beberam muito, e entre outras brincadeiras, estouraram uma bomba em um banheiro do estabelecimento. Foram expulsos do *resort* e a representação que ficou na memória dos colegas é de que eles três foram expulsos porque fumaram

---

<sup>178</sup> - esta reflexão me lembra que em 2006 estive em Ribeirão Preto para participar de um encontro de Enfermagem cujo tema era Saúde Mental e nos três dias que estive em meio à comunidade, nos intervalos do evento o tema recorrente entre professores, conferencistas e estudantes girava sempre em torno do álcool, e não álcool como problema, mas álcool enquanto *solução* (esse trocadilho não foi intencional). Quais bares iriam frequentar quando a programação encerrava, era uma das questões que mais inquietava a saúde mental dos participantes.

maconha no café da manhã do hotel. De fato, eles fumaram, mas o dado que foi desconsiderado é que a bomba e as brincadeiras foram atividades realizadas quando estavam consumindo álcool de forma desmedida e não maconha. O dado que merece reflexão é que, independentemente deles terem fumado um baseado e terem bebido litros de álcool, na representação pública aquele comportamento desviante de estudantes de medicina foi produto do consumo de maconha e não do álcool ou ao menos da interação entre ambos. Como indica o interlocutor seguinte, mesmo entre os integrantes da área médica o álcool não é sempre representado como uma substância psicoativa.

*T.V. - Há consumo perceptível de substâncias psicoativas no ambiente acadêmico?*

*Lampião - Rola, partindo do pressuposto de que o álcool é uma substância psicoativa e é a mais divulgada, a mais falada, de uso banalizado, por conta das pessoas que não a rotulam como psicoativo. Ali naquele meio onde tá a faculdade de Medicina que é onde tem alguns bares; tem a Faculdade de Educação, o ISC, o Instituto de Saúde, o velho “Chuleta” que é o ponto de encontro do pessoal da faculdade. Lá, o uso de álcool é comum, frequente inclusive. Nas festas com bandas em que os componentes são da própria universidade, a presença do álcool é constante.*

Se o consumo de álcool parece não causar estranhamento na comunidade universitária da área de saúde, outros consumos têm receptividade mais localizada. Como no caso da comunidade dos estudantes de História:

*T.V. - O consumo entre seus colegas era de que substâncias?*

*Oscar Wilde - Nas festas; cocaína, no cotidiano de aulas; maconha. Álcool sempre! Faz parte de uma certa rotina das pessoas beberem antes ou após as aulas.*

Essa rotina em relação ao álcool tem seus procedimentos de pertença característicos entre os estudantes, o que Zinberg (1980) chamaria de rituais sociais; um lugar para consumo, um horário apropriado e a companhia certa – procedimentos que se aplicam as outras drogas também. Os universitários que passam a ter contato com esses hábitos rituais fortalecem seus vínculos de confiança na segurança comunitária ao tempo em que, enquanto grupo, fortalecem uma identidade. Para alguém que já teve algum contato com esses rituais, não é difícil observar a sua configuração. Mas há uma condição

especial em que, não tendo administrado com temperança seus consumos, o estudante prefere fechar os olhos para não enxergar nos outros o que não quer ver em si mesmo:

*Garrincha - Nos dois primeiros semestres eu não tive contato na faculdade com pessoas que usavam drogas, é lógico que eu sacava quem usava, mas não tinha nem conversa a respeito disso. Eu já vi algumas pessoas usando, vi algumas pessoas chegarem com cheiro de droga, mas não quis nem saber os nomes delas.*

Esse interlocutor que já foi usuário descontrolado de álcool, cocaína e crack estava num momento em que não queria coexistência com quem pudesse remetê-lo ao passado, até admitindo a coexistência à distância, mas não abrindo espaço para “conversa a respeito disso”. Ele prefere deixar o passado para trás, mas há quem acredite que trazer essa experiência polêmica para o presente pode ser não apenas catártico, mas sociologicamente viável e politicamente correto.

*Marley - Posso falar da minha experiência? Eu com 18 anos me envolvi com crack, fumei durante um ano e meio... desestruturou completamente a minha vida. Cheguei a sair de casa algumas vezes, brigas com minha mãe, cheguei a namorar uma garota de programa (sorrindo de modo constrangido) que era usuária também. Cheguei a andar com marginais que não faziam nada da vida, ficavam o tempo todo fora de casa.*

Marley depois de dois meses sem estudar e vivendo pelas ruas voltou para casa, e em seguida começou a fazer terapia. O fator decisivo que lhe fez mudar de atitude e buscar ajuda foi a vergonha que sentiu diante da mãe:

*T.V. - Como você fechou essa porta em sua vida?*

*Marley - Primeiro acho que começou com a vergonha. Quando minha mãe descobriu eu fiquei com vergonha. Tinha vontade de não sair mais de casa, não ver mais ninguém, com vergonha do que eu tinha feito... e força de vontade, eu cheguei a sair de Salvador, minha mãe me ajudou bastante, a gente ficou um mês e meio afastado de todo mundo. Eu tomei remédio durante dois meses, remédio forte, tarja preta, pra a ansiedade, pra tirar a fissura da droga... tive algumas recaídas, não foi fácil parar ... mas hoje em dia eu tou livre disso há bastante tempo. Eu nunca mais pretendo usar nenhum outro tipo de droga sem ser maconha.*

T.V. - *Você teria interesse em falar publicamente de sua experiência?*

Marley - *Sim, pode ser muito útil pra algumas pessoas porque minha experiência de vida não foi fácil, e é um exemplo que deve ser ouvido e não deve ser seguido.*

T.V. - *Você não se incomodaria se outras pessoas, que seus colegas soubessem?*

Marley - *Não, eu não me incomodaria.*

T.V. - *As pessoas vêem o usuário de crack com certo preconceito, isso não lhe incomoda?*

Marley - *Não me incomoda porque eu não pertencço mais a esse grupo. A experiência que eu passei eu gosto de passar pras pessoas porque eu acho que... essa vida ninguém deve viver.”*

Deixando cair o receio inicial de expor uma situação delicada, Marley mostra nessa fala catártica que a vergonha já foi superada. Se assim não o fosse, dificilmente ele afirmaria que ainda fuma maconha, o que implica em que seja esta uma droga sobre a qual ele pode supor exercer controle no consumo. Sua estrutura de vida está agora baseada na sua carreira de universitário e não na sua carreira de usuário. Sendo uma pessoa muito jovem, Marley demonstra uma capacidade de elaboração sobre uma situação delicada que passa ao largo da vergonha, diferentemente de Garrincha.

Garrincha - *Na medida em que o uso ia progredindo as companhias iam sumindo. Até porque aquele pessoal com quem eu costumava fumar maconha antes, eu mesmo tinha vergonha deles, de mostrar o meu uso de drogas como é que tava. Aquela galera que fumava um, tomava uma cervejinha e voltava pra casa, pra mim já não dava mais, porque pra mim não tava suficiente.*

T.V. - *Durante quanto tempo você levou este estilo de vida?*

Garrincha - *Uns 10 anos eu acho.*

A vergonha de Garrincha acaba se manifestando de modo mais complexo que a vergonha apresentada por Marley, pois está configurada não exclusivamente em relação aos parentes, mas também em relação aos usuários que manifestavam um maior controle sobre seus consumos. A vergonha é um mecanismo de controle social informal

com potencial para baixar a auto-estima dos consumidores menos disciplinados<sup>179</sup> podendo até resultar em retração da sociabilidade. Tanto Garrincha quanto Marley são originários de famílias que podem ser representadas como disfuncionais e convivem com os fantasmas de pais usuários e *outsiders* – lembrando que o pai de Marley faleceu em decorrência da AIDS. Garrincha que por sua vez tem dificuldade em estabelecer um diálogo mais aberto com sua mãe, não vem obtendo bons resultados com terapias, ao contrário de Marley.

*Garrincha - Não sei como é que tá hoje o relacionamento dos pais com os filhos que fumam maconha, acho que a própria TV e o cinema já abordou de uma forma mais apaziguadora. Minha vontade mesmo era de continuar usando. Aquilo (terapias) foram tentativas da família pra contornar a situação. A gente ia pra terapia, mas nada que tivesse uma sequência. Ia duas, três consultas e abandonava.*

Se os processos terapêuticos aos quais foi submetido eram muito mais uma demanda de sua família do que sua, Garrincha teve consciência de que seu desejo de consumo não havia reduzido. Enquanto a busca por cura for apenas uma necessidade social na tentativa para “contornar a situação” e não um desejo individual do consumidor quando se percebe descontrolado, certos processos de cura podem até acabar provocando mais danos:

*T.V. - Como você se sentiu quando saiu da internação?*

*Garrincha - Na verdade eu senti muita revolta pelo fato de ter sido pego a força. Posso dizer que esse tempo de uso, dos 20 aos 22, foi de um uso autodestrutivo e um de acúmulo de frustrações muito grande... eu não sei, eu não conhecia o outro lado da moeda.*

*T.V. - Você tinha algum plano pro futuro?*

*Garrincha - Eu não me lembro... não que eu não me lembro, mas é que tinha uma coisa muito complicada, era uma instituição religiosa, até hoje eu tenho um*

---

<sup>179</sup> - uma possível interpretação para a teoria do processo civilizador é que a interdependência entre os indivíduos configura um “superego social” que faz com que os indivíduos parem de lutar entre si na busca por realizar sua satisfação pulsional, para juntos lutarem pela segurança de sua comunidade de hábitos. Se esta tentativa de ordenamento falhar pondo a integridade da comunidade em risco, o indivíduo que não controlou suas emoções em prol da segurança do grupo pode ser psicologicamente punido, se sentindo constrangido e envergonhado ante este grupo. (ELIAS:1993)



*ressentimento muito grande com essa instituição evangélica, lá tinham as próprias regras. Não saí feliz pelo fato de não usar drogas. Tava satisfeito com o fato da minha mão não tremer mais, feliz por ter finalizado o segundo grau... mas ter de trabalhar pro cara, trabalho físico! Tive que aguentar a questão de ser subordinado lá dentro, sem ter argumento e ter que ter adaptado à filosofia deles, aquela coisa cristã, eu não podia assoviar uma música que não fosse cristã!*

*Em coisa de um mês aqui em Salvador eu recomecei o uso. Eu não culpo nada, outras pessoas. Assim como eu entrei num emprego, se eu tivesse uma cabeça boa poderia ter tocado uma vida boa, eu poderia ter pego esse um ano sem usar droga e tocado uma vida boa. Porém cheguei aqui e na primeira vez que eu peguei uma quantidade de dinheiro razoável fui e retornei pro uso de droga. Ou seja, aquilo que eles (a Instituição Evangélica) prometiam (a cura), não existe. Hoje eu tenho consciência de que o que vale pra sair do uso de droga é o desejo da própria pessoa. Não adianta a família, a justiça querer fazer qualquer coisa, que é o desejo da pessoa o que conta.*

A revolta de Garrincha quanto aos métodos de cura a que foi submetido parece aumentar sua dificuldade para estabelecer controles informais quanto ao seu consumo. Seu retorno ao consumo imediatamente após sair do internamento acabou sendo sua resposta à internação forçada, apontando que aqueles métodos que não lhe permitiam margem de escolha, falharam com ele. Essa resposta social pouco reflexiva e muito mais reativa mostra como a vergonha vivenciada por Marley se mostrou mais eficiente que a revolta de Garrincha quanto ao processo pessoal para estabelecer controles informais sobre o consumo:

*Marley - No início minha mãe não sabia, aí depois o segurança lá no colégio me seguiu pra praça que eu fui fumar, me pegou fumando e a escola ligou pra minha mãe. Minha mãe veio conversar comigo que eu tava muito novo pra fumar e ela na minha idade não fumava, que era uma coisa pra quem tinha a cabeça melhor, quem tem estrutura, pra quem é mais responsável com a vida, porque os jovens hoje em dia querem fumar e acham que podem passar o dia todo fumando, só leva a coisa ruim, e abre as portas pras outras drogas.*

Pondo em relevo o dado de que a mãe de Marley é consumidora controlada de maconha enquanto a mãe de Garrincha nunca consumiu drogas ilícitas e aparentemente nunca considerou a possibilidade de fazê-lo, o estabelecimento de vínculos dialógicos e de confiança está mais próximo do primeiro interlocutor. As relações de confiança quando exercitadas dialogicamente podem dispor os indivíduos a por em prática sua reflexividade. Isso porque o simples consumo não faz da pessoa que consome necessariamente ter sempre uma opinião objetiva sobre o consumo. Marley por exemplo, que parou com as outras drogas e eventualmente fuma maconha, acredita na escalada das drogas a partir da maconha. Por outro lado, Garrincha que não tem maiores interesses por maconha e sim em drogas consideradas mais pesadas, não acredita que a maconha seja - enquanto substância psicoativa - a porta de entrada para outras drogas. O problema, segundo ele, está na configuração do *setting*:

*Garrincha - O CETAD tem uma questão de redução de danos, essa redução pra quem tem dependência química, talvez não seja o melhor. Porque imagina no meu caso, tirar a cocaína, não dá pra reduzir os danos usando maconha, porque eu retorno pra cocaína. Eu não tou dizendo que a maconha é uma porta de entrada, não é isso, é por causa do ambiente, eu tou fumando um e daqui a pouco eu já tou indo pra onde rola a cocaína e o álcool.*

Depois da experiência com os controles formais rígidos de uma instituição religiosa, Garrincha também sentiu dificuldades para lidar com os controles informais de uma instituição como o CETAD, que em seu projeto de redução de riscos e danos não submete o sujeito à privação do arbítrio, pelo contrário, chama-o à responsabilidade. O que Garrincha acabou indicando indiretamente é que seu *set* emocional carece de controles formais que de certa forma “assumam-lhe” a responsabilidade, porém controles não tão rígidos quanto os de uma instituição religiosa. Quanto ao *setting*, ele interpreta sua “dependência química” como diretamente dependente do ambiente onde frequenta: “essa redução pra quem tem dependência química, talvez não seja o melhor [...] é por causa do ambiente”. Nesse sentido, Garrincha é o que Bauman chamaria de consumidor falho, pois se na cultura de consumo se pode consumir de tudo com responsabilidade, Garrincha parece abrir mão da responsabilidade sobre seu consumo na espera que alguma “instituição” o faça. Talvez uma experiência que possa ter sido

emblemática nessa delegação de poderes foi que, muito cedo, houve interferência de controles formais na relação entre Garrincha e seus consumos, a interferência da polícia:

*Garrincha - Aos 16 anos a polícia me pegou usando droga na rua e com uma certa quantidade, aí fui levado pra delegacia do menor e adolescente, tive que frequentar assistente social todo mês, e meu pai tomou uma atitude; arranhou um emprego pra mim.*

*Rimbaud - Uma coisa de não ter conversado com meu pai, foi a circunstância em que ele descobriu foi um nocaute... foi quando eu acabei sendo preso... foi engraçado que foi na época do aniversário dele. Ele foi me buscar na delegacia, ele tava até bebendo... ele falou: "ó como é que eu descobri que você fuma... aquela coisa. A partir daí ele veio com o discurso, de que tinha a preocupação de que eu tava abusando da substância.*

Como aconteceu com Marley, também Garrincha e Rimbaud se sentiram envergonhados por suas famílias tomarem par da situação de consumo através dos controles formais mais extremos; os controles exercidos pelos dispositivos sociais de segurança. Mais uma vez, a redução de riscos só fez sentido depois que alguns danos foram causados; o pai de Garrincha lhe arranhou um emprego e este dado permite até uma interpretação de fundo psicanalítico de que seja esta a única lembrança positiva do pai, ajuda que talvez ele continua esperando que aconteça de novo. Por sua vez o pai de Rimbaud não lhe arranhou um emprego, buscou o diálogo. A situação deste último hoje em dia é de alguém que faz um consumo com temperança, o que talvez possa favorecer a interpretação de que a aproximação dialógica com o pai tenha lhe ajudado a ser menos dependente de ajuda para desenvolver seus projetos, inclusive já tendo arranjado um emprego por conta própria.

Contudo, os riscos do consumo não se restringem ao efeito reativo dos controles formais, que aumentam o efeito reflexivo da vergonha. A vergonha como mecanismo de controle pode ser construída em situações nas quais os consumidores se encontram aleijados de poder para controlar seus consumos. Uma situação exemplar se dá quando a dificuldade de autocontrole está relacionada com a falta de disponibilidade de dinheiro para a aquisição de drogas (Grund, 1993):

T.V. - *Nesse período como você arranjava dinheiro pra comprar drogas? Você tava trabalhando?*

Garrincha - *Não, não tava... o jeito de arranjar dinheiro é complicado. Às vezes pegava emprestado... às vezes vendia alguma coisa minha... antes conseguia sustentar o meu vício, já trafiquei pra sustentar o vício, em Brasília.*

Garrincha encerrou esta última fala cabisbaixo, com dificuldade para traduzir a vergonha em palavras, inclusive se retirando por alguns minutos para consumir um cigarro de tabaco no silêncio do jardim. O que lhe proporcionou tanto constrangimento é que ele durante certo período praticou pequenos furtos, hábito que pouco tempo depois de nosso derradeiro encontro, veio a retomar, desta vez em relação a objetos da própria casa, sendo posteriormente conduzido pelos familiares para nova internação. O que este caso permite questionar é: como a responsabilização pelos riscos corridos pode ser útil a Garrincha? Uma possível resposta está na minimização do seu sentimento de vergonha por não controlar os tais riscos.

Em relação às expectativas dos outros interlocutores da pesquisa foi possível verificar que hermenêuticamente, cada um sustenta uma visão muito particular do que sejam riscos, riscos muitas vezes interpenetrados com danos. A responsabilização pelos próprios riscos<sup>180</sup> pode ser interpretada como uma estratégia profilática, um procedimento *a priori*. Por sua vez, a redução de danos é uma estratégia terapêutica, *a posteriori*. Já que nem sempre os interlocutores operam esta diferenciação conceitual, é viável relacionar as estratégias e perspectivas definidas por eles como ressignificações sobre o consumo de drogas. Estas estratégias são aqui interpretadas enquanto configurações de *habitus* sociais de controle.

Lampião - *O alcance e a adesão de usuários à idéia de redução de danos acontecem de uma maneira mais interessante, pois se pauta no diálogo e convencimento e coloca o cidadão como sujeito da sua ação. E mais uma coisa interessante é que as idéias não são postas de maneira punitiva ou repressora ao usuário... “você não pode isso ou aquilo”..., mas de maneira educativa.*

---

<sup>180</sup> - na perspectiva de Beck (1997,15), a sociedade contemporânea é uma sociedade de risco na qual “os riscos sociais, políticos, econômicos e individuais tendem cada vez mais a escapar das instituições para o controle e a proteção”. A modernização reflexiva possível estaria na responsabilização individual (1997,18) por este controle e por esta proteção, pondo em xeque o que foi previamente estabelecido por instituições e especialistas.

Para os que pensam como Lampião, redução de danos não é política pública, é política de vida. Enquanto política de vida, os controles informais que estão em circulação na cultura de consumo, não seriam eficientes enquanto mecanismos de segurança, se, cada consumidor como “sujeito de sua ação” não abraçasse sua cota de responsabilidade sobre a administração de seus consumos. Nessa cultura que mimetiza emoções e na qual a exposição a riscos e a busca por segurança são indissociáveis, a redução de danos acaba sendo interpretada como um mecanismo de controle sobre o corpo, que ao se tornar *habitus* social, está à disposição do próprio consumidor. Eis o processo civilizador! E se num momento anterior desta pesquisa alguns estudantes questionaram a quem a redução de danos favorecia, serão os próprios estudantes pesquisados, através da interpretação de fragmentos de suas trajetórias que fornecerão possíveis respostas. Afinal, de qual(is) perspectiva(s) de redução de danos estamos falando?

#### 4.2 - Mas afinal, reduzindo quais riscos?

T.V. - *E entrando na faculdade como era o consumo?*

Pancho Villa - *Aí eu já era usuário habitual, fumava todo dia. No primeiro semestre logo, eu já fiz uma pesquisa. Eu fiz um trabalho de campo ligado aos usuários. Eu já usava e aí descobri uma porrada de gente que fumava. Daí eu comecei a organizar o Growroom<sup>181</sup>.*

T.V. - *Como você chegou na perspectiva da redução de danos?*

Pancho Villa - *Em 2002 fiz um curso que falava sobre drogas e vi que existia a perspectiva da redução de danos, e comecei a ficar pensando que cannabis é uma droga que causa danos à saúde, ela causa; mas danos à saúde que não são tipo você se injetar com uma seringa, ou se cheirar muito você pode ter uma overdose. Com cannabis você não tem riscos disso, você tem outros riscos, tipo; você vai comprar e o cara vai lhe bater e nesses casos pra pensar redução de danos pra cannabis você tem que olhar os danos relacionados ao adquirir, a você ser preso, coisas desse tipo. Aí percebi que o trabalho que a gente tava fazendo na pesquisa era redução de danos. Aí levei pro pessoal da comunidade a idéia, e tive resistência porque é aquela coisa;*

---

<sup>181</sup> - na pg. 261, a comunidade *Growroom* será trazida para o primeiro plano da investigação.

*maconheiro fuma e fala: “maconha não é droga<sup>182</sup>, maconha não causa danos, então como é que vem falar de redução de danos pra maconha?” Eu levei de 2003 até hoje (2007), pra convencer as pessoas da comunidade que eles fazem redução de danos! Agora eles compraram essa idéia de que a redução de danos foi uma questão de proteção pra comunidade não ser acusada de apologia, inclusive eles não se sentem como redutores de danos, eles se sentem como membros de uma comunidade que ajuda outros membros daquela comunidade. Na verdade é isso mesmo porque o nativo é o cara que fuma e planta e que quer ajudar outras pessoas a plantar. A lógica é quem precisa de cuidados são os doentes. “Eu não tou doente!”. Essa é a lógica, eles compraram a idéia de que a comunidade é uma redução de danos mais pelo fato de que esta é uma capa de que isto não é apologia, não é incentivo, incitação ao crime.*

Nesse segmento fica explicitada a configuração identitária da comunidade; no ponto de vista de muitos dos seus integrantes a redução de danos é uma intervenção de saúde para usuários problemáticos, não para uma comunidade que se propõe a ajudar quem precisa de ajuda - e eles estão tecnicamente certos, o que fazem é redução de riscos, não de danos - afinal, se colocar como quem precisa de ajuda é se colocar como consumidor problemático, como passível de estigmatização. Se a perspectiva de redução de danos pode servir politicamente como uma blindagem para a representação pública da comunidade, os seus membros mais ortodoxos num plano mais pessoal, ainda não dessestigmatizaram a questão, não percebendo a adequação política da passagem da condição de desviante problemático para a condição reflexiva de redutor de danos.

Uma das vantagens operacionais dessa ressignificação é passar a dispor da mão de obra de pessoas que estiveram nessa situação de risco, para atuar como pessoas instrumentalizadas na tentativa de ajudar a reduzir riscos e danos de terceiros. É o caso de Leila que atua como redutora de danos e realiza uma pesquisa acadêmica sobre o trabalho de redução de danos para frequentadores de festas de música eletrônica. Em linhas gerais ela afirma que nas festas, o projeto funciona como um stand de informações que previne e fornece assistência sobre uso e abuso de drogas.

---

<sup>182</sup> - levando em conta o ponto de vista desses consumidores não há como pensar na maconha como porta de entrada para outras drogas, porque a maconha é, num bom número de casos, a única droga que eles consomem.

Leila Diniz - *Acompanhei o começo da cena eletrônica em Salvador, pegando uma idéia que já existia em Barcelona, com o MD Control: redução de danos em cena eletrônica. Fora o Balada Boa (SP) não existia nenhuma iniciativa nesse sentido.*

T.V. - *Nesse trabalho há compatibilidade com o seu lado de usuária?*

Leila Diniz - *É incompatível.*

T.V. - *Você já fez uso trabalhando?*

Leila Diniz - *Não.*

T.V. - *Então como você sabe que é incompatível?*

Leila - *(risos), Porque eu tenho todo um preparo pra tomar, em certas situações eu sei que não dou conta, trabalhar com essas coisas em festa, eu sei que pode acontecer muita coisa. Inclusive quando eu comecei a tomar ácido e bala foi nessas festas...*

Mesmo que pareça redundante é importante observar que a redução de danos sociais começa com o processamento da redução de riscos psicológicos para a própria redutora que já não se dispõe a por sua segurança em risco em prol de uma suposta liberdade incondicional. Partindo de sua experiência, Leila ao atuar como redutora de danos tem a possibilidade de obter satisfação pessoal facilitando a satisfação segura de outras pessoas, na prática efetuando duas reduções de riscos ao mesmo tempo. A segurança da comunidade passa diretamente pela segurança que seus indivíduos integrantes configuram em torno dos riscos que sua busca por liberdade acarreta. Outra redutora de danos assim vivencia a questão:

T.V. - *E como você aplica sua redução de danos pessoal trabalhando em raves, já que você também gosta de raves?*

Mata Hari - *Eu não gosto de misturar, eu tenho alguns amigos que fazem uso, mas eles seguram a onda, entendeu? Eu não gosto porque eu sou muito sensível. Eu já fui atender pessoas com uma dor muito expressa e se te contamina..., eu fico carregada com aquela experiência. Se eu usar uma substância eu não vou dar conta, entendeu? Eu só uso quando a gente trabalha em festa com mais de 24 horas, depois que acabou meu turno de trabalho, vou fazer uso.*

*Eu me dou bem com isso porque eu aprendi a redução de danos. Aprendi isso na prática. Então eu tenho que ter o cuidado com a outra pessoa e isso faz parte da minha profissão. Quando eu vi a proposta de redução de danos da galera eu me identifiquei, é uma coisa que eles vem fazendo e que eu venho fazendo também comigo mesmo (risos).*

Mata prefere não consumir substâncias psicoativas para poder trabalhar com maior margem de segurança, e desse modo sua liberdade está em optar por não consumir no momento em que não acredita ser adequado. Se, enquanto residente de medicina, ela encontra resistência até para discutir a redução de danos, na cena eletrônica, Mata encontra um *setting* receptivo para suas práticas, até em função de sua ludicidade. Já alguns ambientes, onde esta estratégia de controle começa gradativamente a ser processada, não são tão lúdicos quanto o *setting* da cena eletrônica:

Buda - *Trabalhei dois anos no Presídio Lemos Brito e lá, a maconha é que segura a cadeia. Os caras fodidos, os “couro de rato”<sup>183</sup>, fumam qualquer coisa que brota, o que chamam de cigarro “pacaia”. Eu fazia uma redução de danos com eles, não só em relação a sexo, mas também em relação ao uso de drogas.*

Em meio a controles formais que lhes permitem poucas opções de consumo<sup>184</sup> os “couro de rato” fumam o que brota, bebem o álcool que produzem<sup>185</sup>, injetam o que pica e assim por diante. Nessa condição de exclusão de “direito ao PROCON”, o trabalho de Buda é possibilitar controles informais que reduzam o excesso de risco configurados no *setting*. Um presídio é um *setting* configurado em torno dos riscos, do seu controle e de sua ausência. A afirmação de Buda de que “a maconha é que segura a cadeia” corrobora a percepção sustentada por um professor na primeira parte da pesquisa e levanta a seguinte reflexão: o consumo de drogas em certas configurações sociais serve como ferramenta para processar e reforçar os controles formais<sup>186</sup>. Se muitos dos internos estão ali por causa de suas ligações com o tráfico de drogas, é no consumo de drogas que muitas das relações de poder por trás dos muros oscilam entre a pacificação e o conflito direto.

As possibilidades de relacionar drogas com riscos e danos nos *settings* desta pesquisa são várias: riscos e danos relacionados aos usos de drogas, às representações dos usuários e às atividades de trabalho. No caso de Buda que é residente, é possível observar como ele interpreta seu consumo de maconha como prevenção aos riscos

---

<sup>183</sup> - os “couro de rato” são a escória na hierarquia prisional. Nesse sentido, esses presos não se percebem como *outsiders*, pois não manifestam aspirações em reverter tal estigma. São desviantes tipificados.

<sup>184</sup> - se estão encarcerados num presídio estes indivíduos são consumidores falhos pela própria condição de exclusão em que se encontram, excluídos do consumo da plena cidadania!

<sup>185</sup> - a pinga destilada pelos presos na cadeia é chamada “Maria Louca”, como se percebe no filme *Estômago*, (Jorge, 2007).

<sup>186</sup> - sobre esta constatação e sua reflexão ver capítulo seguinte.



causados pelo trabalho muitas vezes estressante, no qual a vida de outra pessoa pode estar em jogo:

*T.V. - Você usa substâncias psicoativas pra trabalho ou lazer?*

*Buda - Algumas vezes vou em casa almoçar, tomar um banho e eu fumo um baseado. Relaxa, deixa mais a vontade, eu consigo trabalhar melhor. No caso desse trabalho, ele não é muito interessante pra mim, na função de um técnico, não faço o que eu gosto. Eu lido com situações difíceis, o sofrimento dos pacientes, ou então, preciso de uma sensibilidade a mais pra entender o que ele tá querendo me dizer. Estar mais tranquilo, estar mais de bem comigo mesmo. Quando volto pro trabalho tou revigorado, com mais disposição pra ajudar. Não me sinto de bobeira, eu vou lá e fico calado ouvindo o que o paciente tem a dizer. Eles precisam disso.*

Em relação ao *setting* de trabalho, Buda consome maconha para manter o equilíbrio emocional ante os problemas dos pacientes, para os quais ele não vê soluções fáceis. Nesse caso é possível interpretar que Buda administre a maconha como ansiolítico - sua solução é contrária à solução encontrada por Mata, pois ele acredita que, por intermédio do consumo, ao invés de absorver a dor do paciente ele vai imergir na problemática apresentada pelo outro. Se para Mata o consumo poderia mimeticamente deslocar a dor do paciente para o seu *set* pessoal, para Buda, o consumo poderia ajudar a relativizar as suas questões pessoais, favorecendo assim uma maior aproximação da problemática apresentada pelo paciente.

Se alguns setores da sociedade ainda associam as estratégias de redução de riscos e danos exclusivamente à distribuição de seringas e cachimbos, setores mais específicos ainda interpretam essa distribuição como incentivo ao consumo. Esse problema, como já foi percebido no caso do projeto *Balada Boa*, também atinge pesquisadores e ativistas que trabalham tendo substâncias psicoativas como objeto. Em razão deste estigma, os interlocutores que desenvolvem qualquer projeto ligado à questão precisam reduzir os riscos de sua atividade no que se refere às representações da vida pública e privada:

*T.V. - Nesse momento em que seu trabalho como pesquisador tá tendo uma representabilidade boa na comunidade, como você tá levando sua vida enquanto usuário?*

Pancho Villa - *Eu não me declaro como usuário, porque como pesquisador você já é considerado suspeito de ser usuário. Se você falar de cocaína o pessoal ainda olha assim e tal, mas se falar de maconha, você é maconheiro! Aí você ainda fala sobre ativismo, fala sobre autocultivo como redução de danos, então eu sou visto como usuário o tempo todo. Minha mãe é tranquila, meu pai também. Minha esposa não usa, morre de medo, não tinha contato nenhum com esse universo. Se eu morasse sozinho provavelmente eu plantaria uma quantidade grande. Eu não faço isso por causa dela, não porque ela me pede, mas porque eu fico com receio de eu ser preso e ela ficar fodida. O receio maior da minha esposa é que eu seja sendo investigado por apologia ou por incentivo ao uso. Isso tem alterado a minha vida a ponto de eu estar cada vez mais exposto na mídia. Eu evito fumar em qualquer lugar, me expor. Meu irmão queria plantar, e eu disse: dou a teoria, lhe digo como fazer, mas depois de começar evite falar comigo (risos). Porque quando rolar uma coisa dessa na cidade a primeira pessoa a ser investigada vai ser eu.*

T.V. - *Se vivemos numa sociedade de risco, a sua carreira tá pondo sua vida particular em risco. Tá valendo a pena correr esse risco?*

Pancho Villa - *Vale a pena, eu tou no caminho certo, eu tou falando de uma forma que as pessoas tão escutando, sem fazer apologia. Eu recebo elogios de pessoas que eu não conheço através do orkut. Fizeram questão de mandar mensagem pra dar força. O perfil do blog foi acessado quase 13 mil vezes. Eu não sei quem tá vendo isso, mas enfim, tá lá.*

Após viver certo período de encantamento com o se tornar “pop-star das drogas”, como ele mesmo se definiu, Pancho em função de sua segurança teve que mudar o discurso. Para não correr mais riscos de ver confundirem um movimento social em prol da descriminalização da maconha com a sua figura pessoal, ele se retraiu da excessiva exposição pública. Ele, uma colega e um professor foram intimados a comparecer a Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes para prestar depoimentos sobre o envolvimento com a Marcha da Maconha 2008. Pancho foi investigado por suspeita de apologia e associação ao tráfico, enquanto sua colega e o professor foram ouvidos como testemunhas. Se essa trajetória pode indicar que na configuração de certos *settings* quem acaba precisando de redução de riscos e danos sociais é o próprio pesquisador, nem todo *setting* se configura assim. Há *setting* em que uma consumidora que correu o risco de ser estigmatizada vem a se tornar uma redutora de danos estabelecida:

T.V. - *Quando você pensou em trabalhar com redução de danos?*

Leila Diniz - *Eu já frequentava um grupo de tomadores de chá na faculdade e fui trabalhar num projeto sobre o uso da Jurema em centros urbanos e era o que eu queria trabalhar na época.*

T.V. - *Você frequentou um grupo de tomadores de chá?*

Leila Diniz - *Frequentei. A gente tomava na Faculdade de Biologia, sempre em rituais não ortodoxos.*

T.V. - *O que você buscava?*

Leila Diniz - *Eu buscava muito o novo, era muito extraordinário, havia toda uma cosmologia, tipo Mãe Jurema, que eu usava na época. Era um grupo que cada um fazia sua pesquisa, se encontrava um dia e pronto, cada um fazia o que quisesse.*

T.V. - *Como é que foi essa passagem de um grupo heterodoxo como os tomadores de chá para o trabalho de redução de danos?*

Leila Diniz - *Rapaz, foi ótimo pra mim porque eu desfiz os vínculos com o grupo de tomadores de chá porque eu não podia tar indicando o chá pra alguém se eu não sei como é que vai ser o efeito naquela pessoa. Uma vez eu dei o chá de ayahuasca pra uma figura e a figura no meio da borracheira me falou: “como é que você me dá isso e você não me avisa? É perigoso”.*

T.V. - *No momento você se sentiu responsável por ela?*

Leila Diniz - *Me senti e tentei acalmar ela...*

Uma das referências básicas para o pleno fluir do sistema especialista é a presença de confiança. Estabelecer confiança numa perspectiva comunitária é horizontalizar as relações. Leila se sentiu desconfortável quando foi acusada por uma tomadora de chá de colocá-la em risco, abalando uma relação de confiança. A partir de então, seu procedimento de redução de riscos não abrangeu apenas controlar sua faceta de tomadora de chá, mas também saber em que medida sua faceta de tomadora de chá poderia fornecer reflexões úteis para reduzir tais constrangimentos nas relações de confiança.

T.V. - *Você se vê mais ligada às drogas como pesquisadora, como usuária ou não há essa separação?*

Leila Diniz - *Essa é uma coisa que até hoje eu tou tentando separar a ferro e fogo (risos). É diferente porque você tem que assumir uma postura crítica em relação à sua*

*ação, e quando você começa a estudar o uso de substâncias psicoativas você está se estudando também. A própria idéia da redução de danos que é uma idéia de cuidar de si mesmo, mudou muito minha relação com a droga. Por exemplo, eu vou fazer campo numa festa de música eletrônica, geralmente eu não tomo nada, porque eu não consigo anotar, é uma experiência muito imersiva. Mas eu já tomei em festa, com finalidade de pesquisa, eu queria ver como é que é.*

*T.V. - A sua família tem conhecimento do seu projeto?*

*Leila Diniz - Tem porque viram no jornal (risos), nem fui eu que contei. Acharam ótimo... eles evitam falar sobre drogas, mas começaram a perceber que eu tava usando maconha, mas tava produzindo, olharam com olhos ótimos!*

*T.V. - Porque você não comunicou a eles, souberam pelo jornal?*

*Leila Diniz - Na verdade foi um vacilo meu porque eles sabiam que eu estudava drogas.*

Apesar de reafirmar que a sua interpretação das estratégias de redução de danos se baseia no cuidar de si mesmo, Leila esqueceu de reduzir os próprios danos com a família. Disponibilizar a informação para os membros centrais da família, de que estava ajudando pessoas com problemas relacionados ao consumo de drogas, poderia induzi-los ao processo reflexivo de que sua “cura” passa por ajudar a “curar” outras pessoas. Entretanto, nem todos os envolvidos com o *setting* de redução de danos têm como objetivo a cura, alguns buscam um maior conhecimento sobre as comunidades que são consumidoras diretas dessas estratégias enquanto bem de consumo. Um interlocutor que se iniciou no *setting* dos redutores de danos enquanto pesquisador de consumo de drogas, expôs suas reflexões:

*T.V. - Até que ponto você está envolvido com redução de danos?*

*Oscar Wilde - Eu tou num grupo de estudo que desenvolve essa ação em várias festas de música eletrônica, em duas ou três ocasiões eu já os acompanhei pra ver a ação de perto, isso porque eu também tenho pesquisas nessa área. Eu pude observar que muitas pessoas são desinformadas, vi reações de pessoas quando foram informadas com os flyers sobre as várias substâncias. Até então, muitos não tinham visto informações sobre drogas de maneira clara: “se você vai usar tome cuidado!”... Esse é um festival que custa caro, é um público de classe média alta. A entrada lá na portaria*

*custava R\$ 350.00 com direito ao camping sem alimentação. Segundo a organização eles tinham 10.000 pessoas.*

*T.V. - Fale sobre essa pesquisa que você tá desenvolvendo.*

*Oscar Wilde - Na verdade eu pretendo desenvolver uma pesquisa sobre o consumo de cannabis entre adeptos da espiritualidade Rastafari. O uso ritualizado como uma forma de redução de danos porque se dá num contexto onde os controles são bastante importantes, evitam que as pessoas caiam em situação de risco social ou de conflito com suas famílias.*

Consumo em festas *raves* e consumo entre os Rastafari, em um caso consumo lúdico, em outro, consumo religioso – que não deixa de ser lúdico como o lúdico também incorpora elementos ritualísticos e dogmatizados. Nestes dois *settings* onde Oscar pode realizar observações diretas não só sobre o quanto as pessoas estão informadas, mas sobre seus controles e estratégias em relação aos riscos a partir de tais informações.

No primeiro desses *settings*, ficou claro que ter dinheiro para estar incluso na cultura de consumo não é tudo: disponibilizar de R\$ 350,00 para entrar numa festa não garante que quem paga necessariamente pague para consumir também informação, nem que já a possua. Para estes consumidores que buscam uma zona temporária hedonista o consumo de controles vai se tornando um hábito social configurado gradativamente, pois a cultura das informações em torno das drogas já circula como um discurso característico nesta comunidade.

No *setting* Rastafari onde o dinheiro que circula geralmente é pouco e onde os controles são mais rígidos, Oscar percebe o “uso ritualizado como uma forma de redução de danos”. Sendo esta uma comunidade que já tende a ser representada de modo estigmatizado, por ser configurada majoritariamente por negros e pobres, Oscar acredita que o consumo de maconha sem a ritualização religiosa deixaria a comunidade mais vulnerável aos controles formais disciplinares, principalmente ao controle da polícia.

Não carecer de controles formais como a polícia, só é possível quando os membros da comunidade encontram adequação ao processo civilizador, exercendo o próprio controle. O consumo de substâncias psicoativas passa pela pauta de educação da comunidade e não como fruto da ausência dela. E dando centralidade à educação, é importante analisar como os interlocutores que encontraram um caminho religioso

lidam com o conceito, e particularmente com a articulação entre educação acadêmica, redução de riscos e consumo de drogas. No caso de Krishnamurti que estava há mais de 10 anos sem interesse em estudar, a vontade surgiu depois de ingressar na comunidade União do Vegetal, pois: “a religião que eu tou seguindo me deu vontade de aprender mais, estudar, eu tou estudando algo que tem a ver com meu trabalho”. Nesse caso, a religião o levou até a universidade e antes disso, o consumo destemperado de drogas o levou à religião:

*Krishnamurti - Eu tou lá há 4 anos. Quando eu conheci a ayahuasca era como se fosse uma droga, era uma droga. Eu queria beber desse chá pra ficar alucinado.*

*T.V. - E o que aconteceu?*

*Krishnamurti - Aconteceu que eu encontrei o que eu não tava procurando, uma religião que me levou a grandes transformações, me fez mudar totalmente o rumo de minha vida, eu tava à deriva. Lá eu comecei botar o pé no chão e larguei o vício de bebida, de maconha, de droga.*

*T.V. - Como é que é buscar uma droga “pra ficar alucinado” e encontrar uma religião que utiliza uma “droga”?*

*Krishnamurti - O que a gente chama de droga mesmo, de alucinógeno, que tira a gente do centro e fazer algo errado, não tem nada a ver com a ayahuasca, que é um “iluminógeno”, pra iluminar o nosso caminho, que transforma, que é o caminho do bem, que faz seguir a doutrina de Jesus Cristo.*

*T.V. - Na universidade você levanta essas questões?*

*Krishnamurti - Não, na universidade eu não conheço ninguém que usa e eu sou bem discreto. Eu não me sinto discriminado não, eu não tenho problema de fazer amizade, de tar com a turma, eu me vejo como uma pessoa bem social, mas em relação à religião eu sou bem discreto. A não ser que alguém pergunte sobre o assunto.*

Enquanto alguns adeptos da UDV buscam difundir a religião, Krishnamurti procura ocultá-la, talvez ainda por sequelas da estigmatização relacionada ao consumo de drogas, e acredita que assim está minimizando possíveis danos à sua imagem e à da comunidade. Essa sua postura discreta não é unanimidade entre os nativos da comunidade em questão, alguns inclusive acreditam que uma religião que incorpora o uso de substâncias psicoativas deve ter ampla visibilidade para gerar reflexividade, e o *setting* universitário é um meio com respeitabilidade para por esse processo em curso:

Blavatsky - *No trabalho de mestrado eu falei sobre a experiência de transformação e cura na União do Vegetal, que é uma das religiões que fazem uso do chá da ayahuasca. Eu estudei as experiências de cura dos adeptos, dos diversos problemas que eles tinham, problemas psicológicos, consumo de drogas. Agora eu estudo o uso ritualístico no tratamento da drogadependência, porque a ayahuasca tem se mostrado uma redução de danos em pessoas que tem uso compulsivo de drogas.*

Se Krishnamurti entrou na cultura religiosa através de drogas e encontrou a cura chegando até a universidade, Blavatsky através da carreira universitária buscou mostrar a cura propiciada pela cultura religiosa enteogênica como redução de danos para o consumo abusivo de drogas. Esse recorte demonstra a liquidez do *phármakon*; para os nativos a ayahuasca não é droga, é a cura para as drogas, enquanto que para os *outsiders* a esta cultura, ayahuasca é droga que inclusive pode ofuscar seu *setting* religioso. Entretanto, a escalada de Blavatsky até a atual condição estabelecida de universitária de pós-graduação bem recebida na comunidade acadêmica não começa com seu projeto, nem começa pensando em possibilidades de cura. Começa com uma carreira de usuária descontrolada:

Blavatsky - *O uso de maconha não foi e foi problemático pra mim no seguinte aspecto: eu era uma pessoa que fumava maconha, mas eu trabalhava, estudava, e desenvolvia todas as minhas tarefas tranquilamente. Eu consumia uma quantidade de maconha muito grande, eu fumava 8 a 10 baseados por dia, meio quilo por mês. Era uma coisa que tava no meu dia todo, então tudo que eu fazia tinha que ser fumado, era uma coisa que era uma dependência mesmo. Isso não atrapalhava minhas atividades. Embora muitas pessoas não consigam, eu tinha uma vida aparentemente normal com isso. Agora, uma coisa me trazia alguns problemas, como tudo que eu tinha que fazer eu tinha que fumar e nem todo lugar eu podia fumar, então eu evitava ir pra lugares onde eu não poderia fumar. Então isso era uma coisa que me limitava um pouco porque eu tinha essa dependência.*

Como a problematização já foi formulada pela própria interlocutora; “o uso de maconha não foi e foi problemático”, fica ecoando uma interpretação inicial: Será possível fumar dez baseados por dia e ainda assim fazer tudo tranquilamente? Como a própria Blavatsky já respondeu, muitos não conseguem, mas levando em conta uma

abordagem meramente quantitativa, os adeptos do rastafarianismo também fumam uma grande quantidade de maconha sem deixar de executar suas tarefas habituais, claro que em diferentes contextos e com diferentes motivações. Se tamanho risco parece ter sido compatível com sua então estrutura de vida, talvez o mais impactante da fala de Blavatsky ainda esteja por vir:

*Blavatsky - Cheguei a fazer movimento, a vender, cheguei a passar dificuldade em relação à polícia, apreensão, já passei duas situações assim, fui pega na casa de um traficante...*

*T.V. - E como começou o “movimento”?*

*Blavatsky - Eu comecei a fumar cada vez mais, meus pais não me davam uma quantidade de dinheiro pra fazer o que eu quisesse, eles perceberam que eu fumava, já tavam falando, mas eu queria aumentar o meu consumo e ficava limitada por questões financeiras. Aí eu passei a ver que se eu comprasse uma quantidade maior e ficasse com metade e vendesse a outra metade, eu podia economizar o dinheiro que meus pais davam pra comer uma merenda. Peguei meio quilo, fiquei com a parte melhor e vendi 250 gramas. E comecei a fazer isso. Tinha épocas que eu aumentava, porque as pessoas me procuravam pra comprar uma quantidade maior e eu comecei a movimentar mais. Tinha épocas que eu ficava só restrita mesmo ao meu consumo. Mas eu cheguei a fazer um movimento bom, em um mês pegar cinco quilos de fumo e adiantar.*

*T.V. - E daí pra parar na polícia, como é que foi?*

*Blavatsky - Eu tinha um cara, traficante matuto, ele vinha lá de Pernambuco, Cabrobó, e ele trazia o melhor, eu sempre fui muito exigente com a qualidade, eu rodava todos os interiores da Bahia pra ter o melhor. Eu fiz amizade com ele e ia na casa dele pegar. Determinado momento eu cheguei na casa dele pra pegar dois ou três quilos, e quando eu cheguei a polícia tava lá e foi aquela situação. Eu fui arrolada como testemunha de acusação do cara, eu fiquei numa situação constrangedora, porque como é que eu ia acusar uma pessoa que me fornecia? Fiz isso pra não ser arrolada como fazendo formação de quadrilha. O advogado disse: “você é uma pessoa de família, universitária - tinha acabado de entrar na faculdade, tava com 19/20 anos -, aí você denuncia ele”. Eu aceitei a situação, mas eu procurei evitar problemas pro cara que acabou ficando preso cinco anos, pegou AIDS na cadeia e morreu. Foi horrível pra mim, eu tive que ir mais de dez vezes na justiça, eu jovem, despreparada, foi uma situação problemática.*



Para os propósitos desta pesquisa, é interessante observar o argumento do advogado: “você é uma pessoa de família, universitária, aí você denuncia ele<sup>187</sup>”. A distinção emblemática por Blavatsky ser universitária, foi usada pelo advogado como uma representação que não apenas poderia desqualificar a acusação de tráfico feita a estudante, como também poderia reforçar a acusação sobre o traficante que era um matuto que não possuía status universitário. Apesar do desfecho trágico da situação, o sentimento de culpa de Blavatsky pela morte do fornecedor não foi convertido em vergonha social, já que o caso foi abafado, e ela continuou sustentado seu consumo com o tráfico, fortalecida e blindada pelo distintivo de ser universitária.

T.V. - *Como é que era o consumo na faculdade nesse período?*

Blavatsky - *Eu estudava na (Universidade) Católica e meu apelido era “Berlota de Ouro”, tinha uma quadra que a gente ficava fumando e quando as pessoas me viam diziam: “lá vem o baseado da melhor chegando!”. A quadra não era quadra esportiva, era a quadra comum dos maconheiros<sup>188</sup> (risos), e iam pessoas de todos os cursos pra lá.*

T.V. - *Você vendia na faculdade?*

Blavatsky - *Eu não chegava lá com uma mala, mas algumas pessoas que me pediam, pra elas e eu sempre colocava como se tivesse conhecido alguém, e eu tivesse fazendo o intermédio. Eu tinha mais de 10 clientes lá da faculdade. Ai eu já tava casada. Uma dos motivos porque eu casei foi por isso, porque meus pais não aceitavam. Eu casei pra me livrar de toda perseguição que eu tinha por ser usuária de maconha.*

Se o seu casamento funcionou como mecanismo de defesa ante a família em relação ao seu uso de maconha, a carreira de universitária serviu como camuflagem para o tráfico de Blavatsky. Para manter seu estilo de vida era preciso também manter uma estrutura de vida. Merece registro que Blavatsky buscou reduzir os riscos que sua atividade comercial poderia acarretar, colocando-se ante os clientes, não como traficante, mas como mera intermediária. Entretanto, não foi difícil perceber que o status que sua atividade lhe proporcionou – a “Berlota de Ouro” com um “baseado da melhor chegando”, - foi lembrado com vaidosa satisfação, manifesto com pulmões cheios e um sorriso expressivo. Se num extremo os controles informais podem ser

---

<sup>187</sup> - sua postura ética de incriminar terceiros para inocentar sua cliente, mereceria um outro debate.

<sup>188</sup> - a mesma quadra que foi filmada e exibida no teleprograma *Se liga Bocão!*, (pg. 140).

exercidos ativando a vergonha como mecanismo de autocontrole para que se evite transformar em hábito uma atividade de risco, por outro, a satisfação obtida com o status entre os pares foi motivacional para que Blavatsky perpetuasse tal hábito por alguns semestres. Em situações como esta não são apenas o autofornecimento e o lucro econômico que estão em jogo, como se percebe na seguinte resposta fornecida por um usuário assumidamente traficante:

T.V. – *Se você parar de traficar agora daria pra manter o padrão de vida?*

Nietzsche - *É difícil, tem um certo status também...*

Quando eu cheguei ao local da entrevista com Nietzsche em seu apartamento, ele estava despachando um cliente suíço que saiu com ares de desconfiança em função da minha presença. Durante a entrevista, Nietzsche se ausentou por cinco longos minutos para fazer uma entrega de cocaína para um policial civil, indicado como cliente por um amigo. Ele voltou rindo e contando ter logo visto a arma do cara por baixo da camisa. Abrindo uma garrafa de vinho Nietzsche até comentou que não se incomodava em ter clientes policiais, pois estes passavam segurança.

T.V. – *E como é fazer movimento (tráfico)?*

Nietzsche - *Surgiu desde que eu comecei a fazer uso de maconha, eu percebi que não era interessante ficar entrando em boca toda hora, e pegava uma quantidadezinha, 200 gramas, 500 gramas, dividia entre os amigos meus, fumava uma coisa boa, sem gastar dinheiro, e aí fui enveredando e aconteceu.*

T.V. - *Isso faz quanto tempo?*

Nietzsche - *Isso tem uns 12 anos. Parava, dava um tempo, voltava. Depois comecei a vender também cocaína, visando obter um lucro pra poder dar um passo pra algum lugar, e essa é minha meta.*

Um começo de carreira no “movimento” parecido com o de Blavatsky, que também não ia em boca e queria tirar o seu fumo sem ter que gastar. A categoria universitário-traficante pode até ser aqui aplicada, mas em ambos os casos, o movimento de comercialização começou antes dos dois ingressarem na universidade. A grande diferença entre estes dois casos é que neste último a comercialização não se fechou em torno da maconha e com isso os riscos e as possibilidades de lucro se tornaram maiores.

T.V. - *Você que até pouco tempo morava com sua família - ele se mudou uma semana antes dessa entrevista - como é que você administra pra não entrar em paranóia?*

Nietzsche - *Rapaz, é uma relação difícil pra porra! Administrar o usuário e o comerciante, sabe? Tem que ser administrado com o máximo de frieza, o máximo de cálculo. Nem sempre dá certo, às vezes você usa demais o que não pode usar, mas é isso mesmo.*

T.V. - *E a questão da segurança já lhe deixou paranóico?*

Nietzsche - *Já sim! Não tem como não ficar paranóico, eu sou paranóico (risos). Cê tem que se armar com todos os artifícios, cê tem que prestar atenção em todos os detalhes porque o Diabo mora nos detalhes.*

Outro ponto em comum entre Nietzsche e Blavatsky é que ao contrário do que pode sugerir o status de ser traficante e apesar dos riscos corridos, ambos buscavam uma relação com os clientes que não os reduzissem à condição de meros comerciantes, mas que os situassem como indivíduos que fazem parte da comunidade e que também são fornecedores, ressignificando assim a representação estabelecida do traficante como comerciante insensível cujo foco é exclusivamente o lucro econômico:

T.V. - *Você já teve problemas com clientes?*

Nietzsche - *Já, todo dia tem aqueles que ficam com raiva, querem romper comigo, ameaçam.*

T.V. - *Você sente medo?*

Nietzsche - *Não sinto medo não, tenho que mostrar na boa que não é assim, tenho muito problema com cliente que pede fiado, eu mesmo já fiz isso... já tomei muita porrada, você só aprende tomando porrada. Eu falo delicadamente pra mostrar que não é nada pessoal, é só business, amigos amigos, negócios à parte. Ao longo dos tempos eu consegui fazer uma agenda bem seletiva, não atendo números estranhos, sempre que eu compro chip novo, sai uma parte da agenda, eu procuro fazer essa redução de possíveis danos.*

T.V. - *Na faculdade, a galera conhece esse seu lado do movimento?*

Nietzsche - *Conhece, e tiram partido disso também porque a intenção também é essa, redução de danos, é não ter o contato com a criminalidade.*

Mesmo que possa ser interpretada como estratégia de marketing, essa é a visão que Nietzsche sustenta como representação pública de sua atividade: além de uma margem básica de lucro e status entre os pares, ele opera reduzindo os danos dos clientes por evitar que estes tenham “contato com a criminalidade” das bocas-de-fumo. Essa perspectiva de redução de danos, entretanto, não poderia ser aplicada a ele mesmo que acaba sendo a conexão entre a marginalidade e a comunidade universitária, e esse é um ponto levado em conta por sua namorada, que - como no caso da esposa de Pancho - tem restrições ao seu arriscado estilo de vida, servindo-lhe até como referencial de controle:

T.V. - *Você já disse que seu foco tá no presente, mas você pensa em ter família, filhos?*

Nietzsche - *Tenho planos sim, adoro dormir com uma costelinha do lado, tenho a maior vontade de ser pai... eu tenho preferência por mulheres mais sossegadas, de preferência usuárias eventuais, porra louca é foda! A atual é legal, trabalha, faz as coisas dela. Ela tá doida pra que eu acabe com o movimento, tenho planos de parar com isso até o final do verão, quem sabe?*

T.V. - *Se você “parar” agora daria pra manter o padrão de vida?*

Nietzsche - *É difícil, tem um certo status também, mas eu disse pra ela através de música: “por você eu largo tudo/ carreira, dinheiro e canudo”, (risos), e eu tou com outros projetos aí que vai dar poder estabilizar e manter o padrão, um projeto ligado a música e a barzinho, barraca de praia.*

T.V. - *Como você administra seu tempo já que você tem o material a disposição, você tem o controle da hora pra relaxar e da hora pra produzir?*

Nietzsche - *Tenho que ter, tem o momento que você tá usando e que você não consegue fazer nada, nem vender, o celular tem que ficar em off, é melhor porque tem dias que o celular não pára. Outro dia eu dei um grito no ônibus, eu recebi 20 ligações em meia-hora, um engarrafamento da porra...*

Nietzsche como um hedonista contemporâneo, quer viver o presente sem fechar as portas para o futuro, quer ter liberdade para escolher suas estratégias de segurança, e quer desfrutar dessa segurança para usufruir da sua busca por liberdade. Mas o preço ele já paga no presente, quando o toque do telefone pode tirá-lo do sério. Se o stress que acompanha o risco do tráfico é proporcional ao tempo de envolvimento com o mesmo,

torna-se compreensível que outros usuários que já fizeram algum tráfico esporádico tenham motivos para se mostrarem tão tranquilos, agora que olham para esse tempo enfocando-o como um passado distante:

Leila Diniz - *Eu ganhei algum dinheiro quando eu comecei a morar fora vendendo ácido. Ganhava alguns ácidos e vendia. Dois ácidos na época, R\$ 120,00, era metade do aluguel. Eu pegava seis ácidos vendia cinco, tirava dinheiro e ainda ficava com o meu pra ir pruma festa. Maconha eu geralmente comprava 250 gramas, vendia metade, aí pagava a minha maconha e ficava com o resto.*

Mozart - *Já fui em boca, já peguei quilo, já vendi quilo, hoje não faço mais isso de jeito nenhum. Já fui pro Rio, pra SP vender, não faço mais isso.*

T.V. - *e como é que foi isso?*

Mozart - *Ia vender um quilo encomendado, de busu<sup>189</sup>. Não quero nem me lembrar, é foda! O que você vai sofrer se pegarem... Embalados em folha de dendê, eu botava na bagagem dos outros. Fiz isso umas três vezes. Eu preferia pegar menos, vendia pros amigos e tirava o meu pra consumir. Eu tinha 25 anos.*

Se nesse último relato chamam a atenção tanto o intenso risco de tal empreitada quanto a estratégia defensiva de Mozart - colocar o flagrante na bagagem dos outros -, também deve ser relevante a justificativa para este envolvimento com o risco do tráfico: “Eu tinha 25 anos”. Nesse sentido, vale também ressaltar que este interlocutor foi o que entrou na universidade em idade mais tardia, 31 anos, quando os riscos da juventude não o seduziam mais. No seu ponto de vista, a carreira universitária se tornou sedutora em função de que: “É outra viagem com essa idade”. Aos 25 anos de idade Mozart ainda não havia sido “civilizado” pelos controles informais, e em retrospecto, quando ele recorda esse período de tráfico, seus olhos se arregalam enquanto leva as mãos à cabeça como se para evitar que ela caísse. Agora que Mozart é universitário e pai, ele civilizadamente tem muito mais interesse em que a maconha seja descriminalizada para que nem como consumidor ele esteja exposto a riscos.

Em números relativos, 91% da população de interlocutores acreditam que a descriminalização é uma estratégia que deve ser implementada enquanto parte de uma

---

<sup>189</sup> - busu = ônibus.

política pública voltada para a redução de riscos dos usuários. Em meio a uma população total de 22 pessoas, apenas um interlocutor se absteve de opinar a respeito, enquanto um outro se manifestou em sentido contrário a descriminalização:

T.V. - *Como você vê descriminalização, legalização e proibição das drogas?*

Krishnamurti - *Eu penso que elas têm que ser... (pausa longa) eliminadas, eliminadas. Porque tudo que a gente vê em relação a tráfico, a favela dominando a cidade por causa do dinheiro, a política praticamente toda envolvida, é que aí acontece a corrupção.*

T.V. - *E você acha possível eliminar as drogas?*

Krishnamurti - *Não, eu tenho uma visão de que aqui na Terra o que domina mesmo é a força negativa. Eu acho que não chega esse dia não.*

T.V. - *Qual a alternativa?*

Krishnamurti - *Na Europa, por exemplo, há um povo que tem nível cultural e intelectual mais elevado do que o do brasileiro, lá você conscientiza o povo pra você liberar, legalizar, aqui no Brasil é um troço mais difícil. O tráfico é o que traz corrupção para o nosso Brasil.*

T.V. - *Hoje você ainda tem contato com pessoas que usam drogas?*

Krishnamurti - *Tenho.*

T.V. - *Como é que é essa relação? Com que olhos você olha pra essas pessoas?*

Krishnamurti - *Eu não tenho nenhum preconceito, eu não tenho nem o hábito de falar: isso tá certo, isso tá errado! A não ser que a pessoa queira algum conselho, aí eu posso orientar alguma coisa. Acho que cada um tem que cuidar da sua vida.*

Se nessa última sentença Krishnamurti se disse sem preconceitos com o usuário, lá no começo ele se mostrou extremamente adverso às drogas, o que não é necessariamente uma contradição, pois a “força negativa” a qual também se refere, pode estar sendo representada pelas drogas e não pelos usuários que acabam sendo suas “vítimas”. Por esta perspectiva, as drogas reencantam o mal enquanto – como ele disse anteriormente - o enteógeno como força positiva reencanta o bem<sup>190</sup>. A força negativa atribuída às drogas ganha tamanha dimensão que, nessa interpretação da configuração sociocultural brasileira, o tráfico não é consequência da corrupção, pelo contrário, é o

---

<sup>190</sup> - é possível perceber que o reencantamento em torno da cultura das drogas ganha interpretações maniqueístas.

tráfico que conduz a corrupção. Se da população de interlocutores apenas um não formulou maiores reflexões a respeito, o restante sustenta pontos de vista bem diferenciados do apresentado por Krishnamurti.

*Buda - Eu sou a favor da legalização, acho que a maconha precisa ser legalizada, dentro de uma regulamentação seria, em que ela vai ser vendida somente em locais autorizados. O consumo não vai ser no meio da rua, as pessoas vão poder consumir só em suas casas, mas passos precisam ser dados, e o primeiro passo é a descriminalização. Acho que os usuários têm direito de plantar. Os maiores danos causados pela maconha são danos causados pela proibição dela, porque você consome substâncias de péssima qualidade, você é sujeito a riscos quando vai adquirir a substância e você é tido como criminoso.*

*T.V. - E em relação às outras drogas ilícitas?*

*Buda - Olha é complicado porque todas as drogas carregam a cultura da droga, o que foi consumido por grupos sociais associados a histórias e a personagens, como fica no imaginário de cada pessoa sobre o que cada droga causa, então fica difícil se comunicar com a sociedade como um todo sobre as drogas. No caso da maconha eu acho que já existe uma comunicação em todas as classes sociais independente do nível cultural, do nível do acesso a educação, as pessoas sabem, gerações de pais já consumiram. Mas eu acho complicado discutir a legalização de drogas sintéticas porque tem muita gente que não sabe nem o que é, o que causa. Eu acho que isto tem que ser visto a nível de saúde pública, no sentido de ver o que vai fazer pra abrigar esses usuários, pra mim essa é a questão fundamental. Reconhecer que os usuários existem, porque as substâncias são consumidas, sempre foram e sempre serão. O sistema de saúde tem que acolher essas pessoas que tem problemas e algumas necessidades.*

Os aspectos básicos aqui apontados pela argumentação de Buda giram em torno dos riscos vividos pelos consumidores em decorrência da proibição como sendo os maiores danos à saúde. Buda acredita que é preciso contextualizar as culturas das drogas antes de colocar maconha e êxtase lado a lado, pois na prática, uma descriminalização geral sem enfatizar a reflexão sobre as diferentes drogas e seus distintos *sets* e *settings* se enquadraria numa perspectiva multiculturalista, o que acaba sendo muito mais propício à propagação da cultura de consumo do que para a saúde do consumidor.

T.V. - *Descriminalizar ou manter como está?*

Mata Hari - *Eu ainda tenho algumas dúvidas quanto a isso, mas o consumo de drogas quando é problema, é uma questão de saúde e não uma questão criminal. Diminuir o tráfico ia resolver o problema de violência que rola hoje. A sociedade devia se preocupar em ser mais realista. Existe consumo, sempre vai existir consumo, é muito melhor informar, educar e tratar. Eu sou a favor de uma descriminalização gradual, muito bem pensada, começando pela maconha e partindo pra outras drogas. Quem tem dinheiro, usa. Se você tem dinheiro, droga você vai achar.*

“Se você tem dinheiro, droga você vai achar”, eis a lógica da cultura de consumo! Um problema implícito a esse raciocínio é que quem não tem dinheiro também vai desejar consumir, e aí se configura um conflito de interesses que faz do tráfico e da violência fenômenos estruturados *na* cultura de consumo e não à parte, como se excluídos incondicionalmente. Diante da remota possibilidade da erradicação das drogas, parece claro para Mata que a redução de riscos básicos está na redução da violência; seja a violência física diretamente ligada ao tráfico, seja violência psicológica ao tratar o que pode ser um problema de saúde como um problema criminal.

Tutancamon - *Eu penso que as drogas devam ser descriminalizadas, e até apóio isso, não necessariamente arregaçar tudo, mas, por exemplo, uma droga que eu vejo que é menos problemática e é mais popular, a maconha. A gente já tem experiências internacionais que mostram que isso não vai transtornar a cabeça das pessoas, e vai tirar esse ranço que a gente carrega de muito tempo que não tem nem por que. Eu lembro que eu assisti um filme sobre a história da maconha pela Superinteressante<sup>191</sup>, eu não sei há quanto tempo atrás (a maconha) era vista como coisa de outro mundo.*

Sim, a reflexão de Tutancamon é pertinente num recorte histórico de curta duração, mas se há cerca de 70 anos atrás a maconha passou a ser representada como “coisa de outro mundo”, vale lembrar que cerca de um século antes daquele período, a *cannabis* era vista como um dos produtos mais naturais deste mundo. Em 2009, só no Brasil, a ONU estima que haja cerca de 3 milhões de pessoas que consumiram/consomem a erva. Numa biblioteca, escutei uma estudante usuária comentando com uma colega não

---

<sup>191</sup> - *Maconha/Grass* (MANN:1999), o filme proibido para os universitários da UFMG.



usuária sobre a descriminalização: “Uma economista disse que se durante muito tempo muitas pessoas infringem uma lei, esta lei deve ser revista”. A conversa entre ambas ficou nesse ponto, e, enquanto a revisão da lei está sendo negociada num processo que nem sempre pode ser percebido como civilizado, Tutancamon se equivoca ao concluir que não há um porquê para que se carregue esse ranço estigmatizante sobre a maconha. Se ele assistir o filme *Grass* com mais atenção, ele poderá perceber porque.

No que diz respeito ao consumidor universitário, hoje em dia há uma representação dominante ligando seu consumo, não só de maconha, mas de drogas em geral, à individualização excessiva (Lipovetsky:2005,2006), ao descompromisso com questões sociais. Entretanto, esta representação não condiz com a realidade dos interlocutores, já que 18% deles estão envolvidos com pesquisas acadêmicas relacionadas ao consumo de drogas, e 32% estão envolvidos com redução de danos e ativismo. Num recorte reflexivo, mesmo os que não se envolvem especificamente com a temática estão preocupados com os consumidores economicamente excluídos e os estigmas que os cercam, não por uma perspectiva moral, mas sim por uma perspectiva pragmática:

*T.V. - O que você pensa sobre descriminalização, liberação?*

*Mozart - Na periferia, a galera que passa tóxico e por causa disso rouba e mata é uma minoria. Na periferia às vezes as pessoas que tão usando drogas é pra fugir daquela realidade que tá ali. Queira ou não queira, o primeiro contato que ali você tem com a droga é de fuga da realidade. Mas por outro lado se você não oferecer outra realidade pra essa galera, outro prazer, eles não têm espaço de prazer. Eu quando ia dar aula em escola pública via que eles não têm espaço.*

Nessa passagem, Mozart está se referindo à necessidade que as pessoas têm de usufruir das representações que acontecem nas esferas miméticas, principalmente quando se encontram em situação de pobreza econômica. Em seu papel de educador, ele constata que a periferia é retratada de modo estigmatizado, e que a violência nela projetada não é consensual na comunidade. O significado mais adequado aqui para “fuga da realidade” é que uma comunidade pobre que não tem pão possivelmente vai precisar de “algum tipo” de circo para sobreviver.

*Da Vinci - É mais fácil controlar descriminalizando.*

*T.V. - Por quê?*

Da Vinci - *Porque você conseguiria dar uma finalidade pra esse dinheiro (gasto para manter o proibicionismo), ser investido no social. Esse poderia ser um dos passos, investir em segurança pública...*

Lampião - *Não acho que o Estado tem que agir de maneira punitiva, tem que agir de maneira preventiva e educativa. Não só pela mudança da lei, mas pela derrubada de mitos sobre psicoativos pra sociedade como um todo. Resolveria o controle sobre a mercadoria, passaria a não ser mais mercadoria contrabandeada nem ilegal, levando às esferas legais o conseguir e o consumir, livrando da marginalização que envolve o uso e até quem não consome, mas tá vendendo. Polícia sobe o morro atrás de traficante, mas quem tá por trás deles são políticos.*

Oscar Wilde - *Eu acredito na regulamentação do consumo, porque a legalização implica numa produção em grande escala, em tributação, o que eu acho bastante importante, porque você abre a possibilidade de um controle de qualidade e tira uma série de pessoas da ilegalidade. Mas esse é um passo que eu não sei se haveria estruturas pra regimentar, até existem estruturas pra combater isso. O primeiro passo é a descriminalização que já é um passo iniciado, o segundo passo é a regulamentação do autoconsumo. Porque a cocaína já foi vendida em farmácias, a heroína também. No caso da cannabis a regulamentação do autocultivo já seria um passo enorme, reduzindo a articulação do tráfico, que se arma porque a polícia vai lá com armas pra matar a eles, então ele tem que se armar, a lógica é essa, então você começa a desarticular isso. A gente sabe do lobby das indústrias farmacêuticas que não têm interesse em descriminalizar.*

Lampião fala em “derrubada de mitos sobre psicoativos” como algo tão ou mais importante do que mudança de leis, pois enquanto representações os mitos podem ser dispositivos de controle mais fortes e rígidos do que as próprias leis. Além disso, ele sinaliza que o traficante do morro não é o ponto inicial da cadeia criminosa, é apenas um elo. Já a reflexão de Oscar põe em perspectiva uma articulação mercadológica complexa na qual o tráfico e a indústria farmacêutica não são fenômenos desconectados. Ambos os interlocutores insistem na reflexão de que o risco maior é não reconhecer que a ilegalidade gera mais dificuldades para que os controles formais sejam suficientemente eficazes.

T.V. - *Você já pensou em uma alternativa para o consumo que não o tráfico convencional?*

Hofmann - *Complexa é a lei que não permite ainda a produção. Porque conhecimento, principalmente na área de saúde, se tem, para a produção de qualquer uma dessas substâncias, seja natural ou sintética. Existem alguns produtos que são controlados exatamente pelo processo de fabricação ser proibido. Eu acredito que o governo deveria prover meios alternativos para a compra de substâncias, uma vez que já foi decretada em 2006, a descriminalização. Como pode o consumo deixar de ser crime e ainda assim a compra e a venda serem crime? Como vai o usuário adquirir essas substâncias? Onde está o governo, já que não quer o tráfico para fornecer, nem que seja cobrando uma taxa? Se ele não pode assumir não pode deixar na mão daquele que só tem interesse financeiro. Então ele não pode privar você, que não tem interesse de se envolver nem com o governo, nem com interesse do traficante, nem com a produção da substância. Tem que se propor uma outra lei!*

*Acho que se deveria, sim, propor medidas novas de como gerenciar isso, uma vez que o governo dá um passo pra frente e dois pra trás. A gente vai acabar indo pra lugar nenhum, com um regime mais totalitarista ainda, porque estamos num momento tão complexo que já tamos voltando ao discurso de proibir o tabaco, o álcool, e tentar controlar o consumo de substâncias psicoativas da população. Agora é tarja preta e não mais vermelha, a retenção da receita na farmácia. Na verdade é uma política liberal que tem uma máscara de uma política proibitiva. E não que eu seja a favor do álcool, porque eu particularmente sou contra, sou a favor da lei seca em função dos acidentes que ocorrem, e não fumo tabaco, mas gostaria de assegurar o direito de usuários de álcool e tabaco de usarem as substâncias deles.*

Hofmann fala em uma “política liberal que tem uma máscara de uma política proibitiva”, caracterizando um dispositivo de controle através do qual parece que o consumo de drogas está sendo combatido, mas está sendo apenas ressignificado. Hofmann poderia ficar calmamente no seu apartamento de cobertura colhendo os frutos de sua plantação de *skank*, mas prefere arriscar alguma inquietação reflexiva. Ele parte do ponto de vista jurídico ao afirmar que o governo “não pode privar você” de suas demandas de consumo. “a retenção da receita na farmácia” é o ônus da prova de que o governo não priva você, apenas lhe reclassifica de consumidor para cliente de um sistema especialista, o sistema médico. Pondo esta reflexão em diálogo com o que disse

Oscar anteriormente, “A gente sabe do lobby das indústrias farmacêuticas que não têm interesse em descriminalizar”, fica configurado o atual mapa do consumo. Os que dispõem de dinheiro podem se tornar os clientes com receitas para adquirir benzodiazepínicos e antidepressivos, enquanto os excluídos do mercado econômico ou *outsiders* às configurações culturais dominantes correm o risco de serem representados como falhos, por consumir crack ou maconha.

Salomé - *Acho que descriminalizar a maconha seria importantíssimo, tanto na questão da segurança quanto na questão da saúde. É uma questão urgente, tem semelhanças com a questão do aborto, não adianta proibir e fingir que isso não acontece. É uma problemática cultural, moral e não tem nada a ver com uma observação empírica, científica.*

T.V. - *E em relação a outras drogas como crack e cocaína?*

Salomé - *Eu acho que é mais complicado. No caso da cocaína numa festa outro dia, me lembro que houve uma briga por causa de cocaína e eram amigos e fazem tudo junto e tavam brigando por isso. Que alguém tinha cheirado mais carreira do que outro alguém, e quem cheirou mais foi a pessoa que deu menos dinheiro. Rolou um clima barrapesada. E o crack, tive um colega da graduação que tava usando e as pessoas se preocupavam, eu não sei como ele conseguiu sair, mas ele saiu. Do que eu vi é o mais degradante.*

No caso da cocaína e do seu derivado, o crack, foram registrados os maiores índices de rejeição ou no mínimo de suspeição, entre os interlocutores, (50%). A cocaína é uma droga que é consumida por alguns, mas é considerada por todos como portadora de grande potencial para gerar danos sociais, seja em relação à saúde ou principalmente em relação às tensões que pode favorecer entre os consumidores. Nesse ponto, a sua aquisição, por ser um bem de consumo relativamente caro, é potencialmente problemática.

Em relação à maconha, há um consenso entre os interlocutores de ser esta a “menos problemática” para a saúde entre as drogas ilícitas, e que os esforços pela descriminalização devem começar por ela. Então, o que tem sido feito nesse sentido?

### 4.3 - Os metaespecialistas entram em cena

Um bom exemplo na luta antiproibicionista é representado pela ANANDA que é um coletivo formado por pesquisadores e redutores de danos, como também por ativistas. A origem do coletivo se deu em meio à cultura universitária soteropolitana, mas seu campo de ação não se fechou nesse *setting*, na busca por estabelecer um contato frequente com a sociedade civil. Quando surgiu em 2007, a meta da comunidade era quase que exclusivamente pesquisar os usos psicoativos e não psicoativos da *cannabis*. Em função das proibições da Marcha da Maconha nos anos seguintes, quando inclusive, em função de uma liminar do Ministério Público, foi instaurado inquérito policial para averiguar se integrantes do coletivo estavam fazendo apologia e estabelecendo associação com o tráfico, a ANANDA passou, em 2009, a abraçar em sua configuração, também ativistas e redutores de danos, resultando num coletivo que objetiva, inicialmente, desenvolver uma cultura positiva dos usos da maconha. Essa busca por desestigmatização da cultura da maconha é perspectivada pelo coletivo como um processo de reparação de “um erro histórico”, o proibicionismo.

Se as carteiras de estudante de muitos dos membros da ANANDA são insuficientes para garantir que o movimento não seja representado de maneira estigmatizada, a penetração dessa comunidade para além dos espaços estudantis tem sido intensificada desde que a proibição da Marcha da Maconha em Salvador pelo segundo ano consecutivo tornou-se um marco emblemático na reflexão e ação sobre a problemática contemporânea das drogas. Vetar o direito à livre expressão dos contrários à criminalização da maconha com o argumento de que tal manifestação pública é apologética de comportamento criminoso, e que, sua propagação deveria ser restrita ao âmbito acadêmico, acabou caracterizando a academia como um espaço de pouco contato com a sociedade civil, fechado sobre si, onde tal discussão não geraria “contágio” reflexivo nos valores vigentes. No sentido contrário, buscando extrapolar os limites do âmbito universitário, a ANANDA passou a formatar seu espaço, muito mais em direção ao ativismo e à redução dos danos propiciados pela proibição - prática que a pôs em contato com a sociedade civil -, do que à pesquisa - prática que poderia confiná-la no espaço acadêmico - operando um modelo de política estudantil contemporânea na qual o contato com as contingências do cotidiano sustentam sua própria configuração.

Essa iniciativa demandou um grau de confiança e organização comunitária que resultou na operacionalização de um *blog* como ferramenta de comunicação. Neste *blog*

podem ser encontrados, além de debates de questões urgentes, como a agressão que um dos integrantes do coletivo sofreu por parte da polícia civil ao ser flagrado portando dois baseados, *links* que permitem acessar centros de atenção, defensoria pública, leis, pesquisas, entrevistas e eventos sobre a temática das drogas. Justamente num momento histórico em que várias minorias consolidam o direito de assumirem vozes públicas<sup>192</sup>, as vozes emitidas pela cultura positiva da maconha – e que muitas vezes são vozes que passam ao largo das universidades, daí a preocupação do coletivo com a “inclusividade” dos excluídos - encontraram um veículo legítimo e instrumentalizado para clamar por seu direito a inclusão. A respeito da necessidade manifesta neste movimento de configurar uma representação de inclusão dos usuários à cidadania e mesmo à cultura de consumo, um dos interlocutores que é simpatizante do coletivo, já havia sinalizado:

T.V. - *como você vê a proibição da Marcha?*

Oscar Wilde - *é o segundo ano que eu acompanho de perto e mais uma vez é algo que fere a liberdade de expressão, de livre manifestação. Pega-se a lei e interpreta-se ela de acordo com os argumentos que são mais cabíveis aos propósitos. A Marcha cumpre o papel dela mesmo não rolando, porque essa discussão já estourou na mídia.*

O que o coletivo traz para o primeiro plano da discussão é que já não há mais legitimidade para que uma interpretação sobre as leis e a representabilidade de hábitos “de acordo com os argumentos que são mais cabíveis aos propósitos” de uma comunidade com interesses contrários à questão, seja estabelecida como a Verdade histórica. Em seu ponto de vista é aí que se encontra o erro histórico. Os integrantes da ANANDA também perceberam que a Marcha já cumpriu seu papel, pois mesmo tendo sua data de realização procrastinada, a reflexividade em torno de sua proposta se consolidou em escala mais ampla do que a originalmente objetivada; algumas pessoas que não participam da cultura da maconha passaram a respeitar o movimento por não concordarem com a demonização de um debate público sobre uma questão considerada de interesse geral.

A *Marcha da Maconha 2009* foi proibida de ocorrer na data original após a Justiça acatar uma liminar do Ministério Público. O coletivo adiou o evento e nesse ínterim entrou com recurso jurídico. A ANANDA foi às ruas duas vezes para se manifestar

---

<sup>192</sup> - a Parada Gay e a Parada do Orgulho Louco já foram incluídos nos calendários culturais da cidade.

contra a proibição de se expressar peripateticamente em marcha – assim, se manifestaram parados num ponto central da cidade, para não caracterizarem a Marcha. Desse modo, conseguiram realizar uma boa troca de informação com a população em trânsito, mesmo sendo observados pelos olhos de alguns agentes da Polícia Civil – que realizou algumas detenções, mas não de membros do coletivo. Estes últimos exercitaram um certo toque de dramaticidade mimética que chamou a atenção de muitos transeuntes:

01/05 - [www.marchadamaconha.org](http://www.marchadamaconha.org)

“Portando cartazes, faixas de protesto e usando mordanças e panos pretos para lembrar o luto pela democracia, os ativistas da Ananda estiveram hoje, no Farol da Barra, manifestando-se contra a decisão judicial que impediu a realização da Marcha da Maconha”.

Nesse toque de dramaticidade emblematizado por algumas “interrogações questionadoras” fincadas no chão do Farol da Barra e por outras tantas pintadas nas camisetas dos participantes do coletivo, e principalmente, pelas mordanças autoexplicativas usadas, encontra-se o diferencial das antigas manifestações públicas majoritariamente estudantis. Na presente configuração, a reflexão operada pelo grupo foi lúdica; bocas amordaçadas têm potencial simbólico para falar muito mais alto do que vozes em uníssono entoando palavras de ordem. A representação mimética foi incorporada ao referencial de ferramentas que o grupo dispôs para dialogar com a sociedade que entende a “lei da mordança” por experiências próprias. E essa forma de manifestação chamou a atenção de muitos transeuntes que se aproximaram e foram informados do que se tratava. Há de se ressaltar que essa intervenção se configurou em torno das contingências, pois o espírito original a ser evocado para a Marcha era mais tragicômico. Dois dias antes da proibição um possível participante traçava seus planos:

*T.V. - você participaria da marcha da maconha?*

*Pasolini - eu já fui convidado (risos), por um amigo, eu vou usar a máscara de Michael Phelps (mais risos).*

Usar a máscara de Phelps<sup>193</sup> ou de qualquer outra celebridade não significa que os participantes do coletivo evitem o comprometimento da imagem para não porem em risco a própria segurança. Em 21/07/09 um e-mail circulou em algumas listas da rede mundial com as quais o coletivo mantêm contato:

Não somos anônimos, Somos a ANANDA

“Os integrantes da Ananda gostariam de deixar claro que de forma alguma têm procurado o anonimato como forma de escapar à qualquer responsabilidade. Muito pelo contrário, procuramos desde o princípio expor às claras nosso trabalho... o que não podemos admitir é que mesmo mantendo nossos trabalhos, objetivos e formas de atuação às claras, sejamos acusados de envolvimento com atividades clandestinas ou criminosas. Nosso trabalho é sério e gostaríamos de ter o mesmo nível de respeito dedicado à outras instituições que, como nós, são reconhecidas publicamente por também fazerem trabalhos relevantes nessa área temática.”

Nessa abertura ao debate público o discurso da ANANDA não se limita a ter acesso à sociedade civil, também buscando interfaces com órgãos oficiais, como a Instituição Fátima Cavalcanti de Redução de Danos, o CETAD e o GIESP, sendo que este último forneceu apoio financeiro e jurídico às Marchas. Além disso, a ANANDA<sup>194</sup> cujos membros circulam em vários setores do universo acadêmico estabelecendo uma rede de informações em vários campos, configura a categoria *metaespecialistas*<sup>195</sup>. Estes metaespecialistas na cultura das drogas buscam a superação de reflexividades que se tornaram obsoletas quanto aos sentidos e às representações sociais em curso, representações muitas vezes estabelecidas por especialistas que ao não estabelecerem contato direto com esta cultura, apenas com suas consequências negativas, operaram simplificações do fenômeno enquanto dinâmica cultural.

A estratégia dos metaespecialistas aqui focados é significar a problemática em torno do consumo como uma questão política, e não apenas deslocá-la do campo jurídicopolicial para o campo da saúde. As ações do coletivo não são realizadas sem prévias pesquisas sobre leis, efeitos das substâncias nos organismos e no comportamento social, lucratividade do mercado, etc. Desse modo, seus integrantes são

---

<sup>193</sup> - nadador norte-americano recordista olímpico com 8 medalhas de ouro em Pequim 2008 que foi fotografado fumando maconha numa festa na Universidade da Carolina do Sul (EUA), três meses após os jogos olímpicos.

<sup>194</sup> - observe-se que na enunciação desta segunda fase da ANANDA - agora a identificação completa é ANANDA: Ativistas, Redutores de Danos e Pesquisadores Associados - os pesquisadores é que passam a ser associados aos ativistas e aos redutores de danos.

<sup>195</sup> - metaespecialistas enquanto categoria é uma tentativa de superação do sistema especialista giddesiano. Nesse sentido, o metaespecialista visa estabelecer um paradigma que supere os precedentes.



sujeitos reflexivos com potencial para construir e divulgar dados que de outra forma não chegariam aos que não estão em salas de aula. Para refletir de modo engajado sobre os efeitos deletérios dos controles sociais proibicionistas, o coletivo necessitou configurar um corpo de conhecimentos que pudesse fazer frente às representações dos especialistas ortodoxos; assim a comunidade é formada por estudantes de psicologia, direito, antropologia, história, comunicação, medicina.

Mas apenas metaespecialistas não são suficientes para que a comunidade seja uma legítima representação do social. O perfil diversificado dos integrantes do coletivo é bem heterogêneo, pois além de estudantes, entre os ativistas e redutores de danos são encontrados também artistas e artesãos, o que facilita a criação de algumas oficinas que preparam o material para os eventos: faixas, cartazes, máscaras e outros materiais. Essas produções coletivas favorecem que a interação e confiança do grupo não se restrinjam apenas à realização da Marcha da Maconha e encontros formais. Cada um e todos querem levar esta atividade reflexiva para seus campos de atuação pessoal. Os integrantes se mostram entusiasmados com a receptividade e se percebe que a comunidade encontrou uma outra possibilidade de construir satisfação coletiva ao ressignificar a cultura das drogas, que assim deixa de ser apenas uma cultura recreativa e passa a ser uma cultura política com potencial para desestigmatizar um estilo de vida que até pouco tempo atrás seria publicamente representado como o fim de muitas carreiras universitárias.

Apesar da receptividade e mesmo de uma maior aproximação dialógica entre os ativistas e alguns membros da polícia civil em contato mais constante, os riscos ainda estão presentes, pelo menos no *set* de alguns integrantes. A referência evocada no coletivo foi o caso do ativista Aldo Bianzino que em 2007 faleceu na Itália em circunstâncias não esclarecidas, após ser detido e conduzido a uma delegacia por cultivar plantas de maconha com a finalidade de realizar pesquisa e produção de medicamentos. Embora as detenções que aconteceram no Farol da Barra não tenham sido acompanhadas de violência física, o fantasma dos controles formais inflexíveis ainda está presente. Se na prática a redução de danos só configura sentido para os envolvidos depois que alguns danos são vividos, a galera do coletivo legitima seu direito à segurança reduzindo os riscos de forma preventiva<sup>196</sup>. Em todos os eventos ou

---

<sup>196</sup> - e por falar em segurança, vale destacar que mais uma vez o pesquisador aqui foi lembrado de que não era 100% nativo. Após participar de uma reunião do coletivo, foi levantada a suspeita de que ele gravou o encontro sem autorização, por portar um aparelho de mp3 na cintura...

reuniões, os participantes - membros do coletivo ou não - são instruídos a não portar nenhuma substância. Diferentemente do estudante que me indagou se no curso que eu estava ministrando sobre drogas, era um lugar pra fumar (pg.139), os integrantes do coletivo elaboram rituais e sanções sobre os seus consumos de forma a não perder os controles informais sobre a situação.

Nessa busca por uma interpenetração segura com a sociedade civil, a ANANDA vai sendo configurada não como uma comunidade autônoma, mas como uma organização comunitária reflexivamente incluída, inclusiva e participativa. Assim, o que está em jogo é uma proposta mais ousada do que, por exemplo, a proposta da tribo da cena eletrônica cujo objetivo está fixado na configuração de *Zonas Autônomas Temporárias*. Na prática, O coletivo ANANDA busca *Zonas Interativas Permanentes* que garantam a possibilidade de desfrutar de valores culturais alternativos aos estabelecidos, não durante horas ou dias, mas por tempo indeterminado.

Configurando a questão política do consumo de drogas numa perspectiva nacional, este coletivo é apenas mais uma das comunidades que se organizam na luta ao redor de uma cultura positiva das drogas, e nessa configuração mais ampla, as relações de poder intercomunitárias correm o risco de reproduzir as próprias estruturas que se propõem a combater. Essa é uma interpretação possível para um e-mail aberto enviado por um dos organizadores da ANANDA em 12/07/09 para um interlocutor externo à comunidade:

a existência das tensões de certa parte do grupo que se auto-denomina "Coletivo Nacional".... pessoas que saem por aí se auto-denominando Coordenadores e Advogado da Marcha, como se fossem representantes de pessoas que não só não precisam como não querem ser representadas por outros... Todos nós sabemos dos perigos de pessoas saírem por aí dizendo que representam a Redução de danos no país, ou os usuários de drogas, seja aqui dentro ou lá fora, em outros países.

“Coordenadores e advogados” à parte, a ANANDA sugere a descentralização não apenas das representações configuradas em torno do poder estabelecido como também das ações das comunidades antiproibicionistas. Em outro e-mail remetido para uma lista de pesquisadores, o coletivo propõe que ao invés de “engessar” o movimento centralizando sua representação em uma liderança ou outra, que comece a haver um maior contato entre acadêmicos e ativistas, entre pesquisadores e redutores de danos em várias cidades do país. A lista que o coletivo fornece engloba contatos a serem feitos em Americana, Fortaleza, Brasília, Florianópolis, Rio de Janeiro, Aracaju, João

Pessoa, Cuiabá, Natal e Manaus. Segundo a mensagem, o elo de ligação entre os ativistas locados nestas cidades e os pesquisadores contatados é que, como muitos ativistas são estudantes e muitos dos pesquisadores estão envolvidos com a docência, “é possível que muitos deles já tenham sido seus alunos”.

Em setembro de 2009 o coletivo guardou uma grande vitória no currículo quando foi concedido um *Habeas Corpus* que garantiu segurança judicial para a realização da marcha. No dia 05 de dezembro de 2009 a Marcha da Maconha aconteceu. Em torno de mil pessoas estiveram presentes na manifestação, pessoas de setores distintos da sociedade – além de estudantes e professores, puderam ser identificados médicos, artistas, jornalistas e uma simpática Mãe de Santo à frente do cortejo devidamente trajada. Como uma sorridente porta-bandeira ela carregava um cartaz com os dizeres: “Contra a criminalização do usuário da maconha”<sup>197</sup>. Entre as pessoas que passavam pelo Farol da Barra naquela tarde de sábado muitas aderiram perpetuando uma representatividade heterogênea para o evento. O trânsito parou de circular por quase uma hora, mas foi perceptível que os motoristas e passageiros não manifestaram maiores irritabilidades. Alguns de dentro dos carros e ônibus sorriam e até cantavam em tom de brincadeira, as músicas que os integrantes da Marcha cantavam – *sou maconheiro/ com muito amooooor/* foi o refrão mais entoado. Alguns liam os panfletos distribuídos com surpresa, outros com ampla receptividade, mas não foram percebidas hostilizações à manifestação. O mais curioso é que os policiais enquanto agentes de controle formais não foram vistos na área - claro que meus olhos não são os mais treinados para perceber quem não quer ser percebido – mas isso não provocou pânico entre os transeuntes nem entre os motoristas que foram suficientemente pacientes para não buzinares evitando poluição sonora no bairro.

A organização da Marcha foi eficiente para não perturbar a ordem municipal – o carro de som se manteve emitindo um volume de decibéis tolerável - principalmente por que um dos mecanismos de controle propostos era que portar e usar drogas durante a manifestação seria contrário aos objetivos em pauta e esse item foi facilmente mantido, a não ser por um baseado que foi aceso por alguns artesãos que já estavam no local e se incorporaram ao movimento, mas foram rapidamente avisados pelos manifestantes da inviabilidade do ato. Os próprios manifestantes acabaram sendo os agentes de controle

---

<sup>197</sup> - de acordo com um dos organizadores da Marcha: “o lance da Mãe-de-Santo foi algo muito louco. Ela é quem nos procurou, perguntando se poderia ir na Marcha. Me mandou um e-mail! eu disse que é claro, iríamos adorar, e ela pareceu com os netinhos, a placa já pronta e toda vestida de baiana, inclusive com os detalhes verdes. Ela disse que não é usuária mas o filho é, e ela não quer que ele morra por isso”.

responsáveis pela segurança do evento. Um dos organizadores depois me informou sobre a ausência dos agentes de controle formais:

“havia poucos disfarçados, que eu saquei, mas a estratégia do governo foi justamente não mandar a PM, nem o juizado, nem a Transalvador nem a Civil, pra ver se nós íamos saber fazer o lance ou se ia dar merda. O legal é que foi mais lindo ainda sem eles, demonstrando uma boa capacidade dos maconheiros de se organizarem.”

As articulações legais e os resultados conquistados pela comunidade com fins à liberdade de expressão demonstraram que desde o começo desta pesquisa até aqui, algumas configurações foram extremamente ressignificadas. E não é apenas em função da existência da ANANDA; na cidade de Salvador é possível entrar em contato com membros da comunidade canábica *Growroom* que está na *internet* desde 2002, caracterizando-se como um sítio virtual que abriga um fórum de usuários de *Cannabis sativa* com membros na faixa etária entre 22 e 41 anos, em grande parte, brasileiros. O espaço para sociabilidade permite que os usuários debatam o cultivo doméstico, métodos de consumo, segurança, leis, e notícias relacionadas à maconha. Depois de alguns reveses, como a prisão de um integrante na cidade de São Paulo indiciado por tráfico em 2004 e a saída do ar por alguns meses em 2005 e 2006 para evitar problemas legais com justiça portuguesa, pois, a comunidade hospedava um portal lusitano que trabalhava com o mesmo tema, o *Growroom* entrou em 2010 fortalecido com as conquistas em torno da Marcha da Maconha. Pancho já respira aliviado sem medo de ser representado criminalmente como apologista, podendo afirmar com tranquilidade que a estratégia de ação mudou. Agora a exposição pública é benéfica à causa:

“Ao nos expor, pessoas ligadas à instituição de defesa da democracia, da justiça, têm nos procurado para ajudar. Atualmente o *Growroom* já conta com advogados próximos da rede em 5 capitais, RJ, SP, RS, BA e DF, 2 Magistrados no RJ e na BA e o lance só tá se ampliando...”

Também com origem em Salvador, o Coletivo *Balance* de Redução de Danos em festas de música eletrônica, vem atuando e obtendo representabilidade em outros estados. Não por acaso membros das comunidades *Growroom* e *Balance*, são interlocutores desta pesquisa - enfim, uma jovem cultura positiva das drogas vai ganhando representação tendo como referência algumas configurações nos bastidores da cultura universitária.

## V – Entre aplausos e apupos: as consequências reflexivas

### 5.1 - O consumo de maconha e seus efeitos socioculturais e mercadológicos

Sim, algumas configurações estão sendo ressignificadas e merecem destaque, até porque passaram de obscura exclusividade das páginas policiais para as manchetes das primeiras páginas. Se no começo do texto foi referenciado um coletivo de estudantes que partiu em caravana de Salvador para o Rio de Janeiro e um deles não voltou detido por tráfico de maconha, mais uma vez um grupo de estudantes em viagem para outro estado com fins a participar de um Encontro Universitário enfrentou problemas com os controles formais exercidos pela polícia. Desta vez o desfecho foi bem diferente...

Psicologia on line 27/08/09

Manifesto da Psicologia pela liberdade dos estudantes presos

*Pela garantia dos Direitos Humanos dos cidadãos usuários de drogas*

Três estudantes de Psicologia foram presos após ação policial no alojamento dos participantes do XXII Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia (ENEP), no dia 25 de julho de 2009, em Belo Horizonte.

A acusação que pesa sobre os estudantes é a de tráfico de drogas. Contudo, a condução dada ao caso não deixa claras quais foram as razões e circunstâncias que conduziram a configuração da acusação como tráfico e formação de quadrilha e não como uso de maconha.

Assim, o CFP exige, das autoridades que tomaram tal decisão, a publicização dos motivos que embasam a acusação de tráfico de drogas e formação de quadrilha. Tal exigência tem como base uma das mudanças mais significativas na nova lei de drogas do Brasil, que é a diferenciação das penas atribuídas ao uso e ao tráfico de drogas. A pena de prisão é prevista somente para os casos de tráfico.

[...] o entendimento do CFP de que o encarceramento não é solução para a reabilitação e reinserção social, atrelada a toda a discussão que vem sendo feita há anos sobre a necessidade de revisão do sistema prisional brasileiro.

O CFP defende o fortalecimento de políticas públicas voltadas para a cidadania e a saúde dos usuários, a visibilização da rede de interesses que existe em torno do tráfico e o cumprimento da lei.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA  
CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 3ª REGIÃO (BAHIA E SERGIPE)  
CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 4ª REGIÃO (MINAS GERAIS)  
COORDENAÇÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

Brasília, 27 de agosto de 2009

A diferença entre este caso e o do estudante que ficou detido acusado de tráfico em 2007 no Rio enquanto seus colegas retornaram para Salvador está na reação reflexiva. Enquanto no primeiro caso os colegas se conformaram em lamentar a “injustiça” da situação, no caso presente houve a mobilização dos colegas estudantes de psicologia e posteriormente da Coordenação Nacional dos Estudantes de Psicologia, do Conselho Federal de Psicologia e de dois Conselhos Regionais. Este respaldo institucional da comunidade de Psicologia<sup>198</sup> confere legitimidade e ampliação da reflexividade em torno da problemática. Os três estudantes que foram acusados de tráfico acabaram num primeiro plano representando a comunidade dos estudantes de psicologia que eram usuários como também num plano mais amplo, representaram a comunidade de Psicologia independentemente de seus membros serem usuários ou não. Esta comunidade se reuniu para defender seus membros da estigmatização.

A amplitude do problema dos usuários acusados de tráfico está na imprecisão da lei que leva a um impasse em relação à sua interpretação. Se em tese, a lei 11.343/06 desonera o usuário em detrimento do traficante, a definição prática de quem é usuário e quem é traficante ainda gera polêmica, pois se concentra na interpretação do agente de controle que julgar a ocorrência. Uma das contribuições mais significativas para analisar as implicações dessa imprecisão decorre da reflexividade que está sendo gerada pela pesquisa *Tráfico de Drogas e Constituição no Brasil*, realizada pelo Grupo de Pesquisa em Política de Drogas e Direitos Humanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em parceria com a Universidade de Brasília (Boiteux, Castilho, Vargas, Batista, Prado & Japiassu, 2009). A pesquisa analisou 730 sentenças no Rio de Janeiro e em Brasília, entre 2006 e 2008. Foi constatado que no Rio de Janeiro, 66,4% dos condenados por tráfico de drogas são primários, 65,4% respondem apenas por tráfico (sem associação ou quadrilha), 60,8% foram presos sozinhos, 91,9% em flagrante e apenas 14,1% estavam armados. A análise dos dados indica que a atuação da Justiça Penal acaba enquadrando os elos mais vulneráveis, ou seja, os pequenos traficantes – que não são peças centrais do tráfico, sendo rapidamente substituídos na rede de vendas. O mais problemático é que na prática também são enquadrados muitos usuários, pois apesar da

---

<sup>198</sup> - e esta mudança de postura no campo da psicologia é significativa, pois, quando estudante de graduação neste curso, estagiando no atendimento clínico no começo da década de 1990, havia uma orientação para que os estagiários não atendessem casos de usuários de drogas. De acordo com os professores que nos orientavam, este era um campo problemático que só os psiquiatras estavam devidamente aparelhados para enfrentar. Lembro que fui o único estudante a quebrar este padrão e de ter virado motivo de piada entre os colegas por este motivo.

nova Lei de Drogas em tese ter desvinculado o usuário da pena de cárcere, o artigo 33 não é claro na diferenciação entre o usuário e o pequeno traficante.

Eis um risco ao qual estão expostos não apenas os três estudantes acusados em Belo Horizonte, mas inclusive, muitos usuários que não terão Conselhos ou Coordenações Nacionais para lutar por seus direitos. Nesse sentido, alguns intelectuais estão buscando alternativas para forjar a reflexividade das esferas governamentais. Um exemplo dessa vertente é representada pela *Comissão Latino-americana sobre Drogas e Democracia*, formada pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, ao lado de mais dois ex-presidentes, Cesar Gaviria da Colômbia e Ernesto Zedillo do México, e de alguns intelectuais e escritores como Vargas Llosa e Paulo Coelho. O objetivo desta comissão é propor uma mudança de foco para encarar a problemática das drogas, não mais representando-as necessariamente como caso de polícia e sim como caso de saúde pública. Começando pela maconha, a proposta da comissão estuda a descriminalização de sua posse, seguindo uma lógica explicitada na seguinte matéria:

Maconha: é hora de legalizar? (Época on line, 13/02/09).

As conclusões da comissão seguem a lógica fria dos números e do mercado. Gastam-se bilhões de dólares por ano, mata-se, prende-se, mas o tráfico se sofisticou, cria poderes paralelos e se infiltra na polícia e na política. O consumo aumenta em todas as classes sociais. Desde 1998, quando a ONU levantou sua bandeira de “um mundo livre de drogas” – hoje considerada ingenuidade ou equívoco –, mais que triplicou o consumo de maconha e cocaína na América Latina.

Se a perspectiva de representação a ser posta em foco é a da saúde, vale frisar que o parâmetro analítico dessa comissão é o das ciências sociais e não das ciências médicas, pois, além de serem políticos, FHC é sociólogo, e Gaviria e Zedillo são economistas. O que entrou em jogo em um período de crise econômica global como a deflagrada em 2008 foi a possibilidade de uma ressignificação da economia política emanada pelos EUA<sup>199</sup>, cujos gastos anuais com repressão às drogas somam US\$ 35 bilhões, com consequências interpenetradas no restante do planeta. Nesse recorte geoeconômico, contestando a política proibicionista que só aumentou os gastos e a própria violência que se propôs a combater, a *Comissão Latino-americana sobre Drogas e Democracia* ganha representatividade em manchete de uma revista popular como geradora de: “um

---

<sup>199</sup> - esse padrão não é novo. Como já foi indicado no item 1.7, a extinção da lei seca em 1933 ajudou a economia estadunidense a superar a crise econômica de 1929.

maior realismo no combate às drogas, sem preconceitos ou visões ideológicas, que ajudaria a reduzir danos às pessoas, sociedade e instituições”, (Época on line, 13/02/09).

Talvez não seja por acaso que em 2009 as Supremas Cortes do México e da Argentina relativizaram os controles proibicionistas, descriminalizando o porte de pequenas quantidades de drogas. Do outro lado do Atlântico, em vários países, a posse pessoal de qualquer droga já não é crime. Espanha, Portugal, Itália, República Checa, alguns estados alemães e Cantões Suíços estão gradativamente abolindo a política proibicionista. Mesmo nos países que prescrevem o uso de drogas como crime, na prática muito poucos vão para a prisão. Os que chegam a ser presos cumprem frações das penas. Na Inglaterra, onde em tese as leis são duras, na prática só 0,2% dos usuários seguem para a prisão por no máximo 3 meses. (*How drugs are being decriminalised*. Revista *Economist*, 12/11/09).

Também na América do Norte estão sendo operadas algumas ressignificações. Se no começo dos anos 1970, durante o governo explicitamente proibicionista de Nixon, 84% dos norte americanos eram contra a descriminalização da maconha e 12% a favor, hoje no governo de Obama, que vem gradativamente reconhecendo o fracasso do proibicionismo, 44% são a favor e 54% são contra (Gallup, 19/10/09). Essa mudança de posicionamento público não se dá apenas entre os cidadãos, se dá também entre as instituições mantenedoras de mecanismo de controle social. O Departamento de Justiça estadunidense anunciou que flexibilizará a luta contra o consumo da maconha medicinal nos 14 estados que o autorizam, embora a tolerância aos traficantes que tentarem tirar vantagem da lei será mínima. Para situar a questão, em Los Angeles no final de 2009, havia 80 pontos de venda de maconha medicinal. A maconha comprada com recibo – o consumidor paga uma taxa de US\$ 99,00 para ter direito a um documento que lhe dá acesso ao serviço - é remédio, enquanto a maconha comprada ilicitamente continua sendo considerada veneno. Entretanto, com esse precedente terapêutico aberto, a maconha começa a ser “desdemonizada”, e, não exclusivamente na Califórnia, já se pensa também na descriminalização da maconha não medicinal.

Uma reflexão sobre a regulamentação do consumo de maconha seja nos EUA ou no Brasil deve levar em conta o equilíbrio entre a perspectiva econômica e os riscos e danos que este consumo pode acarretar à saúde. Usuários de drogas lícitas antes com poucas sanções, como álcool e tabaco, cujos danos são muito mais dispendiosos do que os causados pela maconha, agora aprendem a lidar com controles mais rígidos. Seguindo esta mesma linha de raciocínio, se põe em perspectiva uma regulação do



consumo na qual cada droga deve ser pensada de modo específico, de acordo com suas características, ou seja, se há uma regulação maior para o consumo de álcool e tabaco, também pode haver não apenas tolerância maior para o consumo de maconha, mas uma regulação para o seu consumo. Se por um lado, os especialistas ortodoxos continuam tentando impor sanções indistintas para usuários de maconha e de crack, especialistas heterodoxos já divulgam que a maconha é tão diferente do crack quanto os antidepressivos são dos ansiolíticos. De acordo com Masur e Carlini os piores efeitos da maconha estão nos controles sociais que lhes são impostos. Segundo dizem, a:

“revista da Associação Brasileira de psiquiatria, órgão oficial dos psiquiatras brasileiros, publicou em 1987 um editorial que sugere a descriminalização da maconha” no sentido de ampliar “as possibilidades de recuperação do usuário, isolando-o do traficante e evitando sua dupla penalização: a pena social por ser um drogado e a pena legal por ser um drogado, esta última muitas vezes mais danosas do que a primeira”, (MASUR & CARLINI: 2004, 86).

No ponto de vista dos autores a descriminalização da maconha não só afastaria o usuário do circuito violento do tráfico como corrigiria o que já foi chamado de erro histórico: “não se tem comprovado ser a maconha o primeiro degrau de uma escalada para narcóticos” (idem:2004, 87). Ainda de acordo com os autores, o discurso da descriminalização em alguns setores da área de saúde não é novidade, já se insinuava desde 1980, podendo ser percebido através de um editorial do Jornal Brasileiro de Psiquiatria: “o perigo maior do uso da maconha é expor os jovens a consequências de ordem policial sumamente traumáticas” (idem:2004, 87) .

As reflexões de um ex-membro do Conselho Federal de Entorpecentes (Carlini) e de uma ex-presidente da Associação Brasileira de Estudos do Álcool e do Alcoolismo (Masur) acabam dialogando com as ciências sociais e humanas, pois chamam a atenção para o fato que:

“vários sociólogos americanos afirmam que o uso crônico de maconha, ao contrário da imagem popular, não torna os jovens alienados e estranhos, mas reflete uma rejeição do sistema social e das regras da sociedade, não indicando necessariamente uma desorganização social” (2004, 93).

Se “o uso crônico de maconha não torna os jovens alienados e estranhos”, de acordo com o que pensam “vários sociólogos americanos”, também as novas reflexões operadas por alguns setores da área médica estariam indicando que a “naturalização”

entre o uso de maconha e o desvio social já não é mais adequada? Nessa perspectiva em que o proibicionismo vai deixando de ditar incondicionalmente o que é saudável ou não, já não soa contraditório que se faça um uso terapêutico da maconha<sup>200</sup> como ansiolítico, como redutor de ansiedade. E mais, os neurocientistas Renato Malcher-Lopes e Sidarta Ribeiro no livro *Maconha, cérebro e saúde* apontam que não é só como ansiolítico que a maconha vem sendo administrada, pois se pode até relacioná-la a um modo de uso antidepressor: “há evidências de que certos usuários de maconha a utilizam como uma forma de automedicação contra depressão”<sup>201</sup> (Malcher-Lopes & Ribeiro: 2007,87). Indo além, Malcher-Lopes e Ribeiro efetuam uma investigação sobre os efeitos cerebrais e fisiológicos da maconha, desconstruindo algumas representações estabelecidas ao constatar que:

“a maconha protagoniza uma verdadeira revolução, representando uma das mais promissoras fronteiras no desenvolvimento da neurobiologia e da medicina. A descoberta dos endocanabinóides, ou seja, moléculas análogas aos princípios ativos da maconha, mas produzidas pelo próprio cérebro, é a grande novidade por trás desta guinada científica.[...] Nesse início de século XXI, acredita-se que os canabinóides estejam envolvidos na remodelação dos circuitos neuronais, na extinção de memórias traumáticas, na formação de novas memórias e na proteção de neurônios. [...] A desregulação do sistema canabinoide pode estar envolvida nas causas da depressão, dependência psicológica, epilepsia, esquizofrenia e doença de Parkinson” (MALCHER-LOPES & RIBEIRO:2007,8/9).

Enfatizando o frescor destes dados, o potencial da maconha medicinal como fonte de canabinóides exógenos é maior do que tem sido divulgado, o que abre perspectivas de mercados lícitamente lucrativos. A questão aqui posta é: que setores da sociedade vão poder consumir essa lucratividade?<sup>202</sup>

---

<sup>200</sup> - mas numa perspectiva exclusivamente terapêutica, não recreativa. Segundo Carlini em entrevista a revista da FAPESP (O uso medicinal da maconha, 17/02/10), o CEBRID (Centro Brasileiro de Estudos sobre Drogas Psicotrópicas) pautou para maio de 2010 um simpósio internacional sobre maconha com o título de “Por uma agência brasileira da *Cannabis* medicinal?”, no qual será debatida a viabilidade da maconha terapêutica no Brasil. O primeiro passo nessa direção seria a criação de uma agência nacional da *Cannabis* ligada ao Ministério da Saúde, sem a qual a ONU não aprovaria investimentos em estudos desse porte com uma substância proibida. A análise sobre a manutenção da proibição do uso recreativo da maconha estaria fora da alçada dessa agência.

<sup>201</sup> - a anandamida, um canabinoide endógeno, inibe uma maior proliferação neuronal no hipocampo, proliferação que se especula estar diretamente conectada a incidência de depressão (MALCHER-LOPES & RIBEIRO:2007,86).

<sup>202</sup> - de acordo com informações diretamente recebidas de um ativista estadunidense, há nos EUA poucos estudos sendo realizados com a planta integral em benefício de estudos com suas substâncias isoladas e puras. Assim, de acordo com o ponto de vista dos ativistas, são favorecidas pesquisas sobre os canabinóides naturais e sintéticos que podem ser produzidos por laboratórios - abordagem compatível com os interesses da "Big Pharma" (os poderosos conglomerados que dirigem a indústria farmacêutica) - e não sobre a maconha como planta que pode ser fumada - o que interessaria aos usuários recreativos e aos autocultivadores.

## 5.2 – o consumo em meio a configurações de violência

A consumação dessa lucratividade é algo que ainda deve ser investigado com mais apuro, principalmente por indicar numa direção oposta, mas diretamente interpenetrada com uma modalidade de consumo que há muito se tornou insustentável para a maioria dos cidadãos; o consumo da violência ligada ao tráfico<sup>203</sup>. O problema da violência mesmo quando não é central na estrutura de vida dos interlocutores – já que não frequentam bocas de fumo nem percebem tal aventura como romântica ou excitante – está sempre presente nas representações do cotidiano:

*Cleópatra - Um mês atrás, depois de rolarem 3 assaltos a polícia teve frequentando (o campus). Outro dia rolou um debate sobre segurança na faculdade, os PMs lá, eu sai, fui lá em cima e tava todo mundo fumando. Outro dia tinha um pessoal que não é de lá fumando, a diretora foi perguntar quem eles eram, e eles mandaram ela tomar no cú. A gente que é de lá fica vendo o pessoal que não é de lá fumando, a gente quando vê pessoal de outra unidade lá, a gente tá dando carreira neles: a gente não vai fumar em sua unidade!*

Se alguns estudantes estão preocupados com a segurança em relação a outros estudantes que “invadem seu espaço”, há também questões de segurança mais complexas que vão além da demarcação do território específico dos usuários e atingem a integridade física da comunidade universitária. Enquanto o trabalho de campo era realizado, no período de um mês a segurança da UFBA foi rompida duas vezes em situações cujas representações foram ligadas ao consumo de drogas, e uma delas na unidade referida por Cleópatra:

### *Mulher é morta na Faculdade de Filosofia (A Tarde - 21/09/08)*

[...] uma mulher foi morta com um tiro no rosto no interior do campus da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH). De acordo com depoimentos de vigilantes, três tiros foram disparados por volta das 22

---

<sup>203</sup> - é merecedor de reflexão que se entre os mais de 6.000 crimes letais que acontecem por ano no Rio de Janeiro, 65% deles (em torno de 4.000) "têm relação direta ou indireta com o tráfico de drogas", os mortos por uso excessivo não chegam a uma centena por ano. *Drogas, o real inimigo na fronteira* - (FSP,14/11/09).

horas. Os vigilantes encontraram a mulher morta atrás do prédio da secretaria dos cursos de filosofia, psicologia e ciências sociais.

A vítima carregava uma pochete com seus documentos e dez pedras de crack. A polícia não descarta que o crime tenha relação com o tráfico de drogas, mas investiga o ex-namorado da vítima, que já havia sido acusado duas vezes pela mulher de agressões.

*Tentativa de estupro em 'campus' põe em xeque segurança na Ufba*  
(Correio da Bahia - 20/08/08)

Uma multidão formada por universitários, professores e funcionários ocupou a Reitoria da Ufba, no bairro do Canela, para protestar contra a tentativa de estupro de uma estudante do 6º semestre de dança [...] o vice-reitor saiu para conversar com os estudantes e acabou admitindo que bandidos costumam entrar no campus de Ondina, inclusive traficantes para vender drogas para alunos, mas salientou que este foi o primeiro caso de estupro registrado desde 2002. “Não é novidade nenhuma que existem traficantes no campus, mas estupro é”, declarou. O acalorado debate entre os manifestantes e o vice-reitor da Ufba girou em torno de um único tema: segurança.

O primeiro desses crimes foi cometido há alguns metros do local onde a “galera do mirante” costuma se reunir para fumar maconha, mas os frequentadores afirmaram que a vítima era totalmente *outsider*, não apenas ao grupo como à própria comunidade universitária. Essa não familiaridade com a vítima minimizou os danos de um estado de quase pânico que foi instaurado no campus e talvez tivesse sido suficiente para acalmar os ânimos se um mês antes não houvesse ocorrido a tentativa de estupro, num campus que não dista um quilômetro do primeiro. Se o vice-reitor afirmou que: “Não é novidade nenhuma que existem traficantes no campus”, esse tráfico em si, até a ocorrência do sinistro, foi tolerado sem maiores preocupações quanto à segurança da comunidade.

A relação entre drogas e violência já havia sido investigada na primeira parte da pesquisa entre os professores usuários, inclusive analisando o contexto carcerário no qual um dos docentes, Esculápio, esteve diretamente envolvido. Entre o começo de sua carreira como usuário de maconha e o período em que se tornou professor, ele se envolveu com o tráfico, e como consequência de um cálculo impreciso sobre sua segurança - pois nem todo o risco pode ser controlado, por mais cálculos que se faça - foi detido pela polícia, indo parar na prisão:

Esculápio - O tráfico foi algo que se deu por questão de necessidade financeira, e ao mesmo tempo que era usuário, eu vendia. Maconha não agredia os meus valores, eu nunca venderia crack... Eu vivia muito com a

coisa da tensão. O próprio uso aumentava ainda mais minha paranóia, meu medo. Quando eu vendia, eu fumava menos. (VALENÇA:2005,144)

Ao dizer: “Maconha não agredia os meus valores”, Esculápio deixa pistas de que a condição de usuário/traficante, não foi demandada apenas por uma “questão de necessidade financeira”. Nesse sentido, seus valores são fundamentais para desenhar sua estrutura de vida<sup>204</sup>. Tendo acesso diretamente aos fornecedores, é fato que não apenas sua aquisição tornava-se mais constante – e de certa forma, mais fácil - mas também os controles informais aos quais tinha que estar atento demandavam maior responsabilidade: “Eu vivia muito com a coisa da tensão. O próprio uso aumentava ainda mais minha paranóia, meu medo. Quando eu vendia, eu fumava menos”.

Esculápio - A prisão por causa da maconha não chegou a fazer com que eu tivesse em relação a ela, algo traumático, que eu abominasse a maconha. Foi ideológico, foi algo cultural, não foi algo que condicionou de uma forma negativa a maconha. Na prisão por mais que eu tivesse informações sobre uso, foi surpreendente ver, logo nos primeiros dias, a quantidade, a frequência com que se fuma maconha. O acesso é bastante difícil e bastante perigoso. Tinha bastante contato com pessoas que tavam lá por tráfico. Lá dentro da prisão, a pessoa que chega lá, na hierarquia que é estabelecida lá dentro, de classificação, a pessoa que chega lá por ter vendido maconha, tem um valor, eles discriminam. Não há um estigma, há até um status. Há algumas nuances que faz que quem esteja lá por ter traficado maconha seja mais valorizado. Como alguns dizem que quando saíssem dali (pessoas que assaltavam) projetavam parar de roubar e passar só a traficar. Isso é interessante, que de uma forma ou de outra, passava uma certa autocrítica que muitos deles têm em relação ao ato de roubar. Houve casos até de religiosos que burlaram as restrições de seus grupos e deram uma “bolinha”<sup>205</sup> e depois voltar lá e se esconder atrás da Bíblia. É comum os presos dizerem que se faltar maconha a cadeia vira. E a segurança sabe disso. A maconha é um fator regulador das prisões. O que eu observei é que havia um pacto entre o comando dos presos e a equipe diligente, e tinha um grupo lá que dominava e recebia quilos de maconha, pra fazer o comércio.

T.V. - Você tinha vínculo com esse grupo?

Esculápio - Tinha sim. Eu me ofereci pra esse grupo para trabalhar, fazer documentos para o juiz, uma carta pro diretor. E por isso eu fiquei meio visado pela segurança que armou algumas ciladas pra mim. Por exemplo, quando eu passei pra cela especial, que ia tomar sol numa parte interna, me entregaram, só que alguém lá tinha me dado um toque, e eu tive mais cuidado. Fui muito sacaneado pela segurança pelo meu diploma. Cheguei a sair do pátio onde eu convivia com os presos de um modo geral porque até poderia morrer. (VALENÇA:2005, 146)

---

<sup>204</sup> - de acordo com o modelo pensado por Grund (1993), os elementos centrais da estrutura de vida não se limitam à disponibilidade de aquisição da substância, mas sim aos controles informais que o usuário imprime ao cotidiano, inclusive em relação a questões que não se reduzem ao consumo de drogas.

<sup>205</sup> - dar uma bolinha = fumar maconha.

Três questões sobressaem nessa fala. Primeiramente, o interlocutor realiza uma leitura crítica de que sua prisão não se deu por *causa* da maconha, mas sim por questões ideológicas, culturais, ou seja, não fazendo uma naturalização de que a maconha tem uma representação inalienavelmente negativa. Em segundo lugar, o seu registro de que no *setting* panóptico da prisão, não apenas o traficante tem um status diferenciado dos outros presos, como também as drogas são utilizadas como mecanismos reguladores da tensão, servindo para controlar a violência do cárcere tanto pelos presos quanto pela equipe diligente, num silencioso acordo tácito - o que leva a refletir se fora da prisão, de certa forma também a maconha não se aplique ou possa ser aplicada a tal objetivo<sup>206</sup>. Por fim vemos que no processo de configuração desse *setting*, o traficante desfruta de um status muito maior que um acadêmico com seu diploma, diploma que chega a ser um sinal de estigmatização, numa flexibilização de valores geralmente representados de modo estático. E as surpreendentes falas de Esculápio continuam:

Esculápio - Quando saí da prisão não ficou nenhuma sequela em relação à maconha. Foi até interessante que no dia que eu saí, saí com uma amiga e fumei com ela no carro e foi uma experiência fantástica, inacreditável e amedrontadora porque eu também senti...a prisão passa a ter um efeito...cê sente falta como se fosse um útero. Eu tive mais medo fora do que lá dentro.. como se você sentisse falta da prisão. (VALENÇA:2005,146)

Bem, aqui talvez seja possível interpretar que “Eu tive mais medo fora do que lá dentro”, tenha conexão com a prioridade que a reinserção social passa a representar para o interlocutor, isto é, a partir de então, ele deverá erguer seus próprios mecanismos de controle, para que o estigma, representado pelo seu confinamento ao cárcere, não o condene perpetuamente ao rótulo de traficante, quando estiver fora da prisão. Nesse sentido, a maior ameaça encontrava-se fora da prisão, o que gera insegurança. Ele também afirma que sua relação com a maconha não ficou marcada pela negatividade de ter sido preso em função de sua posse, assim não se tornando uma representação estigmatizada e traumática. Mas sua experiência psicoativa no cárcere não se resumiu ao consumo de maconha:

Esculápio - Tive experiências na prisão com crack, mesmo sabendo que é algo assim, nocivo, mas eu quis ter a experiência pra saber até do que eu iria falar. Eu estava na prisão quando o crack começou a ser introduzido lá. A primeira vez eu estava numa cela com muitos garotos, entrou de uma forma

---

<sup>206</sup> - como foi possível perceber na citada relação entre senhores e escravos nas entressafras das plantações da cana-de-açúcar, (item 1.7, pg.40).

muito restrita e depois passou a ser a droga mais forte lá dentro. Eu convivi com a decadência que o crack criou. Começou a facilitar a queda de alguns acordos, de um código de ética, tipo roubo. Uma vez alguém fumou e deu uma facada na bunda de outro. Alguma coisa pequena que foi extravasada. Eu fiquei num lugar lá, na lavanderia e tinha algumas pessoas, alguns ex-policiais que usavam crack, e fui assediado pra ficar dependente, ficar viciado, pra ficar preso a eles e quem fica preso prometia as coisas; televisão, etc...

T.V. - Como você lidou com a situação?

Esculápio - Eu fui rejeitando, usei algumas vezes lá dentro. Tinha um efeito, inclusive por estar lá dentro. O prazer é relacionado ao fato de você estar preso e você experimenta algumas sensações que passam a ter um significado, pelo fato de você tá preso. Mas senti que é uma coisa altamente viciante, muito fácil de criar uma dependência e fui deixando de lado. Eu usei talvez 10,15 vezes num período de 3 meses(...) Aqui fora não teria interesse em usar. (VALENÇA:2005,147)

Quando Esculápio diz que: “O prazer é relacionado ao fato de você estar preso e você experimenta algumas sensações que passam a ter um significado, pelo fato de você tá preso”, é possível que haja uma indicação de que o processo de consumo de crack, geralmente tido como autodestrutivo, seja a representação da liberdade que resta nestas específicas condições de controle social. De modo geral, se, para os que dispõem de sua liberdade, o consumo de drogas ilícitas pode trazer insegurança em função de sua ilicitude, para os presos que não dispõem de liberdade, o consumo de drogas é uma das poucas alternativas seguras de manter acesa a chama da busca por liberdade. Contudo, pensando o crack como capital cultural no cárcere, seus efeitos são representados de forma oposta aos da maconha. Enquanto a maconha, como mecanismo de controle social, tem a função de evitar que a “cadeia vire”, o crack até facilita a viração. Dialogando com Grund e Zinberg, a disponibilidade de aquisição de crack na cadeia, onde geralmente os residentes possuem mínimo controle sobre suas estruturas de vida, facilita o uso compulsivo, o que interessa aos que lucram com seu comércio. Esculápio entretanto, indica que é possível manter algum controle sobre seu uso.

Após dois anos e quatro meses vivendo nesse *setting* – o mesmo onde Buda posteriormente trabalhou como redutor de danos, também constatando que a maconha segura a “viração” - Esculápio se mostrou uma pessoa tranquila, que relatou sua experiência no cárcere sem maiores traumas, todavia, não passou despercebido que ao ser entrevistado em sua casa, tivemos que trocar de lugar algumas vezes, pois ele receava que os vizinhos pudessem ter acesso à nossa conversa. Talvez ele tivesse razão em ser tão precavido, ou talvez tal precaução fosse sequela da estrutura panóptica da prisão.

Entretanto, operar uma releitura da representação estabelecida de que maconha incondicionalmente gera violência não é o único ponto em comum observável na pesquisa efetuada entre os professores e na realizada entre os estudantes<sup>207</sup>, e mais; como no caso dos estudantes, o consumo de drogas por parte destes docentes também não representa a única diferença em relação ao estilo de vida estabelecido como dominante entre os *homo academicus*. Esses interlocutores também podem ser representados como *outsiders* por questões que vão da visão política à opção sexual, passando pelas crenças religiosas. O consumo de drogas acaba sendo seu *habitus* social mais suscetível à estigmatização, porque dentre os tópicos é o único com status de ilicitude.

Quanto ao equilíbrio entre status positivo e status negativo - ou estigma - os professores por já sustentarem uma distinção permanente, diferentemente dos estudantes que possuem uma distinção temporária, estão em posição social mais respeitável onde as responsabilidades aumentadas demandam a configuração de mecanismos de controle informais mais objetivos sobre seus consumos. A maioria (85%) prioriza uma maior divisão entre o tempo dedicado à produção e ao lazer, tempo este último onde as drogas podem gerar menos riscos, ou que pelo menos causem riscos que não comprometam tanto suas representações. Também é buscado um maior controle sobre as condições de aquisição - não há mais necessidade de se arriscarem indo em bocas de fumo já que existe a alternativa de adquirir as substâncias por *delivery*<sup>208</sup> - e maior seletividade em relação às comunidades de uso. Já a maioria dos estudantes (86%) não se sente atraída por riscos desnecessários nas horas de aquisição e uso, mas uma diferença substancial entre as duas comunidades é que a maior parte destes últimos não disponibiliza de uma renda como a dos professores que lhes permita desfrutar tanto de maior segurança no processo de aquisição - o *delivery* pode encarecer o produto em até 20% -, quanto de substâncias com melhor qualidade, que custam mais.

---

<sup>207</sup> - e esta é uma das questões que me levaram a construir objetos de estudo - tanto o professor usuário quanto o universitário usuário - que não tendam a ser naturalmente representados como integrantes de um contexto violento. O exemplo trazido por Esculápio demonstra que a conexão entre violência e maconha não deve ser pensada como um efeito psicoativo, mas sim como um efeito configuracional.

<sup>208</sup> - *delivery* = entrega em domicílio.



### 5.3 - A distinção como mecanismo redutor de riscos

É pertinente mais uma vez ressaltar que o objetivo das minhas pesquisas de mestrado e de doutorado<sup>209</sup> é investigar como o acadêmico, professor ou estudante consumidor de drogas, interage com as representações sociais dominantes e os controles sociais do processo civilizador, e se esse consumidor em suas práticas sinaliza outro(s) modo(s) de representação e de controles sociais que contemple(m) o consumo de drogas. Nessa perspectiva, interpretando sua própria distinção acadêmica como um mecanismo de controle informal, há professores que ousam disponibilizar da imagem de docente para se proteger contra o estigma de ser usuário:

Hermes - Eu consumo solitariamente, sem confusão, sou professor, isso aí cria toda uma blindagem a esse consumo. Em ambiente de trabalho tem vários professores que não consomem, colegas de trabalho que sabem que eu consumo. Há um diálogo sobre drogas e outros assuntos mais polêmicos pela própria maturidade intelectual, é um espaço que dá pra ter conversa. No senso comum um professor universitário já usufrui de status, e você associa isso, no meu caso a um consumo chamado discreto, porque eu consumo sozinho ou com alguns amigos, nunca é em nenhum momento orgiástico, tipo altos sons, (risos). A gente ouve uma música, num volume baixo, num caráter social discreto. No meu caso funciona porque todo mundo sabe, o porteiro sabe, o síndico sabe. (VALENÇA:2005,124)

O “todo mundo sabe” se traduz na segurança que Hermes acredita ter conquistado em função do status de professor, status que facilita a tolerância ao seu consumo. Também é passível de atenção o seu enfoque no consumo solitário ou com poucos pares, não mais prescindindo da antes inevitável roda de fumo como um mecanismo de defesa para favorecer certo modelo de segurança. Na outra mão, foi possível encontrar quem tenha se sentido incomodado por não conseguir usar a posição e o status de professor com vistas à ressignificar a posição estigmatizada de usuário:

Cibele - Alguns professores da universidade são meio caretas. Já ouvi coisas bem caretas de uma galera que eu fico olhando assim e eu não acredito. Professores de antropologia dizendo: “quem fuma não pensa nada de produtivo”. Eu fiquei ouvindo, mas esse comentário me incomoda e acho que incomoda outras pessoas. Na hora não tive coragem de colocar meu ponto de vista. (VALENÇA:2005,125)

---

<sup>209</sup> - ambas as pesquisas seguem o mesmo modelo teórico-metodológico.

De acordo com Bourdieu (2008), boa parte do prestígio adquirido no campo acadêmico está relacionado ao tempo de atuação. É possível que o pouco tempo de atuação na área tenha influenciado a falta de “coragem” de Cibele, pois ela ensina a menos de 3 anos numa faculdade particular, e a medida de sua coragem pode ser proporcional à sua estabilidade no emprego e a seu status no mercado. Docentes com mais tempo de experiência desenvolveram mecanismos para evitar o contato com o específico discurso “careta” de alguns professores mencionados por Cibele, se mostrando mais dispostos a estreitar laços não com colegas, mas com alunos, o que necessariamente não os livra das “caretices”:

Dioniso - Eu sei que tem alguns alunos meus que usam, mas eles são mais caretas que os professores, (risos) por mais que eles saibam que tem liberdade pra comentar comigo, porque eu saio com eles pra beber e tudo, mas eu acho que há um respeito pela figura do professor. Eu tento quebrar isso, mas eu nunca tive um aluno que tentasse. Não é muito comum esse discurso, um ou outro que a gente percebe pode fazer isso, mas não é uma prática comum.

Talvez eles possam achar que eu use, mas compartilhar isso comigo, acho que pra eles pode levar a alguma questão tipo: não cumpri minhas obrigações enquanto aluno, e ele vai associar isso ao fato de eu usar. Então talvez eles se resguardem, no meu caso, e de alguns professores lá do campus. *Eu acho que eles não têm essa imagem canônica do professor que não usa drogas.* Se rolasse essa questão na sala de aula, eu me colocaria em cima da minha própria experiência. (VALENÇA:2005,125)

Dioniso não indica claramente até que ponto sua distinção como professor facilitaria a aproximação dos alunos usuários, mas aponta que estes não abrem o jogo com ele com receio de que ele associe o consumo de maconha daqueles com sua baixa produtividade acadêmica. Mas de onde parte esta representação? Dos alunos que acreditam que alguém que fuma maconha possa ter tendência a desenvolver um baixo rendimento escolar, e na condição de usuários com baixo rendimento – o que poderia caracterizar, segundo Zinberg, o uso compulsivo - se sentem pouco confortáveis para se aproximar do professor no que diz respeito às drogas? Ou por outro lado, essa representação poderia ser originária do professor que percebe de alguma forma que o baixo rendimento escolar dos seus alunos pode ter a ver com o consumo de drogas, e acredita que eles não se aproximam com receio de que isso seja percebido? Possivelmente, para Dioniso e para outros docentes a resposta se encontra na configuração da relação e das representações que se estabelece entre as partes.

Nêmesis - Eu não fico falando que eu fumo! Eu me porto naturalmente. Eu não tenho essa coisa do pudor: ah, é meu aluno, não pode saber, não existe na minha cabeça. Agora eu me relaciono com alguns, tem um estudante que não é meu aluno que vem na minha casa e eu fumo junto sem nenhum problema. Eu não vejo isso como eu tar influenciando negativamente. É a cabeça dele, a formação dele.

*Eu não me sinto marginal, eu me sinto alternativa.* Agora também eu sei que sou muito querida, mas eu me sinto alternativa. E também eu sou rebelde, eu faço questão de quebrar. Mas é uma maneira também de eu marcar meu espaço, né? Talvez não tenha competência pra demarcar de outra forma... mas eu acho que não é não, na minha concepção eu não seria feliz se eu fosse aquele estereótipo de professora toda certinha, sabe? Na maneira de vestir, na maneira de portar, Nossa Senhora! Deus me livre! (VALENÇA:2005,126).

Nêmesis acredita e investe numa postura *outsider* como assinatura identitária, e com essa assinatura obtém apreciação positiva entre seus alunos. Nêmesis sendo rebelde “faz questão de quebrar”, marcar seu espaço, sentindo que é “muito querida”, sem ter que fazer um supremo esforço no controle de suas emoções para ser representada como uma típica estabelecida – seus longos cabelos trançados e tingidos de vermelho já fornecem uma pista. Como ela diz; seu discurso não é marginal, é alternativo. Esta autorepresentação indica que ela está consciente do seu valor e da sua estima, não se sentindo à margem. Porém há quem sustente uma postura menos rebelde na relação entre docente *outsider* e discente *outsider*, menos centrada na figura do professor e sim nas trocas empáticas entre pessoas:

Panacéia - Pelo menos em sala de aula eu procuro ter uma aproximação muito grande, uma empatia com os alunos, eu não vou tá expondo a minha vida pessoal em sala de aula, mas, a depender do aluno, acho que não impede que tenha um relacionamento pessoal, pelo contrário, inclusive eu própria tenho um envolvimento pessoal com professores, mas não... Posso sair com alunos e beber também, não tem problema não. Enquanto está no meu curso, for meu aluno tem o máximo de limite possível, mas passou a ser aluno dos outros... (VALENÇA:2005,127)

Ferônia - Eu tenho alunos que eu sentaria para fumar com eles... Um professor universitário não pode ser vulgar, mas os alunos buscam isso... Tenho alunos extremamente reacionários, maconha, nem pensar! Drogas tão sempre associadas a ser maluco.

T.V. - Maconha na universidade incomoda?

Ferônia - De jeito nenhum, eu passo pelos meus alunos lá no campus e vejo eles fumando, deitados tomando cachaça, ou fazendo nada, trocando idéias, acho extremamente saudável, não me incomoda, quando posso me aproximo, identifico quem são as figuras e há um reconhecimento étnico que é mútuo, uma aluna diz: ‘ah professora, a senhora aí e essa sua roupa hippie?’ (risos) ela faz uma identificação que não passava só pela minha roupa, passava por outras coisas que ela lia por trás daquela minha... e eu nem sou tão hippie! (VALENÇA:2005,127)

Analisando estas últimas colocações, a questão nevrálgica para uma maior interação entre professores e alunos *outsiders* parece ser as expectativas a respeito da representação do professor – expectativas que às vezes partem do próprio professor; se ele chega como “alternativo” ou mesmo se chega como “vulgar”. Os professores estão cientes de que suas representações causam impacto entre os alunos - é só lembrar que a estudante Salomé chamou a atenção para a imagem de hipócrita que pode aderir à pele de um professor que “encareitou”. A preocupação dos professores com as suas representações e com o envolvimento com os alunos é diferenciada entre os docentes que ensinam em universidade públicas e os que ensinam em faculdades particulares, pois os primeiros acreditam que há mais liberdade na universidade para exercer o papel de professor, liberdade que de certa forma, mostram-se empenhados em desfrutar, inclusive trazendo o consumo de drogas para o campo das reflexões. Já os que lecionam em faculdades particulares parecem ter um olhar mais voltado para a sobrevivência, algumas vezes sendo muito menos educadores do que funcionários de uma faculdade em busca de um salário. Neste caso, o discurso tende a cindir liberdade e segurança, e o envolvimento com alunos se torna mais controlado para evitar correr riscos desnecessários. Como diz Ferônia: “Tenho alunos extremamente reacionários, maconha, nem pensar! Drogas tão sempre associadas a ser maluco” (Valença:2005,127).

Por outro lado, aqueles que além de lecionar em universidade pública possuem um longo currículo<sup>210</sup>, já conquistaram alguma respeitabilidade para se sentirem seguros e confiantes o suficiente para incluir em sala de aula, a problemática das drogas como uma questão em que a reflexividade científica pode favorecer à desestigmatização:

Pã - Há muitos anos atrás comecei a pensar num curso sobre drogas. Todo semestre eu dou esse curso. Todo mundo acha uma boa idéia. Era uma forma de fazer um trabalho com os alunos. Embora eu não veja o curso como uma forma de prevenção, tem gente que vê assim. A melhor forma de tratar o uso de drogas é você aprofundar o pensamento sobre isso e levar as pessoas a pensar essa questão fugindo dos estereótipos. Embora meus colegas não saibam o que acontece nesse curso, todos me apóiam.

Eu estabeleço com meus alunos relações bastante amigáveis. Eu não tenho a imagem clássica do professor. Consequentemente os alunos respondem de uma forma amigável. Inicialmente eu sentia a maior hostilidade por parte dos alunos, “nós contra ele!”. Eu acho que existe bastante na universidade, de um lado os alunos e do outro os professores, *hoje não mais, porque eu tenho uma certa reputação*. E eu já vi professores com umas atitudes, que faça-me o favor! Então, quando eu começava o

---

<sup>210</sup> - associando o tempo de atuação com uma maior experiência de vida desses professores, é perceptível que as narrativas que mais aprofundaram as reflexões sobre o consumo foram aquelas realizadas por docentes com mais tempo de atuação – 50% dos pesquisados está com 15 anos ou mais de atuação.

curso eu sentia que tinha um certo tempo para desarmar os espíritos. Esse curso eu faço questão de abrir para alunos especiais. Havia psicólogos, assistentes sociais, pessoas mais maduras. *A resistência é por parte de pessoas que jamais conceberam que na academia, um professor sério pudesse dar uma aula sobre drogas que não fosse uma aula antidrogas.* Todo semestre tem pelo menos um aluno que vem esperando uma aula antidrogas, como evitar a droga. Até esse termo droga, durante muito tempo fui contra o uso dele porque ele tem uma carga conotativa muito forte. “Droga, se fosse bom não tinha esse nome!”. Uma parte do curso é pra quebrar essa visão. *Pra mim esse curso é uma das coisas mais importantes que eu faço aqui na universidade.* Eu vejo mudanças radicais nas pessoas... elas vêm falar pra mim no final do curso. *Em um ou dois casos tenho feito amizades mais ou menos duradouras. Em alguns casos surgem pessoas que pedem para eu orientá-las. Se estabelece um clima de amizade, cumplicidade.* Eu me preocupo que as pessoas vejam isso como uma disciplina séria, e é um enfoque sério, porque não se vê as drogas como uma coisa séria. Por isso eu tenho que tomar cuidado, porque se pensam que eu sou aquele professor muito louco, não vou chegar muito longe.

Eu acho que eu estou abrindo um espaço. Essa visão socioantropológica é um campo que tá começando a se consolidar. Até agora as Ciências Sociais não tem reconhecido a importância da discussão das drogas. Eu já sugeri à ANPOCS (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), um trabalho e nunca foi aceito. A ABA (Associação Brasileira de Antropologia) também não tem posição sobre isso. Entre as pessoas no ramo de saúde, eles estão começando a admitir que a discussão das drogas não deve ser feita de uma forma puramente biológica, que precisa ter uma abordagem biopsicossocial. Mas na prática, quem entende de drogas são os médicos. Agora, além dos psicólogos, também são chamados a dar sua opinião, os sociólogos, os antropólogos. Mas na sociologia e na antropologia ainda não se entendeu isso. Vem surgindo pessoas com 15 anos ou mais a menos do que eu, e é essa geração que acho que vai realmente conseguir consolidar essa discussão. (VALENÇA:2005,137)

Na busca por “conseguir consolidar essa discussão”, Pã é um docente que está pondo em prática um projeto acadêmico reflexivo sobre um tema *outsider*, projeto que muito além de ser um simples repasse de informações em sala de aula, propicia relações amigáveis, pautadas na geração de confiança. Respaldados nesta confiança, alguns alunos de Pã também esboçam projetos de pesquisa e intervenção sobre drogas levando em conta as demandas de redução de riscos e danos da sociedade civil. Precursor esse discurso herético, Pã aos poucos foi se tornando consagrado, um *outsider* estabelecido que sustenta uma “certa reputação” para realizar um trabalho acadêmico cujos resultados acabam atingindo os que estão além dos muros da academia.

Numa interlocução recente, Pã discordou que o movimento antiproibicionista que vem sendo construído entre os estudantes metaespecialistas seja algo novo, pois alguns docentes já abordavam a questão quando grande parte destes universitários ainda era criança:

Pã - *A idéia do GIESP era aqui na UFBA, na Bahia, fornecer o espaço para essa discussão. Não é nada pioneiro, pois em 89 em São Paulo, eu já participava do movimento antri-proibicionista com médicos e outros pesquisadores, como resposta à Aids. Quanto ao GIESP, das nossas reuniões informais saiu o Balance, saiu a ANANDA também.*

Se a idéia do GIESP não é pioneira, sua configuração sim. O grupo é uma comunidade acadêmica fomentada pelo CNPq, desenhando uma interface entre cientistas sociais e médicos, professores e estudantes, na busca por quebrar a barreira entre a representação estabelecida sobre drogas – em grande parte oriunda do discurso das ciências médicas – e o discurso *outsider* sobre o mesmo tema – o discurso que se constrói em meio às ciências sociais. A escritura dialógica da comunidade GIESP busca o efeito de um *phármakon* usado como antídoto para combater uma escritura considerada venenosa: o discurso proibicionista. Neste sentido, se entende a preocupação de Pã em tornar público e transparente o diálogo que se constrói no GIESP entre docentes e discentes, principalmente quando os primeiros possuem acesso a esferas de poder que os últimos não possuem: “a gente traz notícias do governo sobre política sobre drogas, talvez de forma não tão acadêmica, mas de forma mais militante, pois demos fortíssimo apoio a Marcha da Maconha”.

“Talvez de forma não tão acadêmica” estes professores e estudantes, *outsiders* estabelecidos e metaespecialistas, estejam levando questões investigadas à luz da cultura acadêmica para as ruas, onde os problemas referentes ainda não receberam soluções compatíveis.

#### 5.4 – Professores, estudantes e controles informais

É fundamental ressaltar que os vinte professores do universo investigado têm uma frequência de consumo assim distribuída: quatorze consomem drogas diariamente, cinco semanalmente e um quinzenalmente. Três destes interlocutores não percebem incompatibilidade em consumir em horário de trabalho – entre estes, há exclusão de 100% dos consumidores de álcool - seja pesquisando, escrevendo ou mesmo ministrando aula. Então é fato que o consumo de drogas pode ser considerado uma prática que tem certa regularidade, não sendo uma eventualidade entre os pesquisados – como também acontece entre os vinte e dois estudantes dos quais dez consomem maconha diariamente, outros nove consomem semanalmente, especificamente maconha e álcool, enquanto outros dois consomem ayahuasca quinzenalmente. Entre os estudantes, três não percebem incompatibilidade entre produzir e consumir. Se em meio aos discentes apenas dois usam exclusivamente substâncias lícitas – ayahuasca -, entre os docentes três consomem apenas drogas lícitas, sendo que destes, dois se referem ao álcool e um se refere à ayahuasca. Dos outros dezessete, apenas um consome exclusivamente ilícitos - especificamente maconha – enquanto os outros consomem conjuntamente lícitos com ilícitos: maconha com álcool, cocaína com álcool, maconha, cocaína e álcool ou maconha com fármacos e ocasionalmente ácido lisérgico e ecstasy – maconha com ayahuasca também consta, mas este dado não se refere necessariamente à Santa Maria, que é a maconha consumida no *setting* consagrado como religioso.

Esta prática de consumo de ilícitos não configurou consumidores paranóicos, excessivamente defensivos, pelo contrário, por não descuidarem de suas estruturas de vida, mostraram-se interessados em frisar que consumir drogas ilícitas não os fazia sentirem-se culpados por transgredir. A representação condenável do consumidor era geralmente a representação que se podia fazer do outro. Aqui mais uma vez se configura o jogo de poder onde se tende a buscar no consumo do outro uma representação *outsider*, assim legitimando o estabelecimento do próprio consumo – o que caracteriza a demanda por distinção. O que conta não é o valor econômico da droga preferencial, nem seus efeitos farmacológicos, mas sim os efeitos identificados como mecanismos de segurança da comunidade contra os de fora: “‘o desejo de demonizar os outros se baseia nas incertezas ontológicas’ dos de dentro”, (Bauman: 2001, 198). Mesmo em casos de consumidores que não se percebem como preconceituosos há estigmatizações, por exemplo, consumidores preferenciais de maconha falam mal de

cocaína: “As pessoas que cheiram são muito mais travadas, muito mais irritadas, muito mais individualistas, menos sociáveis, menos comunicativas” - *Nêmesis*, (VALENÇA:2005,168) como também falam mal do consumidor de álcool: “eu prefiro um maconheiro que um cachaceiro!” – *Têmis*, (VALENÇA:2005,133). Com a mesma intensidade, os consumidores exclusivos de álcool falam mal da cultura da maconha: “Nunca fumei (maconha), acho chato, cheira mal, acho feio o gesto, sobretudo em mulher” – *Poseidon*, (VALENÇA:2005 ,175), ou mesmo: “o que você compartilha? sobretudo o riso, né? É uma certa besteiragem, as pessoas ficam muito... sei lá... relaxadas demais, desligadas demais” - *Zeus*, (VALENÇA:2005 ,178).

Se no total houve quatorze consumidores de múltiplas drogas – geralmente maconha, álcool e cocaína -, houve uma consumidora exclusiva de maconha que não tolerava bebida alcoólica, e dois consumidores exclusivos de álcool que não toleravam maconha. Também há questões de gênero indicadas. Entre os professores investigados, sete mulheres e treze homens, 100% das mulheres se mostraram favoráveis ao consumo de maconha, enquanto três, uma delas inclusive sendo bebedora regular, fizeram várias ressalvas aos consumos etílicos. Já entre os homens, com exceção dos dois bebedores exclusivos, houve uma tendência ao consumo múltiplo.

Entre os discentes os homens consomem com mais frequência e em maior quantidade do que as mulheres. No total de interlocutores estudantes apenas dois não consomem ilícitos, sendo que entre os vinte restantes não houve maiores resistências ao consumo múltiplo. Foi perceptível que a cocaína vem sendo substituída pelo ácido e pelo ecstasy e não apenas entre os que frequentam a cena eletrônica. Dos oito estudantes de medicina, cinco se mostraram preocupados com o consumo de álcool, buscando efetivar um consumo adequadamente controlado desta substância, pois creditam ao álcool um potencial danoso maior do que o das outras substâncias que costumam consumir. Se parece haver um consumo mais seletivo de substâncias entre os professores do que entre os estudantes, também se pode perceber que o consumo múltiplo dos discentes pode oferecer mais possibilidades na busca por liberdade ao tempo em que apresenta mais riscos à sua segurança. Em meio a estes últimos, há uma maior busca por controle entre as mulheres do que entre os homens – e estas, definitivamente descartam a imagem do bebedor como uma representação de usuário que lhes seja sedutora.

Apenas para efeito analítico, pode-se dizer que a ortodoxia está sendo representada pelos docentes consumidores de drogas lícitas que nunca se propuseram a conhecer o



ponto de vista dos heterodoxos, ou seja, o ponto de vista dos consumidores de drogas ilícitas. Já estes últimos, nunca tiveram maiores dificuldades em consumir drogas lícitas como o álcool, mesmo não estabelecendo identificações mais significativas. O que se deve ressaltar é que, apesar das reservas de mercado de cada comunidade de consumidores, nenhum interlocutor se manifestou a favor da proibição do consumo do outro, mesmo que este lhe soe como *outsider* aos seus *habitus* sociais. Também na cultura das drogas parece difícil estabelecer uma relação social sem que haja um *outsider*. O ponto central é que como a convivência com as diferenças<sup>211</sup> constitui um dos aspectos básicos da estrutura antitética da cultura de consumo, ver no outro o *outsider* já não impede que estes professores mantenham com ele relações civilizadas.

Entre os professores mais experientes – 50% deles com 15 ou mais anos de carreira - há indícios de que o consumo seja identitário, sendo representado como o consumo característico de sua geração, principalmente o consumo de álcool e de maconha. Estes professores mais experientes também não têm maiores preocupações quanto à sua reputação, pois se sabem estabelecidos, principalmente no caso de consumidores de drogas lícitas. Já os professores com menos tempo de carreira preferem se manter sob o véu da discrição, sendo mais cuidadosos na administração de sua liberdade, na medida em que os mais experientes parecem já tê-la sob controle.

Considerando que não há nenhum interlocutor com menos de sete anos de consumo em relação à sua droga preferencial, é significativo o fato de 15% deles exercerem o controle não comprando o que consomem – ou se o fazem, se referem eufemisticamente ao fato como comprando para dividir com um amigo, deixando claro que a aquisição não é necessariamente fundamental para seu consumo. Observe-se que essa recusa em investir numa relação mercadológica não está diretamente relacionada com a falta de recursos financeiros, sendo especificamente um mecanismo de controle que funciona mais ou menos assim: se não é preciso comprar, é sinal que não há dependência. De certa forma, esse comportamento inverte a lógica de Grund sobre a disponibilidade de aquisição, pois a segurança aqui está em consumir sem priorizar a posse da substância.

Contudo, vale registrar que esse procedimento não anula o desejo de consumir, como salientou a docente Hécate: “eu não me sinto dependente, então eu sei que já tive momento de fissura<sup>212</sup>... ‘eu quero fumar hoje, eu quero!’ (risos). Eu acho que a maconha em mim causa fissura, sobretudo se eu tenho. Se eu não tenho, pode não acontecer”

---

<sup>211</sup> - e nesse caso as diferenças são multiculturais e transculturais.

<sup>212</sup> - fissura = desejo de fumar.

(Valença:2005,79). Já em meio aos estudantes, ter a sua própria droga é o ideal de consumo, e quanto mais possuírem, mais se sentem seguros, pois assim precisam ter menos contato com as rotas do tráfico. Os poucos estudantes pesquisados que não compram suas substâncias estão sofrendo limitações financeiras, limitações que estão acima de qualquer outra manobra para efetivar controles informais de segurança.

No cômputo geral é possível perceber que, nas configurações entre drogas e a imagem dos docentes, não são perceptíveis representações levando em conta direta e exclusivamente o consumo enquanto ostentação do *status quo*. Pã, o docente com maior poder aquisitivo e oriundo de família mais tradicionalmente estabelecida, não é consumidor de cocaína, uma droga cara e que no senso comum está associada às classes mais favorecidas. Pelo contrário, o consumo de cocaína acontece entre professores oriundos da classe média não parecendo indicar uma tentativa de distinção – uma única exceção talvez possa ser feita no caso de Príapo, o único dos interlocutores que cultivava a imagem de transgressor, saindo para baladas agitadas com alguns alunos e garotas de programa. Também perceptível é que nesta amostra o consumo de cocaína foi mais presente entre os professores gays – em 80% dos casos - o que hipoteticamente pode ter conexão com o fato destes interlocutores frequentarem mais a vida noturna, bares e danceterias, como diz Eros: “Eu geralmente uso em bares, na vida noturna que vai até de manhã, e você não vai até de manhã sem um estimulante”, (Valença:2005,151).

A predominância de orientação sexual foi distribuída em<sup>213</sup>: treze heterossexuais, cinco homossexuais, um bissexual e um não precisamente definido. Entre os estudantes dezenove eram heterossexuais dois eram homossexuais, e um bissexual. Etnicamente houve registro de três professores negros, dezesseis brancos e um mestiço. Em meio ao corpo discente foram registrados dezenove brancos, uma negra e dois mestiços. Os interlocutores que são gays e/ou negros por fazerem parte de minorias mais estigmatizáveis, buscam um maior controle sobre os riscos da exposição da imagem – como indica Salomé - o que não quer dizer que não se exponham.

Se as configurações encontradas entre os professores têm no consumo de drogas a ponta do iceberg de seu estilo de vida, estes professores trazem como reflexão que a sociabilidade em torno desse consumo é mais importante do que os efeitos farmacológicos das drogas em si. Enquanto a maioria dos estudantes que consomem drogas sobrevaloriza as suas buscas por transcendência (54%), os professores colocam a

---

<sup>213</sup> - um quadro com o perfil dos interlocutores está disponível na página 300.

sociabilidade como o aspecto central do seu consumo (60%). Às vezes em um recorte institucional, no universo dos docentes há configurações que de forma geral ajudam a ressignificar a representação da sua imagem pública, com a inclusão de *habitus* sociais até então considerados *outsider* à representação de um professor. Na esfera pública, alguns destes já não temem ser vistos, muitas vezes com os próprios alunos<sup>214</sup>, em bares, em festas ou até em atividades de fundo místico-religioso não exatamente ortodoxas.

Algumas das referências mais distintivas encontradas entre estes professores foram provenientes dos discursos dos que são pais e mães. A responsabilidade que acompanha a representação da paternidade e da maternidade parece não ser tão simples de ser ressignificada, principalmente quando os filhos passam a ter algum contato com o consumo de drogas, fazendo com que estes pais e mães algumas vezes tenham que ceder um pouco de sua liberdade enquanto consumidores de drogas, em prol da segurança da família. Se entre os estudantes interlocutores cujos pais e mães consumiam drogas, os seus pais estreitaram mais contato em relação à questão do que as respectivas mães. Já entre os professores interlocutores que são pais, a maioria procura protelar o enfrentamento da questão com os filhos, enquanto as professoras mães se posicionam de modo mais presente. Assim há mãe que não aceita certos consumos diferentes dos seus por parte do filho como também há mãe que através do consumo, seu e do filho, busca estreitar os laços. Em ambos os casos, essas mães são levadas a ressignificar seus consumos. Já no caso de mães que escondem seus consumos de seus filhos há um abalo na autorepresentação quando estas se percebem colocando a liberdade pessoal, duramente conquistada, na dependência da segurança familiar:

Hécate - Eu já tenho dois filhos, então já tive a experiência de conversar com eles... um agora tem 11 e outro tem 8. Anos atrás eu já conversei com eles. Eu disse: olha tem uma plantinha aqui que é muito especial, eu gosto muito de usar, mas lá fora as pessoas não gostam, acham que é errado e tal, tive essa conversa. Mas depois eu fiquei um pouco pirada, preocupada, pela relação deles lá na escola, como é que vai trabalhar isso, como é que eles vão pensar, porque a escola tem uma outra cultura. Então como é que ele vai dimensionar a mãe nessa outra leitura, e aconteceu muito recentemente uma coisa muito curiosa. Duas semanas atrás um amigo apareceu lá em casa com um “beck”<sup>215</sup> um dia de domingo e a gente ia fumar... e aconteceu, assim depois que ele saiu, meu filho mais velho me questionou, porque que eu tinha mentido, pois o mais novo chegou com um coleginha, então ele

---

<sup>214</sup> - a sociabilidade também é um quesito importante para as comunidades dos estudantes, mas para estes, diferentemente do que demonstram os professores, a sociabilidade não é uma questão aparte da busca por transcendência, nem mais importante do que esta.

<sup>215</sup> - beck = baseado.

perguntou: que cheiro é esse? Eu falei: é incenso. Aí ele desce e vai lá pra baixo, aí os coleguinhas perguntam: 'que cheiro é esse?' É incenso, é da minha casa, aí o mais velho me questionou: por que eu menti, que não era incenso coisa nenhuma, que ele sabia que era maconha, e por que eu tinha mentido, eu disse: 'como você sabe'? Aí ele disse: 'você mesma já me disse, (risos de Hécate) eu tenho medo, não quero que você fume mais aqui, me prometa'... aí ele começou a chorar, 'me prometa, pelo menos aqui não, porque todo mundo lá sabe, as pessoas falaram que era maconha e eu tenho medo que você seja presa'. Eu prometi que eu não fumo lá, (risos) pelo menos quando ele estiver (risos). Eu fumo constrangida achando que eu tô expondo mesmo. (VALENÇA:2005, 182/3)

Numa flexibilização de papéis, se por um lado Hécate parece que com o casamento se livrou da pressão exercida pelos pais, por outro lado, com a maternidade passou a sofrer a pressão dos filhos. A pressão já não era sentida enquanto filha, era sentida enquanto mãe, na verdade sendo mesmo duplicada, porque além de mãe Hécate é uma educadora por profissão. Nesse caso a questão que pesou na balança foi cumprir sua promessa para o filho e não fumar ou mentir e manter seu prazer. Mas Hécate não é a única interlocutora que atua sob tais pressões:

Nêmesis - Meu filho já experimentou maconha, ele não é um fumante, mas já experimentou e ele tem 18 anos. Tabaco de jeito nenhum! De jeito nenhum! A minha relação com ele é muito tranquila. Quando ele tinha 10, 11 anos ele aceitava até mais do que hoje. *O choque dele era como abrir pros amigos que tinha uma mãe que consumia drogas, a mãe e o pai.* Ele chegou a dizer pra mim: 'sabe qual é o seu problema? É que você fuma', um dia ele brigando comigo ele disse isso. 'Sabe qual é o problema de meu pai? É que ele fuma'. Agora já tá muito mais tranquilo, mas quando eu ouvi isso a minha rebeldia, que eu sou uma pessoa rebelde, bateu. Eu não acredito que meu filho tá dizendo isso, né? Se ele vê isso como uma coisa negativa... a gente (eu e o pai) já chegou a conversar com ele. Eu disse: 'sabe qual é o seu problema? É que você é careta' (risos). Não tô fazendo apologia às drogas, mas cê vê que é um pouco isso. Pra você ver que era o momento também. Quando ele chegava da escola, quando ele era menor, ele não queria ver o cheiro, ele dizia: apaga, apaga, apaga, meus amigos estão chegando. Ele fazia um pouco o avião entre eu e o pai, ele levava maconha pro pai.

T.V. - Você se sentia culpada?

Nêmesis - Nunca me senti culpada, nunca, nunca, porque era uma coisa muito aberta. Não teve essa de ah, eu não devo fumar, de jeito nenhum. Eu já soube que ele experimentou, eu falei: 'você pegou da minha', ele falou: 'eu comprei pra fumar com meus amigos, não peguei da sua' (risos).

Como eu agiria em relação a meu filho se ele tivesse acesso a ácido? Sabe que eu não sei... Sabe como eu agiria? Eu sou uma mãe tradicional. Eu sou tão aberta num sentido, mas eu sou caretérrima. O dia que ele falou que tinha bebido eu virei a fera, (foi quando ele ia fazer 17 anos). Eu gritava: 'de jeito nenhum. Só quando você tiver 18 anos e tudo mais'. (VALENÇA:2005,184)

Se a mãe de Nêmesis ficou chocada quando soube que ela fumava maconha, Nêmesis também ficou chocada quando soube que seu filho consumiu bebida alcoólica, contudo, ela não pensou em internar seu filho como pensou sua mãe em relação a ela. De uma geração para outra, o receio materno em relação ao consumo de drogas ainda existe, o que mudou foi a substância em questão. Enfim, estabeleceram-se relações ambivalentes entre filhos usuários que passaram a ser pais e agora revivem a problemática das drogas nas relações com seus filhos. Sendo que doze integrantes do grupo de professores são pais, três destes são pais de filhos usuários. Entre estes, dois fumam maconha ocasionalmente com seus filhos. Já entre os estudantes apenas um deles – Mozart - é pai e em *settings* familiares controla seu consumo em função dessa paternidade. Os outros vinte e um estudantes não estão preocupados com a questão da paternidade nesse momento de suas carreiras – dezoito deles estando na faixa dos 20 anos – pois a construção de suas identidades, diferentemente de seus pais não se estrutura tendo a geração de filhos como valor básico.

As configurações familiares são cenários por excelência para a transformação da intimidade (Giddens, 1992), principalmente quando são perspectivadas relações mais reflexivas e solidárias. Estes, porém, não são os únicos cenários em processo de transformação. Numa cultura de consumo, o *setting* religioso também adquire nuances variadas muitas vezes num movimento de reencantamento de configurações comunitárias que sustentam valores religiosos ortodoxos. As novas religiões urbanas, sejam neopentecostais sejam new age, se apresentam historicamente como dissidências de estruturas religiosas tradicionais<sup>216</sup>. Numa cultura cada vez mais mimética, estas novas manifestações de religiosidade interpenetram o campo acadêmico onde podem ser encontrados adeptos e estudiosos das citadas práticas, flexibilizando a laicidade da ciência. O discurso religioso, que nos anos 1960 foi rejeitado em larga escala tanto por universitários quanto por usuários de drogas como uma perspectiva social estabelecida que foi imputada de forma dogmática, pôde reflexivamente vir a ser ressignificado – a fé como fruto da escolha e não como fruto da falta de escolha.

Nereu foi um dos quatro interlocutores professores que buscou essa ponte entre a ciência acadêmica e a fé. Se de certo modo ele demonstrou procurar um controle

---

<sup>216</sup> - e como fenômenos concretizados numa cultura de consumo que merecem referência é *mister* citar a pentecostal Igreja Bola de Neve frequentada por artistas, universitários e praticantes de esportes radicais - com liturgias embaladas ao som de rock e reggae - e a católica Igreja Maradoniana que cultua o pop star do futebol Diego Maradona como um Deus, contando com uma comunidade de mais de 100 mil fiéis espalhados pelo mundo, (globoesporte.com:01/09/09).

pragmático sobre o consumo de drogas, ao entrar na abordagem da questão religiosa, manifestou uma maleabilidade quanto à sua demanda por controle:

Nereu - Eu não conheço outras drogas, agora eu usei muito a ayahuasca, usei jurema também, uma experiência muito semelhante à ayahuasca. Foi uma descoberta, porque foi num contexto religioso, tem toda uma carga emocional, uma expectativa grande. A potência da substância é incomensurável com um baseado, mexe profundamente com seu inconsciente, entra em contato com regiões interiores de uma forma muito intensa e prolongada. *Na primeira vez que tomei, no caso era o Daime, foi o contato com a espiritualidade, eu fiquei tocado com o reencontro com a religiosidade.* Eu tive uma formação católica, acreditava em Deus até entrar na adolescência, não tinha uma prática religiosa, mas tinha um sentimento de respeito. Com a adolescência fiquei ateu, totalmente materialista. *Hoje penso que o lugar da religiosidade é o lugar do mistério.* O Daime também foi através de amigos, lá na Chapada (Diamantina), tomei na mata, num ritual. É a coisa de contato com a natureza e sentir o corpo. Nesse período continuei fumando maconha de maneira lúdica, sem problema nenhum... aliás, acabou dando um certo significado... a experiência com a maconha mudou, mexer com estados de consciência não é brincadeira. A partir de uma consciência maior do que eu estava fazendo quando eu estava usando um psicoativo, eu passei a ter um respeito maior pela maconha. Ela tem que ser usada de uma maneira que me faça bem. Tenho curiosidade de conhecer o ecstasy, eu acho que uma ou duas experiências não mataria ninguém não. Faltou oportunidade, também eu não quero sair atrás. (VALENÇA:2005,189/90)

As experiências com o Daime favoreceram que Nereu reencantasse a sua leitura de alguns valores ligados ao catolicismo, inclusive configurando a religião em sua vida como “o lugar do mistério”. Essa possibilidade de fusão de uma estrutura religiosa com o consumo de uma substância psicoativa indica como alguns interlocutores podem estar mais próximos de significar a cultura do Daime enquanto procedimento reflexivo, do que concebê-lo como fruto da fé cega, quando a entrega muitas vezes oblitera a reflexividade.

Pã - Quando o Daime surgiu eu pensei: se eu tenho que participar de alguma religião tem que ser essa. Tem os sacramentos, tem um chá que parece ácido e tem a cannabis também. (VALENÇA:2005,193)

Essa fala indica que um nicho de tradição permaneceu pulsando no *set* do interlocutor até que ele pudesse estar integrado num *setting* em que ambas as possibilidades, o estabelecido – “os sacramentos” - e o *outsider* – “um chá que parece ácido e tem a cannabis também” – não causassem conflitos internos e melhor, sem a pecha de uma cultura marginalizada, pois ao dispor “sacramentos” e “psicoativos” num mesmo *setting*, Pã pode estar indicando a superação do “desvio”: o consumo de sacramentos que se enraízam num processo comunitário mantendo um aspecto que propiciava

segurança às culturas tradicionais que é o pertencimento, não é uma representação incompatível com o consumo de psicoativos que “dão asas” à busca individual por liberdade e satisfação. Nessa configuração mimética, o *setting* estabelecido favorece a geração de confiança em torno dos sacramentos, sem que sejam castradas as possibilidades de satisfação. Vale ressaltar que o *setting* ayahuasqueiro congrega 20% do universo docente pesquisado.

Pude constatar esta estruturação de confiança comunitária quando participei de um ritual daimista – onde foram trabalhados hinários de cura e de chamada – ritual realizado em uma praia de Salvador. Havia cerca de 120 participantes na celebração que aconteceu entre as 21 horas de um sábado e às 6 horas da manhã seguinte. Em meio à condução tranquila do processo com os participantes entoando cânticos melódiosos acompanhados por jovens músicos afinados, foi possível verificar a harmonia comunitária. Pã e Nereu entre os professores, Oscar Wilde e Mata Hari entre os estudantes, eram alguns dos interlocutores que estavam presentes, entre vários outros professores e estudantes de psicologia, medicina, história, antropologia, sociologia, etc.

Um aspecto que merece registro é que entre pessoas que geralmente não estabelecem grandes laços comunitários quando no *setting* acadêmico, aconteceram aproximações num nível além do meramente diplomático. Alguns professores e estudantes permaneceram unidos até nos lugares em que sentaram durante horas. Nesse recorte houve ligeira inversão dos “lugares de poder”; certos estudantes se mostraram muito mais ativos na condução do processo; ajudando outros a realizar os procedimentos, fazendo música, ao passo que os professores estavam mais centrados nas suas viagens, introspectivos. Os cantos entoados repetidamente e a permanência durante mais de oito horas seguidas em processo litúrgico foram atividades miméticas que propiciaram um sentido comunitário ao efeito do enteógeno<sup>217</sup> que vigorou até o raiar do dia.

---

<sup>217</sup> - embora a ayahuasca tenha sido retirada da lista de substâncias proibidas em 1987 se restringido seu uso ao sentido comunitário de um *setting* religioso, sua despenalização continuou sendo bastante criticada, a ponto de sua condição precisar ter sido ratificada em janeiro de 2010 pelo CONAD (Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas). Em março deste mesmo ano, o assassinato do cartunista Glauco, líder da Igreja daimista Céu de Maria em Osasco (SP), por um jovem usuário psicologicamente instável que passou por três faculdades sem ter êxito em nenhuma delas, reacendeu a polêmica. O debate que ganhou representação midiática foi construído em torno da relação entre substâncias psicoativas, religiosidade e violência, pois segundo testemunhas, o acusado frequentava a Igreja para se curar da dependência de cocaína e chegou a vender maconha para comprar a arma do crime, além de ter assassinado também o filho de Glauco e posteriormente na fuga ter ferido um policial. De acordo com o pai do acusado, foi a partir do consumo de Daime que sua personalidade tornou-se mais confusa – conversas com plantas, afirmações de que seu irmão era Jesus, etc. De estabelecida, a cultura daimista foi acusada de ser o problema para alguns usuários potencialmente problemáticos, voltando a ser representada como cultura *outsider*.

## 5.5 - Recursos miméticos para reencantar a realidade cotidiana

Se práticas religiosas ganham espaço, alguns professores consideram que entre as atividades que são facilmente associáveis com o autoconhecimento e a busca por transcendência, as práticas esportivas não merecem maiores investimentos. As atividades – e suas representações miméticas - eleitas por estes geralmente não buscam um maior controle sobre o próprio corpo, mas sim uma liberação da mente ou do espírito, e nesse sentido, quando tais atividades não são de ordem terapêutica ou religiosa, cumprem uma função sexual. Diferentemente, os estudantes acreditam que os controles exercidos em relação ao próprio corpo são importantes para a configuração do bem-estar e da busca por felicidade. Eles investem em esportes (nove deles) e exercitam a sexualidade sem a compulsividade do descontrole de limites que marcou a juventude de alguns professores mais velhos - lembrando aqui que os discentes Zumbi e Cleópatra negaram as representações dominantes sobre as manifestações da sexualidade na cena eletrônica (pgs. 202 e 204).

Já quando o ponto de referência são os demarcadores tradicionais da cultura ocidental, a proximidade entre as duas comunidades foi maior. Foi observado que os professores são consumidores de um capital cultural musical, cinematográfico e literário em grande parte centrado nos anos 1960: Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, The Beatles, The Rolling Stones, Dylan, Joplin, Buñuel, Godard, Fellini, Glauber, Kubrick, Garcia Marques, Huxley, Leary, e alguns autores que despontaram nos anos 50 como Sartre, o pessoal da *Beat Generation* e Jorge Amado. Vários estudantes também abraçaram doses de capital cultural configurado nos anos 60; de The Beatles e Caetano a Huxley, Leary e Castañeda, passando por Godard e Fellini. Estes autores construíram obras que puseram e ainda põem em xeque o patamar de valores culturais “naturalizados” como tradicionais e se foram inicialmente representados como *outsiders*, com o passar do tempo ganharam status como estabelecidos.

As significações para o consumo que professores e estudantes operam passam pelos efeitos farmacológicos das drogas, mas não se limitam a estes. Por exemplo, os professores consumidores exclusivos de bebida alcoólica afirmam claramente estar em busca de sociabilidades, já que o grande prazer desses bebedores é beberem acompanhados, muito mais do que simplesmente beber – inclusive Poseidon não leva bebida para casa, pois seu lugar de sociabilidade é no barzinho. A professora Panacéia, consome seus antidepressivos e ansiolíticos sozinha, para posteriormente se sentir mais



apta a encarar o convívio social, seja para trabalho, seja para lazer. O estudante Buda afirma claramente que o consumo de maconha está lhe proporcionando novas possibilidades de relacionamento. Este sentido de consumo tanto para professores quanto para alunos passa longe da representação do usuário de drogas como aquele que troca o Outro pela droga. Aqui o perceptível é que o consumo de drogas pode facilitar a participação em um contexto comunitário, e este parece ser o objetivo comum para a maioria dos interlocutores.

No caso dos professores que estão com mais de 40 anos (65%), atualmente o momento de uso ganhou outra significação, pois a mudança de *setting* cultural não limitou as possibilidades de consumo às estruturas comunitárias estabelecidas no passado. Se nas rodas de fumo de duas décadas atrás eles buscavam segurança uns nos outros, hoje já não dependem tanto dessas rodas para afastar os riscos, sendo comum o consumo solitário. Quando frequentam novos círculos de consumidores, às vezes incluindo colegas e alunos, o fazem não tendo a droga como elemento central, mas apenas como um catalisador que integra pessoas com valores próximos. Alguns inclusive, indicam que consumir drogas já foi um critério de seleção para se estabelecer vínculos, mas hoje tal critério não procede, pois há “caretas” que consomem drogas, da mesma forma que há “doidões” que não consomem.

Com estes emparelhamentos de dados configurados entre professores e estudantes é possível refletir sobre os controles informais disponibilizados por estes acadêmicos como estratégias redutoras de riscos, destacando seus manejos da distinção acadêmica na ressignificação das representações em torno de suas imagens. Com este objetivo foram aqui emparelhados algumas práticas miméticas centrais utilizados em seus estilos de vida para reencantar as tradições cotidianas – os novos *habitus* sociais referentes a sociabilidade comunitária que retroalimenta valores tanto familiares quanto religiosos. Enfim, dados que põem em foco algumas representações que caracterizaram o *homo academicus* na sua vivência do processo civilizador em sua atual configuração enquanto cultura de consumo.

## 5.6 - Reflexões finais

As conexões de sentido entre uso de drogas e reflexões acadêmicas não são novidades apesar do estranhamento que estas interpretações ainda podem proporcionar. No livro "A Farmácia de Platão", o filósofo Derrida indica que no período clássico da cultura grega o conceito de *phármakon* sustentava uma maleabilidade de sentidos, inclusive podendo ser interpretado tanto por remédio quanto por veneno. Já na França do começo da década de 1970 quando o livro foi publicado havia uma tendência hermenêutica dominante em representar o *phármakon* exclusivamente como remédio, pois, o vocábulo veneno guardava proximidade com o vocábulo droga, que estando interpenetrado a valores considerados subversivos, se encontrava politicamente estigmatizado. Derrida resgata a percepção de que uma característica fundamental do *phármakon* é não estar naturalizado enquanto substância, não sendo necessariamente remédio ou veneno. Contudo, a questão central é que o conceito na antiguidade não era aplicado exclusivamente às substâncias psicoativas<sup>218</sup>, mas também às escrituras, documentos que àquele período eram produzidos exclusivamente pelas mãos dos frequentadores das academias filosóficas<sup>219</sup>.

Se, interpretando Derrida, a escritura – ou o produto do conhecimento em condições materiais de consumo - pode ser contemporaneamente representada também como um *phármakon*, a Universidade e especificamente as Ciências Humanas são o campo comunitário que representa por excelência o local da produção de escrituras. Nesse sentido, quando acadêmicos – professores e/ou estudantes – elegem discutir publicamente com a sociedade a possibilidade das drogas poderem ser significadas como remédios, não estariam indicando também que a própria cultura acadêmica pode ser um *phármakon* agindo como antídoto contra o veneno da cultura proibicionista?

Talvez a possibilidade de interpretação da comunidade acadêmica enquanto *phármakon* forneça um sentido a informação de que a primeira manifestação pública pela descriminalização da maconha no Brasil tenha acontecido na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 1976 (Henman & Pessoa:1986).

---

<sup>218</sup> - Aristóteles denominava *phármakon* o prazer curativo proporcionado pelas atividades miméticas, (ELIAS & DUNNING: 1992, 101).

<sup>219</sup> - nas atividades acadêmicas que caracterizaram o período, o uso de substâncias psicoativas fazia parte da cultura da temperança: "Epicarmo considerava a lírica incompatível com a sobriedade, e Simónides pensava o mesmo em relação a comédia", (ESCOHOTADO: 2008, 151). Em relação ao consumo de vinho Platão aponta em *As leis* que este: "permite a alma adquirir pudor, e ao corpo a boa saúde e a força" (ESCOHOTADO:2008, 152).

Ainda no final dessa década, estudantes de Ciências Sociais da UFRJ editaram o jornal de teor antiproibicionista, *O Patuá*. Também foi emblemático o Primeiro Manifesto Brasileiro pela Legalização da *Cannabis* que ocorreu na Faculdade de Filosofia da PUC de São Paulo no começo da década de 80, assim como o Primeiro Simpósio Carioca de Estudos sobre a Maconha, o “Maconha em Debate”, que teve curso no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ (Gabeira:2000,42/43). Estes debates foram direcionados para refletir publicamente sobre as implicações da política proibicionista. Seguindo tal linha reflexiva, a escritura dos coletivos antiproibicionistas - que não é representada necessariamente pelos seus escritos, mas pelos seus atos - também configura o efeito de um *phármakon* usado como antídoto para combater os efeitos deletérios da escritura proibicionista. Quanto a isto, os professores, que se mostraram mais dispostos a se comprometer com a corrente pesquisa do que os estudantes, sustentam representações a respeito do que seja política bem mais tradicionais que os discentes, que por sua vez configuram política em sintonia com o que Giddens chamaria de política de vida.

Se por um lado alguns professores estão mais envolvidos em projetos de pesquisa e intervenção já na sua base ligados as Instituições como o próprio CETAD, a REDUC (Rede Brasileira de Redução de Danos), e a ABORDA (Associação Brasileira de Redutoras e Redutores de Danos), do *Nós-grupal* da comunidade estudantil surgiram iniciativas que acabaram ganhando o apoio posterior das Instituições. É o caso de projetos como o Coletivo ANANDA e o Coletivo *Balance* de Redução de Danos, autênticos antídotos antiproibicionistas. É importante salientar que 50% dos interlocutores presentes estão incorporando estratégias de redução de riscos e danos ao seu estilo de vida cotidiano. Entre os acadêmicos da Grécia Antiga, o que determinava se o consumo era representado como consumo de remédio ou de veneno era a capacidade de cada um dos consumidores para exercitar o controle – controle que na época era chamado temperança - sobre o próprio consumo. Hoje, o que poderia oferecer a medida desse consumo ser representado como controlado ou compulsivo é a capacidade por parte do consumidor para a incorporação do *habitus* social da redução de riscos e danos enquanto estratégia civilizatória.

O modelo proibicionista que encontrou apoio nos puritanos desde o século XIX vem desde então interpretando a temperança como abstinência. Os presentes interlocutores

interpretam o autocontrole enquanto busca por equilíbrio<sup>220</sup> entre excesso e abstinência, entre os riscos de um consumo compulsivo ou descontrolado por um lado – ausência de segurança – e por outro, de uma repressão ao consumo – ausência de liberdade. Em última instância o discurso proibicionista além de soar utópico no que diz respeito às demandas do consumidor, segue em rota de colisão com os resultados de estudos contemporâneos sobre a problemática desse mercado. Se em 2009, a maconha parece ser uma solução para Estados falidos como uma nova fonte de impostos, como na Califórnia, já se falava sobre essa possibilidade há alguns anos:

“o Prêmio Nobel de Economia de 1985 - Milton Friedman - e membro do conservador Instituto Hoover, na Califórnia, encabeçou uma lista de 500 economistas enviada ao presidente George W. Bush e aos membros do Congresso norte-americano que pedia a legalização da maconha. Ele baseia seu pedido no estudo recém-divulgado de um economista de Harvard que calcula que a medida economizaria US\$ 14 bilhões por ano ao país. Friedman apóia a medida por razões econômicas, mas também morais. ‘Nos últimos mil anos, nunca houve uma morte por overdose de maconha’, disse o economista norte-americano em entrevista exclusiva à Folha, repetindo um argumento que milhões de adolescentes do mundo sabem de cor”, (FOLHA DE SÃO PAULO, 19/06/05).

Também no campo jurídico, há setores que já não fazem do discurso proibicionista uma unanimidade estabelecida, levando em conta que a cultura contemporânea privilegia a liberdade individual e a esfera privada, sobremaneira:

“[...] quaisquer que sejam as penas previstas ou aplicadas, a gravidade maior da política proibicionista revela-se na indevida intervenção do sistema penal sobre a liberdade individual, a intimidade e a vida privada dos consumidores, desrespeitando garantias fundamentais do indivíduo, que são inseparáveis do Estado Democrático de Direito e estão asseguradas na Constituição Federal brasileira. (KARAM: 2003, 49).

Em campos tradicionalmente estabelecidos enquanto ortodoxos nas humanidades, como o econômico e o jurídico, há debates em curso sobre a adequabilidade e a legitimidade de não reduzir as drogas à classificação de veneno que deve ser proibido. Num recorte macrosociológico, O antiproibicionismo vem sendo concebido como a grande redução de danos sociais que alguns setores desses dois campos investigam, por

---

<sup>220</sup> - no modelo cultural grego, e não só entre os acadêmicos, o uso dos prazeres era moralmente recomendável para os que buscavam uma boa saúde (Foucault, 2006).

mais distintas que sejam suas visões de mundo, como um mecanismo de controle social alternativo em relação aos atuais mecanismos de controle. Essa perspectiva está ancorada na tese de que no estado de direito, onde o indivíduo tem liberdade legal para com seu corpo, a sociedade não pode violentá-lo em nome da segurança do próximo:

Ter em sua posse drogas qualificadas de ilícitas para seu consumo pessoal ou consumi-las em circunstâncias que não tragam perigo concreto, direto e imediato para outras pessoas, são condutas privadas, que estão situadas na esfera individual, isto é, em um campo de atividades que diz respeito, unicamente, à intimidade e à vida privada de cada um. Faz parte da liberdade, da intimidade e da vida privada de cada um a opção por fazer coisas, que pareçam para os outros – ou que até, efetivamente, sejam – erradas, “feias”, imorais ou danosas a si mesmo”, (KARAM: 2003, 49).

Nos dias de hoje fazer coisas “que pareçam para os outros” “erradas, ‘feias’, imorais ou danosas a si mesmo” pode ser interpretado como ameaça à segurança coletiva, mas esse é um risco que acompanha a busca por liberdade individual. Esta perspectiva não seria interpretada na Grécia Antiga como um conflito: “No uso dos prazeres [...] as regras morais às quais os indivíduos se submetem são muito distantes daquilo que se pode constituir uma sujeição a um código bem definido”, (Foucault: 2006, 52). Em outras palavras, entre os gregos “uma sujeição a um código bem definido” era estar sob o olhar público e proceder de acordo, era aceitar o sentido desse olhar sem sentir maiores estranhamentos, porém, longe desses olhares, não existiam limites para o uso dos prazeres. As fronteiras do controle social iam até onde os olhos e ouvidos da comunidade podiam captar. Não era imputada a vergonha ou a culpa aos que na privacidade usavam seus corpos para obter prazer. Nesse cenário, a temperança demandava levar em conta não apenas o próprio *set* do sujeito, mas principalmente a sua adequabilidade ao *setting* no qual se encontrava para operar os controles informais: “Pode-se reconhecer, na reflexão sobre o uso dos prazeres, o cuidado com uma tripla estratégia: a da necessidade, a do momento e a do status” (Foucault: 2006, 52). Como resultado da implementação desta estratégia a temperança pode ser hermenêuticamente definida como o limite entre o uso controlado e o uso descontrolado dos prazeres.

Na cultura de consumo, o *phármakon* e a temperança são categorias ainda relevantes para pensar as drogas, tanto que as estratégias gregas de controle dos prazeres não são muito diferentes das estratégias de redução de danos que atualmente muitos interlocutores buscam praticar. E mais; num plano teórico, ao considerar o momento e o

status como estratégias fundamentais para a configuração da temperança, é possível ver que o *setting* postulado por Zinberg segue no mesmo sentido. Num plano prático, quando estas estratégias não são postas em curso, por exemplo, no consumo de crack que é o *phármakon* atualmente representado como puro veneno, se estabelece um *setting* de intemperança.

O crack é cada vez mais representado como o veneno das cidades grandes, propiciando o status de exclusão aos intemperantes que se incluem no seu consumo. O estudante Garrincha continua tentando expurgar esse *phármakon* venenoso do corpo, e os meios encontrados o levaram mais uma vez para uma internação – involuntária – junto a uma Instituição religiosa. De acordo com o seu relato – e ele afirmou que muitos outros internos pensavam como ele –, os processos de cura empregados pelas instituições religiosas que atuam no combate às drogas não acusam mais os usuários de não terem fé – como faziam os puritanos no século XIX –, pois por não possuírem-na são os “escolhidos” para receberem-na na Instituição. Com a devida temperança, Garrincha e seus colegas poderão receber doses de fé como um remédio que expurgará de seus corpos o veneno das drogas: “eu não podia assoviar uma música que não fosse cristã!”. Nesse *setting*, a abstinência é o modelo de temperança proposto como objetivo, e abstinência não apenas de drogas, mas de valores *outsider*:

*Garrincha - Eu fui levado pra uma internação em SP. Durou um ano, na verdade foi contra minha vontade porque eu não quis ficar e neguinho me pegou a força e me jogou numa fazenda em São Carlos. Foi uma onda contra a minha vontade, isso até hoje eu tenho aqui... sei lá [...] mas ter de trabalhar pro cara, trabalho físico, tive que aguentar questão de ser subordinado lá dentro, sem ter argumento e ter que tar adaptado a filosofia deles, aquela coisa cristã”.*

Se as Igrejas que buscam a abstinência dos usuários descontrolados representam as drogas como *phármakons* venenosos, os adeptos dos cultos ayahuasqueiros concebem a ayahuasca como “o remédio”, reencantando o *phármakon* como cultura positiva. A temperança dessas comunidades ayahuasqueiras se mostra quando seu enteógeno é utilizado ritualisticamente para curar os usuários do veneno das outras substâncias. Num sentido mercadológico, já se pesquisa as possibilidades de associar legalmente a ayahuasca à perspectiva médica, terapêutica, como está acontecendo com a maconha.

Enfatizando a perspectiva mercadológica, à exceção de um único interlocutor – justamente um que atualmente só consome sua substância como “o remédio” -, todos os outros participantes da pesquisa acreditam que a política proibicionista acaba sendo o veneno que agrega violência ao consumo. Como apontam alguns interlocutores estudantes de medicina, em acordo com a política proibicionista há remédios que comercializados licitamente não agregam violência física ao consumo, mas podem sedimentar o processo desse consumo como uma relação muito mais de poder do que de saúde entre os consumidores que confiam no sistema especialista representado pelos médicos, e os profissionais que representam tal sistema.

*Buda - Há um consenso de que antidepressivo e ansiolíticos não são drogas, são remédios. Receitar um destes hoje é normal, porque você sabe que muitos médicos trabalham juntos com os laboratórios. Nos EUA se um médico não adota os consensos da indústria farmacêutica (consenso para prescrever medicamentos em praticamente toda consulta), pode ser processado pelos pacientes que vão ali pra receber alguma prescrição e não para ouvir conversa. Querem fazer o mesmo por aqui.*

Se os médicos passarem a ser processados por não prescrever, não apenas as relações de poder estarão invertidas se comparadas à década de 1920 quando os doutores estadunidenses corriam o risco de serem processados por prescrever, como também se entenderá um dos motivos que levam muitos estudantes de medicina à depressão nos dias de hoje. Já foi mencionado que midiaticamente alguns sistemas especialistas em saúde representam a depressão como a enfermidade da contemporaneidade, (Whitfield: 2005, 127). No Brasil, onde a depressão ‘atinge’ 17 milhões de pessoas, cerca de 10% a 12% da população, entre 2003 e 2007 houve, como já indicado na nota 123, um aumento de 40% nas vendas de antidepressivos (FSP:12/11/09), gerando uma fatura em torno de US\$ 320 milhões anuais. O crescimento desde mercado é tão distinto que o laboratório Eli Lilly que perdeu a hegemonia do setor<sup>221</sup> que liderava com o *Prozac*<sup>222</sup>, preparou uma estratégia de divulgação do *Cymbalta*, - o *phármakon* de ponta da nova geração de antidepressivos - entre médicos de diversas áreas: “Nossos representantes visitarão profissionais de todas as especialidades que hoje também receitam

---

<sup>221</sup> - com a quebra da patente, 26 versões genéricas ou similares ao Prozac (fluoxetina) foram lançadas no território nacional desde 2001.

<sup>222</sup> - o Prozac teve uma queda nas vendas, passando o faturamento de 2,6 bilhões em 2000, para 250 milhões em 2009 e especificamente no Brasil, de 330 mil caixas para 100 mil ([www.antidrogas.com.br](http://www.antidrogas.com.br)).

antidepressivos, como oncologistas, ginecologistas e clínicos gerais”, relata a diretora de marketing e vendas da empresa (Veiga, 2004). Essa cultura da medicalização vem estabelecendo uma ampla rede de clientes que se sentem à vontade para escolher por conta própria o *phármakon* para seu sintoma:

“A era Prozac permitiu que os antidepressivos pudessem ser usados por pessoas de diferentes idades e pelos mais diversos motivos. Há quem tome Prozac para evitar a ejaculação precoce, uma vez que um dos seus efeitos colaterais é justamente baixar um pouco a libido. (www.antidrogas.com.br)

Para Jorge Pagura, ex-secretário de Saúde da prefeitura de São Paulo e neurocirurgião do Hospital Albert Einstein, esse comportamento seja por parte do consumidor ou dos médicos não acarreta riscos a segurança. “O importante é que as pessoas tenham bem-estar e se aliviem das tensões que as acometem no dia-a-dia”, (www.antidrogas.com.br). Esta banalização do consumo já chegou ao conhecimento público:

*Vício em remédio supera abuso de drogas ilícitas (FSP:25/02/10)*

Um relatório com dados de 2009 divulgado ontem pela Junta Internacional de Fiscalização a Entorpecentes, ligada à ONU, revela que houve um crescimento no abuso de medicamentos, que, em alguns países, tornou-se mais comum do que o consumo excessivo de drogas ilícitas como heroína, cocaína e ecstasy juntas.

Remédios como benzodiazepínicos (tranquilizantes), analgésicos opioides e anfetaminas (como os inibidores de apetite) estão entre os mais usados para esse fim -em doses acima ou para fins diferentes do recomendado. Muitos são de tarja preta, mas podem ser comprados na internet, contrabandeados ou falsificados.

Segundo os interlocutores estudantes da área médica, esse é o discurso corrente no *setting* das escolas de medicina. Não fugindo à perspectiva, alguns estudantes relatam que vêem suas drogas de escolha como substâncias ansiolíticas, outros como antidepressivas e essa é a cultura positiva das drogas que encontra espaço para consagrá-las como remédios. Por sua vez, os professores se mostraram menos resistentes em consumir fármacos acreditando em seu poder de cura e assim o fazem, como bem demonstra Panacéia que não se constrange por deixar sua vitrine de medicamentos na sala de estar, ao alcance dos olhos de qualquer visita. Numa cultura de consumo onde as pessoas dispõem de ferramentas que aliviam as tensões do dia-a-dia, é possível interpretar que as celebridades Michael Jackson e Heather Ledger não foram



vítimas de erros médicos ou de suicídios acidentais, foram pessoas que tentaram aliviar as tensões e pagaram com a própria vida o consumo dos seus *phármakons* escolhidos. Muito além da tendência de propagação da representação da maconha medicinal, os *phármakons* estão muito bem configurados na cultura de consumo...

Se, no começo desse projeto, foi proposto como objetivo apreender como o universitário consumidor de drogas interage com as representações sociais dominantes e os controles sociais civilizatórios, e se esse consumidor sinaliza outro(s) modo(s) de representação e de controles sociais que contemple(m) o consumo de drogas, a constatação final é de que o crescente nível de reflexividade, configurado em torno de informações consumidas incessantemente, afeta as comunidades de universitários aqui enfocados de modo que novos *habitus* sociais são incorporados em seus estilos de vida.

Estes interlocutores convivem num *setting* cultural onde gradativamente há mais controles formais e informais para o consumo de álcool e tabaco; mais tolerância para o consumo controlado de maconha, principalmente o medicinal; menos tolerância e mais representações estigmatizantes quanto aos riscos e danos associados ao consumo de cocaína e crack, além da normatização do consumo prescrito de fármacos com efeitos psicoativos e da distinção da ayahuasca pela sua crescente representabilidade não exatamente como ingrediente religioso, mas como um *phármakon* terapêutico. Não apenas convivem pois, como demonstra a reflexividade em seus estilos de vida aqui levantados, estes interlocutores são partes ativas desse processo de mudança de valores e representações, às vezes apoiando, às vezes combatendo. Dentro dos seus *settings* acadêmicos, seus *sets* pessoais também permitem ressignificar modelos de relação, buscando estreitar laços de confiança e interpretando a sua comunidade universitária como uma família eletiva, escolhida em adequação com sua “liberdade de opção”.

Em suas políticas de vida que, em comparação com os movimentos culturais dos anos 1960 envolvendo estudantes e drogas, configuram um cenário mais democrático<sup>223</sup> onde novas representações ou ressignificações são estabelecidas, como no caso das milenares estratégias gregas para controlar o uso dos prazeres atualmente interpretadas como estratégias de redução de danos. Estes sujeitos estão formando novas representações quanto ao que pode ser relacionalmente interpretado como estabelecido ou *outsider*, incluído ou desviante, saudável ou patológico, jovem ou adulto, professor e

---

<sup>223</sup> - embora o pessoal da UFMG e do Coletivo Marcha da Maconha possam discordar.

estudante, e ainda os limites dos controles sociais que a política proibicionista propõe, como também quanto aos limites da autonomia que a cultura universitária sustenta.

Como as mudanças de representações observáveis não se limitaram ao consumo de drogas - para manter seus estilos de vida, os sujeitos precisam configurar uma estrutura de vida e torná-la representação -, estes interlocutores desenvolveram novas significações para as relações que envolvem confiança, amizade, sexualidade, política, religiosidade, e o papel social do universitário e de sua cultura. A representação final que se estabelece é que, ao buscar investigar as drogas e seus consumos, foi possível ter contato com configurações de pessoas reflexivas antes apenas representadas, às vezes de modo estigmatizado, como meros consumidores. Eis a questão!

FIM

### *Post-Scriptum I*

No mais, que a escritura *Consumir e ser consumido, eis a questão!* enquanto *phármakon*, não seja relegada a fazer esquecer, nem condenada ao esquecimento.

## *Post- Scriptum II*

Após a conclusão da redação desta tese, alguns fatos ocorreram e merecem registro. A batida policial na Cracolândia em São Paulo no dia 25/02/10 visando eliminar das ruas, os usuários de crack, se mostrou uma ação de controle social falha. A polícia civil recolheu 250 usuários, para horas depois liberá-los, pois, não houve planejamento para atendê-los na unidade da prefeitura correspondente (G1:25/02/10). O ganho social deste episódio foi o aumento do estigma em torno destes usuários, além de fragilizar a imagem de um projeto da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo que conta com 400 profissionais de saúde para tratar da questão. E não apenas no Brasil acontece tal desrespeito pelo processo civilizador, pois na China e na Indochina – em países como Camboja, Vietnã e Tailândia – o tratamento dispensado aos usuários vem recebendo monitoramento do *Human Rights Watch*, tamanha a violência com que aqueles são tratados: No Camboja, os usuários parecem ter sido destituídos de seus direitos básicos: “Em um relatório publicado em janeiro, a *Human Rights Watch* descreveu em detalhes abusos ocorridos em 11 centros gerenciados pelo governo, que incluíam choques elétricos, surras, estupros, trabalho forçado e doações de sangue forçadas.” (G1:28/02/10). A *Human Rights Watch* já havia constatado em janeiro de 2010 que na China, qualquer dos centros de detenção obrigatória de usuários “colocava-os em risco de sofrer abusos físicos e realizar trabalhos forçados sem remuneração”. O Vietnã sustenta uma rede de centros de terapia para usuários de opiáceos que está usando uma droga à base de ervas para desintoxicação, sobre a qual, segundo um especialista em dependência química da OMS em Phnom Penh, não existe nenhuma informação sobre a sua eficácia nem sobre seus efeitos colaterais. Na Tailândia em 2003, cerca de 2.800 pessoas suspeitas de tráfico foram executadas a tiro, (G1:28/02/10).

. Estes fatos indicam o quanto a democratização do debate sobre o consumo de drogas ainda está longe de ser conquistada e enquanto isso muitos continuarão pagando com a própria liberdade e até com a vida, o preço da busca por uma porção de felicidade. A condição de desviantes através da qual estes últimos usuários são representados é diferente da dos universitários *outsiders*, mas não é independente da mesma. O que ambos os grupos almejam é o direito de correr o risco de investir em específicas doses de felicidade oferecidas na corrente cultura de consumo. Quanto às consequências deste risco, esta é uma questão para os acadêmicos debaterem por anos e anos...

## Perfil dos interlocutores

Interlocutor(a)	Idade	Gênero	Formação	Titulação	Instituição	Atividade Remunerada
Cleópatra	22	F	História	Graduanda	Pública	-----
Salomé	25	F	História	Mestranda	Pública	Bolsa de estudo
Leila Diniz	21	F	Ciências Sociais	Graduanda	Pública	Bolsa de estudo
Mata Hari	28	F	Medicina	Residente	Privada	Bolsa de estudo
Blavatsky	32	F	Ciências Sociais	Doutoranda	Pública	Bolsa de estudo
Lampião	26	M	Medicina	Graduando	Pública	Bolsa de estudo
Rimbaud	22	M	Ciências Sociais	Graduando	Pública	Comércio
Pancho Villa	28	M	Ciências Sociais	Graduando	Pública	Bolsa de estudo
Oscar Wilde	25	M	História	Graduando	Pública	Pesquisa
Zumbi	32	M	Comunicação	Doutorando	Pública	Bolsa de estudo
Marley	20	M	Informática	Graduando	Privada	-----
Nietzsche	29	M	Filosofia	Graduando	Pública	Comércio
Mozart	37	M	Música	Graduando	Pública	Entretenimento
Buda	25	M	Medicina	Residente	Privada	Bolsa de estudo
Tutancamon	25	M	Medicina	Residente	Privada	Bolsa de estudo
Garrincha	28	M	Comunicação	Graduando	Privada	-----
Picasso	27	M	Medicina	Residente	Privada	Bolsa de estudo
Einstein	25	M	Medicina	Residente	Privada	Bolsa de estudo
Da Vinci	25	M	Medicina	Residente	Privada	Bolsa de estudo
Krishnamurti	33	M	Administração	Graduando	Privada	Comércio
Pasolini	27	M	Medicina	Residente	Privada	Bolsa de estudo
Hofmann	24	M	Biologia	Pós-graduando	Privada	-----

  

Interlocutor(a)	Droga(s) preferencial(is)	Tempo de uso	Gasto mensal com consumo <sup>224</sup>	Frequência de uso	Classe	Com/sem filhos	Raça
Cleópatra	Maconha	9 anos	50,00	Diário	Média	Sem	Branca
Salomé	Maconha	3 anos	0	Semanal	Média	Sem	Negra
Leila Diniz	Maconha/ecstasy	6 anos	0	Diário/mensal	Média	Sem	Mestiça
Mata Hari	Álcool	13 anos 19	100,00	Semanal	Média-alta	Sem	Branca
Blavatsky	Ayahuasca	anos <sup>225</sup>	0	Quinzenal	Média	Sem	Mestiça
Lampião	Maconha	9 anos	80,00	Semanal	Média	Sem	Mestiça
Rimbaud	Maconha	6 anos	70,00	Diário	Média	Sem	Branca
Pancho Villa	Maconha	13 anos	50,00	Diário	Média-baixa	Sem	Mestiça
Oscar Wilde	Maconha	12 anos	100,00	Diário	Média	Sem	Branca
Zumbi	Maconha/cocaína	19 anos	300,00	Diário/semanal	Média	Sem	Branca
Marley	Maconha	3 anos	+/- 50,00	Semanal	Média	Sem	Branca
Nietzsche	Cocaína/maconha	12 anos	0	Diário/diário	Média	Sem	Branca

<sup>224</sup> - gasto referente às drogas no geral e não apenas em relação à droga preferencial.

<sup>225</sup> - este tempo de uso não se limita ao tempo de uso da ayahuasca (4 anos), mas sim ao tempo de uso de qualquer droga lícita (como álcool e fármacos) ou ilícita.

Mozart	Maconha	19 anos	100,00	Diário	Média	Com	Mestiça
Buda	Maconha	6 anos	60,00	Diário	Alta	Sem	Branca
Tutancamon	Álcool/maconha	5 anos	120,00	Semanal	Média	Sem	Mestiça
Garrincha	Crack/cocaína	15 anos	-----	-----	Média	Sem	Branca
Picasso	Álcool	10 anos	500,00	Semanal	Alta	Sem	Branca
Einstein	Álcool	8 anos	500,00	Semanal	Média- alta	Sem	Branca
Da Vinci	Álcool	8 anos	600,00	Semanal	Média- alta	Sem	Branca
Krishnamurti	Ayahuasca	18 anos <sup>226</sup>	0	Quinzenal	Média	Sem	Branca
Pasolini	Álcool	7 anos	180,00	Semanal	Média	Sem	Branca
Hofmann	Maconha	8 anos	150,00	Diário	Alta	Sem	Branca

---

<sup>226</sup> - situação similar a da nota anterior.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. Abramo, Helena Wendel & Branco, Pedro Amauri Martoni (Orgs.). S.P.: Editora Fundação Perseu Abreu Abramo, 2008, p.37/72.

ADIALA, Julio Cezar. *A Criminalização da Maconha no Brasil: ensaio sobre racismo e drogas*. R. J.: Instituto Universitário de Pesquisas do R. J., Série Estudos n° 52, 1986.

*Alunos da USP de Ribeirão Preto invadem prédio contra veto a festa com álcool*. In: Folha on line, 09/10/2009.  
Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u635772.shtml>>

AQUINO, Ruth. & MENDONÇA, Martha. & FERNANDES, Nelito. & NUNES, Walter. & PEREIRA, Rafael. *Maconha: é hora de legalizar?* In: Época on line, 13/02/09. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI26753-15228,00-MACONHA+E+HORA+DE+LEGALIZAR.html>>

BARCELLOS, Caco. *Abusado. O dono do morro Dona Marta*. R.J.: Editora Record, 2003.

BAUDELAIRE, Charles. *Os Paraísos Artificiais: o ópio e o poema do haxixe*. Porto Alegre: L&PM, 1982.

BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. *A Liberdade*. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

\_\_\_\_\_. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. R.J.: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. *Globalização: as consequências humanas*. R. J.: Jorge Zahar, 1999.

- \_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. R.J.: Jorge Zahar Editor, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Resíduos Modernos das Nações*. In: Folha de São Paulo, Caderno + Sociedade, 29/11/03.
- \_\_\_\_\_. *Comunidade*. R.J.: Jorge Zahar Editora, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Amor Líquido*. R.J.: Jorge Zahar Editora, 2004.
- BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. *Modernização Reflexiva*. S.P.: Editora UNESP, 1997.
- BECKER, Howard. *Outsiders: studies in the sociology of deviance*. New York: The Free Press, 1997.
- \_\_\_\_\_. History, culture and subjective experience – *An exploration of drug-induced experiences*. In: *Journal of health and social behavior*, n 8, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Uma Teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BENJAMIM, Walter. *Haxixe*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BEY, Hakim. *TAZ: Zona Autônoma Temporária, Anarquismo Ontológico e Terrorismo Poético*. SP.: Editora Conrad do Brasil, 2001.
- BIRMAN, Joel. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. R.J.: Civilização Brasileira, 2006.

BOITEUX, Luciana. & CASTILHO, Ela. & VARGAS, Beatriz. & BATISTA, Vanessa. & PRADO, Geraldo & JAPIASSU, Carlos. *Tráfico de Drogas e Constituição no Brasil*. RJ: UFRJ/UnB, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. S. P.: Editora Perspectiva, 1992.

\_\_\_\_\_. *Homo Academicus*. Madrid: Siglo XXI Editores, 2008.

\_\_\_\_\_. Esboço de uma teoria da prática. In: *Pierre Bourdieu*. ORTIZ, Renato. (org.) –São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. *A distinção. Crítica social do julgamento*. S.P./R.G.S.: EDUSP/Editora Zouk, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

*Brasil ainda é Visto como um País Corrupto*. In: *Jornal A Tarde*, 20/10/04.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. O tempo e o espaço no mundo estudantil. In: *Sociologia da juventude*. DE BRITTO, Sulamita. (Org.). R.J. Zahar Editores, 1968.

BRENNER, Ana Karina, DAYRELL, Juarez & CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. Abramo, Helena Wendel & Branco, Pedro Amauri Martoni. (Orgs.). SP. Editora Fundação Perseu Abreu Abramo, 2008, p.175/214.

BUARQUE de HOLANDA FERREIRA, Aurélio. *Novo Dicionário Aurélio – Século XXI*. R.J.: Editora Nova Fronteira, 1999.

BUCHER, Richard. *Drogas e Sociedade nos Tempos da Aids*. Brasília: UNEB, 1996.

\_\_\_\_\_. *Drogas e drogadicção no Brasil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.



BURGIERMAN, Denis Russo. *Maconha*. São Paulo: Editora Abril, 2002.

BYCK, Robert. *Freud e a Cocaína*. R.J. Editora Espaço e Tempo, 1989.

CABRAL, Renata. *A depressão dos jovens médicos*. In: Istoé Independente, n° 2070, 15/07/09. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2070/artigo143897-1.htm>>

CANEVACCI, Massimo. *Culturas extremas. mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. R.J.: DP&A Editora, 2005.

CARLINNI-MARLAT, Beatriz. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem. In: *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. Abramo, Helena Wendel & Branco, Pedro Amauri Martoni. (Orgs.). SP: Editora Fundação Perseu Abreu Abramo, 2008, p.303/322.

CARNEIRO, Henrique. *Filtros, mesinhas e triacas: as drogas no mundo moderno*. S.P.: Xamã MV Editora, 1994.

CARVALHO Neto, J.; ALMEIDA Filho, N.; REGO, R.; SANTANA, V. Prevalência de consumo e de drogas ilícitas em uma amostra populacional de Salvador, Bahia. In: *Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria - APAL* 9(4): 131-139, 1987.

CHASIN, Alice A da Matta. & LIMA, Irene Videira de. Alguns Aspectos Históricos do Uso da coca e da cocaína. In: *Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, vol.1, n°1, out, 2008.pg-33-44.

*Chega ao Brasil o Prozac versão Semanal*. In: Folha on line, 06/09/01. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0609200109.htm>>

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. R.J.: Editora UFRJ, 1998.

COELHO, L. *Farmácias Virtuais são Nova Frente do Tráfico* In: Folha on line. 03/03/04. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0303200408.htm>>

COHN, Gabriel. A Sociologia de Weber. In: *Balanço do Século XX, Paradigmas do Século XXI: Fundadores do Pensamento no Século XX*. São Paulo: TV Cultura, 14/07/05.

COHEN, Stanley. *Folk Devils and Moral Panics: The Creation of Mods and Rockers*. London, MacGibbon & Kee, 1972.

COSTA, Márcia Regina. Culturas juvenis, globalização e localidades. In: *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. Costa, Márcia Regina & da Silva, Elisabeth Murilho (Orgs.). S.P.: Editora PUC-SP, 2006.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues. In *A aventura sociológica*. Nunes, Edson. (Org.). S.P.: Zahar, 1983.

DÁVILA, Sérgio. “Legalize já (a Maconha)”. In: Folha de São Paulo, 19/06/05. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1906200517.htm>>

DAVENPORT-HINES, R. *The Pursuit of Oblivion: A global history of narcotics 1500-2000*. Weindenfeld & Nicolson: England, 2001.

DE MASI, Domenico. *O Ócio Criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2005.

\_\_\_\_\_. *A universidade sem condição*. S.P.: Editora Estação Liberdade, 2003.

*Docentes usuários de drogas são mais flexíveis com alunos*. Infociência, Salvador. FIB, N°14 - dezembro/2005.

DÓRIA, Rodrigues. Os fumadores de maconha: Efeitos e males do vício. In: *Diamba sarabamba: coletânea de textos brasileiros sobre a maconha*. Henman Anthony, Pessoa Jr. Osvaldo (Orgs.). São Paulo: Ground, 1986. p. 19/38.

*Droga Apreendida com universitário valerá R\$ 18 milhões.* In: Terra on line, 20/12/07. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI2168225-EI5030,00-Droga+apreendida+com+universitario+valeria+R+mi.html>>

*Drogas na Universidade.* In: RJTV 1º edição, TV Globo, 27/07/05. Disponível em: <<http://rjtv.globo.com/Jornalismo/RJTV/0,MUL122327-9097,00.html>>

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa.* São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

*Drogas movimentam R\$757 bilhões.* In: Jornal A tarde, 30/05/05.

ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia.* Lisboa: Edições-70, 1999.

\_\_\_\_\_ *O processo Civilizador* vol. I R.J.: Jorge Zahar Editor, 1990.

\_\_\_\_\_ *O Processo Civilizador* vol. II R.J.: Jorge Zahar Editor, 1993.

\_\_\_\_\_ *A Sociedade dos Indivíduos.* R.J.: Jorge Zahar Editor, 1994.

\_\_\_\_\_ *Mozart, sociologia de um gênio.* R.J.: Jorge Zahar Editor. 1995.

\_\_\_\_\_ *Norbert Elias por ele mesmo.* R.J.: Jorge Zahar Editor. 2001.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio en el Proceso de Civilización.* México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.* RJ: Jorge Zahar Editor, 2000.

ERIKSON, Erik. *Identidade, juventude e crise.* R.J. Zahar Editor, 1976.

ESCOHOTADO Antonio. *Las Drogas: De los orígenes a la prohibición*. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

\_\_\_\_\_. *Historia general de las drogas: Fenomenología de las drogas*. Madrid: Editorial Espasa Calpe S. A., 2008.

ESPINHEIRA, Gey. *A Universalidade dos Usos de Drogas: o lugar das drogas na sociedade pós-moderna*. Conferência no 1º Encontro Nacional de CAPS AD – Centro de atenção psicossocial: álcool e outras drogas. Santo André, 26/27/04.

\_\_\_\_\_. *Reflexões Sobre a Política Pública de Redução de Danos à Saúde em Relação a Usuários de Drogas Injetáveis*. VI Semana Nacional Anti Drogas. CONEN RN – Natal, 25/06/04.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERNANDES, Luís. & RIBEIRO Catarina. Redução de riscos, estilo de vida junkie e controle social. In *Sociologia: problemas e práticas*. Cidade do Porto: 2002, nº 39, pp. 57-68.

FIORI, Maurício. A medicalização da questão do uso de drogas no Brasil: reflexões acerca de debates institucionais e jurídicos. In: *Álcool e drogas na história do Brasil*. Venâncio, R.P. & Carneiro, H. (Orgs). S.P.: Alameda Casa Editorial; B.H. Editora PUCMinas, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas*. SP: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *A história da sexualidade 3. O cuidado de si*. S.P.: Editora Graal Ltda, 2005.

\_\_\_\_\_. *A história da sexualidade 2. O uso dos prazeres*. S.P.: Editora Graal Ltda, 2006.

FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão/O Mal-Estar da Civilização*. R.J.: Imago Editora, vol. XXI, 1974 A.

\_\_\_\_\_. *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XII, 1974 B.

\_\_\_\_\_. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: vol. XIII, 1974 C.

\_\_\_\_\_. *Um Estudo autobiográfico*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XX, 1976 A.

\_\_\_\_\_. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XXII, 1976 B.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. São Paulo: Global, 2004.

FRUTOSO, Suzane & SEGATTO, Cristiane & BUSCATO Marcela. *Doutor Google: como a internet está mudando a relação entre médicos e pacientes*. In: Revista Época n° 483, p.74-83, 17/08/07.

GABEIRA, Fernando. *A maconha*. São Paulo: Publifolha, 2000.

GARCIA, Rafael. *Cientista usa drogas para "turbinar" desempenho*. In: Folha de São Paulo. S.P.: 11/04/08. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u391158.shtml>>

GALIMBERTI, Umberto. *Os velhos vícios e os novos vícios*. S.P.: Paulus, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. R.J.: LTC Editora, 1989.

\_\_\_\_\_. *Nova luz sobre a antropologia*. R.J.: Jorge Zahar Editora, 2001.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_ . *Transformação da Intimidade*. São Paulo: UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_ . *A Constituição da Sociedade*. S.P.: Livraria Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_ . *Modernidade e Identidade*. R.J.: Jorge Zahar Editora, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. R.J.: LTC Editora, 1988.

\_\_\_\_\_ . *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOODMAN, Paul. & GLAZER, Nathan. Uma controvérsia sobre a revolta dos estudantes de Berkeley. In: *Sociologia da juventude II*. DE BRITTO, Sulamita. (Org.). R.J. Zahar Editores, 1968.

GOOTENBERG, Paul. Scholars on drugs: some qualitative trends. In: *Qualitative sociology*. New York: vol. 28, no. 4, 2005.

GRUND, J.P.C. *Drug use as a social ritual: Functionality, symbolism and determinants of self regulation*. Rotterdam: Institut voor Verslavingsonderzoek (IVO), 1993.

GUIMARÃES, Lígia. *Venda de antidepressivos no Brasil cresce 44,8% em 4 anos, diz pesquisa*. <[http://g1.globo.com/Noticias/Economia\\_Negocios/0,,MUL1411781-9356,00-VENDA+DE+ANTIDEPRESSIVOS+NO+BRASIL+CRESCEREM+ANOS+DIZ+PESQUISA.html](http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL1411781-9356,00-VENDA+DE+ANTIDEPRESSIVOS+NO+BRASIL+CRESCEREM+ANOS+DIZ+PESQUISA.html)>. Acessado em 26/12/09.

KLUGER, Jeffrey. *Medicando mentes jovens*. In: Revista Time. 26/10/03. Disponível em: <<http://www.iupe.org.br/nws/psi/psi-031102-mentejovem-01.htm>>

*Há algo no ar de Roma: cocaína*. In: G1 – Globo.com, 31/05/07. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1553059-5602,00.html>>

HABERMAS, Jurgen., FRIEDEBURG, L.V., OEHLER, CH. & WEITZ, F. O comportamento político dos estudantes comparado ao da população em geral. In: *Sociologia da juventude II*. DE BRITTO, Sulamita. (Org.). R.J. Zahar Editores, 1968.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. R.J. DP&A Editora, 2000.

HENMAN, A. & PESSOA, O.J. (Orgs.). *Diamba Sarabamba* São Paulo: Ground, 1986.

HUXLEY, Aldous. *As Portas da Percepção e Céu e Inferno*. R. J.: Editora Globo, 1981.

\_\_\_\_\_ *Admirável Mundo Novo*. R.J.: Editora Globo, 2001.

*Jovens de classe média são presos suspeitos de tráfico*. IN: G1, Globo.com, 08/01/08. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,MUL251634-5606,00-JOVENS+DE+CLASSE+MEDIA+SAO+PRESOS+SUSPEITOS+DE+TRAFICO.html>>

KARAM, Maria Luiza. Redução de danos, ética e lei: os danos da política proibicionista e as alternativas compromissadas com a dignidade do indivíduo, In: *Drogas, dignidade e violência social – A lei e a prática da redução de danos*. Sampaio, C. & Campos, M.A. (Orgs). Rio de Janeiro: Aborda, 2003.

LABATE, Beatriz Caiuby. *A reinvenção do Uso da Ayahuasca nos Centros Urbanos*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

LABATE, B. [et al.] (Org.). *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

LASSANCE, Antonio. Brasil: jovens de Norte a sul. In: *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. Abramo, Helena Wendel & Branco, Pedro Amauri Martoni (Orgs.). SP. Editora Fundação Perseu Abreu Abramo, 2008, p. 73/86.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1998 "Voltas ao Passado", *Mana, Estudos de Antropologia Social* 4 (2): 107-17.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio. Ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. S.P.: Editora Manole Ltda, 2006.

\_\_\_\_\_. *A sociedade pós-moralista. O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. S.P.: Editora Manole Ltda, 2005.

\_\_\_\_\_. *A sociedade da decepção*. S.P.: Editora Manole Ltda, 2007.

LIPSET, Seymour Martin. O comportamento político da juventude universitária. In: *Sociologia da juventude II*. DE BRITTO, Sulamita. (Org.). R.J. Zahar Editores, 1968.

LLORET, Caterina. As outras idades ou as idades do outro. In: *Imagens do outro*. (orgs.) LARROSA, Jorge & LARA, Nuria. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

*Maconha: é hora de legalizar?*. In: *Épocaonline*, 13/02/09. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI26753-15228,00-MACONHA+E+HORA+DE+LEGALIZAR.html>>

MACRAE, Edward. *Guiado pela lua: xamanismo e o uso de ayahuasca no culto do Santo Daime*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

\_\_\_\_\_. Redução de Danos Para o Uso de Cannabis. In: *Panorama Atual de Drogas e Dependências*. SILVEIRA, D. & MOREIRA, F. (Orgs.). São Paulo: Editora Atheneu, 2006.

MACRAE, Edward. & SIMÕES, Júlio Assis. *Rodas de Fumo: o uso de maconha entre camadas médias urbanas*. Salvador: EDUFBA, 2000.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

\_\_\_\_\_. *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. R.J.: Editora Forense Universitária, 2006.

MAGALHÃES, Mário. *O narcotráfico*. S.P.: Publifolha, 2000.

MAIEROVITCH, Walter. *Bodes Expiatórios*. In: Carta Capital n° 244. São Paulo: Editora Confiança Ltda, 2003 A.



\_\_\_\_\_ *Os efeitos econômicos da cannabis*. In: Carta Capital ano IX, n° 237, São Paulo: Editora Confiança Ltda, 2003 B.

\_\_\_\_\_ *O tráfico se fortalece*. In: Carta Capital ano IX, n° 247. São Paulo: Editora Confiança Ltda. 2003 c.

\_\_\_\_\_ *Múltiplas Colômbias*. In: Carta Capital ano X n° 316. São Paulo: Editora Confiança, 2004.

MALCHER-LOPES, Renato & RIBEIRO, Sidarta. *Maconha, cérebro e saúde*. R.J.: Vieira & Lent, 2007.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. R.J. Zahar Editores, 1972.

MARX, Karl. Introdução à crítica da economia política. In: *Para a crítica da economia política*. São Paulo, Abril, coleção “Os economistas”, 1982.

MASCARENHAS, Fernando. Em busca do ócio perdido: idealismo, panacéia e predição histórica à sombra do lazer. In: *Dialética do lazer*. Valquíria Padilha. (Org.). São Paulo. Cortez, 2006.

MASUR, Jandira & CARLINI, Elisaldo. *Drogas: subsídios para uma discussão*. S.P.: Brasiliense, 2004.

MEIS, L. & MEIS, C. & VELLOSO, A.& LANNES, D. & CARMO, M.S. The growing competition in Brazilian science: rites of passage, stress and burnout. In: *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, September 2003, Volume 36(9). Ribeirão Preto, 2003.

MONDON, D. Perspectiva antropológica da droga. In *Toxicomanias: uma visão multidisciplinar*. BERGERET, J. & LEBLANC, J. (Orgs.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

MORAIS, Jomar. *Viciados em remédios*. In: Superinteressante n° 185. São Paulo: Editora Abril, 2003.

MORIN, Edgar. *Culturas de massa no século XX*. Rio de Janeiro, Forense, 1986.

*Mulher é morta na Faculdade de Filosofia.* In: A Tarde on line, 21/09/08. Disponível em: <<http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=965965>>

NIDA *Research Monographs*, Rockville: NIDA,1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

*Ócio para uma Vida Produtiva*. Entrevista com Domenico de Masi. In: A Tarde, 29/11/04.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

*O uso medicinal da maconha*. MARCOLIN, Neldson. & ZORZETTO, Ricardo.: Disponível em: <<http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=4046&bd=1&pg=1&lg=>> acessado em 17/02/10.

PADILLA, Ivan. *Chá sem fronteiras*. In: Revista Época nº225. Editora Globo, 09/09/02.

PARREIRAS, Décio. Canibismo a maconhismo. In: *Maconha*. R.J.: SNEF, 1958, pg.261.

*Pela garantia dos Direitos Humanos dos cidadãos usuários de drogas*. In: Psicologia on line 27/08/09. Disponível em: <[http://www.psicologiaonline.org.br/pol/cms/pol/noticias/noticia\\_090827\\_002.html](http://www.psicologiaonline.org.br/pol/cms/pol/noticias/noticia_090827_002.html)>

PEREIRA, Robson & MAGALHÃES, João. *Cresce o Tráfico de Drogas Pela Internet*. O Estado de São Paulo, 01/07/02.

*Pesquisa: 26% dos estudantes universitários dependem da droga*. In: Jornal O Estado de São Paulo, 28/07/05.

PHILLIPS Tom & VIALLELA Thais. *A cidade da cocaína e da carnificina*. In: The Independent, 13/10/04. Disponível em:<<http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2004/10/041012pressreviewms.shtml>>

PINHO, Ângela & GUIMARÃES, Larissa. *Em 4 anos, venda de antidepressivos cresce mais de 40%*. In: Folha de São Paulo – Saúde, 12/11/08. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u466775.shtml>>

PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

*PM-MG acha droga em ônibus e prende 43 passageiros*. IN:UOL 28/12/07. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/agencia/2007/12/28/ult4469u16334.jhtm>>

*PUC-Rio vai fotografar quem fuma maconha no campus*. In: Globo.com, 09/07/09. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1224638-5606,00-PUCRIO+VAI+FOTOGRAFAR+QUEM+FUMA+MACONHA+NO+CAMPUS.html>>

RABINOW, Paul. *Antropologia da Razão: ensaios de Paul Rabinow*. João Guilherme Biehl. (Org.). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

*Reitores pedem que idade para consumo de álcool nos EUA caia para 18 anos*. In: Folha de São Paulo, 22/08/08. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u436563.shtml>>

RESENDE, Beatriz. (Org.) – *Cocaína: literatura e outros companheiros de ilusão*. R.J.: Casa da Palavra, 2006.

ROMANÍ, Oriol. *Las drogas: sueños y razones*. Barcelona: Editora Ariel S.A., 1999.

\_\_\_\_\_. *Prohibicionismo y drogas: ¿Un modelo de gestión social agotado?* In: *Sistema penal y problemas sociales*. Bergalli, R. (Org.). Valencia: Ed. Tirant lo Blanch, 2003, p.429-450.

\_\_\_\_\_. *Drogas: Ciência, cultura, política*. In: *La percepción social de los problemas de drogas en España*. Madrid: FAD, 2000, p.13-35.

ROSSI, Clovis. *Drogas, o real inimigo na fronteira*. In: Folha de São Paulo, 14/11/09. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1411200905.htm>>

SCHULTES, R.E. & HOFMANN, A. *Plantas de los Dioses*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

SCHAFFER, C. *Fatos básicos sobre a guerra às drogas*, 1997. Disponível em: <[www.druglibrary.org/schaffer](http://www.druglibrary.org/schaffer)>

SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. Abramo, Helena Wendel & Branco, Pedro Amauri Martoni (Orgs.). SP.: Editora Fundação Perseu Abreu Abramo, 2008, p.27/36.

SISSA, Giulia. *O Prazer e o Mal: filosofia da droga*. R. J.: Civilização Brasileira, 1999.

SOUZA, José Crisóstomo. *Filosofia, racionalidade, democracia: os debates Rorty & Habermas*. S.P.: Editora UNESP, 2005.

SOUZA, M. *Estudantes baianos lideram consumo de álcool no país*. Salvador: A Tarde on line, 11/07/01.

SOTTOMAIOR, Louise. *Ecstasy*. In: Revista Playboy nº323. S.P.: Editora Abril, 2002.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. Abramo, Helena Wendel & Branco, Pedro Amauri Martoni (Orgs.). SP. Editora Fundação Perseu Abreu Abramo, 2008, p.87/128.

SWIFT, W. [at al.] Cannabis and harm reduction. In: *Drug and alcohol review*. Nº19, 2000. pgs 101-112.

*Um Mergulho no Tráfico: Entrevista com Caco Barcellos*. In: Revista Caros Amigos, nº76, 07/02.

*Universidade reage a seu papel em filme*. In: Folha de São Paulo, 28/10/07. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2810200723.htm>>

*Universitário suspeito de traficar ecstasy é preso*. In: Folha de São Paulo, 05/09/07. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0509200721.htm>>

VALENÇA, Tom. *Consumir e ser consumido, eis a questão!:* configurações entre usuários de drogas numa cultura de consumo. Dissertação de mestrado. PPGCS, UFBA, Salvador, 2005.

\_\_\_\_\_. Drogas na cultura de consumo: do estigma ao preço da felicidade. In: *Os novos velhos desafios da saúde mental*. LUIS, Margarita Antonia Vilar (Org.). Ribeirão Preto: DEPCH/EERP/USP, 2008. pgs.183-191.

VASCONCELOS, Yuri. *Qual o veneno mais venoso do mundo?* Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/saude/qual-veneno-mais-venenoso-mundo-510250.shtml>> Acessado em 20/02/10.

VEIGA, Aida. *A luta pelo bem-estar*. Época on line, Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG64209-5990,00-A+LUTA+PELO+BEMESTAR.html>> Acessado em 07/05/04.

VELHO, Gilberto. *Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquias*. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

\_\_\_\_\_. Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea. In: *Individualismo e cultura Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. R.J. Jorge Zahar Editor, 2004.

\_\_\_\_\_. A dimensão cultural e política dos mundos das drogas. In: *Drogas e Cidadania*. ZALUAR, Alba.(Org.). São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. O Consumo de Cannabis e suas representações culturais. In: MACIEL, Luis Carlos. et al. *Maconha em Debate*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VENÂNCIO, R. P. & CARNEIRO, H. (Orgs.). *Álcool e drogas na história do Brasil*. S.P.: Alameda Casa Editorial, 2005.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. S.P.: Editora Planeta, 2008.

\_\_\_\_\_. *1968: o que fizemos de nós*. S.P.: Editora Planeta, 2008.

VENTURI, Gustavo & BOKANY, Vilma. Maiorias adaptadas, minorias progressistas. In: *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. Abramo, Helena Wendel & Branco, Pedro Amauri Martoni (Orgs.). S.P.: Editora Fundação Perseu Abreu Abramo, 2008, p.351/446.

VERGARA, Rodrigo. *Drogas*. São Paulo: Editora Abril, 2003.

VIANA, Eduardo. Os Corpos Intensivos: sobre o estatuto social do consumo de drogas legais e ilegais. In: *Droga, sofrimento e perturbação: perspectivas etnográficas*. DIAS, L. F. e LEAL, O.F. (Orgs.). R.J.: Editora Fiocruz, 2001.

WEBER, Max. In: *Ensaio de sociologia*. H. H. Gerth e C. Wright Mills. (Orgs.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1982.

WITFIELD, Charles L. *A verdade sobre a depressão: Alternativas para a cura*. São Paulo: Cultrix, 2005.

*WORLD Drug Report*. United Nations Office for Drug Control. Switzerland, 2000.

*WORLD Drug Report*. United Nations Office for Drug Control. Switzerland, 2005.

*WORLD Drug Report*. United Nations Office for Drug Control. Switzerland, 2008.

ZALUAR, Alba. A criminalização das drogas e o reencantamento do mal. In: *Drogas e Cidadania*. ZALUAR, A. (Org.). São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. Drogas: um panorama no Brasil e no mundo. *Ciência Hoje*, 181(4), 2002.

\_\_\_\_\_. *Integração Perversa*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

ZINBERG, Norman. *Drug, Set and Setting*. New Haven: Yale University Press, 1984.

\_\_\_\_\_. "The social setting as a control mechanism in intoxicant use" In: Lettieri, D. J. , Mayers, M. Pearson, H.W.(eds.) *Theories on Drug Abuse*. NIDA Research Monograph 30, Rockville, NIDA, 1980, p.236-244.

## REFERÊNCIAS VIDEOGRÁFICAS

ALMODOVAR, Pedro. *Maus hábitos*. Espanha. Cult Filmes, 1983.

BENEDEK, László. *O selvagem*. EUA. Sony Pictures, 2001.

BODANSZKY, Laís. *Bicho de sete cabeças*. Brasil. Buriti Filmes, 2000.

JORGE, Marcus. *Estômago*. Brasil/Itália. Downtown Filmes, 2007.

LIMA, Mauro. *Meu nome não é Johnny*. Brasil. Sony Pictures, 2008.

MANN, Ron. *Maconha/Grass: a verdadeira história da proibição da maconha*. S.P.:Editora Abril,1999.

PADILHA, José. *Tropa de Elite*. Brasil. Universal Pictures, 2007.

RAY, Nicholas. *Juventude Transviada*. EUA. Warner Bros. 2001.

TARANTINO, Quentin. *Pulp Fiction - Tempos de violência*. EUA. Miramax Filmes, 1994.

THORPE, Richard. *O prisioneiro do Rock*. EUA. MGM, 2000.

WADLEIGH, Michael. *Woodstock. Onde tudo começou*. EUA. Warner Bros, 2009.

## WEBSITES

[www.abordabrasil.org](http://www.abordabrasil.org)

[www.antidrogas.com.br](http://www.antidrogas.com.br)

[www.cetad.ufba.br](http://www.cetad.ufba.br)

[www.coletivobalance.blogspot.com](http://www.coletivobalance.blogspot.com)

[www.druglibrary.org/schaffer](http://www.druglibrary.org/schaffer)

[www.drugpolicy.org](http://www.drugpolicy.org)

[www.encoded.org](http://www.encoded.org)

[www.giesp.ffch.ufba.br](http://www.giesp.ffch.ufba.br)

[www.growroom.net](http://www.growroom.net)

[www.legalizacaodasdrogas.sites.uol.com.br](http://www.legalizacaodasdrogas.sites.uol.com.br)

[www.neip.info](http://www.neip.info)

[www.plantandoapaz.org](http://www.plantandoapaz.org)



[www.principio-ativo.blogspot.com](http://www.principio-ativo.blogspot.com)

[www.psicotropicus.org](http://www.psicotropicus.org)

[www.redeananda.org](http://www.redeananda.org)

[www.reduc.org.br](http://www.reduc.org.br)